O LADO OCULTO DOS FESTIVAIS CRISTÃOS

C. W. LEADBEATER

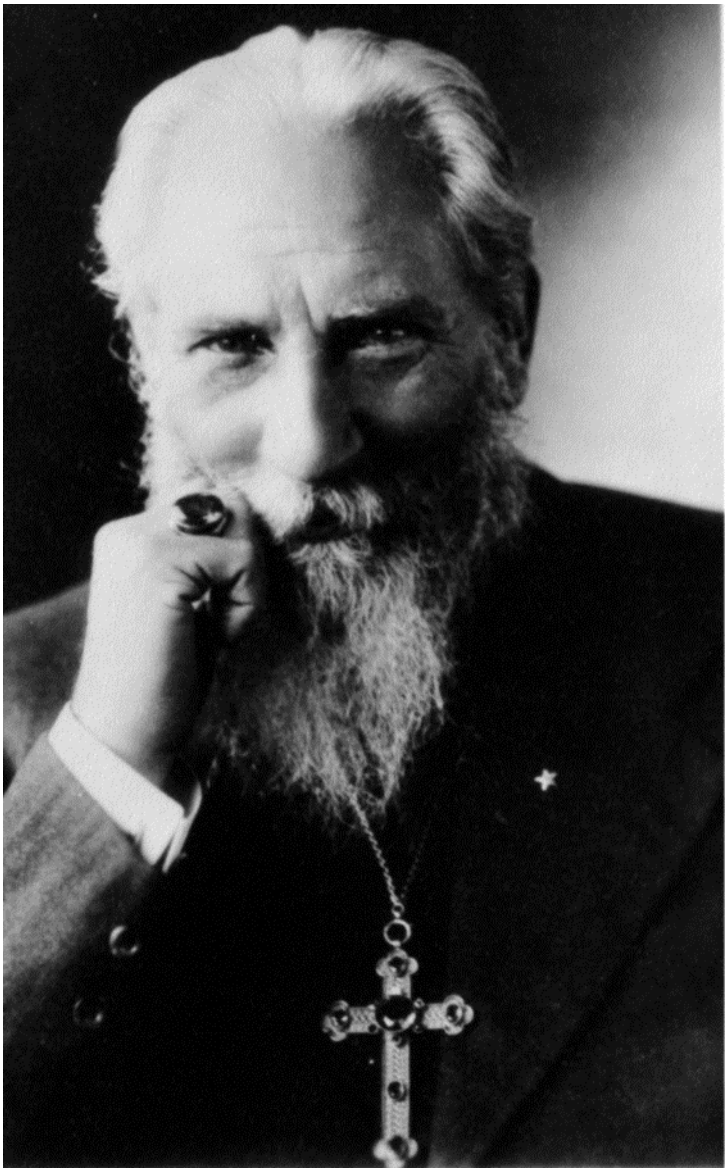
O LADO OCULTO DOS FESTIVAIS CRISTÃOS

DE

CHARLES W. LEADBEATER

Bispo Regional da

Igreja Católica Liberal para a Austrália



THE ST. ALBAN PRESS

Los Angeles: London: Sydney

1920

SUMÁRIO

PARTE I

OS FESTIVAIS

Prefácio 07
Introdução: O Ano da Igreja 09
Capítulo I: Advento 12
Capítulo II: Natal 19
Capítulo III: O dia do Ano Novo 39
Capítulo IV: A Epifania 47
Capítulo V: O Batismo de Nosso Senhor 58
Capítulo VI: A Transfiguração 67
Capítulo VII: Quaresma 73
Nossa atitude em relação à Quaresma 73
Os Domingos da Quaresma 81
Domingo de Refrigério 84
Semana Santa 86
Os Serviços na Semana Santa 91
Domingo de Ramos 91
Quinta-feira Santa 93
Sexta Feira Santa 93
Sábado Santo 97
Capítulo VIII: Páscoa 99
Capítulo IX: Dia da Ascensão..... 105
Capítulo X: Domingo de Pentecostes 107
Capítulo XI: Domingo da Trindade 115
Capítulo XII: Corpus Christi 121
Capítulo XIII: Festividades de Nossa Senhora 128
A Mãe de Jesus 131
A Matéria Virgem 135

O Aspecto Feminino da Divindade 137
Capítulo XIV: O Festival dos Anjos 141
Os Anjos Superiores 141
Os Anjos Inferiores 150
Capítulo XV: Festivais dos Santos 162
Nossa atitude para com os Santos 162
Santos Patronos 166
Capítulo XVI: Breves notas sobre alguns Santos 170
Santo Albano 170
São Jorge 173
São Patrício 177
São Marcos 179
Capítulo XVII: Dia de todos os Santos 180
Capítulo XVIII: Dia de Finados 184

PARTE II

ALGUNS DIAS DE INTENÇÃO ESPECIAL

Capítulo XIX: A Fé de nossos Pais 193
Capítulo XX: Nossa atitude em relação à vida 197
Capítulo XXI: O Maior Deles 206
Capítulo XXII: Discernimento 214
Capítulo XXIII: Sabedoria 220
Capítulo XXIV: Autodedicação 224
Capítulo XXV: Perseverança 230
Capítulo XXVI: Bom Trabalho 234
Capítulo XXVII: Deus como Luz 238
Capítulo XXVIII: Premeditação 246

PARTE III

APONTAMENTOS DURANTE A GUERRA

Capítulo XXIX: A verdade sobre a guerra 251

Capítulo XXX: No aniversário da eclosão da guerra 267
Capítulo XXXI: Do lado de Deus 271
Capítulo XXXII: O Futuro 274

PREFÁCIO

Estas notas sobre o Ano da Igreja foram originalmente destinadas a ser um capítulo no primeiro volume desta série, A Ciência dos Sacramentos. Constatou-se, no entanto, que aquele livro já estava se tornando obsoleto, e que havia mais a ser dito sobre o ano eclesiástico que poderia ser compactado em um único capítulo; por isso parecia melhor dedicar um volume separado à sua consideração. Este liame também permitiu adicionar-lhe alguns endereços diversos sobre pontos importantes.

O livro é em grande parte a reprodução de uma série de sermões dados para a instrução de uma congregação para cujos membros as ideias nele contidas eram novas. Em meio a muita pressão de trabalho em outras linhas não tive tempo de unificá-los em um contínuo tratado; e como não é provável que nesta encarnação eu tenha esse tempo livre, e como outras congregações desejam informações sobre esses assuntos, parece melhor deixar os sermões prosseguirem com pouca correção ou adição. Repetições ocasionais e coloquialismos sem dúvida serão encontrados no livro, portanto; mas espero que não seja sem algum valia para os estudantes do cristianismo liberal e, de fato, da religião em geral.

C.W.L.

PARTE I
OS FESTIVAIS

INTRODUÇÃO

O ANO DA IGREJA

Deus tem um plano para o homem, e esse plano é a evolução. Saímos Dele e a Ele devemos voltar. Os filósofos orientais nos dizem que estamos no NIVRITTI MARGA, ou caminho do retorno, e um poeta moderno coloca a mesma ideia em outras palavras: "Todo o propósito da vida é precisamente retornar a Deus." A Igreja de Cristo existe puramente para ajudar a humanidade neste processo e tem muitos métodos adequados para oferecer essa assistência. Um deles é a provisão do Ano Eclesiástico, que difere um pouco do ano civil.

Em termos simples, consiste em duas partes, das quais a primeira se dedica a apresentar de forma dramática as várias etapas do caminho que devemos percorrer, e a segunda à aplicação prática do que nos foi ensinado. Em ambas as partes existem várias Festividades, cada uma das quais tem o propósito de recordar alguns pontos que devemos ter em conta, e exortar-nos a fazer um esforço especial em relação a elas, e para facilitar isso, há uma efusão extra de força dos mundos superiores para essas ocasiões. Como se diz na nossa Liturgia: “A primeira parte do ano eclesiástico, do Advento ao Pentecostes, é dedicada à comemoração dos vários acontecimentos do Drama-Mistério da vida de Cristo, que por si só, assinalou Orígenes, tipifica a vida de cada cristão."

Neste Caminho, existem quatro estágios principais. Aqueles que estudaram essas coisas de outro ponto de vista, sabem que nas religiões orientais esses quatro estágios são chamados as quatro grandes iniciações. Eles também aparecem no Cristianismo, mas os termos com os quais são nomeados elas diferem. O primeiro deles é simbolizado pelo Nascimento de Cristo, é a primeira Grande iniciação que permite ao homem entrar na GRANDE FRATERNIDADE BRANCA, que é falada no Evangelho como o "Reino dos Céus".

Se considerarmos o "Reino dos Céus" como significando um mundo celestial após a morte, não seremos capazes de entender esses evangelhos, nem encontrar um significado razoável para eles. Mas se entendermos que o Reino dos Céus é uma grande comunidade viva, então veremos por que é difícil para o homem rico entrar nele; veremos como as promessas feitas sobre ele são literalmente precisas, caso contrário, não fariam sentido.

Na Primeira Iniciação, o nascimento do Princípio Crístico também ocorre no homem, porque a Mônada e o Ego - o espírito e a alma, para usarmos termos cristãos, num momento maravilhoso se tornam um.

A segunda dessas grandes etapas é simbolizada pelo Batismo de Nosso Senhor. Mas não devemos confundir este Batismo com aquele através do qual todas as crianças entram para participar na Igreja de Cristo. Este é o Batismo de que falou João Batista quando disse:

"Eu realmente te batizo com água, mas aquele que vier depois de mim vai batizar você com o Espírito Santo e com fogo."

Nesta segunda Grande Iniciação há uma efusão de energia do Iniciador para o candidato, que realmente tem toda a aparência de um batismo de fogo.

A TRANSFIGURAÇÃO representa o terceiro destas Grandes Iniciações, porque durante ela, realmente a Mônada, o Espírito, transfigura a alma e por sua vez, a alma transfigura o corpo aqui embaixo, ou seja, a personalidade, como costumamos chamá-lo. Todas essas são ilustrações maravilhosamente apropriadas. Quando chegamos à Quarta, nos encontramos diante do que as pessoas consideram uma terrível Iniciação, embora seja certamente uma das mais gloriosas, porque naquele momento o candidato sofre o que é simbolizado pela Crucificação e se passa com sucesso na prova, é sempre seguida pela vitória da Ressurreição.

Se lermos o relato da vida de qualquer místico que tenha passado por esse maravilhoso estágio, veremos como esses eventos se sucedem um a outro muito firmemente, e de forma autêntica nos reflete a história cristã. Veremos que um pequeno triunfo terreno como o de Cristo no Domingo de Ramos é comum, e que depois disso os inimigos sempre trabalham juntos para fazer o candidato cair em desgraça. Sempre há um mal-entendido e a reprovação recai sobre ele; E finalmente, depois de tudo isso, segue-se a grande e gloriosa ressurreição, livre de todos aqueles sofrimentos, ele vai para a vida eterna, eterna com respeito a este mundo, porque o homem que deu aquele passo não precisa mais renascer aqui na terra.

Depois vem o quinto passo, o último de todos, aquele que tira o homem da humanidade e o torna um super-homem. Esta etapa é muito bem simbolizada pela Ascensão da terra ao céu, e a efusão do Espírito Santo é vertido sobre ele e sobre os outros como resultado de sua ascensão, como a história do Evangelho fielmente reflete.

Existem muitos, muitos detalhes nos quais não posso pretender penetrar agora; pois será observado que a interpretação simbólica é pelo menos coerente, razoável e sustentável. Não há nenhum argumento contra isso, embora em qualquer ponto a afirmação de que o relato seja histórico pode ser refutada. Portanto, aqueles que baseiam sua fé nessa ideia histórica devem fechar seus olhos para além do qual não possam saber se é a verdade, enquanto aqueles que estão preparados para aceitar o significado mais elevado e oculto descobrirão que sua fé está fundamentada sobre a rocha firme.

Ao traçar o calendário da Igreja Católica Liberal, ousamos fazer um pequeno arranjo em um dos feriados menores para apresentar esse significado oculto com mais clareza. No Natal, celebramos o nascimento de Cristo, como todo mundo faz. No atual calendário católico, o aniversário do Batismo de Nosso Senhor não é celebrado de maneira especial, embora muitos o tenham celebrado ao lado da Epifania. Portanto, decidimos reservar um dia para esta celebração, um pouco depois da Epifania; e porque a Transfiguração (que simboliza a Terceira Iniciação) sai do seu devido lugar quando é celebrada em 6 de agosto, nós também a transferimos e arranjamos entre o Batismo (que representa a Segunda Iniciação) e a Páscoa (que representa o Quarta). Assim, mais uma vez

restauramos esses quatro estágios em um todo coerente e os colocamos em sua ordem adequada.

Na Igreja não há tradição quanto ao verdadeiro aniversário do Batismo e da Transfiguração. O costume de celebrar o último em 6 de agosto foi introduzido em um momento relativamente tardio; acho que a primeira vez que encontramos uma menção a isso é em 850 d.C., e mesmo assim parece ter sido observada em certos lugares. Não foi antes do ano de 1456 que foi decretado que fosse estendida a toda a Igreja em comemoração a uma grande vitória conquistada contra os turcos naquele dia. Portanto, uma vez que não se conhece a data original, penso que não cometemos nenhum erro ao colocar esta celebração na devida ordem, para que o simbolismo seja mais claro para os nossos irmãos.

Muitos dos eventos descritos como tendo ocorrido na última vida de Cristo são comemorados nos dias em que se supõe tenham ocorrido realmente, embora sobre este assunto tenha havido uma considerável diferença de opinião ao longo da história da Igreja. As grandes séries de Festividades, cujas datas são determinadas pela Páscoa, caem em dias diferentes do mês, em anos diferentes; mas todos eles são fixados em relação à lua cheia da Páscoa, assim como costumava ser na antiga Páscoa judaica.

As outras séries de Festividades têm datas fixas, pois dependem do Natal; a Anunciação em 25 de março; Natal em 25 de dezembro; a Festa da Epifania é celebrada doze dias depois, e a Apresentação de Cristo no Templo, comumente chamada de Candelária. Há muita pouca razão para supor que qualquer uma dessas datas seja historicamente correta, mas elas são organizadas de uma forma que são consistentes umas com as outras.

CAPITULO I

ADVENTO

Entre nós, assim como nas Igrejas de Roma e da Inglaterra, o Domingo do Advento é o que podemos considerar como o Dia Eclesiástico de Ano Novo. A Santa Igreja Oriental (ou seja, a Igreja da Grécia e da Rússia) segue o mesmo costume, mas mantém o calendário não revisado e, portanto, começa todas as suas comemorações doze dias depois de nós.

A primeira grande festa do ano eclesiástico é o nascimento do Cristo, que corresponde e nos ensina que é, a primeira das grandes Iniciações. Mas a Igreja em sua sabedoria providenciou que para cada uma das festividades principais tenha um certo período de preparação e, consequentemente, antes da festa de Natal, temos o período do Advento, e que sem dúvida tem um duplo aspecto, dos quais o primeiro deve ser um momento de preparação para a adequada celebração do Natal.

Não é uma mera forma falar que durante o período de Advento, devemos nos disponibilizar para essa festividade. O Natal não é apenas um aniversário, uma comemoração do nascimento de Nosso Senhor; é também um período de especial efusão de força espiritual. As grandes festividades como a Páscoa e o Natal, quando todos nos sentimos unidos, aguardando ansiosamente a sua chegada e regozijando-nos claramente são ocasiões para o que comumente chamamos de derramamento de graça vindo do alto; e para beneficiar-se plenamente de tal derramamento, é bom aproveitar esse período de ajuste. Receberemos mais se nos prepararmos adequadamente. Portanto, durante o período do Advento devemos nos habituar a pensar diariamente na Vinda do Senhor e na Iniciação que este simboliza.

Os quatro domingos do Advento são dedicados, pelos místicos da Escola Interna do Cristianismo, à contemplação das quatro qualidades necessárias à primeira Iniciação: Discernimento, Ausência de desejos, Boa Conduta e Amor; mas nos cultos modernos da Igreja nenhum traço dessa disposição permanece, com exceção do antigo costume de substituir a rosa pelo violeta como a cor do terceiro domingo. Conforme explicado em nossa liturgia (e mais detalhadamente em "*A Ciência dos Sacramentos*"), a Igreja emprega diferentes faixas de vibração, mostradas aos nossos olhos físicos como cores, para ajudar a imprimir as várias lições nas mentes da congregação, os vários exercícios a serem aprendidos sucessivamente no decorrer do ano. Nos períodos preparatórios (Advento, Quaresma e Vigílias dos Dias Santos) a cor escolhida como a mais útil é a roxa, pelo seu carácter actínico, penetrante e purificador. Aproximadamente entre a metade do Advento e da Quaresma, encontramos um domingo para o qual a cor rosa é prescrita e na razão disso várias razões foram sugeridas. Devido a alguns curiosos e mal-entendidos, esses períodos preparatórios passaram a ser considerados como penitências e sofrimentos, e assumiu-se que a cor rosa para o domingo foi introduzida como uma espécie de mitigação da dor, um alívio momentâneo em meio às austeridades. Uma teoria mais verdadeira é que, uma vez que nosso amor por Deus é o único motivo eficaz

para dedicar-se a autopurificação, a mudança repentina na cor no meio do período tem o objetivo de nos lembrar daquele profundo e verdadeiro afeto que deve estar implícito e permear todos nossos esforços, se houver alguma esperança de seu contínuo sucesso. Pelo menos isso ficará como uma lembrança de alegria que devemos ter ao longo de todo o período, porque não é chorando em vão pelos nossos pecados, mas resolver seriamente colocando-os de lado, é a forma para nos prepararmos para aproveitar ao máximo a gloriosa festividade que se aproxima.

A Igreja Católica sempre reconheceu a natureza dual do período do Advento, que é uma preparação para a próxima Vinda de Cristo, bem como para celebrar Seu nascimento em Sua última vida na Terra. As igrejas de Roma e da Inglaterra falam dessa segunda vinda e ordenam solenemente que seu povo se prepare para ela; no entanto, há muitos mal-entendidos sobre isso. Nas Escrituras Cristãs, esta segunda vinda está emaranhada com a ideia do fim do mundo, de modo que as pessoas que aguardam a segunda vinda de Cristo geralmente pensam nela como o fim de toda a ordem que conhecem e, portanto, a maioria a teme. Em sermões e hinos relacionados à Vinda, ainda há um ar de temerosa antecipação de uma terrível descida do céu físico, acompanhada por pavorosos fenômenos meteorológicos. A atitude geral é representada em alguns dos hinos do Advento que essas pessoas cantam:

Os ímpios, cheios de culpas e temores,
Contemplam sua fúria dominante;
Na dor se levantam, mas todas as suas lágrimas
E suspiros são inúteis.

E falam de si mesmos como "lamentando-se profundamente", "curvando-se em profunda humilhação" e assim por diante. Deve ser perfeitamente entendido que todos esses tipos de palavras e atitudes não são apenas tolos, mas definitivamente cruéis e blasfemos, e os homens que ensinam tal horrível desfiguração da verdadeira doutrina cristã, assumem uma responsabilidade muito séria, porque sem dúvida difamar nossa Pai Divino e degradar a concepção que Ele tem de Seus filhos, é um crime de grande magnitude.

Claro que não há nada disso entre os verdadeiros místicos, que sempre souberam que Deus é amor e nunca temeram nenhuma manifestação de Sua Presença, porque sabem que, quer o vejam ou não, Ele está sempre com eles até o fim dos tempos.

Todo temor a Deus vem de um conceito errôneo. A vinda de Cristo certamente está relacionada a um fim; mas não é o fim do mundo, mas o fim de uma era ou dispensação[1]. A palavra grega é AION, que equivale a EON em espanhol, e assim como Cristo disse há 2.000 anos que a dispensação da lei judaica havia chegado ao fim - porque Ele veio para instituir uma nova dispensação, a dos Evangelhos - Da mesma forma, a dispensação dos

[1] Ação ou resultado de repartir, distribuir ou conceder.

Evangelhos chegará ao fim quando Ele vier novamente para criar outra. Ele sempre dará o mesmo ensinamento, o ensinamento DEVE ser sempre o mesmo, porque só existe uma Verdade, embora talvez seja declarada um pouco mais claramente para nós agora, porque aprendemos outra coisa. Será representado em alguma vestimenta nova, talvez, com uma certa beleza expressiva que será exatamente adequada para os dias atuais; haverá alguma exposição dela que atrairá a atenção de muitas pessoas.

Certamente será o mesmo, porque houve o aparecimento em todos os credos existentes. Os métodos de apresentação são muito diferentes, pois todas as religiões estão absolutamente de acordo sobre o tipo de vida que pedem aos seus fiéis que vivam. Encontraremos uma diferença considerável entre os ensinamentos exotéricos do Cristianismo, Budismo, Hinduísmo e Islamismo. Mas se examinarmos os homens santos de qualquer uma dessas religiões e investigarmos suas práticas diárias, descobriremos que todos vivem precisamente da mesma maneira, que todos concordam sobre as virtudes que um homem bom deve possuir e os males que deve evitar. Todas as religiões nos dizem que o homem deve ser caridoso, verdadeiro, gentil, honesto, prestativo com os necessitados; nos ensinam que o homem de coração duro, ganancioso e cruel, o homem falso e desonesto, não progride e não tem chance de sucesso até que mude seu modo de vida. Como pessoas práticas, devemos reconhecer que as coisas verdadeiramente importantes em qualquer religião não são vãs especulações metafísicas sobre questões as quais ninguém pode realmente saber nada com certeza, porque elas não influenciam nosso comportamento; o importante são os preceitos que afetam nosso cotidiano, que nos tornam esse ou aquele tipo de homem em nossas relações com os outros. Esses preceitos são os mesmos em todas as religiões existentes; e eles serão os mesmos no próximo ensino, seja qual for.

Talvez possamos anteciparmos um pouco mais e prever o que Ele vai ensinar, porque temos em aberto algumas fontes de informações para nós. Um deles é o estudo sobre os ensinamentos que Ele deu anteriormente. Os estudantes se lembrarão que antes do atual Instrutor do Mundo assumir o cargo, ele era mantido pelo Senhor Gautama, a quem os homens chamam de Buda. Seu título especial era SENHOR da SABEDORIA. Ele deixou muitos ensinamentos, mas todos eles são centrados na ideia de que o conhecimento significava salvação, que os males do mundo vieram da ignorância e que através da ignorância os homens são levados a desejar, e através do desejo, todos os tipos de pecados e sofrimentos; Mas se o homem apartar-se da ignorância e vier a possuir o conhecimento perfeito, ele alcançará a vida perfeita e a atitude perfeita para com todos os homens e todas as circunstâncias e, assim, escapará da roda do nascimento e da morte.

Nosso atual Instrutor Mundial tem o nome de MAITREYA, que significa bondade ou compaixão, e assim como o Senhor Buda foi chamado de Senhor da Sabedoria, o Senhor Maitreya é chamado de Senhor do Amor e da Compaixão. A grande verdade central sobre a qual Ele enfatizará, será que os males do mundo vêm da falta de amor e fraternidade; que se o homem

aprendesse a amar e adotar uma atitude fraterna, todos os males passariam e uma Idade de Ouro despontaria sobre nós. Não imediatamente; não podemos esperar isso; mas, pelo menos, os homens começarão a ver por si mesmos e a compreender que há muito mais a ganhar nessa linha do que na outra. Podemos ver como essa doutrina se apresentou predominantemente em suas vidas anteriores.

Ele apareceu duas vezes: como Krishna nas planícies indianas e como Cristo entre as colinas da Palestina. Na encarnação como Krishna, seu traço característico sempre foi o amor; o menino Krishna cercou-se de pessoas que sentiam o mais profundo amor e intensa afeição por ele. Mesmo agora, na religião fundada por Ele, se perpetua a mais comovente devoção e uma maravilhosa atração pelo menino Krishna. Em todo o sul da Índia, muitos milhões de fiéis continuam a adorá-lo e a essência em seu culto é sentir por Ele, o mais profundo afeto, uma devoção mais comovente e mais intensa – creio eu que qualquer uma dos quais tenho observado, mesmo nas comunidades monásticas do cristianismo.

Ao encarnar na Palestina, o amor foi mais uma vez a característica central de seu ensino. Ele disse: "Este novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei." Ele pediu aos discípulos que fossem todos um com Ele, como Ele foi um com o Pai. O seu discípulo mais íntimo, São João, foi quem insistiu energicamente nesta ideia: “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é Amor”. São João viveu até uma idade muito avançada (mais de 100 anos) e quando não pôde proferir mais longos sermões devido à sua extrema velhice e fraqueza, foi carregado numa cadeira entre os jovens, e suas palavras foram sempre: "Pequenos, amemo-nos uns aos outros." Assim, dos dois nascimentos anteriores do Grande Instrutor do Mundo, temos algumas evidências de que a ideia central do amor irá predominar em Suas manifestações.

Em um livrinho intitulado "Aos Pés do Mestre", encontramos alguns ensinamentos dados a um jovem aluno pupilo (que eu conheço muito bem) por um dos Mestres da Sabedoria, que é ele mesmo um discípulo do Instrutor do Mundo. O objetivo do ensino é apresentar da maneira mais simples possível as qualidades requeridas para a Iniciação. Não há mistério quanto a essas qualidades, porque também estão presentes nos livros pertencentes das várias religiões e são bem conhecidas de todos os que estudam tais assuntos. No entanto, as diferentes apresentações dão origem a uma variedade considerável tanto nos métodos de ensino como na tradução de alguns dos termos técnicos utilizados. Neste pequeno livro a que me referi, são apresentadas as qualidades exigidas por alguém que está tão intimamente relacionado com o Instrutor do Mundo, que podemos ter certeza de que é praticamente a apresentação Dele. É claro que esse livro não contém tudo o que Ele vai ensinar, mas podemos certamente considerar que não há nada nele que Ele possa desaprovar. Ao lê-lo, não podemos deixar de nos comover pelo fato de estar profundamente permeado pelo mesmo espírito do Amor. O requisito final, o intenso desejo de nos unir ao Supremo, é apresentado no livro como Amor; na base de que o Ser

Supremo com quem o homem deseja se unir é o próprio Amor; e, portanto, quem deseja se unir a Ele deve primeiro desenvolver esse amor dentro de si. Recomendo enfaticamente sua leitura para que todos os membros de nossa Igreja o conheçam; veremos que é um manual muito útil, pois nos mostra muito claramente como nosso modo de vida atual está longe de ter aquele elevado ideal de amor.

Penso que, ao ler a Bíblia cristã, devemos lembrar que a sua linguagem é altamente simbólica. Não quero dizer que todos os autores soubessem exatamente o que isso significava. Não creio que sabiam. Acredito que ficaram decepcionados em muitos casos, porque puseram nos lábios de Cristo palavras que o representam como uma esperança de voltar muito em breve. Repetidamente é levado a dizer: "Muitos aqui estão que não morrerão antes de eu voltar", e sabemos que 2.000 anos se passaram desde então.

A ideia da destruição do mundo é um grande erro. Alguém pode objetar: "Todo o mundo cristão leva isso literalmente, como sabemos que é errado?" Na Igreja Católica Liberal, adoramos e seguimos o Cristo vivo. Não ao Cristo de 2.000 anos atrás apenas, mas a um Cristo que vive e inspira sua Igreja agora; Neste momento, Ele também tem Seus profetas que conhecem e declaram Sua Vontade, e aqueles que sabem nos comunicaram que Ele retornará novamente como Ele havia dito, e que esta Vinda será em breve, considerando o tempo terrestre. Será realmente o início de uma nova era, para aqueles que o aguardam para recebê-lo. Será uma grande mudança, mas será uma mudança moral e mental. Ele falou-nos, na sua visita anterior, dos sinais que irão prever a sua segunda vinda. Se lermos o que está escrito, veremos que a grande guerra foi um desses sinais; e também podemos ver que muito será possível na forma de reconstrução depois disso, o que não teria sido possível anteriormente. Que fique claro em nossa mente que Ele não vem para destruir o mundo, mas para nos ensinar, da mesma forma que já o fez. Ele realmente vem para reinar, mas Ele vem para reinar em nossos corações, porque Seu reino não é deste mundo.

Então, como devemos nos preparar para sua vinda? Principalmente por meio do inegoísmo e do serviço ao próximo por Ele e em Seu Nome. É necessário que as virtudes da devoção, constância, determinação e doçura se desenvolvam em todos nós. Como se declarou na Ordem da Estrela do Oriente, uma Sociedade existe para preparar o caminho para Sua segunda vinda, para ajudarmos a nos transformarmos para poder recebê-Lo, e na medida de nossas possibilidades ajudar nosso próximo para também se prepararem.

Nestes tempos, como é verdadeiramente dito que Ele havia predito, muitos irão ignorar, muitos estarão envolvidos em negócios e prazeres. Ele citou a lendária história de Noé, onde os homens continuaram com seus trabalhos e diversões, não deram ouvidos às profecias, e o dilúvio veio de repente e destruiu a todos. Esta é a lenda do naufrágio da Atlântida, um fato histórico, embora não tenha acontecido exatamente como está descrito nas tradições. É dito que Cristo disse que assim como era naquela época, assim será quando o Filho do Homem voltar novamente. As pessoas estarão completamente ocupadas com suas

tarefas e lazeres, sem pensar nem um pouco Nele, portanto, não O reconhecerão, não O identificarão. Devemos pelo menos ser mais sábios do que isso, nós que estamos tentando estudar o significado interno de todas essas coisas; devemos ter certeza de que estamos prontos para recebê-lo; e para aqueles que assim se preparam, tenham a certeza de que um tempo maravilhoso e glorioso virá.

Dificilmente nos damos conta, talvez, o quão maravilhoso é o privilégio de nascer nesta época, de sermos capazes de participar (porque todos nós participamos de uma forma ou de outra, espero e creio) na grande guerra da retidão contra o equívoco, que culminou tão recentemente; e mais do que isso, nós que vivemos agora podemos ter a esperança de presenciar a segunda vinda de Cristo entre nós. E pense no que isso deveria significar para nós, se o reconhecermos.

Por que Aquele em que nós confiamos
Será então visto e conhecido,
E aqueles que o conhecem e o servem
Eles terão isso em seus corações.

Eles saberão a verdade e a verdade os libertará, porque em Seu serviço existe a perfeita liberdade. E Ele nos disse que todo aquele que presta um serviço ao menor de seus irmãos, por Ele o faz. Esta deve ser nossa preparação.

Para nós, que sabemos da proximidade de Sua Vinda, o Advento não é um período de temor, mas de uma feliz lembrança e um prenunciar de grande regozijo. Nossa atitude se expressa muito bem em um antigo hino:

“Alegra-te, alegra-te! Emanuel, Ele virá ter contigo, ó Israel”.

No período do Advento, devemos ter muito presente em nossas mentes a necessidade da qualidade do discernimento com o objetivo de prepararmos para a nossa própria Iniciação e também para a Vinda do Senhor. Seria útil para nós refletirmos cuidadosamente como essa grande qualidade pode se manifestar em nossos esforços para difundir o conhecimento da próxima Vinda, como em nosso trabalho de preparação podemos manifestar a sabedoria da serpente, bem como a inofensividade da pomba. Com estes pensamentos em mente “podemos muito bem regozijarmos e cantar”, como nos diz o nosso hino, porque “aguardamos com uma esperança que não pode falhar”. Irmãos, a vinda do Senhor se aproxima; sim, já está às nossas portas. Já está amanhecendo; logo o sol vai nascer.

Está vindo! No Oriente que se abre
Arauto resplendor que se desdobra lentamente;
Está vindo! Ó, meu glorioso sacerdote,

Acaso não ouvimos Seus sinos dourados?

CAPÍTULO II

NATAL

O Natal é uma das festividades mais grandiosas da Igreja; talvez unicamente superada pela Páscoa, porque no Natal celebramos o nascimento do Deus-Sol, como na Páscoa comemoramos a sua vitória sobre os poderes das trevas. O cristianismo, como todas as outras religiões, foi fundado no hemisfério Norte e, consequentemente, todas as festividades ocorrem em épocas inapropriadas em relação ao hemisfério Sul.

O renascimento do Deus-Sol, após o eclipse do inverno, é comemorado no primeiro dia mais longo da noite, imediatamente após o solstício de inverno, o ponto em que a Terra em sua órbita ao redor do Sol começa a se afastar dele em vez de se aproximar. Da mesma forma, a vitória do Deus-Sol sobre os poderes das trevas foi celebrada imediatamente após o equinócio, quando o dia definitivamente era mais longo do que a noite. Esses festivais do Deus-Sol foram mantidos por milhares de anos antes do nascimento de Jesus, então era bastante natural para a Igreja primitiva adota-se essas datas para suas celebrações.

A verdadeira data do nascimento de Jesus não é conhecida, mas a partir de várias indicações, parece provável que tenha sido no dia de primavera. Porém, na história eclesiástica, o dia 25 de dezembro foi rapidamente escolhido, porque coincidia com aquela grande festa solar e naturalmente era conveniente aproveitar o que já era uma festa pública. Aqueles que não reconhecem o significado simbólico da vida de Cristo geralmente assumem que todas essas comemorações eclesiásticas são puramente históricas, mas nós, que estamos tentando investigar mais profundamente as verdades da natureza, acharemos interessante buscar outros e mais profundos significados.

Quais são os pontos que esta grandiosa festividade de Natal nos lembra aos católicos liberais? Creio que não são menos de 7 e trataremos de explicá-los um a um:

1. Certamente não devemos ignorar o aspecto histórico do dia, mesmo quando sabemos que não é um verdadeiro aniversário. Assim como foi combinado celebrar o nascimento do Rei Jorge em um determinado dia de cada ano, embora possa não ser o aniversário de sua chegada ao mundo nesta encarnação, e seria tolice deixar de observá-lo por esse motivo; Do mesmo modo, não há dúvida de que no dia de Natal somos chamados a recordar a descida do grande discípulo Jesus e a agradecê-lo por este fato e por tudo o que aconteceu no mundo como consequência deste acontecimento. Foi ele quem emprestou o corpo ao Grande Instrutor para que pudesse fundar sua religião e pregar Seu evangelho na terra.

Para alguns, essa ideia parecerá nova e estranha, mas geralmente é bem compreendida por aqueles que estudam os fatos da reencarnação, aqueles que sabem algo sobre a força, poder e dignidade do Grande Ser a quem chamamos de Instrutor do Mundo. Sabemos que não seria econômico para Ele, não seria

bom utilizar Seu maravilhoso poder, se Ele ocupasse um corpo humano durante todo o período que inclui o nascimento e a puberdade, ou seja, as primeiras etapas da vida. Portanto, um de seus discípulos se encarrega de toda esta parte, e quando Ele está disposto a fazê-lo, ele utiliza o corpo já totalmente crescido e preparado com o único propósito para o qual Ele o leva. Pois Ele mesmo geralmente vive em um plano muito mais elevado e realiza um trabalho tão magnificente, tão além do concebível, que é inútil tentar entendê-lo, exceto no esboço mais simples.

Neste caso particular, no ano 105 a.C., um discípulo avançado do Senhor Cristo nasceu entre os descendentes do Rei Davi, como filho de José e Maria; e o nome de Jesus foi dado a ele. Ele permaneceu no comando desse corpo até quase seus 30 anos, quando o entregou a Cristo, que o ocupou durante os três anos de seu ministério terreno. O discípulo Jesus renasceu como Apolônio de Tiana quase exatamente na data geralmente atribuída ao início da era cristã; e 1000 anos depois ele apareceu como o grande instrutor Ramanujacharya, que deixou uma marca muito profunda no pensamento indiano. No devido tempo, ele recebeu a recompensa por seu auto sacrifício e alcançou a Iniciação Asekha, tornando-se assim um dos Mestres da Sabedoria. Portanto, não o reverenciamos mais como discípulo, mas como Mestre Jesus.

Consequentemente, é bom que cantemos nossos hinos e canções de natal e perpetuemos as belas tradições que cercaram o nascimento do Mestre Jesus. Com isso, não é necessário afirmar nossa crença na exatidão histórica, porque na realidade, as mesmas belas lendas giram em torno de outros nascimentos do Instrutor do Mundo e talvez seja difícil supor que todos esses diferentes eventos foram literalmente reais. Mas, em qualquer caso, não devemos duvidar que cada um desses nascimentos é uma grande ocasião e que fenômenos incomuns o acompanham nos planos superiores, que poderiam ser observados por alguns daqueles que então viviam em um corpo físico.

2. Nesta ocasião, lembramos a descida à matéria da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade; e, assim como no ciclo menor, devemos ser profundamente gratos ao nosso Grande Instrutor do Mundo por Sua descida em um corpo humano com o propósito de nos ajudar e nos guiar, da mesma forma devemos sentir profunda gratidão à própria Divindade Solar pela voluntária limitação de Seu poder e Sua glória para a qual viemos a existir.

Muitos no mundo não se sentem gratos por terem nascido, porque para eles a vida é mais sofrimento do que alegria e, se pudessem ser consultados, teriam preferido não ter nascido. Mas quem fala assim pensa apenas no pouco que vê do grande ciclo da vida; eles nada sabem da glória que temos diante de nós; eles não perceberam nada do Poderoso Plano do qual somos apenas uma parte infinitesimal. Aqueles de nós que têm a sorte de conhecer um pouco desse glorioso desígnio não podem deixar de sentir-se cheios de vívida, mas humilde, admiração por Ele; porque vemos além de nossa ineficiência presente, a maravilha e a beleza do futuro. Estamos cientes até certo ponto do esplêndido esquema em que Seu maravilhoso amor se manifesta, e quando temos apenas

um vislumbre Dele, não podemos deixar de nos sentir fortemente comovidos e gratos por termos recebido o privilégio tão maravilhoso de tomar parte, por menor que seja, na glória e perfeição futuras. Demonstremos então essa gratidão nos esforçando para compreender Sua manifestação e cooperar com ela de maneira inteligente.

3. Mais uma vez, como já dissemos, o dia de Natal recorda-nos a Primeira daquelas Grandes Iniciações, da qual é um símbolo na cuidadosa distribuição do Ano Eclesiástico. Devemos pensar então o que esta Primeira Iniciação significa para nós, que é verdadeiramente um segundo nascimento, um nascimento na Grande Fraternidade Branca. Durante o período preparatório para o Advento, consideramos as qualidades necessárias para isso; agora devemos olhar para o próprio evento e seus resultados. Devemos perceber como aquele que deu esse passo foi salvo para sempre e, portanto, podemos verdadeiramente olhar para o Grande Instrutor do Mundo, como nosso salvador, embora não do ponto de vista medieval de nos libertarmos da tortura eterna. Não existe tal coisa na natureza, nem nunca existiu. Tudo isso é um pesadelo horrível que os homens permitiram que se desenrolasse e os aterrorizasse. Não há condenação eterna da qual devemos ser salvos; o mundo precisa de alguém que o salve de uma ideia tão horrível, mas não como um fato, porque de forma alguma o é. Essa ilusão faz parte do erro e da ignorância que tanto causam dor e sofrimento ao nosso redor. Na realidade, o Instrutor do Mundo é um Salvador, não só para o Iniciado, mas para todos nós; porque é o Seu ensino que nos salva de nossos próprios erros e da ignorância e, consequentemente, de muitas dores e sofrimentos que são necessariamente o resultado dessa ignorância.

Não só devemos esperar o momento em que essa maravilhosa Iniciação acontecerá, mas também devemos fazer dela uma oportunidade de júbilo porque para alguns ela já chegou. Agradecemos a Deus pelos Seus Santos, porque elevaram a humanidade não só pela força exemplar que nos deram, mas pela elevação do Todo para o qual cada um deles contribuiu com suas realizações. Essa elevação é uma realidade que não devemos de forma alguma subestimar ou esquecer; a humanidade é uma fraternidade, embora a maioria dos homens pouco reconheça este fato, e a unidade seja tão real que cada vez que um homem atinge a meta através dessa conquista, todos os outros são ajudados e elevados também. Então esse seria mais um motivo para rejubilar-se no dia de Natal.

Sei que é chocante para tantos cristãos bons e sinceros ouvir que a história do evangelho não é histórica, mas na verdade um mito. Quando dizemos isso, as pessoas imediatamente pensam: "Eles estão tirando de nós nosso Jesus, nosso salvador. Você nega sua existência histórica." Não estamos de forma alguma negando isso, mas, ao contrário, sustentamos que o evangelho como está escrito agora não é, e além disso nunca teve o propósito de ser, um verdadeiro relato da vida do Grande Instrutor do Mundo, o Cristo. Sabemos muito pouco sobre a verdadeira história de sua vida. Parece verdade que partes dela estão ligadas a esses mitos; também parece verdade que algumas das palavras do evangelho atribuídas ao Senhor Cristo realmente as disseram. Mas também

é certo que outros não foram contados por Ele. Para quem conhece o assunto e leu alguma religião comparada, é claro que toda a história é intencionalmente colocada naquela forma alegórica e que representa não apenas a história de um homem, mas a história espiritual de todo verdadeiro seguidor de Cristo. É óbvio que não se trata de uma história, mas de um drama, de um conjunto de episódios dispostos como se fossem representados em um palco.

Essa ideia, que pode ser nova para muitos, não é de forma alguma nova. Era conhecida entre os maiores Padres da Igreja. Parece estranho apenas para nós, porque herdamos muita confusão da Idade Média. Na atualidade, não podemos acreditar com fé cega em algo que nossa razão nos diz ser impossível. Precisamos entender o que essa bela história significa e que é muito fácil de seguir. Orígenes, o maior dos primeiros autores cristãos, explica as coisas muito claramente. Ele diz que em seus dias havia (e certamente há agora) dois tipos de cristãos. Havia o que ele chamava de "crentes em um cristianismo somático", que significa um cristianismo corporal ou físico. E ele deixa perfeitamente claro que com essa expressão ele pretende indicar aqueles que acreditam literalmente na história, e de sua doutrina ele diz o seguinte: "Que coisa melhor que isto poderia ser para a instrução das massas?" Mas também apresenta evidências abundantes de que o cristianismo espiritual defende uma forma superior de cristianismo, que compreende o significado oculto de todas essas alegorias. Lá o Cristo é representado narrando em cada uma de suas parábolas uma história com dois significados ocultos. Primeiro, há a história puramente física para meninos, que descreve, por exemplo, como o semeador foi semear; depois há a explicação intelectual, segundo a qual a semente é a palavra de Deus, o semeador é o pregador e os diferentes tipos de solo são os diferentes tipos de corações em que a semente cairá. Terceiro, há sempre o significado oculto e mais espiritual que não é revelado e que, neste caso particular, é sobre o derramamento da Vida Divina nos muitos planos e mundos.

Orígenes afirma que, assim como as palavras do Cristo contêm uma interpretação oculta, o mesmo acontece com tudo o que é narrado sobre ele; é uma interpretação que podemos ver apenas se estudarmos sua semelhança com outras apresentações da mesma grande alegoria. Ele insiste que tudo isso ocorre não no mundo ilusório das sombras, mas no eterno Conselho do Altíssimo. Diz-nos que, até compreendermos as verdades universais que a história nos revela, a história em si não importa. Seu significado é claro, descreve o caminho que está diante de cada cristão. As pessoas que estudam esses assuntos em profundidade às vezes ficam perturbadas com a estreita semelhança entre a lenda cristã e a de outros salvadores que viveram em tempos anteriores, os Cristos pagãos, como Robertson os chama em seu livro sobre o assunto. É verdade que todos os detalhes da vida de Cristo se encontram em anedotas sobre outros Mestres que, sem dúvida, eram muito mais antigos que Ele, portanto, ou aceitamos a ideia de um plágio total por parte dos autores cristãos em relação aos escritores primitivos, ou devemos supor que todos eles tentam apresentar a mesma grande verdade, mas que cada um o faz à sua maneira. Esta explicação é confirmada nas escrituras existentes, porque

nelas São Paulo diz de quantas maneiras e quantas vezes diferentes as revelações foram feitas. Ele escreve aos hebreus:

"Havendo Deus, desde a antiguidade, falado, em várias ocasiões e de muitas formas, aos nossos pais, por intermédio dos profetas, nestes últimos tempos, nos falou mediante seu Filho ..."[2]

(Aqui não estamos nos referindo aos poucos profetas judeus locais, mas aos grandes profetas, os grandes instrutores do mundo).

Queremos que nossos fiéis tenham um ponto de vista mais racional sobre a religião do que muitos de nossos irmãos cristãos têm hoje. Infelizmente, eles estão obcecados com a ideia de que o cristianismo é a única religião e que todas as outras são um conjunto de superstições pagãs. Esta é uma atitude muito limitada e ignorante e mostra o quão pouco se sabe sobre outras religiões. Não deveria ser assim. As pessoas religiosas devem se interessar por todas as formas pelas quais a religião se apresenta. Acontece (e não é um mero acidente porque se trata do nosso destino e do que merecemos) que nascemos nesta civilização e em um país onde o Cristianismo é a religião oficialmente reconhecida. E isso não é mera coincidência. Nós nascemos lá porque merecíamos, porque a melhor oportunidade para nós era ter nascido neste ambiente particular, mas outras pessoas, tão boas quanto nós, e talvez mais avançadas do que nós, nascem em ambientes totalmente diferentes, e nós devemos perceber que para eles sua religião é tão natural quanto a nossa é para nós. Provavelmente não podemos imaginar que poderíamos ter nascido em qualquer outra religião da mesma forma que um homem acredita que nunca poderia ter nascido como mulher ou, sendo mulher, como homem. Mas isso, é claro, é uma mera ilusão; a alma não tem sexo, nem raça e nascemos em lugares diferentes de acordo com o que é melhor para o nosso desenvolvimento.

Todas as religiões são igualmente exposições da grande mesma Verdade, e cada uma delas tem a nos oferecer uma variante ou faceta especial. Existe a religião hindu, professada hoje por 300 milhões de pessoas, e professada por seus ancestrais (porque para pertencer a esta religião é preciso nascer nela) durante longos períodos de grande civilização, uma civilização que já havia atingido seu ápice quando nossos predecessores, os antigos bretões, correram nus na floresta e se pintaram de azul. A principal característica de sua religião é a ideia de dever; eles chamam isso de dharma. Seu único remédio para todo o mal é: "Que o homem cumpra seu dever; cada homem nasce em um determinado lugar com um certo dever a cumprir; que ele o cumpra." E insistem muito na imanência de Deus. Ao mesmo tempo, o antigo Egito estava desenvolvendo uma poderosa civilização. O ponto central de sua religião era o que hoje chamaríamos de ciência, ou seja, o domínio da natureza conhecendo tudo sobre ela; os egípcios lançaram a base para grande parte de nossa ciência atual. Do próprio nome que deram ao seu país, KHEM, deriva o nome da nossa ciência química.

---

[2] Hebreus 1:1-2 (versão King James)

Na antiga Pérsia, havia outra grande religião, o zoroastrismo. Algumas vezes foi definido como a "adoração ao sol", mas não devemos ser enganados por tal denominação, porque ninguém jamais adorou o sol como tal, mas como uma manifestação do grande poder que está por trás dele. Sua ideia principal era a pureza. Acima de tudo, eles enfatizaram a pureza de pensamento, fala e ação. Descendendo com o passar do tempo, encontramos a religião da Grécia, cujo ponto principal era a beleza. Os gregos se esforçaram para convencer as pessoas da importância da beleza em suas vidas, da beleza em seu ambiente, em tudo o que os rodeava; beleza de caráter, bem como da forma e da cor. Depois veio Roma com sua grande religião, que enfatiza a lei e a disciplina, sempre insistindo na importância do dever para com a comunidade, uma ideia muito bela. Em seguida, houve o ensinamento do Buda; em sua grande religião, onde ele também pregava a lei, mas não no mesmo sentido. Quando ele fala da lei de forma alguma ele alude à lei feita pelos homens, mas à ordem na natureza, e ele diz que todos os erros que os homens cometem vêm da ignorância. Se apenas estudassem o esquema divino e vivessem de acordo com ele, tudo ficaria bem.

Então vem nossa grande religião, o Cristianismo; sua grande ideia central é o auto sacrifício, a ideia de que o maior entre nós será "aquele que melhor serve". Vocês sabem que o maior atributo de um bispo é o de SERVUS SERVORUM DEI, o "Servo dos Servos de Deus". Este é um ponto importante enfatizado pelo cristianismo. Todas essas religiões surgem em épocas diferentes, cada uma quando sua qualidade particular é a mais necessária ao mundo. Certamente qualquer um pode ver que este é um conceito muito mais amplo do que a teoria ortodoxa de que todas essas outras religiões são superstições frágeis ou perniciosas, e apenas aqueles que têm a alegria de entrar em contato com a fé cristã podem ser salvos. Este último conceito parece estranho e ridículo, mas concorda com a vaidade que levou os homens a acreditar que este minúsculo planeta é o centro do universo; que essa pequena partícula de poeira é o centro da criação e que todas essas formidáveis estrelas e sóis giram em torno dela; que o próprio Deus desceu para viver e morrer nele, a fim de que sua população relativamente insignificante pudesse ser salva e que todos os habitantes desses outros mundos muito mais maravilhosos cuidassem de si mesmos.

Ninguém deve ficar chateado ao descobrir que as mesmas verdades também são ensinadas em outras religiões. Isso é o que devemos esperar, uma vez que nos livramos dessa ideia assombrosa de exclusividade: que somos as únicas pessoas que já ouviram falar da verdade; que de todos os incontáveis milhões de seres que já viveram nesta terra, apenas as poucas gerações do tempo de Jesus são as únicas a quem Deus considerou digno de revelar algo de Si mesmo. Se conseguirmos tirar esse absurdo de nossas mentes, perceberemos que tem havido muitas exposições da verdade, que são todas diferentes em muitos aspectos, e cada uma é apresentada da forma mais conveniente para as pessoas da época. Portanto, em vez de ficarmos chateados com essas semelhanças, vamos recebê-las bem; vamos comparar as diferentes

histórias e, assim, aprender muito mais com elas sobre a verdade por trás de tudo isso.

Não devemos pensar que perderemos algo se compreendermos o significado oculto dos relatos do evangelho; pelo contrário, muito é o que ganharemos. Na Igreja Católica Liberal, não impomos a congregação no que se deve acreditar ou não. Apresentamos o credo como algo digno de estudo e dizemos que você pode interpretá-lo literalmente, se desejar. É assunto de todos. Ou, se preferir, pode-se fazer a interpretação simbólica mais elevada que podemos oferecer. Seja o que for que você escolha acreditar, não pode causar o menor dano saber seu significado oculto, então, lembre-se que teoria histórica foi demolida através da argumentação e entendem que existe uma outra interpretação mais espiritual e inquestionável. Manteremos melhor as festividades se houver uma completa e clara compreensão de tudo o que significam. De qualquer forma, deixe aqueles que o desejam manter-se no relato físico, mas também os lembrasse de que por trás dessa história terrena há sempre um significado mais elevado. Podemos acreditar que tal história existe por causa de seu sublime significado, como eu mesmo acredito, e podemos aceitá-la como acontecimento real ou supor que essa bela e oculta explicação foi inventada para se adequar a ela. Não tem importância. Cabe a cada ser humano decidir que crença terá a respeito de tudo isso, desde que compreenda seu significado elevado, glorioso e espiritual e tente viver tudo o que isso acarreta.

4- Durante o período do Advento, a Igreja aguarda a próxima Vinda do Senhor; no Natal essa espera culmina, e sua celebração implica o agradecimento não só pela sua última vinda, mas também pela dádiva que ainda está por vir. Não podemos deixar de pensar naquele grande Natal quando Ele novamente apareceu entre nós no plano físico, em um corpo que todos nós podemos ver. Pois Ele mesmo, o Grande Ser que tomou o corpo de Jesus dois mil anos atrás, logo estará pronto para voltar e mais uma vez abençoar o mundo com Seu ensino e Sua égide, como Ele fez antes. A voz que falou como ninguém falou, falará novamente aos ouvidos dos homens que vivem hoje, e em pouco tempo. Aqueles de nós que defendem essa crença ficam naturalmente muito entusiasmados em fazer o que pudermos para preparar a nós mesmos e a outros para Sua vinda e tratar de difundir as boas novas para o mundo exterior.

Não cabe a nós criticar ou nos surpreender com os arranjos feitos quando Ele veio à terra pela última vez; mas podemos ver o pouco que foi feito (talvez esse pouco fosse a única coisa que poderia ser feita) em termos de preparação no mundo exterior. Parece ter havido uma expectativa geral quanto à vinda de algum Grande Ser, como existe hoje; mas houve apenas um João Batista, pelo que sabemos. Neste momento, as condições do mundo são muito diferentes em todos os sentidos, para que a preparação possa ser realizada com sucesso em uma escala global, e cada um que, tendo examinado as evidências, há razão para esperar pela próxima Vinda do Senhor, deve fazer o que puder para preparar o Seu caminho.

A ideia da segunda vinda de Cristo assume um aspecto diferente, quando percebemos que o mundo está evoluindo com passos firmes, que Cristo é um poderoso oficial que está a cargo do pensamento religioso mundial e que Ele mesmo vem como Instrutor ou envia um de seus discípulos como instrutor sempre que considera que tal visita ajudará o mundo em sua evolução. Sei que essa ideia deve parecer estranha para muitos que foram educados para acreditar que existe apenas uma religião neste mundo; que um ou outro canto da terra existem algumas superstições pagãs e que nosso único dever em relação a elas é tentar convencer o pobre pagão de seus erros e dar-lhes a verdade que foi revelada somente a nós. Suponho que nunca ocorreu a ninguém pensar que seria muito estranho que, de todos os povos em todas as épocas, apenas nós tenhamos o monopólio da verdade. Houve grandes sábios, santos, magníficos pensadores que não conheceram esta verdade, que foi dada exclusivamente a um pequeno punhado como nós. Aparentemente, eles não tinham essa vantagem e, no entanto, se saíram muito bem sem ela. Certamente é mais razoável acreditar que existem muitas grandes religiões no mundo e que todas são caminhos que conduzem igualmente à mesma grande montanha da verdade.

Quero dizer que todas as grandes religiões vêm da mesma grande fonte central; que este Instrutor do Mundo e Seu Departamento são responsáveis por todas elas. Não estou dizendo que eles são responsáveis pelas extravagâncias dos crentes individualmente. Os homens distorceram e corromperam Seus ensinamentos e isso é o que acontece em todas as religiões. Essas crenças, como eram em suas origens, são todas exposições da mesma verdade eterna, um fato que podemos ver por nós mesmos se nos dermos ao trabalho no estudo da religião comparada. Infelizmente, herdamos a ignorância do período denominado "idade das trevas" (o obscurantismo) na Europa; uma época em que poucos sabiam algo que valesse a pena conhecer e a respeito de assuntos religiosos, muitos ainda não se esforçavam para sair dessas trevas. Percebemos que seria ridículo ainda praticar a chamada ciência medieval. Bem, agora sabemos muito mais; sabemos que se vivêssemos de acordo com as normas de higiene que vigoravam naquele período, estaríamos expostos a terríveis epidemias; no entanto, a maioria das pessoas não raciocinam de forma semelhante, a religião da Idade Média tinha falhas semelhantes em suas declarações. Nossos predecessores na época não entendiam o Cristianismo. Eles o tomaram em seu sentido mais limitado e fanático, quando, em vez disso, é possível interpretá-lo de uma forma mais ampla, útil e conciliatória. E esta é a interpretação que queremos oferecer hoje.

Em uma das escrituras hindus, o Instrutor do Mundo é sempre apresentado quando o mundo está mergulhado em grande sofrimento e miséria, onde o mal e a incredulidade parecem triunfar, Ele vem para apresentar mais uma vez a verdade eterna de uma nova forma que em certa medida irá substituir os ensinamentos anteriores que foram distorcidos. Para alguns, pode parecer estranho, mas consideremos por um momento e meditemos: todas essas diferentes apresentações foram oferecidas a diferentes povos em diferentes épocas e estágios do desenvolvimento do pensamento humano. Vamos tentar

entender essa ideia e veremos que é impossível acreditar que algumas dessas religiões durarão para sempre, mas ao contrário, todas elas se corromperão com o tempo e em maior ou menor grau serão distorcidas; consequentemente, deixam de atender às necessidades do mundo. O mundo está em contínuo progresso e de vez em quando uma nova apresentação da Verdade torna-se essencial. O que era apropriado para os povos de dois mil anos atrás não pode ser inteiramente adequado para nós atualmente. Pois sabemos mais sobre muitas questões do que era conhecido antigamente, e qualquer exposição da verdade que fosse adequada anteriormente exigirá considerável revisão e acréscimo antes que possa adaptar-se para nós. Por outro lado, uma apresentação dela não se adequaria nos tempos modernos, e seria considerada insana e inapropriada para nós.

Se olharmos ao nosso redor, veremos que em geral as igrejas não são muito frequentadas hoje em dia. Ouvimos dizer que na Idade Média todos participavam do espírito devocional que prevalecia naquela época; mas isso certamente não acontece agora. Nos chamados países cristãos, nem um décimo de seus habitantes cumpre as práticas religiosas e temo que a proporção seja ainda menor. Isso significa (e não adianta tentar evitar o assunto) que a religião, como é agora, perdeu sua influência sobre a maioria da população. Quando for esse o caso, acho que uma maneira de lidar com a dificuldade seria reafirmar que talvez pudéssemos chamar de "uma nova religião". Sei que não é uma boa frase, porque envolve muito mais do que simplesmente declarar a mesma verdade novamente.

As verdades religiosas são verdades eternas; Elas podem ser deturpadas, mal interpretadas, e certamente foi esse o caso; mas a base fundamental de todas as religiões mostra uma única verdade eterna, que é inalterável, embora possa ser objeto de uma explicação mais completa; é possível apresentá-la de uma nova maneira apelando-se ao espírito moderno. Mas os grandes fatos são sempre os mesmos. Não quero dizer que devemos acreditar em uma figura particular ou em uma cerimônia particular, mas em fatos reais: que para progredir o homem deve ser bom, viver uma vida elevada, pura e nobre, deve praticar as virtudes que, sem exceção, recomendam a todas as religiões do mundo, ou seja, caridade, nobreza, autocontrole, temperança, paciência e amor.

Já me referi como o ensino do Cristo foi confundido de maneira estranha com idéias não científicas sobre o fim do mundo. É curioso ver como é fácil para o ignorante criar um pesadelo para si mesmo. Recentemente, apareceu uma notícia nos jornais em que se dizia que em um determinado dia ocorreria o fim do mundo, porque certos planetas estariam em determinada posição uns com os outros. É completamente surpreendente que pessoas sãs possam ser levadas a acreditar em tal absurdo. Esses planetas estiveram em posições semelhantes milhares de vezes e não foi o fim deste mundo ou de qualquer outro. Parece que os homens não entendem o quão insignificante é a soma dos pesos desses planetas em comparação com o peso do sol; seria quase o mesmo que esperar um carro capotar quando uma mosca pousa na ponta do volante. A

ignorância popular é uma coisa muito estranha. Nós complicamos a vida das crianças com a chamada educação, e este é o seu resultado prático.

Os homens costumam dizer: "A Segunda Vinda de Cristo já é conhecida e as pessoas estão esperando por ela há muito tempo; por que devemos nos preparar especialmente para ela agora?" Existem muitas razões para isso, algumas são através de razões externas e outras são muito mais privadas e íntimas. Agora no mundo uma nova raça está se desenvolvendo. Aqui na Austrália devemos saber algo sobre isso porque é um dos países onde começa a aparecer. Se olharmos ao nosso redor, veremos que há pessoas que ainda são puramente inglesas, escocesas ou irlandesas, ou seja, pertencem a antigas raças; mas, especialmente entre crianças e jovens, veremos também muitos que não são de nenhuma dessas raças, mas sim da nova raça australiana.

Na América também há uma proporção ainda maior de pessoas que não pertencem a nenhuma dessas raças, pessoas que constituem uma grande nação, dotada de novas qualidades e com uma aparência física ostensivamente nova. É uma raça intelectual, expressiva vontade e muito interessante de estudar.

Agora, ao longo de toda a história e em todos os tempos, vemos que cada vez que surge uma nova raça, havia ao mesmo tempo uma nova religião adequada a ela. Então, é provável que uma nova doutrina religiosa apropriada para esta nova raça seja apresentada muito em breve.

A nossa é uma grande civilização, ou pelo menos pensamos assim. Porém, em todo o mundo existe muita miséria e sem dúvida precisamos de uma mudança. A angústia reina em todos os lugares e parece que ao nosso redor está se rompendo o sistema em que repousamos durante séculos. Algo novo é necessário; em todas as áreas há novos desenvolvimentos. O avanço da ciência é maravilhoso; Nos últimos anos o avanço no conhecimento é muito grande, seja na química, na mecânica, em tudo. Uma nova era está chegando. A velha civilização já fez seu trabalho. Agora precisamos de algo novo.

O retorno de Cristo é esperado em todo o mundo. Todas as religiões de que falei e que são ativas estão esperando por isso. Os hindus aguardam o Kalki Avatara; Os budistas aguardam o Senhor Maitreya, que é o nome que eles dão ao grande Instrutor do Mundo a quem chamamos de Cristo. Entre os maometanos, havia alguém na África não muito tempo atrás, que fingiu ser um iluminado e começou a pregar, ganhando vários seguidores porque dizia ser o próprio Imam Mahdi, o Salvador que eles esperavam. Ele não era, mas muitos acreditavam que sim. No Zoroastrismo também existe a tradição de que virá um Grande Ser. Entre os cristãos estão os Adventistas do Sétimo Dia e outros grupos semelhantes, e entre nós temos a Ordem da Estrela do Oriente, que está tentando preparar seus membros (e também os simpatizantes) para a próxima Vinda do Instrutor do Mundo.

Por que há tanta expectativa pela vinda do Senhor? Aqueles que estudam o lado oculto das coisas sabem que este é o reflexo nas mentes dos homens no

conhecimento dos Grandes Seres, Adeptos e Anjos. Sabem que Cristo está próximo e Seu conhecimento está na atmosfera mental; ele se comunica com nossos corpos mentais por vibração simpática e produz essa grande expectativa em nós. É o reflexo dos pensamentos dos elevados Seres.

A necessidade do mundo é muito grande, ninguém pode duvidar; e podemos lembrar que o Instrutor do Mundo disse em uma Escritura que é mais antiga do que qualquer uma das nossas: "Quando o mal triunfar, então venho para ajudar." Não é que não saibamos o que fazer. Conhecemos os princípios do certo e do errado tão bem quanto qualquer pessoa, mas não os aplicamos. O que precisamos não é de uma nova verdade, mas de uma nova inspiração para colocar a velha verdade em prática. Existe um grande desejo de ajudar entre muitas pessoas. Este é um dos sinais dos tempos; Mas eles não sabem como começar. Cada um tenta por sua própria pequena panacéia e talvez tenha algum triunfo, mas no final fracassa. Eles acabam acolhendo a ideia de alguém que sabe e que pode ensinar.

Alguns de nós temos estudado esse assunto, e outros semelhantes, por muitos anos. Eu mesmo tenho trabalhado no lado oculto das coisas sob instruções claras por trinta e sete anos, e por conta própria vinte anos antes. Alguns de nós, no decorrer desses estudos, fomos levados aos pés daqueles Grandes que definitivamente sabem dessas coisas, aqueles que estão no comando da evolução do mundo; portanto, podemos repetir confiantemente o que ouvimos deles, que a Vinda do Senhor está próxima, que não demorará muito, enquanto medimos o tempo terrestre, antes que Ele apareça entre nós. Não podemos fingir ao dizer que estará entre um ou dois anos, porque o que nos é dito é sempre assim: “Quando a terra estiver pronta para seus esforços, eu Irei”, e deve ser logo, porque a necessidade é muito grande. Claro que isso não constituí uma evidência aos demais. Pelo que eles sabem, podemos estar sonhando; todos podemos estar equivocados no que pensamos; mas pelo menos damos testemunho direto, o que é comparativamente raro em questões religiosas e, portanto, o que dizemos constitui uma evidência que deve ser levada em consideração.

Olhe ao seu redor no mundo e veja como é ampla a expectativa; veja quão grande é a necessidade; veja a nova raça esperando pela religião que se ajustará a ela conforme ela se desenvolve. Muitos são os indícios que nos permitem perceber que este Advento não está distante.[3] Embora o que vemos e sabemos por nós mesmos não seja uma prova para os outros, cumprimos nosso dever de pelo menos anunciar a Vinda.

Façamos então um decidido esforço, tanto quanto pudermos, para estar prontos para Cristo; Vamos tentar purificarmos, nos transformar naquilo que almejamos, se Ele vier; e ajudar a preparar o Seu caminho. Tempos atrás, quando Ele veio para a Judéia, lá estava João Batista. Que cada um de nós, de acordo com seu poder e oportunidade individual, seja João Batista. Que desta vez, Ele não venha com um único arauto; que haja milhares de nós tentando

[3] Consulte: A World Expectant, de A. E. Wodehouse.

preparar o caminho do Senhor e fazer o Seu caminho direito. Porque quando o mundo estiver pronto, Ele virá. Portanto, vamos nos unir no trabalho da Ordem da Estrela do Oriente ou da Igreja Católica Liberal; que cada um trabalhe a seu modo por um tempo melhor, um tempo de fraternidade e amor, pois é isso que Cristo pregará entre nós quando vier. Cultivemos a fraternidade e o amor para que estejamos prontos para recebê-Lo, para que possamos nos beneficiar do que Ele tem a nos dizer e oferecer nossos corações, nossas mãos, nossa palavra, para ajudá-lo na obra que está prestres a fazer.

5. Não devemos esquecer que a vinda de Cristo tem outro aspecto: a sua manifestação no coração de cada indivíduo, o desenvolvimento do princípio Crístico dentro de nós. Um grande e glorioso mistério está por trás de tudo isso: entre a Segunda Pessoa da bendita Trindade e o grande Instrutor do Mundo existe um maravilhoso relacionamento, bem como entre Estes e o Princípio Crístico no homem; que frequentemente damos o nome de intuição. No entanto, isso significa muito mais do que intuição; significa a sabedoria que sabe, não por meio de um processo racional, mas por uma certeza interior. Em cada homem isso deve se desenvolver, pois o princípio Crístico está em cada um de nós; pode ser despertado, e está sendo despertado entre nós ainda neste momento, e à medida que se desenvolve percebemos a verdadeira fraternidade do homem, porque percebemos a Paternidade de Deus. Reconhecemos que nossa consciência separada é apenas uma ilusão; que somos um com Ele. Primeiro, nos reconheceremos como um com todos os que O conhecem e O amam, e então, em maior extensão, com todos, quer eles ainda saibam ou não. Tocar essa consciência maravilhosa, perceber o Cristo dentro de nós, não é impossível, porque alguns já estão fazendo isso. Às vezes, se manifestam vislumbres de sua glória e momentos de maravilhosa paz e elevação e que, ao menos por alguns momentos, conhecemos. E aqueles que os experimentaram jamais poderão esquecê-los; embora muito tempo depois possam sobrevir a dúvida e a incerteza, a dor e até o desespero, nós o conhecemos e, portanto, ainda sabemos interiormente, e nada pode enfraquecer essa segurança.

Verdadeiramente aqueles que tocam essa glória por um momento, o fazem inconscientemente; não sabendo do que se trata, não percebem a intensidade de seu esplendor e não vêem aonde os levará. Sabem que têm momentos de êxtase, durante os quais o amor de Deus os atinge de uma forma que nunca imaginaram, sentem uma felicidade intensa que vai além das coisas terrenas. À medida que progredimos, essa certeza virá mais plena e frequentemente e também durará mais, até que finalmente essa consciência superior será nossa para sempre, o Cristo em nós e nós Nele. Isso acontece com aqueles que deliberadamente se esforçam para alcançar essa glória e esplendor e o fazem cientificamente, aumentando seus conhecimentos até atingirem a plenitude de Cristo, realizando Deus no homem porque eles próprios são conscientemente parte de Deus. Este é o nascimento de Cristo no coração do homem, e certamente é algo muito real. É neste sentido que podemos dizer que o Cristo é o salvador do mundo, pois só por meio dessa experiência o homem pode alcançar o que Deus deseja que ele alcance.

O desenvolvimento voluntário, conforme descrito nos parágrafos anteriores, é a maneira mais curta e direta para alcançar essa experiência. Não estou dizendo que é o único caminho. Tal elevação pode ser alcançada por meio de intensa absorção intelectual, trabalho longo e contínuo acompanhado da prática da virtude. No entanto, o método mais curto e direto de obtenção mais acelerada é o despertar deliberado de Cristo no coração humano. Por isso e por suas gloriosas possibilidades também agradecemos o período do santo Natal.

Como sabemos se estamos no caminho para esse desenvolvimento glorioso e perfeito? O que podemos fazer para nos aproximar dessa felicidade suprema? Se o Cristo deve nascer em nossos corações, devemos viver a vida como Cristo viveu, devemos manifestar Seu espírito aos que estão ao nosso redor. E o espírito de Cristo é antes de tudo, amor e fraternidade. O homem em quem está se desenvolvendo certamente será um exemplo de amor, bondade, tolerância, compreensão; em geral, mostrará um aumento daquela qualidade que, por falta de palavra melhor, às vezes chamamos de grandeza. Dizemos que um homem é grande quando é dotado de ampla tolerância, coração aberto e nobreza de caráter e são justamente essas qualidades que representam o resultado do desenvolvimento deste princípio Crístico.

Na vida diária, essas qualidades se manifestam de várias maneiras; primeiro, o homem começa a pensar melhor nas pessoas e nas coisas, em vez de acreditar no pior; então, ele se exercita para encontrar a melhor explicação possível para as palavras e ações de seus semelhantes, em vez de atribuir-lhes o pior significado (como temo que façamos com muita frequência).

Perceberemos que, quando pensamos nas ações e atitudes de alguém, constantemente os atribuímos a alguma fraqueza, algum defeito; atribuímos a eles algum tipo de motivação. Se pudéssemos ir atrás do pensamento dessa pessoa, descobriríamos o verdadeiro motivo pelo qual ela disse ou fez determinada coisa; descobriríamos que, na maioria dos casos, havíamos dado a ele um motivo absolutamente incorreto e injusto, e que o motivo de sua atitude era muito mais lógico do que supúnhamos, e que talvez ele tivesse pensado em algo que não havíamos pensado. Atribuir um motivo é um hábito; se nos observarmos, descobriremos que muitas vezes caímos nele e que, pela prática constante e cuidadosa, aprenderemos a não fazer isso, mas começaremos a atribuir pensamentos melhores e mais elevados. Claro, às vezes, ao fazermos isso, podemos nos decepcionar, mas é melhor errar mil vezes nessa direção do que cometer a injustiça de atribuir a um irmão, mesmo que uma vez, um motivo inferior e um tipo de pensamento pertencente a um plano inferior para aquele em que ele realmente está. Um homem que começa a desenvolver essa qualidade maravilhosa, desiste de todas as críticas desnecessárias e aprende a ver o bem em tudo e em todos, mesmo que não seja tão fácil de descobrir, mesmo que não seja tão óbvio quanto a característica mais questionável.

Outro sinal infalível do desenvolvimento do princípio Crístico no homem é o altruísmo, porque esta é a chave de tudo, é a virtude da qual nascem todas as outras.

Podemos ver imediatamente que tipo de mudança ocorreria no mundo se sentimentos como esses se propagassem. Quão diferente seria se cada ser humano pensasse primeiro nos outros, se quisesse adotar um ponto de vista mais amplo, mais tolerante, e atribuir sempre os melhores motivos possíveis em vez dos piores! Talvez não possamos esperar que um grande número de pessoas atinja esse nível no presente imediato, porque obviamente exigiria a evolução de milhares de anos. Embora haja um fator que entra em jogo para o qual uma grande atenuação terá que ser realizada por aqueles que tentam prever o futuro e a vinda física presente de Cristo, o Instrutor do Mundo, para estar entre nós e nos ajudar mais uma vez. Não sabemos até que ponto Sua presença pode afetar as pessoas. Uma influência tão tremenda quanto a Dele; o poder de persuasão da voz que fala como ninguém; o fato de que Seu ensino será gravado simultaneamente em todo o mundo, e que Ele próprio provavelmente visitará todas as nações do mundo sucessivamente; todas essas considerações nos mostram que esses são fatores cuja influência é incalculável. Ele pode muito bem apressar o tempo em que uma atitude altruísta se torne mais comum do que agora parece razoável esperar.

O mundo em geral pode não estar tão longe quanto pensamos dessa atitude elevada e grandiosa. Sem dúvida, agora está cheio de grande egoísmo e irracionalidade, como podemos ver claramente pelas greves, conflitos e desordens que prevalecem em todos os lugares atualmente. A maioria das palavras e ações do homem comum são egoístas por natureza; e, no entanto, aquele homem comum, um espécime perfeitamente ordinário, mais de uma vez, em casos de grande emergência, foi capaz de chegar a tal ponto de heroísmo do qual o considerávamos totalmente incapaz. Um homem, aparentemente igual a seus semelhantes, um tipo de homem rude e comum, deliberadamente sacrificará sua vida para salvar um companheiro. Isso mostra que em todos existem as sementes do sentimento correto e que, aplicando o poder certo, no momento certo e da maneira correta, elevará a grandes e inesperadas alturas.

Na grande guerra (1ª guerra mundial) milhares de homens vieram voluntariamente arriscar suas vidas, para lutar por um ideal, pelo manutenção de um Tratado, pelo qual o nosso país se comprometeu. Aqueles que lutaram nada tinham a ver com essa promessa, mas estavam dispostos a se sacrificar até o fim para cumprir as garantias de seu país. Isso tem um lado esperançoso; isso é um bom presságio para o futuro; pois o homem que voluntariamente dá sua vida por um ideal agora pode muito provavelmente estar disposto a dedicar sua vida a seguir um ideal quando retornar em outra encarnação. Portanto, o mundo em geral pode estar mais prontamente do que pensamos para responder à poderosa influência que o grande Instrutor trará.

Poucos podem ter uma ideia de como será essa influência. Somente aqueles que entraram em contato com um dos grandes adeptos podem imaginar o imenso poder do Mestre dos Mestres; e ainda assim eles podem apenas vislumbrar a tremenda radiação de amor e força que emana dessa poderosa Personalidade. É possível que em Sua presença seja fácil realizar o que de outra forma seria impossível e sem perspectivas. Sob esta influência maravilhosa os

homens podem despertar e enfrentar com bom senso os vários problemas que se apresentam. Não há esperança tão inatingível para um Poder como esse.

Toda separação é uma ilusão; somos um em Cristo; e saber e perceber isso totalmente significa despertar o Cristo em nós. Lembre-se do que é dito nas escrituras: "... Cristo em vós, esperança da glória[4];" É precisamente a presença deste princípio em nós que traz a esperança da glória a cada alma humana. Sem ele, estaríamos realmente perdidos, esse é o verdadeiro Cristo, de quem se fala; É preciso acreditar Nele para nos salvar, não de um inferno mítico, mas da roda de mortes e nascimentos. Fugir dessa roda significa evitar o caminho largo e fácil que leva à morte (o nascimento, a morte e o nascimento uma e outra vez) e tomar o caminho mais difícil e estreito que leva ao Reino dos Céus, onde a morte é uma ridícula impossibilidade, onde a vida, seu desenvolvimento, poder e amor e tudo o que eles significam, constituem o único futuro possível para os filhos dos homens. Esse desenvolvimento é o único método para acabar com essa roda.

Embora Cristo nasça mil vezes em Belém
mas não dentro de ti, sua alma estará perdida.

6. Todos as grandes festividades têm outro aspecto, e este o tem, com proeminência. Todos são especiais canais de forças, ocasiões em que ocorre uma maior manifestação do poder divino, em maior grau, em minha opinião, do que em dias normais. Isso não deve parecer estranho; Não pensemos que é uma limitação da onipotência de Deus. Porque o próprio Deus atua por meio dessas oportunidades e se aproveita delas; e esta maravilhosa criação Sua é completamente una com Ele, tão misticamente inter-relacionada, que assim como as estrelas viajam em suas órbitas, há certos momentos em que certas energias estão mais prontamente disponíveis do que em outras, assim como quando as pontes liberam os canais; O Natal é uma dessas épocas. Essas ocasiões especiais, essas grandes festividades não são simples comemorações; elas indicam atividades definidas por parte do Cristo vivo, que é a Cabeça de sua Igreja. Todos os membros da Igreja são membros de Cristo e estão unidos a Ele através do Batismo e da Confirmação e ainda mais através do Santíssimo Sacramento do Seu Amor. Portanto, em certa medida, eles estão sempre sob Sua influência. Mas Ele instituiu certos métodos para derramar tal influência em Sua Igreja e o maior de todos é o Sacramento da Sagrada Eucaristia. Consequentemente, dizemos que existem momentos e condições especiais em que um maior uso dessa efusão é possível. Cada um de nós está sempre unido a Cristo, mas todos sabemos que estamos mais intimamente unidos a Ele, uma união mais viva, mais vívida, quando entramos em Sua Igreja, quando nos ajoelhamos diante de Sua presença real no Pão e no Vinho, espécies que Ele escolheu como seus veículos através dos quais Ele pode se manifestar aos nossos sentidos externos.

[4] Colossenses 1:27

Da mesma forma que esta é uma Presença mais íntima que está sempre conosco, também temos uma efusão extraordinária de poder em determinados momentos e ocasiões. Há definitivamente uma força maior e mais assimilável em um nível universal em dias como o Natal, a Páscoa, a Ascensão, o Pentecostes, e o Domingo da Trindade. Cada uma dessas festividades tem seu próprio caráter especial. O Natal é uma oportunidade verdadeiramente grande para cada um de nós, porque há uma descida mais forte e definida do poder divino, justamente porque todos estão mais dispostos a recebê-lo.

É conveniente para o estudante descartar os velhos preconceitos e prejuízos, e fazer um esforço determinado para compreender o princípio subjacente a toda esta questão do derramamento desta força auxiliar dos planos superiores. Esse princípio é simples e científico, mas a maioria das pessoas precisa reajustar seu pensamento sobre questões religiosas antes de poder entendê-lo. Por mais maravilhosa que seja a força disponível para o auxílio espiritual do homem, é, não obstante, uma lei imutável e absoluta que nunca deve ser desperdiçada, mas usada de forma mais útil. Isso é válido para todos os níveis. No maravilhoso Sacramento da Sagrada Eucaristia temos o privilégio de invocar a ajuda dos grandes Anjos, e o ponto central de toda a cerimônia, a Consagração, é a atuação de Nosso Senhor através do Anjo da Presença; no entanto, todo esse enorme derramamento depende de nossa iniciativa. O fato de um sacerdote estar disposto a celebrar é o que concede a oportunidade, o que põe em movimento todo esse maravilhoso maquinário celestial; o que faz, podemos dizer com a mais profunda reverência, "digno" que nosso Senhor e Seus Anjos o façam. O Senhor Cristo é um grande oficial da Hierarquia e, como tal, está sempre derramando essas forças maravilhosas em Seu próprio elevado nível.

É um axioma que o trabalho mais elevado que pode ser feito é especial e essencialmente trabalho destinado a si mesmo. Por exemplo, aqueles de nós que podem trabalhar no mundo astral passam a noite tentando trabalhar como protetores invisíveis e auxiliar os enfermos e sofredores. Fazemos tudo o que podemos. Sem dúvida, um de nossos Mestres ou um dos grandes santos poderia fazer muito mais do que qualquer um de nós faríamos e ainda assim ele não o faz, porque pode fazer um trabalho cem vezes mais eficaz nos planos superiores, e o fato de que Ele pode fazer esse trabalho, indica que ele deve cumpri-lo, portanto, para ele, cumprir esse trabalho inferior significaria um desperdício de energia.

Se um homem se dá ao trabalho de se qualificar para um trabalho de pesquisa em uma grande universidade, obviamente seria um desperdício de energia colocá-lo para coletar frutos em um campo ou consertar uma rua, mesmo que ele pudesse fazer isso melhor e de uma forma mais inteligente do que as pessoas normalmente fazem, designadas para tais tarefas, mas obviamente é melhor para a comunidade que cada homem faça o trabalho mais elevado de que é capaz.

Isso sempre acaba sendo algo bom. Para o Instrutor do Mundo, que pode exercer muito mais poder do que qualquer outro dos Mestres ou santos, seria uma perda de tempo fazer o trabalho que eles estão habitualmente fazendo, porque Ele pode fazer obras muito mais importantes. Portanto, é o melhor que cada Mestre e santo faça o trabalho que é capaz de realizar, e que acima deles, o Instrutor do Mundo faz o Seu melhor trabalho, e aqui abaixo nós realizamos aquele trabalho que está dentro de nossa capacidade. Há apenas um ponto de vista que os Grandes defendem em relação ao trabalho: o máximo de trabalho possível deve ser feito nas condições mais econômicas possíveis, para que o poder possa ir mais longe.

O Senhor não se desviará da obra mais elevada que está fazendo, para fazer tudo o que pudermos, a menos que seja mais proveitoso numa ótica de progresso como um todo. Para que o mundo seja auxiliado, certo trabalho deve ser realizado tanto nos níveis inferiores quanto nos superiores. Para Ele, forçar Seu poder no mundo abaixo significaria um grande dispêndio de Sua energia, e economicamente o resultado produzido não “valeria a pena para ele”, se é que podemos nos aventurar a dizê-lo. Ele poderia fazer muito mais com a mesma quantidade de força em um nível superior; Mas se lhe damos canais, "valeria a pena para ele" fazer o trabalho através de nós, porque uma pequena força de cima pode fazer muito aqui embaixo se prover de um canal.

Quando a congregação de uma Igreja oferece o amor, a devoção e o entusiasmo com os quais constrói o edifício eucarístico, os Grandes Anjos descem e prestam auxílio, porque o material já foi concedido. Essas coisas estão tão estreitamente equilibradas que, se tivessem que fornecer o material no plano inferior, isso lhes causaria uma grande reviravolta, porque seria necessário que descessem à matéria física com uma grande perda de energia. Mas se damos o material a eles, vale a pena intensificar; uma vez que eles o tenham elevado e acrescentado, o Cristo pode fundir Seu tremendo poder, desde que essas condições sejam atendidas, caso contrário, não seria econômico para Ele.

O que eu disse sobre o serviço eucarístico se aplica a todas as manifestações especiais da energia divina por ocasião das grandes festividades. No nível superior, a força divina é derramada em abundância e cumpre uma determinada função; Quando os homens estão preparados para aproveitá-las, “vale a pena” transmutar tão grande quantidade de força para aplicá-la em um nível inferior. Deste modo, vemos que a iniciativa fica mais uma vez em nossas mãos; quando proporcionamos as condições, elas são aproveitadas mais facilmente.

Quando qualquer homem tem grande amor, grande devoção, grande bem-aventurança, ele envia o que é literalmente uma espiral de devoção e irrompe nos planos superiores e de lá uma resposta de amor e bênção desce sobre ele na mesma medida que seus sentimentos. Alguns, sem entender, podem dizer: "Por que esse derramamento não desce sempre?" Porque nem sempre estamos prontos para recebê-lo. Suponho que talvez na natureza tudo

pudesse ter sido organizado de forma que o Sol fosse forte o suficiente para dispersar e afastar qualquer nuvem possível. Não sei se isso teria sido muito conveniente para a agricultura. As nuvens não detêm toda a vitalidade e força derramada pelo sol, apenas detêm uma parte dela, e grande parte da sua luz, mas não detêm a força que mantém vivos os seus mundos; é o mesmo com nosso Senhor. Quando um homem rompe as nuvens que ele mesmo construiu, pode receber esta efusão da bênção divina, caso contrário não poderia recebê-la, seria imposta a eles pela força e não é assim que Deus trata o homem. Ele nunca se impõe a nós. E há uma boa razão para isso, se isso acontecesse, não ajudaria em nossa evolução. Esta é a lei e se queremos receber sua graça, devemos nos abrir à sua influência. Um indivíduo pode fazer isso até certo ponto; mas se milhares de pessoas se reunirem para esse fim, podemos ver imediatamente que uma grande oportunidade é oferecida para o derramamento de graça, força, poder e amor.

O Natal é um período em que tal conjuntura é imediata e mais eficaz; mas até que ponto podemos tirar proveito disso vai depender de vários fatores. Em primeiro lugar, quão profundamente o espírito do Natal penetrou em nossos corações. Se estivermos cheios da paz e da boa vontade para o Natal, a boa vontade de Cristo poderá nos alcançar.

Depende também de como aproveitamos o período do Advento, que é um tempo de preparação especial. Deveríamos ter tentado cultivar em nós certas virtudes, deveríamos reprimir certos vícios; se o fizermos, estaremos mais preparados para nos beneficiar dessa grande efusão de poder. E tenha a certeza de que este poder é real. O que às vezes chamamos de "Graça de Deus" é uma força tão real e definida quanto a eletricidade ou o vapor; mas essa força tem relação com a matéria superior. Dizer isso não significa materializar um conceito espiritual, mas sim uma tentativa de trazer uma grande verdade ao nosso entendimento, de torná-la clara e real para nós. Somos criaturas materiais: ainda temos corpos, não apenas o corpo físico que todos conhecemos, mas também o corpo emocional e o corpo mental. Pois eles também são materiais. Há um espírito que está por trás de tudo isso, um espírito que ninguém pode ver ou tocar, mas que ainda está acima de nós e quando percebermos isso perfeitamente, estaremos unidos a Cristo em Deus. Mas agora, e até então, vivemos em corpos e é por meio deles que devemos ser afetados. Portanto, para nos ajudar, o próprio Cristo diminui sua influência velando-a em formas materiais. Se assim não fosse, tal influência passaria acima e além de nós e seria como se não existisse para nós. É por isso que ele estabeleceu certos períodos, como o Natal, para que esta efusão de graça desça ao nível inferior e nos auxilie mais facilmente; Ele também usa certos lugares, como igrejas, onde pode aproximar-se de nós com mais rapidez e facilidade.

Qualquer homem, em qualquer lugar, pode se comunicar com o Espírito Crístico de acordo com a alma, que é o verdadeiro homem, que está em sintonia com o Espírito Crístico. Mas os lugares consagrados e magnetizados especialmente para o seu serviço, facilitam o trabalho, porque a sua influência

nos eleva a uma condição no qual possamos receber essa ajuda do alto. Devemos pensar nisso com bom senso e raciocínio, veremos que realmente deve ser assim. Uma igreja é um lugar construído especialmente para Seu serviço, e o Natal é uma das ocasiões mais fáceis de nos aproximarmos dele.

Procuremos, então, perceber que o dia de Natal representa uma oportunidade para cada um de nós, quando cantamos: "em nós nasceu uma criança, em nós uma criança nos foi dada", não estamos simplesmente repetindo uma antiga fórmula. Há realmente uma efusão definitiva dessa força divina para cada membro de Sua igreja e até que ponto podemos participar dela, a quantidade dela que podemos receber é limitada apenas por nossa receptividade. O Cristo é ilimitado e seu poder brilha em todo o mundo. O que cada um de nós pode receber é assunto nosso, está em nossas mãos. Vamos abrir nossos corações ao espírito do menino Cristo, ao espírito do Natal, e esse menino Cristo encherá nossos corações com sua alegria e paz.

Além disso, não devemos perder de vista que os preparativos não são realizados apenas por nós no plano físico, pois em todas as grandes festividades, grandes multidões de anjos se aglomeram ao redor de nossos altares e conseqüentemente a efusão é ainda maior. Todos os domingos, os anjos cercam cada celebração porque um certo grupo dessa gloriosa ordem assumiu como tarefa específica dispensar essa força em relação à igreja cristã; mas nos dias como o Natal, Páscoa, Ascensão ou Pentecostes, não apenas esse grupo está ativo, mas quase todos os anjos se concentram nesta área particular de trabalho. Isso naturalmente acontece não só na religião cristã, mas também em outras religiões, por exemplo na época do grande festival de Wesak, dos budistas, diz-se que quase toda a hoste celestial está concentrada naquela época, no trabalho relacionado para esse festival. Assim, é observado que há boas razões para nossa Igreja enfatizar a importância de observar os períodos eclesiásticos e no breviário da Igreja da Inglaterra um pedido especial é feito para que todos os fiéis comunguem pelo menos três vezes por ano, dos quais a Páscoa é uma das festividades.

7. E, finalmente, há um aspecto do Natal como um momento de alegria, além do seu aspecto religioso, se é possível uma separação. Este é o aspecto relevante nas obras de Charles Dickens, que sempre o descreve como a festa da boa camaradagem. O mundo de língua inglesa deve muito a Dickens pelo que ele ensinou sobre o Natal.

É um tempo de paz para os homens de boa vontade, e certamente então tentaremos ser tais homens; e é notável quantas pessoas alcançam seu objetivo. Esse espírito natalino é algo maravilhoso, esse verdadeiro sentimento de fraternidade que se espalha naquele dia. Há uma maior boa vontade, maior amabilidade e companheirismo, uma verdadeira fraternidade no dia de Natal do que no resto do ano. Não deveria existir apenas para o Natal, é claro; deveria existir sempre esse sentimento, pois devido a estarmos oprimidos pelo barulho e tumulto mundano, uma vez que ainda não podemos sentir todo o tempo aquele

nobre sentimento natalino, é bom que haja pelo menos um dia em que todos concordam em senti-lo, quando todos procuram chegar o mais próximo possível daquela fraternidade que deve existir o ano todo. Com toda a segurança é conveniente que procuremos compartilhar nossas alegrias com os outros, e que nasça o bom hábito de que os pobres ou necessitados sejam auxiliados, no dia de Natal, para a realização da grande fraternidade humana; porque nossa alegria no Natal só pode ser perfeita quando compartilhamos com outras pessoas que estão em circunstâncias menos favoráveis que as nossas.

Portanto, deixemos o Natal entrar em nossos corações e em nossas almas, e vamos tentar, cada um de nós, sentir o que os anjos cantaram há tanto tempo, primeiro "glória a Deus nas alturas" e depois "paz na terra e boa vontade a todos os homens."

CAPÍTULO III

O DIA DE ANO NOVO

Não há nenhuma razão especial para que o dia primeiro de janeiro seja escolhido como o início do ano, mas é o dia geralmente adotado por todas as nações que herdaram a grande civilização romana. Budistas e hindus escolheram um dia totalmente diferente; na verdade, um dia pode ser entendido como outro, porque o tempo todo a Terra se move em um ritmo constante em sua órbita ao redor do Sol e não há razão para escolher, dentro dessa linha elíptica sem fim, como ponto de partida um ponto de preferência a outro, a menos que seja talvez o afélio, o ponto em que a Terra, tendo alcançado sua maior distância do sol, volta-se e começa a se aproximar novamente.

Estritamente, o dia de Ano Novo não é uma festividade eclesiástica. Em nossa Igreja, o ano começa no Domingo do Advento, e no dia Primeiro de Janeiro consideramos simplesmente a Oitava de Natal, porque não comemoramos a suposta circuncisão. Em alguns dos festivais, a efusão de força é tão grande que não pode ser dispensada adequadamente e não pode ser utilizada em um único dia; é por isso que a Igreja adotou o plano de dedicar uma semana a esses festivais. É comemorado até o oitavo dia após a celebração, e esse período é chamado de "oitava", e qualquer dia que caia nessa semana é considerada "dentro da oitava".

Na Idade Média, em cada grande festividade eclesiástica os negócios eram suspensos e aquele dia era observado conforme o que se julgava mais adequado. Em alguns países isso ainda é feito hoje, mas são países que não possuem tanta riqueza material e tanto desenvolvimento. A maioria das nações vive precipitadamente, vidas excessivamente materialistas, sem fôlego em uma louca corrida por riquezas, incapaz de parar suas máquinas em intervalos irregulares; no entanto, eles tiveram que admitir, embora com relutância, que uma pausa semanal nas atividades é necessária e, nos países cristãos, ela ocorre aos domingos; e muitas vezes é apenas nesse dia que as pessoas podem assistir aos serviços religiosos. O plano para continuar celebrando um dia importante durante a semana dá a garantia de que o dia de domingo cairá na esfera de sua influência e, assim, oferece a cada membro da Igreja a oportunidade de participar, até certo ponto, da efusão especial de forças. Portanto, no dia de Ano Novo, o pensamento ainda está voltado para a grande festividade de Natal e tudo o que ela significa para nós.

Além disso, a Igreja está sempre pronta para aproveitar qualquer feriado civil no qual sua congregação esteja interessada, para dar sua bênção. E assim, todos os primeiros dias de um ano novo, nos reunimos na casa de Deus para adorá-lo e participar do grande sacramento por Ele ordenado. Certamente não há maneira melhor do que começar o Ano Novo. Sei bem que nas nossas cidades muitas pessoas têm que trabalhar muito e que os feriados são relativamente raros para elas e que aproveitam um dia de folga para descansar e tomar um ar puro; acredito, porém, que aqueles que se reúnem na Igreja farão bem em começar o ano dedicando-o ao Senhor. É conveniente que reservemos

um pouco de tempo para ir a Ele e expressar nossa gratidão pelo passado e nossa confiança no futuro.

A maior parte das pessoas que pensam seriamente no Ano Novo o consideram uma ocasião para fazer boas resoluções, como uma espécie de inventário mental e moral, para observar retrospectivamente as resoluções tomadas no início do ano transcorrido: geralmente temos que nos lamentar um certo abismo entre o que decidimos fazer e o que realmente fizemos. Tal contemplação é, sem dúvida, muito saudável, mas é inútil perder tempo em vãs lamentações ou arrependimentos. É bom observar os erros, mas não lamentar-se deles. Um dos nossos Grandes Mestres disse:

"O único arrependimento válido é decidir não cometer o mesmo erro novamente."

Ao fazer nossas resoluções para o novo ano, nós, como católicos liberais (e, portanto, sinceros estudantes do Plano Divino), não devemos nos esquivar de fixar nossos olhos no objetivo final que nos é proposto. Todos nós sabemos que é nosso dever progredir. Sabemos que devemos melhorar à medida que crescemos. Existe um poderoso esquema evolutivo do qual fazemos parte. Todos nós viemos de Deus e para Deus todos devemos retornar. Às vezes as pessoas se perguntam por que, nesse caso, precisamos lutar tanto para nos desenvolver. Se éramos divinos no início da evolução, podemos ser mais divinos no final dela? Existe progresso real? Sim, existe, porque viemos de Deus na forma de uma nebulosa, por assim dizer; saímos dele como meras faíscas, embora faíscas divinas. Devemos retornar a Ele como grandes e gloriosas luzes, como verdadeiros sóis irradiando Sua glória sobre tudo o que nos rodeia, concedendo ajuda e bênção àqueles que encontramos em nosso caminho. Voltamos ao mesmo Deus de quem surgimos, mas voltamos a Ele em um nível infinitamente superior.

Se pudéssemos imaginar um esquema (e isso pode ser aplicado a tudo que se conhece) pelo qual cada uma das células do nosso corpo pudesse evoluir individualmente para se tornar um homem, ou seja, para se tornarem almas humanas, não poderíamos dizer que ao chegarmos ao estágio humano essas células não progrediriam porque no início da peregrinação já eram células humanas; devemos antes reconhecer que seu progresso foi enorme e surpreendente. Esta é apenas uma analogia muito grosseira, mas há alguma verdade nela, porque há muito mais diferença entre o que fomos e o que seremos, e poderíamos muito bem ter sido células de algum veículo divino em alguma encarnação ou manifestação.

Devemos retornar a Ele verdadeiramente como deuses. O objetivo desta estranha e poderosa evolução foi expressa assim pelos Gnósticos:

“Deus é Amor - diziam eles - mas o amor em si não pode ser perfeito a menos que haja quem prodigalizar e que por sua vez possam retribuir; portanto, o próprio Deus pode se expressar de uma maneira mais perfeita e plena quando nos elevamos ao Divino; quando Ele pode derramar sobre nós o esplêndido fluxo de Seu amor, e nós, embora mais modestamente, possamos retribuí-lo. "

Nosso avanço é necessário para que a evolução deste grande sistema do qual fazemos parte seja perfeito; portanto, devemos definitivamente fazer algum esforço em conhecimento e caráter a cada ano que passa.

A maioria de nós é formado por empreendedores e estamos ocupados o tempo todo; mas em nenhum momento devemos acreditar que por isso mesmo não temos oportunidade de evoluir. Enquanto trabalhamos, estamos em contato constante com diferentes pessoas e nossa atitude para com elas é de extrema importância. Podemos tratá-las bem, sermos amigáveis, corteses e gentis ou então, talvez os tratemos de forma indiferente e egoísta, sem o devido respeito pelos seus direitos e sentimentos. É verdade que à medida que nos comportamos, positiva ou negativamente, vamos melhorar ou piorar conforme o caso. É na vida diária que temos a maior oportunidade de mudar nosso caráter. Muitos confessaram ter um péssimo temperamento lamentando-se, mas considerando-o um fato da natureza que não podem alterar. Eles pareciam pensar sobre aquele ponto como se fosse algum tipo de animal perigoso que deviam conservar e tirar o melhor proveito. Sem dúvida, existem homens dotados de mau humor e facilmente irritáveis; mas não porque seja natural ter um temperamento ruim, mas nesse caso o corpo emocional ou astral de uma pessoa gosta de excitação e agitação e deseja comportar-se assim. O corpo astral tem vida própria e, para seus próprios fins, incita o homem à irritação. Não é que seja mau ou que queira nos prejudicar - é duvidoso que reconheça nossa existência, mas porque deseja ativar seu entorno para obter a agradável excitação que as vibrações rápidas e turbulentas oferecem. Se descobrirmos que somos irritáveis, isso significa que em vidas anteriores cedemos a essa emoção; não o enfrentamos e não percebemos que devemos controlá-lo. No entanto, nunca é tarde para fazer uma mudança. Porque em outras vidas não compreendemos completamente que tínhamos o poder de controlar a emoção, ela tem um certo controle sobre nós e talvez um controle muito forte, mas não há razão para que não possamos começar o esforço para sujeitá-la.

Em um momento ou outro, devemos realizar esta tarefa, porque até que tenhamos terminado, nunca poderemos alcançar o que Deus providenciou para nós. Se temos cultivado um certo hábito, e possivelmente um mau hábito, nos últimos 20.000 anos ou mais, em muitas vidas passadas, levará tempo para rompê-lo por causa do impulso por trás dele. Apesar de tudo, devemos começar imediatamente a trabalhar nisso. Podemos falhar 100 vezes, mas devemos lembrar que há o mesmo motivo para levantar e continuar após a milésima falha como havia no início. Visto que a razão permanece exatamente a mesma, e somos pessoas sensíveis, devemos nos esforçar, nos levantar e seguir em frente. É inútil sentar e dizer que tentamos muitas vezes sem conseguir. Temos de o fazer: outros o conseguiram e por isso também o podemos conseguir, é só uma questão de determinação e perseverança.

Deixe-me explicar por que existe a garantia de que no final seremos vitoriosos. Por maior que seja a força gerada pelo hábito, deve ser uma quantidade limitada de força. Embora essa força tenha vencido há muito tempo, sua vitória não é ilimitada. Portanto, temos que lutar apenas contra uma

quantidade limitada de força. Não sabemos quanto resta. Ainda pode haver muito, ou nossos esforços o reduziram tanto que talvez estejamos prestes a derrotá-lo completamente. Estamos na mesma situação de uma pessoa que tenta cavar uma rota de fuga para escapar da prisão; Você nunca sabe quando o último golpe do pico abrirá uma saída e lhe dará a liberdade desejada, mas você sabe que esse momento deve chegar se persistir por tempo suficiente. Vencer o mal é perfeitamente possível. Isso pode e será feito. É só uma questão de quanto tempo vai demorar.

Que resoluções, então, devemos definir diante de nós para o novo ano? Parece um fato sugestivo que, como já disse, o Ano Novo seja o oitavo dia do Natal. Portanto, uma das resoluções pode ser tentar manter o espírito natalino durante todo o ano.

Se no Natal temos sido mais corteses, mais dispostos a ajudar, se temos sido mais amigáveis, mais atentos para ver o melhor e não o pior em todos e em tudo, vamos seguir a mesma atitude o resto do ano. Vamos ter os mesmos sentimentos, a mesma elevação, a mesma realização. Sou de opinião que muitas vezes nos parece que queremos ser fraternos, mas que os outros não querem fazer a sua parte. Se descobrirmos que é assim, nosso dever não muda; para haver desacordo, são necessárias duas pessoas: por isso continuamos com os nossos sentimentos fraternos; Se o outro não entender e não corresponder a nós, é problema dele. É realmente lamentável para ele, mas isso não deve nos afetar, como veremos se o observarmos com clareza.

Devemos sempre ter em mente que nenhum mal pode vir sobre nós, exceto de nós mesmos. Outros podem nos ofender ou falar mal de nós, podem nos atacar de várias maneiras, mas, afinal, isso não deve alterar nossos sentimentos, a menos que o permitamos. O que são palavras? É apenas o ar que vibra. Se nunca tivéssemos ouvido o que o outro disse sobre nós, não nos sentiríamos nem um pouco incomodados; Mas, à medida que descobrimos, ficamos irritados, ofendidos e magoados. Pense nos fatos como eles realmente são. Alguém calunia você; ele fez a parte do diabo porque o diabo é o acusador de seu irmão, ele derramou sua gota de veneno e fez o que estava ao seu alcance para envenenar a doce brisa de Deus; Mas se você nada sabe sobre isso, seguirá seu caminho serenamente, o crime desprezível do outro te deixa indiferente. Mas se a falsidade chamar sua atenção, você ficará chateado. O desajeitado não fez mais agora do que antes, isto é, no caso anterior, quando você estava sereno; a mudança agora está em você e o erro que você cometeu é permitir-se dar importância, lembrar e ruminar sobre algo que deveria ser esquecido.

O Senhor Buda ensinou que a reta memória é um dos passos do Nobre Caminho Óctuplo que leva à bem-aventurança. Cada uma dessas etapas tem muitas interpretações em diferentes níveis de pensamento; Mas o significado mais claro da reta memória é que devemos reconhecer o que é importante lembrar e o que devemos esquecer. Teoricamente devemos ser capazes de controlar nossa própria memória, ou seja, lembrar o que é útil e agradável e

esquecer o que é inútil e indesejável. Esquecer verdadeiramente, como se a calúnia maligna não tivesse sido falada ou como se nunca a tivéssemos ouvido. Eu sei que é difícil de cumprir, não porque o Eu real, a alma, deseja se lembrar de tal abominação, mas porque o corpo astral, um dos veículos que devemos controlar, gosta de um pouco de excitação e tenta preservar uma atmosfera tempestuosa. Devemos reconhecer esse fato, observar calmamente aquele veículo indisciplinado e dizer: "Não, não vou permitir que você altere meus planos. Pretendo manter o Ano Novo livre de sua interferência, tanto quanto possível. Recuso-me a ficar com raiva com a ignorância de um homem que disse coisas hediondas e estúpidas." O ignorante sempre diz alguma bobagem sobre todos e isso não importa no mínimo, exceto para eles, porque cria um carma muito ruim.

Vamos fazer deste Ano Novo um longo Natal, para que o Cristo nasça verdadeiramente em nossos corações, para que nunca mais nos sintamos anticristãos. É um elevado ideal que colocamos diante de nós mesmos e, claro, às vezes o esqueceremos. Mas vamos seguir em frente e perseverar até fazermos isso. Supõe-se que seja uma característica de nossa raça apegar-se obstinadamente a tudo o que empreendemos até que seja concluído. Vamos demonstrar essa qualidade na religião como no campo de batalha, no esporte e no comércio. Vamos mostrá-la na vida real por trás de tudo isso, bem como no mundo exterior.

Durante o ano que se abre diante de nós, procuremos sinceramente levar tudo através de um espírito de alegria e amabilidade, sem discutir, sem ofender-se, fazendo deste um ano de verdadeiro espírito fraternal. Atualmente, a maioria das pessoas vive em uma atmosfera de perpétua incompreensão dos demais, porque estão sempre atribuindo motivos sobre o que outros fazem e dizem. É um grave erro passar a vida presumindo que todos ao nosso redor estão constantemente pensando em nós e que tudo o que fazem ou dizem é calculado e de alguma forma relacionado a nós. A questão é totalmente diferente; cada pessoa geralmente olha em volta de seu próprio ponto de vista pessoal, e seus pensamentos, sentimentos e ações tendem a ser egocêntricos até certo ponto, mesmo que não sejam exatamente egoístas. Portanto, ao atribuir motivos a eles, muitas vezes lhes causamos grande mal; e fazemos isso pelo fato de termos cultivado uma mente separatista às custas de um senso de simpatia e união, a sabedoria intuitiva. O intelecto que discrimina é algo bom à sua maneira, e não quero dizer que temos em demasia ou que não devemos cultivá-lo; mas muitas vezes julgamos mal seu alcance e, portanto, exageramos tanto seu valor que não deixamos espaço para faculdades indubitavelmente superiores.

Que nossa prática constante seja observar os pontos de concordância e não os pontos em que discordamos dos outros; procuremos as pérolas e não as falhas; procuremos encontrar em nossos irmãos as qualidades de que gostamos, em vez de enfatizar as que não gostamos. Que cada ano seja para nós um ano de fraternidade, simpatia e compreensão mútua, porque agindo assim teremos a mais ampla garantia de que será um ano feliz, não só para nós, mas também para todos os que nos rodeiam.

Parece haver mais necessidade do que o normal para essas altas resoluções neste período da história mundial. Já se passaram quatro anos em que sentimos pouca alegria, visto que estávamos no meio de uma grande guerra mundial[5] e a única coisa que tínhamos para encorajar nossa firme fé era que no final tudo acabaria bem. Alguns de nós sabiam qual seria o fim, mas para aqueles que não sabiam o que iria acontecer, as perspectivas devem ter parecido sombrias e incertas. De repente, dramaticamente, o fim desse conflito veio, e só isso é algo pelo qual podemos ser gratos, e quando vemos o que aconteceu, temos boas razões não apenas para agradecer ao nosso Senhor, mas para confiar Nele, que no futuro também resultará bem, que embora às vezes surjam nuvens negras, ainda assim a luz de Sua glória sempre triunfará no final sobre eles, e haverá progresso, porque essa é a Sua Vontade e, a longo prazo, Sua vontade será feita na terra como no céu. Portanto, temos bons motivos para olhar para a frente com confiança e alegria.

Lembre-se também, se obtivermos uma gloriosa vitória, se recebermos grande encorajamento naquele momento, também recebemos sérias responsabilidades. Hoje existe uma oportunidade incomparável de reorganização de muitas maneiras diferentes. Esses anos que estão imediatamente à frente inauguram uma nova era, na qual, espero, os homens aprenderão a ser menos mesquinhos, menos egoístas, a ter uma visão mais ampla, a agir não por si mesmos (nem mesmo por aquele eu ampliado que é chamado de uma união, um grupo de pessoas que pertencem a uma ocupação, ou a um comércio) mas para toda a comunidade, não para uma classe ou partido, mas para todos.

Muito do sucesso desse futuro, muito do quanto os homens aproveitarão essa oportunidade que está diante deles, dependerá da maneira como pensamos, falamos e agimos. Talvez poucos de nós tenham qualquer influência direta, ou seja, no papel de políticos e líderes partidários. Mas essas pessoas, afinal, são escolhidas por nós por meio de outras pessoas. Temos algo a dizer sobre isso e podemos usar nossa influência, não apenas pelo voto, mas pela palavra e por escrito, pela persuasão e pelo exemplo. Podemos aprender a ser altruístas, e o simples fato de vivê-lo, tanto quanto pudermos, tanto quanto pregamos, fará com que aqueles que nos rodeiam percebam a importância de nossas palavras. Cada um de nós tem alguém que o está observando, alguém que toma nota do que ele faz ou diz. Qualquer que seja a nossa influência, procuremos nestes anos de reconstrução ser fraternos e utilizá-la para o mútuo entendimento e estima.

Existem milhares de pontos de vista diferentes, existem pessoas cujas ideias sobre qualquer assunto são diametralmente opostas às nossas. Parece que o instinto natural da humanidade é desconfiar dessas pessoas e não gostar delas, e esse sentimento de desconfiança e repulsa se transforma em ódio quando se trata de ignorantes e incultos. Assim nasce aquela coisa horrível que chamamos de consciência de classe, quando uma classe tem um preconceito

[5] Trata-se da Primeira Guerra Mundial.

louco e indiscriminado contra outra classe. Não podemos duvidar que, no passado, houve razões para uma classe desconfiar da outra, a história nos demonstra. Cada uma delas foi egoísta, cada uma trabalhou apenas para si. Vamos agora tentar cooperar tanto quanto possível e induzir outros a trabalhar nessa direção.

Ao longo dos séculos, um sistema de desunião, perpétua discórdia,mal-entendimento e suspeita foi posto à prova e não teve grande sucesso. Vamos agora experimentar o plano de confiar um pouco mais um no outro, vamos atribuir a cada ser humano as boas intenções que sabemos que temos. Cada homem significa muito no todo, certamente pensa primeiro em si mesmo, embora muitas vezes pense também na esposa e nos filhos, mas se a ocasião ou os fatos o apresentam, costuma sentir vontade de agir com sensibilidade e razão. Em muitos casos, os fatos não são apresentados a ele, apenas é apresentado a uma distorção da Verdade e por isso adquire a forte convicção de que todos estão contra ele, ou que ele está tentando fazer isso de uma forma ou de outra, e o resultado é que tudo isto nasce da confusão, da suspeita e do ódio e torna-se quase impossível chegar a um acordo.

Lutemos tanto quanto possível pela unidade e pelo progresso mútuo. Se os homens se entendessem, não haveria tantas diferenças. Claro, haveria muitas diferenças de opinião, mas não diferenças que levassem à desconfiança. Um grande francês disse certa vez: "Entender tudo é perdoar tudo." Se virmos alguém cometer algo horrível, extremamente impróprio, talvez algo perigoso para nós e para os outros, se entendermos exatamente por que aquele homem fez tal coisa, se pudéssemos ver essa ação como ele a viu; talvez não concordássemos com ele no mínimo, mas pelo menos o compreenderíamos e o perdoaríamos. Tudo devido de não darmos ao trabalho de nos entendermos que há tanto sofrimento neste mundo. Se cada um tentasse se colocar no lugar do outro, como um irmão realmente deveria fazer, saberíamos ser indulgentes. Poderíamos continuar a discordar, mas discutiríamos os assuntos com um espírito totalmente diferente, em um espírito que tornasse possível chegar a uma promissão, um entendimento para que pudéssemos viver juntos como irmãos e não como animais vorazes tentando dilacerar um ao outro. Que um dos nossos pensamentos de Ano Novo seja de fraterno amor e mútua compreensão. Procurando compreender, saberemos esquecer e, muitas vezes, ajudar. Em um dos livros dos antigos judeus é dito que uma vez que Abraão estava acampando no deserto, tarde da noite, um velho se aproximou dele e lhe pediu abrigo e comida. É claro que ele recebeu imediatamente, como era o costume entre os povos primitivos, mas quando se sentaram para comer, o estranho recusou-se a agradecer a Deus. Abraão, levantando-se irado, expulsou o homem sem lhe dar abrigo nem comida, alegando que não queria ter debaixo de sua tenda alguém que não cresse em Deus. Mais naquela mesma noite, Deus apareceu a Abraão em uma visão e disse-lhe: "Onde está o estrangeiro que mandei para que o hospedasse?" E Abraão respondeu confuso: "Senhor, ele não acreditou em Ti, recusou-se a agradecer e por isso o expulsei à noite." Mas Deus disse: "Eu suportei aquele homem por 70 anos, você não poderia aturá-lo uma noite?" Deus tolera todos nós porque Ele nos entende a todos. Até agora não podemos

entender como Ele faz isso, mas pelo menos podemos tentar e ter a certeza de que quanto mais próximo chegarmos de um entendimento e acordo, mais perto estaremos Dele e de Seu Espírito.

Portanto, que cada ano que começa seja um ano de amor fraterno e mútua compreensão. Aprendamos a cooperar com outras pessoas e já teremos dado um grande passo no caminho da unidade final. Só assim podemos esperar anos novos verdadeiramente felizes, não anos isento de dor ou nuvens passageiras, porque isso não poderia ser, nem seriam anos verdadeiramente felizes para nós, mas anos durante os quais nos aproximamos cada vez mais de Deus, que nos oferece essas oportunidades.

CAPÍTULO IV

A EPIFANIA

A festa da Epifania é uma das mais pitorescas de todo o ano cristão. Na descrição do acontecimento que se comemora neste dia, encontramos pela primeira vez as conhecidas palavras: “No Oriente vimos a sua estrela e viemos adorá-lo”. No Evangelho, isso é contado muito brevemente. Somos simplesmente informados de que alguns sábios do Oriente foram a Jerusalém perguntando onde estava o Menino que seria o Rei dos Judeus. Visto que os profetas judeus haviam predito que o Messias nasceria na cidade de Belém, os magos se dirigiram para lá. Diz-se que no caminho para aquela cidade, a estrela que os guiara de suas casas distantes apareceu-lhes novamente e indicou a caverna onde o Menino Jesus jazia. Então os sábios foram lá, adoraram-no e ofereceram-lhe ouro, incenso e mirra. Enquanto isso, Herodes, que na época era o Rei dos Judeus, ficou chateado ao ouvir que outro poderia reinvidicar sua posição. Como os sábios não voltaram para contar o que haviam visto, ele enviou alguns soldados a Belém e tentou garantir o afastamento de seu suposto rival ordenando o massacre de todas as crianças menores de dois anos. Enquanto isso, os magos foram avisados em sonho que deveriam evitá-lo e, da mesma forma, Maria e José foram avisados para tirar a criança de seu alcance.

Essa história, contada de forma tão simples no Evangelho, na velha tradição da Igreja, tornou-se mais brilhante, embora talvez menos credível. A palavra "magos", ou sábios, significa o que agora chamaríamos de "aqueles que estudam o lado oculto das coisas", e naqueles dias isso deve ter incluído conhecimento de astrologia: isso explica seu extremo interesse por uma estrela incomum. Segundo a tradição, eles não eram apenas homens eruditos, mas também reis, cada um governando seu próprio país. A lenda não é exata quanto à localização desses países, mas diz-se que os três reis se chamavam Melchior, Baltasar e Gaspar, e a tradição universal diz que o terceiro era negro, da África. Melchior e Balthazar deveriam governar os estados árabes, mas seja como for, afirma-se que cada rei viu esta nova e estranha estrela enquanto estava em seu próprio país e que decidiu empreender uma viagem para ver que evento isso poderia indicar.

Segundo essa lenda, foi apenas quando se aproximaram de Jerusalém, cada um com sua comitiva, que os três reis se encontraram e, presumivelmente, a chegada dessas comitivas, todas equipadas para a guerra, deve ter criado alguma dúvida e agitação. Quando estavam mais perto da cidade, Herodes enviou embaixadores para perguntar sobre suas intenções. Assim, a história continua, após terem respondido às suas perguntas, os três reis foram juntos a Belém com apenas alguns servos pessoais, deixando a maior parte de sua comitiva acampada perto de Jerusalém; cada um deles carregava muitos presentes caros para oferecer ao Rei recém-nascido. O relato prossegue dizendo que quando chegaram à caverna e viram o Menino, ficaram tão impressionados com o imenso magnetismo que experimentaram que ficaram maravilhados e, em vez de oferecer grandes quantidades de presentes, cada um

pegou de seu servo o que tinha a mais nas mãos, colocou aos pés do Menino e retiraram-se apressadamente. Assim aconteceu que Melchior apresentou um cálice de ouro, que segundo o mito foi preservado pela Virgem Maria e que mais tarde foi usado pelo próprio Cristo quando instituiu a Sagrada Eucaristia; enquanto Baltasar ofereceu uma caixa de ouro com incenso de uma espécie muito rara e Gaspar deu uma garrafa curiosamente entalhada contendo mirra.

A Igreja sempre interpretou o significado desses dons de forma mística: o ouro mostrava que o Menino era um Rei; o incenso representava Sua Divindade, e a mirra, sendo uma das espécies particularmente usadas nas sepulturas, simboliza profeticamente a morte pela qual Ele teve que passar. A lenda estranhamente interpreta a passagem do Evangelho onde se diz que os três Reis voltaram aos seus respectivos países seguindo outro caminho, diz-se que a Estrela apareceu-lhes no exato momento do Nascimento de Jesus e que mesmo assim chegaram em Belém apenas doze dias depois. Isso se explica dizendo que de uma forma um tanto milagrosa o caminho foi facilitado para eles e que, quando empreenderam a viagem de volta após a visita, descobriram que o retorno havia levado mais dias do que a viagem de ida. Cada um deles, como nos conta a antiga história, ficou profundamente impressionado com o que viu e que tal impressão foi permanente. Ao retornar, todos concordaram em renunciar aos respectivos reinos e se dedicar integralmente à vida religiosa. Diz a lenda que eles viajaram juntos por muitos países então conhecidos e presume-se que eles morreram em uma Colônia, onde seus túmulos ainda pode ser vistos. Que base pode ter esta história estranha e antiga, é impossível dizer agora; mas pelo menos há um pouco da beleza primitiva, e hoje nos interessa saber como esse festival era considerado na Idade Média. Como história, nada podemos garantir, mas simbolicamente é algo excepcional, porque aqueles que são verdadeiramente sábios, aqueles que entre as almas dos homens são verdadeiros Reis, sempre reconhecem o Grande Instrutor, quando Ele vem; eles o reconhecem e o adorarão, oferecendo-lhe tudo o que possuem e ajudando-o na tarefa que Ele veio cumprir.

Sejam eles reis ou não, pelo menos temos certeza que os sábios não eram judeus e, portanto, a Igreja sempre considerou este dia como a manifestação de Cristo aos gentios. É o primeiro símbolo da vida do Menino Jesus que mostra que a sua missão não era apenas para o seu povo, mas para o mundo em geral. O Instrutor do Mundo mostrou como seu título e posição são justificados desde o início de sua vida na Judéia, e entendemos que isso era necessário. Pois suponho que nunca houve uma raça mais exclusiva do que a judia, e uma vez que o Nascido era da linhagem de Davi, da qual muitos entre eles esperavam que o Messias prometido nascesse, eles teriam se sentido no direito de tê-lo apenas para si, se não houvesse desde o início uma indicação clara e definitiva de que Ele não viria só para eles, mas para todo o mundo. Ele mesmo nunca hesitou em declará-lo, ao longo de Sua vida, e é muito significativo que este fato tenha sido apontado desde muito cedo, ou seja, também aqueles que não fossem judeus compartilhariam Sua vida e Seu ensino.

Infelizmente, o Cristianismo herdou muito do Judaísmo. Eles formam uma raça magnífica e eu seria o último a desprezá-los e a menosprezar sua influência generalizada no mundo, mas o judeu de hoje não é de forma alguma o mesmo judeu da época de Cristo. Esta raça, como todas as outras, evoluiu de um estado primitivo até seu atual nível de civilização. Todas as nações seguiram o mesmo caminho, nós, de raça inglesa, temos o hábito de nos considerarmos tão bons quanto os outros, mas também tivemos um início evolutivo muito inferior. Nossos ancestrais não eram muito evoluídos, não há dúvida de que tinham suas peculiaridades e algumas virtudes, mas certamente não eram uma raça avançada. Outros povos se fundiram com eles e formou-se essa estranha mistura que hoje chamamos de raça inglesa. Junto com esses primeiros celtas vieram os saxões, os anglos, os jutos do continente, mas nenhum deles era muito civilizado. Disseram-nos que assavam bois inteiros e depois os cortavam em pedaços com as mãos e quando comiam bebiam muito. Eles não eram uma raça da qual se orgulhar. Eles tinham certas qualidades bárbaras, incluindo ser muito corajosa e tratar bem as mulheres não escravas. A esta mistura anglo-saxão-céltica juntou-se a raça normanda que já era um pouco mais civilizada antes de se juntar às outras, mas se lermos alguns romances da época medieval veremos que ainda faltava muito na cultura do nosso país.

Isso é o que aconteceu com todas as raças do mundo. A grande raça romana, tão orgulhosa de si mesma, teve sua origem em uma pequena tribo latina, pelo mesmo motivo não devemos hesitar em aplicar o mesmo aos judeus. No início, eles formaram uma tribo nitidamente bárbara. Basta ler suas Escrituras, nas quais sua história é contada, para perceber isso. Vemos que cometeram crimes horríveis, grandes massacres e numerosos sacrifícios sangrentos, cometeram todo tipo de crueldade, e de acordo com o que relatam, tinham a aprovação de sua divindade, o que mostra que essa divindade era um deus tribal e de forma alguma uma grande divindade.

Certas características dos judeus eram muito marcantes neles e uma das mais fortes era a ideia de ser o povo escolhido de Deus. Isso é algo que os cristãos herdaram daquela raça e foi lamentável. Se tivéssemos aceitado a Cristo como o Fundador do Cristianismo, sem tirar nada do Judaísmo, e tivéssemos apenas seguido Seus ensinamentos, certamente teríamos feito algo melhor em todos esses séculos. Teríamos tirado de nós as idéias de um Deus ciumento e cruel, que persegue até a 3ª ou 4ª geração se algo é feito que não o agrada. Cristo falou de uma maneira muito diferente, ensinando-nos um Pai amoroso e implorando que sejamos um com Ele, como Ele era um com Seu Pai; Ele não estava falando sobre ciúme, crueldade e horror.

Os judeus eram muito egoístas e pensavam que não havia salvação para aqueles que não pertenciam à sua nação. Os autores dos Evangelhos às vezes colocam palavras de significado tão limitado quanto suas próprias ideias na boca de Cristo, pois não devemos esquecer que eles também eram em grande parte judeus. Não sabemos muito sobre Lucas, mas sabemos que Mateus, Marcos e João eram judeus. O que foi dito sobre dar aos cães o pão dos filhos dificilmente pode ser as palavras do Salvador do Mundo. Em qualquer caso, a verdadeira

atitude do Cristo pode ser vista até mesmo no que é atribuído a ele nos Evangelhos. Lembremo-nos de quando ele disse “Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco.”, de forma alguma alude aos judeus, nem aos que o seguiram naquela encarnação, “É necessário que eu as conduza também. Elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor. " Ele falou muitas vezes de toda a humanidade e não apenas dos judeus.

O Cristianismo como um todo não aceitou o ensino de Cristo como Ele o fez. Como existe hoje, é mais obra de São Paulo do que de Jesus. Isso pode parecer estranho aos ouvidos de muitos, mas não é o caso daqueles que estudaram essas coisas, tenho certeza. Toda a teologia complicada, todas as questões sinistras sobre as quais tanto debateram nos Concílios Eclesiásticos, tudo isso pode ser encontrado em São Paulo. Não foram os ensinos de Cristo que criaram o mistério e os problemas; Ele nos ensinou uma religião perfeitamente saudável e se levarmos em consideração apenas o que Ele disse, não encontraríamos uma justificativa para o que está na teologia hoje.

Não cabe a nós dizer se São Paulo errou ou não ao tomar essa direção, mas pelo menos, nos pontos em que parece divergir do que disse o Mestre, podemos seguir o ensinamento de Cristo antes do de São Paulo. Este último não nasceu na Terra Santa, mas em Tarso e era cidadão romano pelo direito da família e, consequentemente, não estava tão imbuído da tradição judaica como São Pedro. Às vezes, os encontramos debatendo duramente, para não mencionar argumentando, sobre vários pontos sobre se as leis judaicas deveriam ser impostas aos convertidos cristãos. O mais conservador dos apóstolos gradualmente se afastou dessa posição e teve que reconhecer que o ensino de Cristo era para todos, mas eles chegaram a essa conclusão lentamente.

No cristianismo, ainda temos um forte traço dessa ideia judaica ancestral. Agora não vamos fazer dela uma questão de nacionalidade. Não nos aventuramos a dizer que apenas os ingleses ou os franceses ou apenas os italianos podem ser salvos, mas ainda assim muitos têm a tendência de supor que apenas os cristãos podem ser salvos e baseiam essa ideia tola em um ou dois textos que eles interpretaram mal. Mais de uma vez é dito que o homem só pode ser salvo pelo Nome de Cristo, que eles devem vir por Ele. É dito que Ele mesmo disse: “Ninguém vai ao Pai senão por mim”.

Mas quem pensa assim não entendeu que a grande ideia Crística é muito complexa e que nem sempre se refere a Jesus, mas a Cristo, o Instrutor (o Cristo que usou o corpo do discípulo Jesus), mas, às vezes, ao Cristo ainda mais elevado, o Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Sempre Bendita Trindade.

É absolutamente verdade que podemos nos tornar um com o Pai Onipotente, ser o primeiro com o Cristo em cada coração humano, porque "Cristo em vós é a esperança de glória" e não há outra esperança de glória para ninguém senão fazer surgir, despertar em si o Princípio Crístico dentro de si mesmo, tornar-se um com Ele e por Ele subir ao Grande Pai de todos. Certamente, somente por meio de Cristo o homem pode escapar da roda de

nascimentos e mortes e alcançar o nível em que pode ser Um com o próprio Deus. Esta é uma grande verdade, mas não significa, como muitos supõem, que se deve adorar a Deus apenas desta forma, por meio do nome exotérico de Jesus Cristo.

Os homens nem sempre compreendem que naqueles dias distantes o nome expressava poder; invocar corretamente o nome de qualquer Divindade significava chamar em auxílio o poder dessa Divindade e, portanto, era através do poder do Cristo interior, e somente por Ele, que o homem poderia alcançar o mais elevado. Isso não significa que você teve que trilhar esse caminho terreno específico para se chamar de cristão. Usamos a palavra "Cristo"; um francês ou italiano a pronunciaria de maneira diferente. Suponha que você estaria mais longe da salvação pelo fato de pronunciá-lo de uma maneira diferente? Suponha que Deus se recusa a responder porque é invocado por outro nome? Recusar-nos-íamos a responder ao pedido do nosso filho porque ele não consegue pronunciar o nosso nome corretamente? Dificilmente. Então, por que pensar que Deus é pior do que nós? Toda devoção sincera chega a Deus, qualquer que seja o nome que os devotos lhe dêem. Alguns o chamam de bon Dieu, outros o chamam de Shiva, outros Brahma ou Allah, e ainda outros o chamam de Ahuramazda. O que importa? As orações chegarão a Deus, o nome usado nada mais é do que uma forma feita de palavras.

É muito lamentável termos herdado essa ideia, de que nós como cristãos (deta vez, não como nação mas como religião) somos os eleitos a serem salvos, que todos os outros são intrusos que, no máximo, foram deixados à mercê de Deus. Esta expressão significa que é muito duvidoso que quem a usa encontrará alguma misericórdia.

Não é necessário assumir essa atitude pouco caridosa. Mesmo São Paulo, que era considerado muito rígido, não era tão fanático quanto alguns cristãos modernos. Isso é demonstrado pela fórmula especial com a qual ele começou suas epístolas (e isso não digo referindo-se à história da Igreja, mas sim pelos resultados das investigações clarividentes). Mas nós temos apenas um deles sobrando, a Epístola dos Hebreus e todos os comentaristas e estudantes da Bíblia estão totalmente seguros de que é a única epístola que São Paulo não escreveu! Ele começou com uma frase extraordinária:

"Antigamente, por meio dos profetas, Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos nossos antepassados, mas nestes últimos tempos ele nos falou por meio do seu Filho"[6]

Aqui você deve observar dois ou três pontos. Devemos colocar de lado a ilusão, se ainda persiste em qualquer um de nós, de que Cristo falava inglês. Ele falava o que é chamado de *Koiné*, o dialeto grego falado pelas pessoas comuns; não o aramaico, embora ele devesse sabê-lo, mas esse dialeto estava um tanto fora de uso, se o compararmos com o grego clássico. Só recentemente um grande número de novos manuscritos foi encontrado nesse dialeto. Até então se

[6] Hebreus 1:1-2

acreditava que o Novo Testamento era o único livro escrito nessa língua, mas agora sabemos que era a linguagem comum de um grande número de pessoas. Claro, Ele usou a linguagem peculiar da época e devemos descobrir o significado exato das palavras e não seguir cegamente aqueles que distorceram suas palavras para adaptá-las a dogmas preconcebidos, antes que se soubesse que essa era a linguagem comum.

"Deus falou por meio dos profetas." Eles interpretaram essa frase como referindo-se apenas aos profetas judeus, aqueles senhores sombrios que sempre irrompiam em invectivas contra os judeus. É possível que aqueles pobres judeus merecessem todas as coisas terríveis que foram ditas sobre eles, mas também não é agradável nem útil ler isso hoje. Existem passagens maravilhosas no Antigo Testamento, mas também há fragmentos que editores posteriores poderiam muito bem ter omitido e não teríamos perdido em demasia. Em grego, a palavra prophetai não significa apenas o que agora queremos indicar como "profetas". Qualquer pessoa que preveja ou dá sermões é chamada de "profeta". Quando os soldados, zombando, disseram a Cristo; "Profetizar", eles não lhe pediram para prever eventos futuros, eles queriam dizer: "Diga-nos algo." O verbo do qual a palavra é derivada significa "falar em voz alta" e também "prever o futuro", portanto, prophetai equivale a "pregadores" e nada mais.

Sem dúvida, São Paulo queria dizer:

“Antigamente, por meio dos pregadores, Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos nossos antepassados, mas nestes últimos tempos ele nos falou por meio do seu Filho”

Por Aquele que é uma manifestação especial do poder divino. Esses pregadores, por meio dos quais Deus falou no passado, foram o Senhor Buda, Vyasa, Zoroastro, Thoth, Orfeu, todos grandes fundadores de religiões. Eles também foram manifestações do mesmo Instrutor Todo-Poderoso, mas também mensageiros de Deus, naqueles outros tempos e para aqueles a quem foram enviados.

Felizmente a humanidade é diferente; este seria um mundo pobre se fôssemos todos iguais Nos sucessivos estágios de evolução e nos vários países, os homens diferiram demasiadamente. Cada um desses tipos e classes recebeu religiões apropriadas, cada um por meio de seu próprio "pregador", mas todos eles apontam para o mesmo padrão, todos eles ensinam exatamente o mesmo sistema de comportamento. Os nomes que dão às coisas diferem, mas devemos entender que os nomes são como rótulos exteriores e que não importam. Todos eles nos dizem que o homem "bom" é aquele que não é egoísta, o homem caridoso, o homem bom e gentil; todos eles nos dizem que ações ofensivas contra outras pessoas, crime, roubo e todos os tipos de ultraje são crimes terríveis. Seu ensino é idêntico, mas é oferecido em termos diferentes de acordo com as necessidades do momento. São Paulo também nos diz que Deus falou muitas vezes aos nossos pais que certamente eram “gentios” e não judeus, e agora, nestes últimos dias, ele nos falou através desta manifestação especial à qual dizemos “Seu Filho”.

O Cristianismo é um dos grandes caminhos para a montanha de Luz no topo da qual o próprio Deus está sentado. É uma das trilhas, mais uma, e se tivermos um grande número de pessoas ao redor da base da montanha, para cada homem o caminho mais curto para o topo é aquele que se abre na sua frente. Seria tolice acreditar que devemos ir e arrastar um homem ao redor da montanha para fazê-lo seguir nosso próprio caminho. Os esforços que fazemos para converter pessoas de outras religiões e outros cultos são desnecessários e malsucedidos. Mas o que é feito para levar o conhecimento de Deus àqueles que o ignoram é uma ação grande e nobre; devemos pregar em palavras e atos nossa crença de que existe um Deus e que o único e mais seguro meio de conforto e paz em nossas vidas é viver como Ele gostaria que os homens vivessem. Esta é uma ação nobre. Mas tentar converter alguém que já é "bom" em sua linha para ser bom na nossa é uma coisa tola.

Se aqueles de outras religiões agirem como muitos dos nossos agem tentarão nos fazer adorar à sua própria maneira, certamente diríamos: "Qual é a utilidade disso? Temos nossa própria adoração. Por que devemos deixá-la para adotar outra?" Eles podem dizer o mesmo. Tudo é fruto da tola ideia de acreditar que o nosso é o único caminho. Pode ser o melhor para nós; mas por que não perceber que aquele que Deus colocou diante deles pode ser o melhor para eles. Foi Deus e mais ninguém que decretou que eles nascessem budistas, hindus, quando nos deu corpos cristãos. Como é que estamos aqui e eles ali? É devido à grande lei que é uma expressão da vontade de Deus. Que cada um esteja firmemente persuadido em sua própria mente, que cada um siga seu próprio caminho e não tente interferir nos demais. Todos conduzem ao topo, contanto que leve uma vida bondosa.

Não importa em que palavras o homem expressa sua crença; certamente alcançará a meta. Essa é a grande lição, creio eu, desta manifestação de Cristo aos gentios. A palavra "gentios" significa simplesmente estrangeiros, aqueles que não são judeus. Percebamos que existem muitas trilhas e que não cabe a nós decidir se uma é melhor que a outra. Não há dúvida de que nos parece assim, mas não é necessariamente o mesmo para os outros; e isso se aplica não apenas às grandes religiões, mas também às seitas.

Existem 300 seitas cristãs e talvez mais. Todos eles vêm de Deus. Vemos as vantagens de nosso método particular porque experimentamos constantemente sua ajuda. Nós da Igreja Católica Liberal, por exemplo, participamos do Santíssimo Sacramento e sentimos a esplêndida efusão de amor e força que recebemos por meio dela e pensamos: "Ninguém que não participe ou sinta isso pode fazer tanto progresso na religião." Isso é verdade para nós, mas devemos perceber que muitos outros podem estar em uma linha diferente e o que nos convém tão bem, pode não servir aos metodistas, por exemplo. Deixe cada um seguir seu próprio caminho. Podemos tentar aconselhá-lo sobre o nosso, já que o achamos tão bonito e útil, mas ao recomendá-lo devemos ser sempre caridosos por dentro e por fora. Não devemos dizer apenas com palavras: “Acho que o plano dele provavelmente é tão bom quanto o meu, mas é diferente”, mas devemos realmente sentir dentro

de nós que cada homem tem seu próprio caminho e não é assunto nosso tirá-lo dele e fazê-lo seguir outro caminho. Não devemos sentir que não está ao nosso nível, ao qual creio estarmos inclinados, se não prestarmos atenção. Cada homem pode obter auxílio em sua própria linha, seja hebreu ou gentio, que diferença isso faz? Igreja Alta[7], Igreja Baixa[8], todas procuram servir a Deus à sua maneira e é isso que temos que aprender. Dentro de nós temos belos sentimentos, devemos confiar que os outros também os têm. Assim, reconhecendo a paternidade de Deus, todos passaremos a nos sentir verdadeiros irmãos com todos os nossos semelhantes e este é o grande propósito de tudo, ou seja, que sejamos um em Cristo, qualquer que seja o nome que lhe dermos, como Ele é Um com o Pai. Sabemos que a Estrela do Oriente, cujo brilho celebramos na Epifania, foi considerada a bandeira e o símbolo de uma sociedade mundial chamada Ordem da Estrela do Oriente, da qual já me referi. Uma Ordem que pede especialmente a quem nela adere, que se dedique à tarefa de se preparar para a segunda vinda de Cristo, para que possa conhecê-lo quando Ele chegar e estar pronto para se oferecer ao Seu serviço. Esta Ordem não foi realmente fundada no dia da Epifania, mas cinco dias depois, em 11 de janeiro, mas, neste aniversário podemos muito bem ter isso em mente. O trabalho de seus membros é também tentar, tanto quanto possível, preparar outros também, induzir as pessoas que estão no meio do tumulto e da confusão do mundo, para ao menos prestar atenção a esta Segunda Vinda, que achamos que não demorará. Portanto, é muito bom que pensemos sobre isso. Aqueles de nós que estão profundamente interessados podem aderir a esta Ordem que existe para preparar o Seu caminho. Possui lojas em todos os países do mundo; publica muitos panfletos e livros, uma lista dos quais pode ser obtida em sua Sede Central, 314 Regent Street, Londres. Mas, se nos associarmos ou não, ainda pensemos clara e definitivamente o que faremos quando Ele chegar.

[7] A Igreja Alta é um termo que hoje pode ser usado para falar de pontos de vista dentro de várias denominações do Cristianismo em geral, mas tem sido tradicionalmente usado em igrejas associadas à tradição anglicana em particular. É frequentemente usado para descrever as paróquias ou congregações anglicanas que empregam muitas práticas rituais associados na mente popular com a missa católica. Os defensores da posição da " Igreja Alta " apontam que essas práticas têm a ver com a santidade e respeito por Deus, Jesus e a própria Igreja como o Corpo de Cristo. A Igreja seria, portanto, uma organização e a congregação em oração é acima de tudo católica no sentido de que está unida por meio de seu ritual à igreja "universal". Eles usam os termos "Igreja Alta" e "anglo-católica", mas não no sentido de defender uma união entre a Igreja Anglicana e Romana. N. do T.

[8] Igreja baixa é um termo distinto dentro da Igreja da Inglaterra ou de outras igrejas anglicanas, inicialmente em sentido pejorativo. Durante a série de desafios doutrinários e eclesiásticos pelos quais a Igreja da Inglaterra passou nos séculos 16 e 17, os escritores religiosos começaram a se referir à tendência anglo-católica na Igreja da Inglaterra como a "Igreja Alta". Em contraste, no início do século 18, os teólogos e políticos que buscavam mais reformas na Igreja da Inglaterra e maior liberalização da estrutura da Igreja eram chamados de "igreja baixa". O nome era usado no início do século 18 como o equivalente a latitudinário, ou seja, alguém disposto a dar muita latitude em questões de disciplina e fé, em contradição com o alto crente da igreja, que tinha um alto ponto de vista sobre a autoridade exclusivo para a igreja oficial, o episcopado e o sistema sacramental. Essas posições coincidiam com as dos puritanos não-conformistas e independentes da Igreja da Inglaterra. Mais tarde, caiu em desuso, sendo revivido no século 19, quando o movimento Tractário tornou o termo "crente da igreja alta " na moda novamente em um sentido diferente, isto é, para aplicá-lo àqueles que exaltavam a ideia da igreja católica romana e o sistema sacramental. N. do T.

Levemos aos nossos corações a lição da Estrela. Ao longo do Advento preparamo-nos para celebrar o nascimento do Menino Jesus e este culminou no Natal, quando refletimos sobre o que esse nascimento significa para nós e expressamos a nossa sincera gratidão por ele. Agora, este Festival, que acontece doze dias depois, tenta nos indicar que toda aquela alegria deve ser colocada em prática. Nós nos preparamos para a Vinda: nós a celebramos, agora, o que devemos fazer sobre isso? Como podemos compartilhar esta alegria com nossos semelhantes? Os três reis foram os primeiros pregadores cristãos; o primeiro a ir e proclamar ao mundo o nascimento do Rei recém-nascido, não de alguma província ou exércitos, mas Rei dos corações e almas dos homens. Diz a lenda que eles abandonaram tudo para proclamar a Sua vinda. Nós, hoje em dia, não somos chamados a fazer um sacrifício tão grande, mas certamente o que podemos fazer é dedicar nosso tempo e energia o máximo possível para tentar espalhar as boas novas. Não permitamos que negócios, trabalho e ambições mundanas interfiram entre nós e o Senhor, que virá repentinamente ao Seu templo. Estejamos prontos para reconhecê-lo e segui-lo, como os Sábios do passado faziam, e oferecer-lhe de todo o coração e totalmente o ouro do nosso amor, o incenso da nossa adoração e a mirra do nosso auto-sacrifício. Assim, repetiremos esses dons míticos em um nível espiritual superior, para que a Estrela não brilhe em vão para aqueles de nós que nos qualificamos para reconhecer Sua Vinda.

Pode ser muito cedo, então não seria sensato atrasar nossa preparação. Muitos não sabiam de Sua Vinda antes, todos os grandes reis da terra, os homens ricos, as pessoas mais intelectuais da Grécia, Roma e Egito não prestaram atenção a Ele em absoluto. Seus seguidores imediatos, se acreditarmos na história, eram uns poucos pescadores pobres, e outros como eles, sem nenhuma de distinção, nenhum de grande conhecimento, de elevada posição. Faremos o mesmo desta vez? Não o sabemos, mas pelo menos temos a atitude de o podermos reconhecer. Antes, houve um precursor que proclamou Sua vinda; desta vez, deve haver muitos milhares de nós tentando preparar o caminho do Senhor e endireitar Seu caminho. Certamente não pode haver mensagem mais nobre do que essa, não pode haver nada mais belo para nós do que nos colocarmos diante do mundo.

Algumas vezes poderia objetar-se: “Suponha que estejamos enganando as pessoas, afinal; suponha que Ele decida não vir ainda. " Bem, ainda assim, há algum mal em tentar preparar as pessoas para a Sua vinda? Se isso acontecesse, que por algum motivo conhecido apenas pelo conselho do Altíssimo, Ele adiasse Sua Vinda, ainda seria uma grande e nobre obra ter-nos preparado para recebê-Lo. Estaremos melhores e não piores por termos tentado nos colocar em uma atitude de receptividade para com essa poderosa influência, e nenhum mal pode nos fazer essa preparação, ao passo que se Ele viesse e nos encontrasse despreparados, não nos arrependeríamos por todos os séculos para vir?

Ele mesmo disse que antes de Ele voltar haveria muita confusão e muitos conflitos no mundo, que muitos iriam correr de um lugar para outro, e que haveria

muitos falsos Cristos erigindo-se em todos os lugares. Portanto, pode muito bem acontecer que muitos não o reconheçam ou não o sigam quando Ele vier. Na verdade, certamente haverá alguns que, em Seu próprio nome, se recusarão a ouvi-Lo. Eles dirão: “Cristo veio há dois mil anos; seguimos o ensino que Ele nos deu naquela época. Não podemos ser separados dele por qualquer outro ensino." E assim, em Seu próprio nome, e com um certo senso de lealdade a Ele, eles deixarão de reconhecê-Lo quando Ele retornar.

Isso não acontece conosco. Assim como uma estrela surgiu no céu e guiou aqueles três reis a Belém, há uma estrela que brilha diante de quem quer vê-la ainda agora, mesmo que não seja um fenômeno físico. Se foi realmente possível ver aquela estrela 2.000 anos atrás, ela deve ter sido vista por milhões de pessoas, mas apenas três foram aquelas que entenderam seu significado e o seguiram. Na história, nada é dito sobre se apenas aqueles três foram favorecido por essa visão. Não podemos dizer, mas pelo menos é certo que para todos aqueles cujos olhos interiores estão abertos, há indicações claras agora da proximidade da Vinda do mesmo do Grande Instrutor do Mundo mais uma vez. Podemos realmente dizer, como é dito que Ele disse aos judeus: "Há muitos aqui que não provarão a morte até que vejam o Senhor Cristo." Se Ele realmente disse isso ou não, não podemos dizer; parece improvável, porque Ele deveria saber. Mas agora, pelo menos, os sinais são claros; agora parece que a hora está próxima. Estaremos preparados para receber aquela grande Epifania de Cristo. Estejamos entre aqueles Reis Magos que esperaram por Sua Vinda, que O reconheceram quando Ele veio e estão preparados para colocar a Seus pés as dádivas de Seu amor, devoção e serviço. Realmente temos um evangelho para pregar, assim como o daqueles Reis Magos do passado. Cuidemos para que não percamos a maravilhosa oportunidade que nos foi oferecida, para que não falhemos no cumprimento de tão óbvio dever.

Não cabe a mim prescrever o que cada um deve fazer; cada homem fará o que puder à sua maneira. Mas pelo menos todo mundo definitivamente tenta fazer algo. Há muitas maneiras de trabalhar pela Estrela, mas isso é claro, tudo o que somos capazes de fazer por ela na forma de trabalho ativo, pelo menos devemos a ela esta tarefa: que devemos viver por ela. Aqueles de nós que pregam a Estrela para os outros certamente devem mostrar sua influência em nossas vidas diárias, sua sabedoria, sua força, sua alegria, sua paz, sua liberdade e sua bondade.[9] Nós que amamos a Estrela devemos ser nós mesmos como estrelas e ajudar a iluminar o mundo em que nos movemos, devemos tentar, cada um de acordo com sua habilidade, brilhar e mostrar com pureza, suavidade de coração e força, a luz que ela está dentro de nós. Desta forma, este dia se une aos que o precederam, porque não podemos exibir melhor a glória da Estrela senão perpetuando, ao longo do ano que se estende à nossa frente, a atitude de bondade e fraternidade que resolvemos cultivar.

No dia da estrela, deixe sua glória brilhar sobre nós, e recordemo-nos sempre que na mesma proporção em que partilhamos a Estrela, bem como todas

[9] Ver Starlight, de C.W. Leadbeater.

as coisas boas, com os nossos semelhantes, receberemos a sua bênção mais completa.

CAPÍTULO V

O BATISMO DE NOSSO SENHOR

Escolhemos o dia 15 de janeiro para celebrar o Batismo de Nosso Senhor. Não é que de alguma forma saibamos que é o aniversário desse acontecimento, porque, pelo que sabemos, a Igreja perdeu a data exata. O que é dito no Evangelho sobre o Batismo é que o próprio Jesus veio ao seu precursor, João Batista, e pediu-lhe para administrar este rito. João, em toda a sua humildade, naturalmente se opôs a isso e disse: "Eu preciso ser batizado por Você, e Você vem a mim?" Isso queria dizer: "Você é muito maior e muito mais desenvolvido espiritualmente do que eu, por que quer ser batizado por mim?" E Jesus disse: “Deixemo-nos agora, porque nos convém cumprir toda a justiça” (Mateus 3:14-15). E então ele recebeu o sacramento. O que ele evidentemente quis dizer foi: "Este é o sinal de um certo estágio. Nesta minha encarnação, devo também cumprir a lei, o curso normal para todos os que tentam alcançar os níveis superiores, e, portanto, eu, embora esteja além de tudo isso, no mundo externo devo cumprir com toda a justiça. Devo passar por todos esses estágios como qualquer ser humano. "Da mesma forma, se o maior dos santos renasceu na terra, deve passar por todos os sacramentos da igreja, pelo batismo e confirmação, embora possa estar muito além do que eles normalmente significam ou simbolizam para nós.

E assim Jesus passou por isso e, portanto, com seu exemplo perfeito, ele nos mostrou que nós também devemos seguir os ritos prescritos, não importa se sentimos além do que os ritos podem nos dar. É fácil para um homem ter esperanças. Houve quem dissesse: "Não preciso de nenhum sacramento externo, não recebo nenhum benefício de tais coisas." Talvez sim, porque todos sabemos que qualquer pessoa pode se aproximar de Cristo em qualquer nível, sem um intermediário. É possível, eles têm, embora muito raramente; pode não ser certo decidir precipitadamente que podemos passar sem toda a ajuda. Podemos ser grandes santos sem saber disso, mas é melhor nos salvaguardarmos.

Não se engane, qualquer homem, em qualquer estágio em que se encontre, e que direcione seus pensamentos para Cristo, ou envie sua aspiração a Ele, sem dúvida evocará uma resposta e tal resposta será a melhor para seu empenho. Mas o mesmo gasto de energia trará uma resposta maior se for enviada por meio de um canal já preparado pelo próprio Cristo para o seu povo e planejado para nosso uso por meio de sua Igreja. É muito mais fácil caminhar por uma rota cuidadosamente nivelada do que abrir caminho através dos obstáculos de uma selva sem trilhas, e quando o caminho já está lá, amorosamente proporcionado para um propósito especial, por que alguém deveria ser tão ingrato? E recusar-se a andar nele?

Se seguirmos os ensinamentos e ritos da Igreja, podemos ser confiantes de que nos farão um grande bem, mesmo que nos sintamos à frente de nós mesmos internamente. Porque, quanto maior é o homem, mais ele pode receber dos sacramentos e ritos da Santa Igreja. Portanto, podemos muito bem seguir o

exemplo de Cristo: "Deixemo-lo agora, porque nos convém cumprir toda a justiça." É um símbolo adequado e bonito.

É bom que, de vez em quando, direcionemos nossos pensamentos para a senda de desenvolvimento que se abre diante de nós. Devemos tomar nota das diferentes etapas e o que é exigido de quem quer dar esses passos e examinar-nos com frequência, verificando o quanto e em que medida nos falta ao que é necessário, porque embora possamos estar a alguma distância de tais possibilidades espirituais, pelo menos devemos tentar nos qualificar ao que está diante de cada um de nós. Talvez você possa dizer humildemente a si mesmo: "Não sou um grande santo, estou longe disso, tenho todos os tipos de defeitos e falhas." Não há dúvida de que todos nós os temos. Mas Deus não nos vincula a um tempo determinado. Não devemos pensar nesta curta vida como tudo o que nos é dado. Se assim fosse, seria verdadeiramente irônico dizer-nos: "Sê perfeito como o vosso Pai que está nos céus é perfeito." Como podemos ser? Sabemos o quanto nos falta, como podemos cumprir essa ordem? No entanto, esse mandato teria sido dado a nós se tivesse sido impossível para nós? Não é impossível, precisamente porque temos muito tempo pela frente para nossos esforços. Não precisamos perder um minuto, mas temos todo o tempo de que precisamos. Se não o conseguirmos nesta vida, voltaremos muitas e muitas vezes até o conseguirmos, exatamente como uma criança que vai à escola todos os dias, e depois de um dia de trabalho, volta para casa, tira a roupa que colocou para ir para a aula, ele deita e descansa. Da mesma forma tiramos a cobertura de carne, este corpo físico, e vivemos no corpo espiritual. E então saímos desse estágio de descanso e mais uma vez assumimos a vestimenta da vida terrena, o corpo físico.

Isso era bem conhecido na época de Cristo. Lemos que ele disse aos seus discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do homem?” Eles responderam: "Alguns dizem que é João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, Jeremias ou um dos profetas[10]". Depois, explicou-lhes que João Batista era Elias, portanto não poderia ser Ele. Disse-lhes: “Se vocês querem recebê-lo, é o Elias que havia de vir[11]”. E então Ele perguntou por quem eles achavam que era e Pedro respondeu: Simão Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo".[12]

Portanto, é claro que Ele sabia, e aqueles com quem Ele falava sabiam, que era possível que as pessoas voltassem em outros corpos. Também lhe foi perguntado, quando lhe trouxeram um homem que nasceu cego: "Quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?" Como um homem poderia ter pecado e nascido cego como punição por isso, a menos que o pecado tivesse sido cometido em alguma vida anterior? Eles entenderam claramente a doutrina da reencarnação, mas porque essa doutrina foi deixada de lado, muito nas escrituras e no Credo parece ininteligível para as pessoas. Devemos tentar recuperar esta antiga doutrina e apreender tudo o que dela se segue. A fé pode

[10] Mateus 16:13,14

[11] Ibidem 11:14

[12] Ibidem 16:16

ter sido entregue de uma vez por todas aos santos, mas isso não significa que foi totalmente compreendida por eles. Muitos avanços foram feitos no conhecimento de todos os tipos desde então; talvez na religião também possamos vir a compreender muito melhor o que foi dito por alguns deles.

Então, vamos observar esses diferentes festivais. Vamos tentar não apenas seguir essas coisas como aniversários, mas lembrar o simbolismo e compreendê-lo; e quando tivermos aprendido a lição que ela tem a ensinar, procuremos viver de acordo com essa lição. Se algum dia alcançarmos esses grandes estágios, devemos viver agora de modo a nos prepararmos dia a dia para esse estado cada vez mais próximo do estado de espírito semelhante ao de Cristo, o único que nos permitirá viver a vida que o Cristo desejaria que vivêssemos.

Devemos reconhecer desde o início que as exigências da vida espiritual são altas, e que nenhum homem pode esperar seguir seu Líder nesta poderosa escada da evolução, a menos que esteja realmente disposto a dedicar-se, espírito, alma e corpo com todas as suas forças para ele. Não é necessário que ele se aposente completamente do mundo. Esse tem sido um erro comum. As exigências do desenvolvimento espiritual superior são tão grandes que um homem pode ser perdoado se sentir que deve dedicar cada momento de sua vida a elas, e no passado isso foi feito em grande medida. Nas civilizações mais antigas e nas religiões anteriores, os homens quase sempre começavam a buscar a vida realmente mais elevada tornando-se eremitas ou monges. Um homem desistiu completamente do mundo; ele se entregou a uma existência de pobreza absoluta, castidade absoluta e autocontrole, e viveu totalmente na meditação superior. Às vezes havia uma pequena modificação nisso. Na religião budista, um homem que se torna monge não necessariamente dedica toda a sua vida à contemplação, mas enfaticamente a dedica inteiramente a fazer o bem. Em toda a história anterior do cristianismo, descobrimos que muitos de seus santos fizeram exatamente a mesma coisa. Eles se tornaram eremitas ou entraram em algum mosteiro, de modo que seu ambiente pudesse tornar relativamente fácil para eles viverem inteiramente para o espírito.

Para nós, nestes dias, uma tarefa mais difícil está definida. A grande tônica de nossa vida espiritual é servir. O mais alto serviço de Deus é servi-Lo na pessoa de nossos companheiros; e para que possamos nos dedicar a esse serviço, é necessário que permaneçamos no mundo, mesmo que não sejamos do mundo no sentido de que os assuntos mundanos são mais importantes para nós. Não devemos, portanto, nos sentir superiores ao monge ou ao eremita de outrora. Não é verdade dizer que alguém que saiu completamente da vida comercial comum do mundo pensou apenas em si mesmo e em seu próprio desenvolvimento. Tais homens ajudam muito na elevação do tom espiritual do mundo como um todo. Há muitas pessoas totalmente entregues aos negócios e aos prazeres; para equilibrar isso, certamente é bom que entre a raça humana haja alguns que dediquem todas as suas forças à vida mais elevada de meditação, e não devemos nem por um momento pensar que esses homens antigos foram necessariamente egoístas. Eles estavam inundando o mundo com

um tipo mais elevado de pensamento espiritual e sentimento devocional do que seria possível naqueles dias para homens comuns envolvidos em negócios. Nós não devemos de forma alguma pensar que essas pessoas não fazem nada; mas, como eu disse, uma tarefa mais difícil é colocada diante de nós - que devemos permanecer no mundo e ainda desenvolver essa natureza espiritual mais elevada, tanto quanto poderíamos ter feito se tivéssemos nos retirado completamente da vida comum.

Alguns podem objetar: “Mas isso é impraticável; como podemos ser tão mais fortes espiritualmente do que aqueles grandes homens da antiguidade?" A razão é que nós, alguns de nós, somos aqueles grandes homens da antiguidade, voltamos novamente em outros corpos para levar nosso desenvolvimento no seguimento de nosso Senhor Se alguns de nós conseguiram, naquela civilização mais antiga, viver a vida espiritual à parte do mundo, a força que ganhamos então nos ajudará agora a tentar viver a vida espiritual no mundo. Ainda podemos inundar esse mundo com pensamentos mais elevados e com o mais nobre sentimento devocional, mas também podemos ter a vantagem inestimável de estar entre nossos semelhantes e, portanto, exercer uma influência mais direta sobre eles. Novamente alguns podem pensar: ' "Isso é muito bom para um pregador ou conferencista; sem dúvida, ele exerce uma certa influência, mas o que podemos fazer? Vivemos uma vida bastante comum; temos que ganhar a vida, e temos que manter nossas esposas e famílias; como podemos lançar uma influência no exterior?'

Todo ser humano está fazendo isso, o tempo todo; quer ele saiba disso ou nunca pense nisso, ele está, no entanto, afetando a vida de todos aqueles ao seu redor, e não apenas pelo que ele diz ou faz; cada pensamento que ele pensa afeta outras mentes ao seu redor, cada palavra que ele pronuncia pode ser arranjada de modo a carregar um bom sentimento com ela. Um homem não pode estar sempre pregando; mas todos os seus pensamentos, palavras e ações devem ser de molde a derramar uma influência santa e semelhante à de Cristo sobre os que o cercam. Essa é a essência da vida espiritual; isso é o que cada um de nós, em seu nível e em seu grau, deveria estar fazendo.

Para atingir o nível da primeira grande Iniciação, o homem deve dominar seu corpo por meio de sua alma; ele deve providenciar que todos os seus sentimentos estejam em harmonia com o sentimento mais elevado. Quando chega o segundo dos grandes passos, o mesmo processo é levado adiante, e na segunda Iniciação, da qual este Batismo de Nosso Senhor é o símbolo, a mente do homem, e não apenas seu sentimento, é sintonizada com o Mente de Cristo. Este último ainda está infinitamente acima dele, é claro, pois nós somos apenas homens, e muito frágeis e humanos, enquanto Ele se eleva acima da humanidade como um Super-homem; mas, no entanto, nossos pensamentos devem estar ao longo da linha de Seus pensamentos. Assim como diz o homem que está começando a trilhar o Caminho: “Nestas circunstâncias, o que o Cristo teria feito? Deixe-me fazer o mesmo", de modo que o homem que passou desse segundo estágio deve observar seu pensamento a cada momento e dizer a si mesmo: "O que o Cristo teria pensado em um caso como esse?”

O mesmo grande pensamento existe em nossa religião como em todas as fés mais antigas. Todas as religiões são como lentes coloridas através das quais brilha a mesma luz; são todas declarações da mesma grande verdade; portanto, o que quer que seja encontrado filosoficamente declarado naquelas fés mais antigas também se encontra representado nesta, a última das grandes religiões. Por sermos cristãos, não precisamos necessariamente ser ignorantes, embora seja bem verdade que nos primeiros dias da Igreja a maioria dos cristãos era proveniente de pessoas incultas, e uma vasta herança de incompreensão chegou até nós desde aqueles tempos de ignorância. Cabe-nos agora acrescentar à nossa fé a virtude e o conhecimento da virtude, como disse São Pedro, para que, enquanto mantemos a mesma velha fé, possamos tê-la muito mais inteligentemente do que nossos antepassados, porque sabemos agora o que simboliza; assim, em vez de tomar como literalmente históricas afirmações que à primeira vista são incríveis, percebemos seu significado nesse poderoso mito do progresso e, portanto, aprendemos com elas em vez de nos forçar a aceitá-las sem compreensão.

Nunca mais um grande líder da Igreja dirá: *Credo quia impossihile*, que significa: "Creio porque é impossível'. Qual o significado disso? Pois deve ter um significado, e deve ter um lugar, ou não deveríamos encontrá-lo em nossa fé." Seria bom se os primeiros Padres da Igreja na religião cristã tivessem seguido o exemplo do grande Conselho dos Padres religiosos da religião budista. Quando aqueles homens se reuniram para formular a doutrina após a morte do Buda, encontrando muitas declarações curiosas e distorções de suas palavras colocadas diante deles, sua decisão foi: "Nada do que não está de acordo com a razão e o bom senso pode ser o ensinamento do Buda." Eu gostaria que os Padres Cristãos tivessem adotado essa mesma linha de pensamento; isso nos teria poupado muitos problemas.

Só quem viu uma das grandes Iniciações pode dizer quão bom é o simbolismo que a Igreja adotou para elas. O primeiro simboliza distintamente um nascimento; o Mestre que está agindo como Iniciador expande Sua aura, Seus veículos superiores, e envolve absolutamente dentro de Si o discípulo, e o discípulo surge quando entra em contato com um novo homem de muitas formas, de modo que pode realmente ser descrito como um nascimento. Na segunda Iniciação há um derramamento de força do alto que é apropriadamente simbolizado por um batismo – uma tremenda onda de poder do Iniciador sobre o Iniciado. É um verdadeiro batismo do Espírito Santo e de fogo, como o Cristo o descreveu; é uma inundação de fogo que é derramada, e sem dúvida tem a aparência de uma corrente de luz viva. Se nos dermos conta do significado simbólico de todas estas coisas, compreenderemos que formam uma sequência coerente, e que cada ano a Igreja assim nos apresenta o caminho que devemos percorrer, na esperança de que, contemplando-o, aprendamos a compreender e que então desenvolveremos dentro de nós mesmos os requisitos necessários para cada um desses grandes passos.

Não há mistério sobre esses requisitos; eles são dados em muitos de nossos livros. Eu mesmo fiz uma lista deles no final de meu livrinho Auxiliares

Invisíveis. Eu uso os termos orientais, mas encontramos os mesmos estágios no ensino cristão sob os nomes de Conversão, Purificação, Iluminação e Perfeição. A perfeição corresponde ao que é chamado no Oriente de Iniciação Arhat. São Paulo disse: "Falamos sabedoria entre os perfeitos"[13] - uma observação que não soa particularmente inteligente se tomamos a palavra em seu significado comum, mas é luminosa e clara quando sabemos que "perfeito" é uma palavra técnica para um certo grau nos Mistérios Cristãos. O significado é simplesmente "Falamos dos segredos do grau superior apenas para aqueles que obtiveram esse grau." Quanto mais pudermos desenvolver essas qualificações agora, mais fácil será nossa tarefa quando chegar o grande momento para nós, e mais cedo esse tempo chegará. Portanto, já deveríamos estar lançando as bases mesmo para o mais alto dos degraus do Caminho. Já deveríamos estar familiarizados com o que temos que fazer no desenvolvimento de nossos poderes internos, e devemos tentar fazê-lo em nosso pequeno caminho. Devemos tentar com todo o nosso coração, com toda a nossa mente, com todas as nossas forças.

Não que possamos ter sucesso imediatamente, porque é um trabalho de longa data. Essa evolução do homem continuou lenta e seguramente por milhares e milhares de anos no passado. Agora está começando a acelerar, porque o objetivo está chegando à vista - porque agora estamos começando a nos mover inteligentemente na direção certa, em vez de sermos simplesmente arrastados para cá e para lá por todos os tipos de correntes cruzadas. A evolução está se movendo o tempo todo, e quer participemos dela de forma inteligente ou não, estamos sendo constantemente levados para frente e para cima. Mas assim que começamos a compreender e a nadar por nós mesmos, em vez de ficarmos à deriva com a maré, nosso progresso se torna muito mais rápido, e podemos cooperar com compreensão na obra poderosa que Deus está fazendo por nós. Por isso, vale a pena tentar entender todas essas etapas.

A primeira Iniciação está principalmente preocupada com a conquista da idéia de separação e o estabelecimento do homem em uma base firme; a segunda Iniciação trata em grande parte do desenvolvimento de seus poderes e faculdades mentais e psíquicas. O efeito real desta Iniciação é uma enorme expansão do corpo mental. Quanto disso pode agir aqui no cérebro físico do homem é outra questão. Leva muitos anos para que o efeito completo dessa Iniciação se manifeste na vida inferior, e é um tempo de considerável tensão e até de perigo para o homem se ele não for muito cuidadoso em manter suas vibrações puras, altas e nobres. . Isso também é simbolizado no drama do evangelho, pois imediatamente após receber este Batismo, o Cristo se retira por quarenta dias para o deserto, para fortalecer-se e desenvolver-se — para ajustar os veículos inferiores ao que foi feito com os superiores.

Quarenta dias podem ser suficientes para um Cristo, mas para a maioria de nós quarenta anos estariam mais próximos da marca. Talvez menos do que isso, mas não muito menos será necessário que nos adaptemos perfeitamente ao desenvolvimento; mas o trabalho deve ser feito. Alguns não vão (ou

[13] 1 Coríntios 2:6

possivelmente não podem) se ajustar, e essas pessoas se partem. Para nos protegermos desse desastre, devemos aprender desde cedo a manter nossos pensamentos em um nível puro e elevado, a ser persistentes sempre em fazer o bem, a ter o único objetivo altruísta de ajudar o mundo sempre diante de nós, e não a deixemo-nos desviar dela por qualquer tipo de preconceito, ou por qualquer tipo de sentimento pessoal ou fraqueza de qualquer forma. Assim nosso avanço prosseguirá suave e firmemente, e progredir como deveríamos fazer.

Cada passo do caminho traz suas próprias dificuldades e sua própria tensão especial; mas cada passo do caminho também traz sua própria enorme ascensão de força para a alma - para o ego, o verdadeiro homem. O progresso é sempre gradual, sobretudo nesta fase de que falamos agora. Mas se o homem for bem sucedido, o que é tão belamente colocado diante de nós na Epístola para o festival do Batismo de nosso Senhor se torna verdade para ele. O Espírito do Senhor repousa sobre ele, porque ele é elevado a um nível superior; ele está agora mais em harmonia com esse Espírito e é um canal melhor para ele. Assim o Espírito repousa sobre ele, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza — de grande sabedoria, mas também de grande poder; o Espírito de conhecimento e de reverência ao Senhor. Essas são as características que devem ser mostradas através do homem quando ele atinge esse nível. Diz-se dele: "Ele não julgará segundo a visão de seus olhos" (isto é, após a mera aparência externa), "nem repreenderá segundo a audição de seus ouvidos" (isto é, ele não aceitará nada por ouvir dizer), "mas com justiça julgará os pobres, e repreenderá com equidade" (isto é, em nome de) "os mansos da terra".

Você notará que grande ênfase é colocada na justiça, gentileza, tolerância. Todas essas são as características do homem que está progredindo, do homem que está tentando trazer sua mente em harmonia com a mente do Cristo. Nos é dito em outro lugar em nossas escrituras: "Deixe que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus"[14], é isso que o homem deve estar fazendo neste estágio de seu batismo com fogo. Tanto o Cristo quanto João Batista usaram essa expressão, o Batismo do Espírito Santo e do Fogo, mostrando ser realmente uma frase técnica nos Mistérios, referindo-se ao tremendo derramamento de força divina que manifesta nessa segunda Iniciação ao homem que tiver a felicidade de alcançá-la.

A principal entre suas características, então, deve ser retidão, fé, justiça e, acima de tudo, cavalheirismo. Um grande poeta disse do Cristo que Ele foi o primeiro verdadeiro cavalheiro que já viveu. Todas essas coisas devem ser as características de nosso desenvolvimento no caminho. Diz-se do Iniciado que não ferirá nem destruirá em toda a montanha sagrada desse progresso superior. Não haverá mágoa, poder ou medo ou mesmo possibilidade de ferir os sentimentos ou a reputação dos outros. Mais cuidadosamente, mais habilmente, o homem que está se aproximando assim das coisas superiores ordenará sua

[14] Filipenses 2:5

ação, sua fala e seu pensamento, de modo que nenhum dano seja causado por qualquer um deles a qualquer criatura viva. Nas Escrituras hindus encontramos o ensinamento de que ahimsa ou perfeita inofensividade é a grande característica do homem desenvolvido; inocuidade não apenas no plano físico, mas também no emocional e mental - que o homem seja incapaz de causar dano, não apenas que ele tenha cuidado para não causar dano. Ele deveria ter alcançado o estágio em que só pode fazer o bem a seus semelhantes; e a razão pela qual ele só pode fazer o bem é dada nas palavras finais da Epístola - que o homem está "cheio do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar". Diz-se lá que a terra será tão cheia. Ainda levará muito tempo até que toda a humanidade esteja em tal nível, antes que absolutamente toda a terra seja reconhecidamente preenchida com a glória do Senhor. Na verdade, ele está cheio dessa glória mesmo agora, se apenas pudermos vê-lo; mas o que é indicado é uma condição em que todos os homens na terra perceberão isso, quando Sua vontade será feita na terra, assim como no céu.

Estamos longe disso; no entanto, talvez não estejamos tão longe disso como às vezes pensamos. Estamos apenas no final da guerra mais terrível da história do mundo, e embora essa guerra real tenha acabado e a justiça tenha triunfado, há uma imensa agitação social em todo o mundo, e não chegamos a um milênio ainda. Grandes mudanças vieram, e estão em processo de vir; certamente haverá no conjunto um grande movimento para o bem. Pode haver um tempo intermediário que será muito desagradável, enquanto as coisas ainda estão se acalmando. É o intervalo de reajuste, o vale entre duas ondas de evolução, mas de tudo isso, esperamos e acreditamos, virá algo maior do que já vimos. Até que ponto o melhor será feito disso depende de nós, bem como de outras pessoas. Um homem pode pensar: “Não sou uma pessoa importante. Eu tenho um voto certamente, mas é apenas um entre milhões." Não é esse o ponto. É verdade que o governo real de um país está nas mãos de seus políticos, mas qualquer tipo de constituição, qualquer arranjo funcionará bem, se o coração do povo estiver certo, e se eles tiverem sentimentos fraternos e amorosos uns para com os outros; e nenhuma constituição, por melhor que seja, funcionará satisfatoriamente se esses sentimentos e condições estiverem ausentes. – cada um de nós pode ajudar distintamente em seu próprio círculo para tornar possível que as grandes mudanças ocorram sem problemas, se ele seguir o ensinamento que aqui nos é dado pela Igreja.

É por isso que devemos nos educar e treinar para tomar parte na vida que está diante de todos nós. Este desenvolvimento espiritual, que às vezes parece um tanto distante e nas nuvens, não está realmente longe de nós, porque vamos conquistando essas alturas passo a passo, e devemos desenvolver todas essas qualidades em nós mesmos, dia a dia para que alcancemos o quanto antes o mais alto, para que por meio de nós o mundo inteiro possa ser ajudado. Aqueles que são clarividentes, aqueles que podem ver, sabem de fato como o mundo está intimamente ligado. O resto deve considerá-lo amplamente em evidências, embora certamente haja muitas evidências, mesmo para aqueles que não podem ver. Nenhum homem vive para si mesmo, nem por um momento; sempre ele está influenciando outras pessoas por seu pensamento, seus sentimentos,

bem como pelo que ele faz e o que ele é. Todo homem tem uma parte no trabalho do mundo, e todo homem deve tomá-la. E se vocês que se aproximam de Cristo seguirem a Cristo em seus pensamentos, palavras e obras, então o mundo estará pronto para adorar aos Seus Pés e segui-Lo para onde Ele o levar, quando (tão cedo) Ele virá entre nós mais uma vez.

Mesmo agora, em nosso estágio atual, podemos ter tanta participação nesta segunda Iniciação - que podemos tentar desenvolver nossas mentes; podemos tentar entender nossa religião de forma inteligente. Que então seja para você a lição deste festival. Devemos ser capazes de dar uma razão para a fé que está em nós. Devemos tentar entender o que significam os ensinamentos de nossa religião. Todas as religiões são iguais, na medida em que todas nos ensinam que o caminho da santidade é o único caminho para alcançar a perfeição final; mas nossa linha especial no cristianismo é tentar desenvolver-nos por meio do serviço aos outros, compreendendo a verdade das palavras que o próprio Cristo proferiu: “Se o fizestes ao menor destes Meus pequeninos, a Mim o fizestes."

CAPÍTULO VI

A TRANSFIGURAÇÃO

Na história da Transfiguração é dito que Cristo levou os três discípulos que estavam mais próximos a Ele em pensamento e mente até o Monte Tabor e depois foi transfigurado diante deles. Ele se mostrou a eles como o augoeides radiante – como o ego em seu corpo causal. E ali estavam duas pessoas típicas ao lado dele, homens que para os judeus representavam os dois lados de sua religião – o lado legislador, o lado de Moisés, que escreveu o Pentateuco, e o de Elias, que foi o primeiro e maior, eles consideraram, de seus profetas - seus grandes pregadores. Esses dois homens apareceram e ficaram conversando com Ele, assim como as materializações podem aparecer hoje; e então eles foram cercados por uma nuvem luminosa da qual veio uma voz que se supõe ter sido a de Deus Pai, dizendo: “Este é meu Filho amado em quem me comprazo; ouvi-o." Um fenômeno semelhante é alegadamente ter acontecido no Batismo de Cristo; e como é dito que o Espírito Santo simultaneamente se mostrou na forma de uma pomba, que o Batismo é muitas vezes mencionado como a única ocasião em que as Três Pessoas da Trindade foram vistas juntas. Alguns pensaram que todas as Três também apareceram na Transfiguração, sugerindo que a nuvem luminosa era neste caso uma manifestação da Terceira Pessoa. A história nos conta que quando a nuvem se dissipou, somente Jesus em Sua aparência comum como homem era para ser visto.

Quando lemos sobre o Cristo tomando Seus discípulos escolhidos (aqueles que estavam mais próximos a Ele, que tiveram, portanto, a oportunidade do avanço mais rápido, aproveitando-se ou não) e os conduzindo sozinhos a uma montanha, aqueles que estão acostumados com a simbologia oriental começam a ver imediatamente ao longo das linhas que nossos pensamentos estão sendo dirigidos. A montanha não é Tabor nem Hermon naquele plano interior; é o Monte da Iniciação – o Monte ao qual na Coleta para o festival da Transfiguração rezamos para que todos possamos vir, como de fato devemos; escalar aquele monte santo é, de fato, ser transfigurado.

Observe a descrição que é dada de nosso Senhor e daqueles que O assistiram. Diz que Ele foi transfigurado diante deles, e que Suas vestes eram brancas e brilhantes, e brilhavam como a neve. Isso sugere imediatamente o augoeides – o homem glorificado; e esse é o homem real, o ego. O corpo físico aqui embaixo brilha, na melhor das hipóteses, mas muito fracamente; o astral é naturalmente mais brilhante; o mental ainda mais brilhante. Mas no nível do corpo causal, o homem realmente parece um grande Anjo, pois esse é o corpo que passa de vida em vida. Nela nada do mal pode ser armazenado, porque essa é a lei da Natureza.

Esse corpo causal, que é o veículo da alma, é permanente desde o momento em que deixamos o reino animal até o momento em que nos tornamos super-homens, alcançando algo fora da humanidade comum. Ele é construído de matéria tão fina que não responderá àquelas vibrações mais grosseiras que sempre indicam o que aqui embaixo chamamos de mal. Um homem pode ter

muitos destes em seus veículos inferiores; ele pode sentir o mal, ele pode pensar o mal, mas o mal não pode prejudicar a alma interior, embora isso o atrase em seu progresso.

Suponha que encontremos um egoísmo bem desenvolvido no homem aqui embaixo, caracterizado talvez por orgulho e irritabilidade. Se formos capazes de olhar para seu corpo astral, veremos nele marcas claras dessas qualidades indesejáveis — o marrom opaco e sujo do egoísmo, o laranja forte do orgulho e o vermelho opaco da raiva. Se formos capazes de examinar o corpo mental, ainda veremos a mesma coisa; as cores já são muito mais claras e finas lá, mas ainda são as mesmas cores. Mas se olharmos para seu corpo causal, exatamente onde essas cores eram tão proeminentes no veículo inferior, encontraremos simplesmente um espaço vazio. Qual é então o problema com aquele homem? Por que ele é egoísta? Por que ele está orgulhoso? Por que ele está com raiva? Porque ele ainda não construiu em si as virtudes contrárias. Quando ele tiver construído em si o altruísmo, isso aparecerá em seu corpo causal, e então, se examinarmos os corpos inferiores, veremos a mesma cor vívida reproduzida ali. Mas enquanto o egoísmo estiver aparecendo nos veículos inferiores, isso indica claramente que o altruísmo não foi desenvolvido nos superiores. Se ele mostra raiva no inferior, então a paciência não se desenvolve completamente na alma. Se ele mostra orgulho no inferior, a humildade e o julgamento correto ainda não evoluíram como qualidades da alma. Mais feliz e felizmente para nós, todo o bem que podemos desenvolver em nós mesmos se registra permanentemente; o mal que aparece não pode se registrar de forma alguma. É verdade que o trazemos de outra vida, mas é porque trazemos o átomo permanente de cada um dos planos inferiores. A alma não pode registrá-lo e, consequentemente, toda vibração em direção ao bem é um passo dado permanentemente; cada deslize para trás é, pela lei da Natureza, uma coisa temporária. Somos afortunados, porque de outra forma, em nossas lutas anteriores em vidas selvagens, certamente teríamos construído em nós tanto mal que poderia ter levado muitas vidas, talvez até eras, para nos endireitar novamente.

Essa visão do corpo glorificado tem sido vista com frequência. Lemos histórias nas tradições da Igreja dos santos mostrando por um tempo o aparecimento de grandes Anjos. Podemos ver essas coisas com frequência em nossos cultos na Igreja se tivermos olhos para ver. Nós oramos em nosso Culto de Bênção para que Cristo abra Seus olhos em nós para que possamos ver essas coisas maravilhosas, essas esplêndidas formas brilhantes.

Essa Transfiguração está diante de cada um de nós. É para nós vivermos de tal maneira que aquele esplendor, aquela glória que habita dentro de cada um de nós mesmo agora seja capaz de se mostrar. Cristo disse ao Seu povo: "Vós sois deuses; todos vós sois filhos do Altíssimo." Ele não disse “Vocês serão deuses algum dia”; não “Vocês serão”, mas “Vocês são.” Vocês estão aqui e agora divinos; o espírito em vocês é uma centelha do Espírito divino. deixe-o mostrar e você ganhou aquilo para o qual você foi enviado aqui: “você realizou o propósito através daquilo que o fez homem”, como outro grande Mestre disse.

Assim, este festival nos transmite a lição de que cada um de nós é capaz dessa Transfiguração; que com o tempo virá inevitavelmente a cada um de nós, e que devemos ter esse grande fato em mente e viver de modo que possamos mostrar em nossas vidas externas a glória do Cristo que habita em nós.

Uma característica interessante do simbolismo é o que aproxima a comemoração da Apresentação de Cristo no Templo de Seu Pai no final da semana dedicada à celebração da Transfiguração. De acordo com a lei judaica, todo filho primogênito era santo para o Senhor e definitivamente era devotado a Ele como Seu sacerdote. Receio que tenham herdado a ideia de uma condição muito inferior de civilização em que o filho primogênito era oferecido como sacrifício; mas isso não aparece mesmo no momento da escrita da Bíblia. Lá é apenas dito que ele era santo para o Senhor, e que o pai e mãe, portanto, tiveram que comprá-lo de volta do Senhor, oferecendo outra coisa em vez dele. Eles deveriam oferecer um cordeiro, mas um cordeiro (embora não muito caro) estando ainda além das posses de alguns, eles foram autorizados a oferecer dois pombos em vez disso, e lemos no Novo Testamento como a Santíssima Virgem, pegando os dois pombos e a criança, foi apresentá-lo no templo, e apresentar-se também para a purificação da nobreza inigualável da maternidade.

É uma ideia estranha que a maior função do mundo para a mulher seja aquela da qual é necessário que ela depois seja purificada. Mas essa ideia atravessa muitas religiões. É forte no hinduísmo; um vestígio disso aparece nas Igrejas Anglicana e Romana no curioso serviço chamado Igreja das Mulheres. Na Igreja Católica Liberal, abandonamos o costume, porque não pensamos que uma mulher precise de purificação depois de cumprir o mais alto e nobre ofício aberto à humanidade, a provisão de um veículo para um ego em evolução. Mas ainda assim essa era a lei na Judéia, e de acordo com essa lei, quarenta dias após o nascimento de Jesus, a Santíssima Virgem trouxe seu filho para apresentá-lo ao Senhor. A história nos conta que Simeão estava no Templo na época, e em sua gratidão por ter visto o Messias prometido ele nos deu o Nunc Dimittis, aquele belo cântico que ainda usamos até o dia de hoje: "Senhor, agora, de acordo com a tua palavra, despedes em paz o teu servo; porque os meus olhos viram a tua salvação, que foi preparada diante da face de todos os povos, para ser uma luz para iluminar os gentios e para ser a glória do Teu povo de Israel."

Essa é a história externa; se é verdade ou não, não sei. Mas volte-se para sua simbologia; O que isso significa? Como já mencionei antes, toda essa simbologia tem pelo menos dois significados, e às vezes mais. Indica as etapas da vida do Iniciado, mas também as etapas da descida da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade à matéria, um grande sistema de cosmogonia, que é dado de alguma forma em todas as religiões. Infelizmente, em vez de tomar nosso próprio sistema do Credo, a maioria dos cristãos preferiu aceitar o dos judeus, consagrado nos dois primeiros capítulos do livro de Gênesis, que é muito menos claro do que é dado no ensino gnóstico da religião cristã.

Esta terceira Iniciação traz consigo um certo privilégio que é simbolizado nesta oferenda no Templo. Nesse passo, o homem muda completamente. O ego, a alma do homem muda, porque se aproxima da Mônada, a poderosa centelha divina que está em cada um de nós, ou melhor, paira sobre cada um de nós e aprende a expressá-lo, para que também sejamos deuses, como Cristo disse ao Seu povo. Então a personalidade, por sua vez, o homem que conhecemos aqui embaixo, é transfigurado nessa Iniciação, porque é trazido para um contato muito mais próximo com a alma. Assim, a operação é bem simbolizada como uma Transfiguração. Mas, nesse passo específico, o homem não apenas fica face a face com seu Pai que está nos céus (isto é, com o Deus que está dentro de nós), mas também fica face a face com a manifestação externa desse grande Pai. Ele entra em contato com o Representante aqui neste mundo que muitas vezes chamamos de Deidade Solar. Há uma grande Hierarquia governando o mundo e dirigindo-o. O mundo não está entregue a si mesmo; há "Homens Justos e aperfeiçoados" que ocupam certos cargos definidos no Governo interno e espiritual do mundo, assim como Ministros da Coroa ocupam cargos definidos em nosso Governo exterior aqui no plano físico.

Existe, então, um Rei espiritual um Líder na evolução para cada planeta. Referimo-nos a Ele nessa última Bênção, quando falamos Dele como o Único Iniciador, o grande Cabeça de todos os Santos pertencentes a esta terra. Agora é em nome daquele Rei espiritual que todas as Iniciações são conferidas, todos os graus são conferidos, como deveríamos colocar em linguagem mais física, embora em todos os estágios anteriores alguém atue para Ele como um substituto, Sua permissão especial sendo dada para cada ocasião. Mas o homem que tem a sorte de alcançar este terceiro estágio fica cara a cara com o próprio Rei espiritual, pois é a regra que imediatamente após este passo o neófito deve ser apresentado a Ele. De fato, em alguns casos especiais, Ele mesmo se encarrega da Iniciação e a confere em vez de tê-la conferida por meio de um representante.

É por isso que em conexão com a festa da Transfiguração vem a festa da Apresentação de Cristo no Templo, Sua apresentação diretamente a Seu Pai, porque é isso que é simbolizado quando entendemos tudo como o Mistério-Drama do progresso do homem. O homem que foi transfigurado é levado à presença do Representante de Seu Pai no céu. Esse é um significado secundário que está por trás do fato de que ele é apresentado à sua própria Mônada, que é verdadeiramente seu Pai no céu, o Deus dentro de nós.

Mencionei há pouco que este Mistério-Drama simboliza não apenas o progresso do homem, mas também o progresso do mundo inteiro. No neoplatonismo e nas filosofias gregas eles falam constantemente do microcosmo e do macrocosmo. Cosmos é o mundo ou universo; micro e macro significam pouco e grande respectivamente. Então temos o mundo pequeno, o mundo do próprio homem, e temos o mundo maior, que neste caso é o sistema solar. A evolução do homem e do sistema solar têm certos pontos em comum que são de grande interesse para o estudante, porque se entendemos um deles, através disso podemos entender o outro, fazendo algumas concessões para diferenças

de planos. O ano da Igreja indica todas essas coisas, embora, é claro, seja apenas um dos muitos sistemas de apresentação. Eles aparecem ainda mais claramente em algumas das religiões mais antigas no budismo, no hinduísmo, no zoroastrismo; mas os primeiros Padres da Igreja estavam mais ansiosos para afirmar que sua religião não ficava atrás das outras. "Se vocês têm Mistérios", diziam àqueles com quem discutiam, "que vos explicam todas essas coisas maravilhosas, também temos Mistérios que nos explicam exatamente as mesmas coisas". Mas, infelizmente, naquele longo período da Idade das Trevas, quando foram esquecidas a maioria das coisas que valiam a pena serem lembradas, eles conseguiram perder todo o significado interno dessas maravilhosas alegorias e, consequentemente, ficaram suspensas no ar com apenas uma história física.

Se estamos pensando em cosmogonia (isto é, na formação do sistema solar), então a Anunciação representa o envio da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Foi o Espírito Santo que desceu sobre a Virgem Maria; e isso tipifica aquela Primeira Efusão que lemos em outros livros onde esses fatos são apresentados mais na forma oriental. O Espírito Santo paira sobre a face das águas, o que é apenas uma outra maneira de dizer que aquela Primeira Efusão desce, paira e penetra nos mares virgens de matéria, que são tipificados no sistema grego pela Bem-Aventurada Virgem Maria, cujo nome latino Maria é o plural de mare, o mar; de modo que seu próprio nome implica uma simbologia tão patente que mal podemos falar dela como velada no ar com apenas uma história física.

A coisa toda é uma vasta e bela alegoria, na qual essa primeira descida é simbolizada pela Anunciação, e muito tempo depois disso (o caminho foi lentamente preparado dentro do ventre da matéria por aquele Terceiro Aspecto que chamamos de Deus, o Espírito Santo) o Segundo Aspecto, Deus Filho, desce à matéria, e Cristo nasce como no dia de Natal. Esse é o Segundo Derramamento. Mas essa frutificação da matéria, essa vivificação dela, leva tempo; e assim na alegoria mostra seu resultado quarenta dias após o nascimento no festival da purificação dos grandes mares de matéria, o que significa sua vivificação e sua elevação pela presença neles, o desabrochar através deles, deste segundo grande Aspecto.

Este resultado aparece quando o Cristo recém-nascido é apresentado ao Pai, isto é, quando o Terceiro Derramamento (que vem do Primeiro Aspecto, a Primeira Pessoa da Santíssima Trindade) vem sobre ele; e essa purificação perfeita da matéria é tipificada pela Apresentação do Cristo em Seu Templo a Seu Pai. Essa é a apresentação do vinho na Taça do Santo Graal, a apresentação (dentro da taça de seu corpo causal) do ego que durante todo este longo curso de evolução foi preparado. Então brilha o raio da Primeira Pessoa de cima, de modo que o ego está conectado com a Mônada, e o Cristo é apresentado a Seu Pai dentro do Templo de Seu corpo causal.

No festival de Apresentação iniciamos nosso culto em violeta, para indicar o processo de purificação, pois essa é a cor que carrega as vibrações

purificadoras; mas quando o Cristo entra em Seu Templo (que é simbolizado pelo transporte da Hóstia, o veículo, o vahan, do Cristo) mudamos nossas vestes e frontais para brancas para recebê-Lo, e acendemos todas as velas que deu a esta festa o nome de Dia da Candelária, porque Cristo é a Luz do mundo.

É interessante notar que na Igreja, exatamente como na Maçonaria, um ritual magnífico e majestoso foi transmitido ao longo dos séculos, com o mais minucioso cuidado para que nenhum de seus detalhes altamente significativos fosse alterado no menor grau. É certo que, em ambos os casos, aqueles que tão lealmente cumpriram seu encargo não tinham ideia do real significado das cerimônias cuja integridade eles tão cuidadosamente guardavam; mas como resultado de seu serviço fiel, agora somos capazes de interpretar exatamente as informações que os fundadores originais desses sistemas pretendiam transmitir a seus seguidores.

CAPÍTULO VII

QUARESMA

NOSSA ATITUDE PARA COM A QUARESMA

A palavra Quaresma significa primavera, pois no Hemisfério Norte, onde começou a fé cristã, a Quaresma é necessariamente sempre observada naquela época do ano, pois é o tempo de preparação para a festa da Páscoa, cuja data é determinada pelo equinócio vernal. Este período de preparação tem a duração de quarenta dias e, como foi feito tempo penitencial, considerou-se que os domingos, sempre alegres na comemoração da Ressurreição, não poderiam ser incluídos; de modo que o primeiro dia da Quaresma, comumente chamado de Quarta-feira de Cinzas, é na verdade quarenta e seis dias antes da Páscoa. Esse curioso nome foi dado ao dia por causa de um estranho costume medieval de espalhar cinzas na testa naquela ocasião como um sinal de tristeza pelo pecado, um costume derivado dos antigos judeus. Mesmo agora, nas igrejas da obediência romana, os ramos de palmeiras santificados que foram preservados desde o Domingo de Ramos do ano anterior são queimados na Quarta-feira de Cinzas, e o padre, mergulhando o polegar nas cinzas, faz uma cruz na testa de cada membro de sua congregação antes de iniciar a Missa. Não adotamos este costume em nossa Igreja Católica Liberal, pois não está em harmonia com nossa atitude nestes assuntos.

A ideia atual de observar os quarenta dias da Quaresma era desconhecida na Igreja primitiva. Começou com uma celebração de quarenta horas líquidas de quarenta dias.

Calculou-se que o Cristo, ou melhor, Seu corpo jazia no sepulcro por cerca de quarenta horas, e muitos cristãos fervorosos pensavam que era algo adequado e apropriado observar aquele tempo durante o qual o corpo de nosso Senhor estava desabitado como um tempo de jejum. O jejum então provavelmente significava ficar absolutamente sem comida; mas quando a ideia se estendeu para quarenta dias, em harmonia com os alegados quarenta dias de jejum no deserto, naturalmente começou a ser algo bem diferente, e apenas a abstinência de certos tipos de alimentos, ou de comer tão completamente quanto em outras estações. Nos dias atuais, geralmente significa abstinência de carne, mas mesmo assim existem muitas dispensações.

Além disso, o jejum foi observado em variados graus. Por muito tempo, a primeira, a meia e a última semana foram mantidas como um jejum, mas não o período intermediário, de modo que a coisa toda não tem por trás nenhuma forte ou precoce sanção apostólica, mas é simplesmente um dos costumes que cresceram na Igreja. Chegou a ser considerado como um período de auto-exame e de tristeza pelo pecado. Em nossa Igreja Católica Liberal, tomamos uma atitude um pouco diferente em relação a tudo isso. Não consideramos este período como um tempo de luto, mas como um tempo de preparação para a grande festa da Páscoa, e sabemos que não podemos celebrar adequadamente essa grande festa e obter dela o benefício que a Igreja quer que obtenhamos, a

menos que tenhamos nos preparado cuidadosamente como somos orientados a fazer durante esta temporada. Não deve ser um período para lamentar o pecado, mas deve ser um período para nos esforçarmos para nos livrar do pecado. Certamente nos arrependemos de nossos pecados e desejamos ser perfeitos, mas sentimos (porque sabemos algo cientificamente sobre o poder e o efeito do pensamento) que é aconselhável não insistir nos pecados e lamentá-los, mas simplesmente fazer uma forte e curta resolução de não fazer aquela coisa em particular novamente, e então, colocar o pensamento de lado. Como um grande Mestre disse uma vez: "O único arrependimento que vale a pena é a resolução de não fazer novamente." Isso é verdade; isso é bom senso; e essa é a maneira mais sã e melhor, pensamos, ao olhar para essas questões.

No que diz respeito ao jejum físico, deixemos todo o nosso povo absolutamente livre para praticá-lo se assim o desejar, mas não o recomendamos como tendo qualquer virtude em si. O ascetismo em si não tem valor algum. A velha ideia sobre isso (retorno agora aos tempos pré-cristãos, embora pense que a influência da teoria subsistiu também no período cristão) era que os deuses tinham inveja da boa fortuna ou felicidade dos homens, e que o homem que voluntariamente se fez infeliz escapou assim de algo desse ciúme, e os impediu de visitá-lo com algum mal ou castigo para lembrá-lo de sua existência e de seu poder. Então passou-se a pensar que a mortificação do corpo, a abstinência de todo tipo de prazer, era em si agradável a Deus. Você encontra essa ideia permeando o cristianismo muito fortemente nos primeiros dias, e durante toda a Idade Média que austeridades e torturas de vários tipos eram em si coisas boas. É certo que em si não são coisas boas. Em uma escritura muito mais antiga do que qualquer uma das nossas, Deus fala daqueles “que me torturam, habitando em seus corpos”, percebendo que eles também são parte de Deus, e que o sofrimento infligido a si mesmo não é agradável a Ele de forma alguma. Outra teoria era que, ao infligir dor a si mesmos, eles escaparam (antecipando-se) de alguma punição que de outra forma cairia sobre eles. Eles sentiram que haviam feito todo tipo de coisas perversas, cujo resultado deve ser o sofrimento de alguma forma, e pensavam que, se punissem aqui, talvez escapariam do castigo de Deus no futuro.

Tudo isso, é claro, é bastante estranho a uma maneira sã e sensata de ver as coisas. Que vivemos sob uma lei poderosa e absolutamente justa de causa e efeito, ninguém que estuda a natureza pode duvidar, mas "A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor".[15] Ou seja, no curso normal da natureza cada homem receberá de acordo com o que ele fez, seja mau ou bom, e não há como escapar disso. "Não vos enganeis; de Deus não se zomba; tudo o que o homem semear isso também ceifará."[16]

Portanto, não achamos que haja algum mérito especial em ficar sem comida. Há aqueles que pensam demais na comida e na bebida; há glutões, há bebedores de vinho, há bêbados, e para essas pessoas certamente é bom não

[15] Romanos 12:19

[16] Gálatas 6:7

apenas na Quaresma, mas em todos os momentos, parar e ser sãos e sábios sobre o que comer e beber, como sobre todo o resto. Talvez muitas pessoas comam e bebam mais do que precisam; mas isso é outro assunto. Tenho dúvidas quanto ao uso e eficácia do jejum, especialmente nestes dias. Pode ter tido seu uso nos tempos medievais, quando as pessoas viviam uma vida muito mais tranquila e não tinham nada de especial para fazer. Eles tinham o hábito de comer muita comida grosseira; lemos constantemente sobre um boi sendo assado em uma ocasião festiva; então talvez não lhes fizesse mal jejuar; pode até ter sido benéfico. Mas hoje em dia vivemos sob alta pressão e grande tensão nervosa, e a abstinência de alimentos provavelmente não nos será útil.

O que quero deixar bem claro é que não sustentamos que qualquer tipo de auto mortificação agrada a Deus como tal. A única coisa que agrada a Ele é que, se cometemos erros, se pecamos (como todos pecamos), devemos fazer um esforço real e sincero para não fazer novamente. Não precisamos desperdiçar nosso tempo e forçar a nos arrependermos disso, mas devemos tomar uma firme decisão de evitar essa fraqueza no futuro. Mesmo se cairmos mil vezes, devemos nos levantar pela milésima vez e seguir em frente. Há exatamente a mesma razão para tentar novamente após o nosso milésimo fracasso como havia após o nosso primeiro.

Ainda outro ponto: muitas pessoas antigamente achavam que jejuando poderiam ganhar poderes e visões espirituais. Sabemos que pessoas que estão morrendo de fome frequentemente têm visões de diferentes tipos. Sem dúvida, quando o corpo físico está falhando, o astral e os outros corpos superiores ganham mais proeminência; assim, passar fome até a beira da morte pode ser um método de desenvolver faculdades superiores; mas é totalmente errado, porque para ter tal faculdade em qualquer forma em que seja realmente útil, o possuidor deve estar em perfeita saúde. Toda a clarividência que já me foi ensinada exigiu perfeita saúde física e perfeito equilíbrio como pré-requisitos, e cultivá-los me parece o melhor e mais seguro caminho para a obtenção das faculdades superiores. Colocar-se em uma condição doentia e patológica nunca é o caminho certo para qualquer avanço verdadeiro. Não tenho simpatia pela maioria dos hinos que são geralmente usados na Quaresma. Muitas vezes eles estão cheios de sangue, miséria e constrangimento, e de insinuações sobre a condenação eterna. Dizer:

Mais uma vez a estação solene chama,

Um jejum santo para manter;

E agora dentro das paredes do templo

Tanto o padre como o povo choram.

Ou

Misericórdia, bom Deus, misericórdia eu peço

Esta é minha humilde oração;

Por misericórdia, Senhor, em todo o meu rogo,

Óh, deixe Tua misericórdia poupar.

Parece-me não apenas ridículo, mas nauseante. Se as pessoas apenas percebessem o quão cansativo esse tipo de coisa deve ser para a Divindade, elas talvez fossem menos bajuladoras.

Pode ter surgido em nosso caminho tentar domar um animal; se foi maltratado, encolhe e não pode ser persuadido a se aproximar. Se a criatura viesse apenas de uma vez, o humano amigável poderia mostrar sua boa vontade; mas encolhe e não se aproxima dele, e é necessária uma enorme paciência. Mas por que devemos tomar essa atitude com respeito a um Pai Amoroso? Essa é exatamente a posição que esses hinos blasfemos assumem. Eles estão cheios de clamores por misericórdia, implorando a Ele que espere um momento antes que Ele destrua Seus filhos para sempre! Pense em como você gostaria de ter um filho com essa atitude em relação a você, e talvez você comece a ver um pouco de quantos problemas desnecessários damos a Deus e Pai de todos nós. Se apenas confiássemos Nele, muito mais poderia ser feito; e nosso progresso seria muito mais rápido.

Eu desaprovo veementemente toda essa vergonha, terror e medo; pode ter sido apropriado no regime do selvagem e sanguinário Jeová judeu, mas está bastante deslocado na religião estabelecida por Cristo, que veio pregar um Pai Amoroso. Por que não podemos esquecer as interpretações errôneas da raça judaica e confiar em nosso próprio líder, que nos diz que Deus é amor, cujo único desejo para nós é que sejamos um com ele, assim como ele é um com o pai? "O perfeito amor lança fora o medo."

Portanto, os hinos cantados durante a Quaresma em nossa Igreja devem ser aqueles que nos sugerem o que fazer e nos dizem a atitude em que devemos nos colocar para obter o maior benefício do que está por vir. A ideia de jejuar como algo agradável a Deus ou ganhar espiritualidade mais elevada é, eu mesmo acho, uma noção equivocada; mas se alguém sente que deseja jejuar, adore a Deus à sua maneira, se quiser; não temos objeções, mas não aconselhamos. Toda a nossa atitude é diferente em todas essas coisas; consideramos que Deus, que nos deu nosso intelecto e bom senso, espera que usemos esse senso comum na religião como na vida cotidiana.

A ideia de autoexame é boa e necessária. Mas com isso, também, devemos ser sãos e cuidadosos, caso contrário, isso degenerará em mórbida autointrospecção, e passaremos todo o nosso tempo desmontando o maquinário em vez de continuar e fazer o trabalho. Estamos aqui para servir a Deus, e podemos prestar-Lhe melhor serviço quando somos instrumentos perfeitos em Suas mãos. Portanto, é nosso dever, quando conhecemos os pontos fracos de nossa armadura, nos esforçarmos para fortalecê-los; é nosso trabalho examinar a nós mesmos até o ponto de olhar de que maneira falhamos, e fazer um esforço determinado para não falharmos dessa maneira novamente. É bom que uma certa estação do ano seja separada para isso; não que não devamos estar

sempre atentos às fraquezas e falhas, mas que é especialmente necessário agora, porque a Quaresma é uma preparação para a grande festa da Páscoa.

Nessa ocasião vem a maior efusão do poder divino durante todo o nosso ano cristão. Para aproveitá-la da melhor forma, devemos certamente nos preparar, e assim este tempo da Quaresma é organizado para que, por assim dizer, façamos um balanço de nós mesmos. Tendo descoberto nossos pontos fracos, vamos trabalhar com vontade e curá-los, pois, somente quando tivermos vencido essas fraquezas poderemos observar plenamente a grande festa da Páscoa como deve ser observada. Um grande escritor disse: "Qualquer homem pode cometer um erro, mas o homem que comete o mesmo erro duas vezes é um tolo." Todos nós cometemos esses erros sem exceção, por mais bons que sejamos, por mais que tentemos; porque ainda somos seres humanos e ainda não grandes santos. Muitas vezes nós os fazemos repetidamente, dia após dia. Agora seria tolice ficar abatido sobre isso e considerá-lo como evidência de depravação horrível. A linguagem extravagante que muitas vezes é aplicada em casos desse tipo está totalmente fora de lugar; é enganoso e desonroso tanto para o homem quanto para Deus. Estamos longe de ser perfeitos, e certamente cometeremos erros por muito tempo ainda, mas é claro que é nosso dever tentar cometer o mínimo possível. A perfeição da alma no homem é como o lento crescimento de uma grande árvore, é algo que não se alcança em um momento, um dia, um mês, um ano; pode levar muitas vidas, como estamos vivendo agora, antes de alcançá-lo.

Uma vez que todos cometemos erros, seria natural que fôssemos gentis, caridosos, prontos a desculpar quando vemos erros semelhantes nos outros. Infelizmente esse não é o nosso hábito. Existem certas razões especiais pelas quais tal permissão é difícil para nós, sendo a principal que sob a poderosa lei de Deus o homem está evoluindo lentamente, e o atual estágio de sua evolução é o desenvolvimento do que é chamado de mente inferior, a faculdade discriminativa no homem; estamos aprendendo a discriminar as coisas pelas diferenças entre elas. É por isso que estamos obtendo tal desenvolvimento do intelecto na ciência e de outras maneiras neste estágio particular da história do mundo. Nossa ideia de crítica é atacar as falhas de qualquer coisa. Isso está muito errado, porque "crítica" vem da palavra grega kritein, que significa julgar, de modo que "crítico" realmente tem o mesmo significado de judicial, mas não o usamos assim. Isso significa, via de regra, encontrar falhas, porque estamos naquele estágio em que isso é a coisa natural para nós fazermos. A faculdade crítica está sendo treinada em nós; tanto mais é necessário que não façamos mau uso dela, que estejamos atentos para não criticar muito prontamente. Não podemos deixar de ver os erros que outras pessoas cometem; eu gostaria que fôssemos tão rápidos para ver os nossos; mas, de qualquer forma, é certamente nosso dever ser crítico no verdadeiro sentido (isto é, judicial) e reter qualquer decisão com relação ao que outro homem faz ou diz até que saibamos tudo sobre isso, e tenhamos todos as provas diante de nós.

Não é o costume do mundo, mas deve ser o nosso costume, e devemos tentar fazê-lo. Devemos aprender a não imputar motivos a outras pessoas.

Aquele que por acaso desenvolveu a faculdade de clarividência recebe muitas surpresas em diferentes direções, e uma delas é que ele vê que as razões pelas quais as pessoas fazem as coisas raramente são as razões que ele lhes teria atribuído anteriormente. Cerca de nove em cada dez vezes estamos completamente errados quando atribuímos um motivo a outra pessoa para algo que ela faz. Ele tem todos os tipos de considerações em sua mente que são desconhecidas para nós e, portanto, nós lhe fazemos uma grande injustiça em muitos casos simplesmente por causa de nossa ignorância.

Sendo assim, certamente seria sábio, seria dignificante (para não falar de sua bondade) que suspendêssemos nosso julgamento e disséssemos o mínimo possível onde não podemos aprovar. Se alguém tiver que pronunciar um julgamento, dirá: "Não aprovo tal e tal coisa que este homem faz ou disse, mas não tenho dúvidas de que ele tem suas próprias razões pela via que está tomando, e não cabe a mim condená-lo. Não sei quais podem ser suas dificuldades ou tentações e, em todo caso, não me compete julgá-lo."

Devemos julgar com clareza como o cristal em relação às coisas que nós mesmos fazemos ou dizemos. Na verdade, também nem sempre temos todos os fatos diante de nós; mas somos obrigados a decidir e agir com base em fatos como vêm antes de nós, e é nosso dever escolher o que é certo, até onde podemos ver. Devemos, no entanto, sempre lembrar com humildade que o que achamos melhor pode não ser o direito abstrato, e podemos muito bem levar a sério o conselho dado pelo célebre Dr. South: " Por todos os meios segue tua consciência; mas tome cuidado, sua consciência não é a consciência de um tolo." Devemos defender o que sentimos ser certo, mas devemos estar sempre dispostos a ouvir e aprender. Acima de tudo, devemos tentar compreender que outras pessoas também têm consciência e estão tentando fazer o que é certo, embora possam não concordar conosco. Centenas e centenas de pessoas que podemos ter julgado mal estão tão ansiosas para fazer a coisa certa quanto nós mesmos. É errado que devamos decidir sobre o que não entendemos e atribuir a eles algum motivo indigno quando a verdade real é que não sabemos nada sobre o assunto.

Diz-se que São Pedro observou: "Portanto, quem quiser amar a vida e ver dias felizes, refreie a sua língua do mal e os seus lábios da falsidade".[17] Portanto, é melhor falar o mínimo possível sobre outras pessoas, a menos que tenhamos algo de bom a dizer. Observe o que é bom e elogie-o, pois, quando falamos e pensamos sobre outra pessoa, a força do nosso pensamento age sobre essa pessoa. Se um homem fez uma coisa boa, e nós pensamos nisso como uma coisa boa e ficamos felizes por ele ter feito isso, nosso bom pensamento emite e fortalece sobre ele essa virtude, e o encoraja a agir bem novamente. Se um homem cometeu um erro e nós o consideramos mal por isso, intensificamos esse mal. O mau pensamento nosso joga sobre ele, e se ele realmente cometeu esse erro, nós o tornamos mais propenso a repeti-lo. Estamos agindo como um tentador para aquele homem, simplesmente pelo nosso pensamento.

[17] 1 Pedro 3:10

Aqueles que não leram sobre essas coisas não conhecem a imensa massa de evidências da ação do pensamento sobre a vida dos outros. Que aquele que duvida disso estude por si mesmo. Passei quarenta anos no estudo de tais assuntos, e posso lhe dizer que a força do pensamento é uma coisa muito real e poderosa; e se você pudesse ver como ele age, seria muito cuidadoso com o que pensa dos outros.

A bela coleção que usamos todos os dias durante a Quaresma é digna de atenção. "Previna-nos, Senhor, em todas as nossas ações com Teu gracioso favor." Suponho que mais da metade, provavelmente três quartos das pessoas que ouvem essas palavras não sabem o que elas significam. Essa palavra prevenir passou a ter nestes últimos dias um significado bem diferente daquele que tinha na época da chamada Reforma, quando esta coletânea foi traduzida do latim. Muitos de nós sabem latim o suficiente para saber que venio significa eu venho, e que pré é antes. Prevenir, portanto, é vir antes. Podemos ver que um homem pode vir antes de outro por várias razões. Ele poderia vir antes dele para atrapalhar e impedi-lo de fazer alguma coisa, que é o nosso significado moderno para a palavra prevenir. Também podemos ver que um homem pode vir antes de outro para preparar seu caminho, para facilitar-lhe. Esse é o significado medieval da palavra prevenir, e é isso que significa nesta coletânea quando dizemos: "Previna-nos, Senhor, em todas as nossas ações". Gracioso favor, para que, sob a influência desse favor benigno, essas ações sejam o que Tu queres que sejam, que possam merecer o favor e não que sejam envergonhadas por isso. Esse é o significado dessas palavras, e essa é precisamente a ideia. "Que Deus esteja conosco durante todo este tempo de Quaresma, para que nossos pés não se desviem do caminho, para que nossas palavras e nossos pensamentos não sejam ofendidos."

Deus está sempre conosco, de modo que talvez possamos acrescentar outro tom de significado e dizer: “Que possamos neste período da Quaresma perceber que Deus está conosco e que Ele (usando no momento o outro sentido da palavra) nos impeça do mal, que Ele vá adiante de nós para que nenhum mal nos aconteça”. Em seguida, acrescentamos o pedido: "Ajuda-nos com Teu contínuo auxílio". Pedimos não apenas que o pensamento Dele vá adiante de nós todo o caminho, para que não façamos mal algum, mas também que possamos ser promovidos, impulsionados, assistidos por Sua ajuda contínua para que possamos fazer o bem ativamente. O primeiro desejo é passivo, que não façamos mal algum; o segundo é ativo, que devemos definitivamente tentar fazer o bem ao longo desta temporada.

Então damos nossa razão: "Que isto seja feito para que em todas as nossas obras, iniciadas, continuadas e terminadas em Ti, glorifiquemos Teu santo Nome." Aí termina nossa coleta. O original latino vai um pouco mais longe e acrescenta ainda outra petição: "E finalmente, por Tua misericórdia, alcance a vida eterna". Omitimos isso porque sabemos que é desnecessário. Cada um de nós finalmente alcançará a vida eterna; cada um de nós alcançará a gloriosa consumação que Deus destina para toda a humanidade. Quando os homens falam de Cristo como o Salvador do mundo, e passam a dizer que Ele salvará

cerca de uma pessoa em um milhão (o que é sobre o cálculo comum), eles estão lançando grave desonra sobre Ele. Se Cristo é o Salvador do mundo e nós o admitimos plenamente (não que Ele o salve da condenação imaginária, mas que Ele o salva do erro e da ignorância ao conduzi-lo a toda a verdade), então é do mundo inteiro e de todo criatura nele. Não há ninguém que possa falhar, ninguém que possa colocar sua vontade contra aquela poderosa vontade de Deus que chamamos de evolução. E assim não precisamos orar para que "finalmente, por Sua misericórdia, alcancemos a vida eterna".

Tudo o que vem a nós é por Sua graça e por Sua bondade, que talvez seja o verdadeiro significado dessa palavra misericórdia. Estamos sempre prontos para reconhecer isso, mas não precisamos insultá-Lo pedindo-Lhe que faça o que em Seus conselhos eternos Ele já determinou. Lembremo-nos dessa coleta e de sua lembrança da Presença de Deus conosco o tempo todo, antes e durante nossa ação e depois dela; para que todas as nossas obras sejam quais forem, sejam boas ou más, iniciados, continuados e terminados nele. Lembrando que, não podemos fazer obras que não sejam boas obras, mas devemos incessantemente nos esforçar para subir ao nível desse benefício maravilhoso, essa Presença eterna e ofuscante da Divindade. No entanto, ofuscar, embora implique proteção, não parece ser a palavra certa ali, pois é acima de todas as coisas uma presença iluminadora da glória de Deus que brilha sobre cada ação e cada pensamento. Se pudermos lembrar disso durante todo o tempo da Quaresma, quão gloriosa será a Páscoa para nós, quão verdadeiramente nos prepararemos para ela! Esta grande festa será, de fato, uma época na vida de cada um de nós, se pudermos realizar o espírito da Coleta Quaresmal ao longo dos quarenta dias. Deus está conosco o tempo todo; precisamos apenas lembrá-lo; Ele está sempre atrás de Seu povo. Se esse pensamento permanecer em nossas mentes durante a Quaresma, a Páscoa será para nós uma época de inimaginável glória, felicidade e saúde espiritual.

O conjunto dos serviços da Quaresma visa ajudar-nos no trabalho de sanar os nossos defeitos. A própria cor violeta que a Igreja usa não é escolhida ao acaso; ele é selecionado por causa do caráter penetrante e purificador de suas vibrações. Antigamente, todo o edifício era decorado com a cor do dia, e não apenas o altar e os oficiantes. Era a ideia de que em uma atmosfera permeada de luz violeta esse trabalho de purificação seria encontrado como um facilitador.

Todas essas coisas são científicas se as compreendermos; mas o significado desse ritual foi esquecido e é considerado apenas uma espécie de ordenança da Igreja, e poucos sabem ou se importam por que foi ordenado. Há uma razão real para isso, e existem livros sobre esses assuntos para aqueles que se importam com eles. Simbolicamente este período indica o quarto dos grandes estágios do desenvolvimento do homem; pois a Quaresma faz parte da preparação para a justa celebração dessa grande Iniciação na Páscoa. Esse é o significado simbólico disso; mas também tem uma aplicação prática e cotidiana em nossas vidas.

OS DOMINGOS DA QUARESMA

Na Coleta, Epístola e Evangelho do Primeiro Domingo da Quaresma, é enfatizada a necessidade do autoexame.

O escritor da epístola diz: " Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé"[18]. É um dos muitos mal-entendidos que se infiltraram no cristianismo durante as eras que nos leva a tomar a palavra "fé" de maneira bastante errada. Degenerou em uma coisa puramente mecânica a ideia de uma fé no nascimento de Cristo em um certo tempo, a fé de que Ele é o Salvador do mundo e que temos apenas que nos apegar a esses dois fatos para passarmos de alguma forma. Não é isso que se entende por fé nos primeiros dias da Igreja. A fé é certamente uma forte crença, mas é uma crença que tem uma razão por trás dela. Aceitamos certas coisas porque nos parecem razoáveis, porque nos parecem as mais prováveis. A hipótese em que não podemos ter certeza absoluta. Mas nossa fé deve ser baseada na razão, e deve ser uma fé que nos leve a agir de acordo com ela. Não adianta fingir acreditar em uma coisa quando o tempo todo agimos como se não acreditássemos. Nossa fé em relação a esses assuntos mais elevados deve ser uma coisa tão absolutamente definida quanto nossa fé no plano físico de que a água fervente nos escaldará ou que uma barra em brasa nos queimará. Acreditamos nessas coisas, e acreditamos nelas com força suficiente para manter nossas mãos fora da água fervente e longe da barra em brasa. Essa é uma fé que vale alguma coisa, mas uma fé que está apenas no ar e não leva a nenhum resultado é realmente uma coisa muito pobre; eu não acho que vale a pena chamar de fé.

Agora, quando o escritor dessa epístola diz: "Vede que você está na fé", uma coisa que ele quer dizer com bastante clareza é: "Veja que a sua fé é o ensino cristão, e que é o senso comum razoável". Uma grande quantidade de total imprecisão na religião, bem como uma grande quantidade de ilusão e superstição. As pessoas têm certas crenças e apegam-se a elas sem qualquer razão. Pode-se mostrar claramente que não há razão real para essa crença que elas sustentam, mas elas não podem superá-la; de alguma forma, está arraigado nelas e aí se gruda. Agora, a maioria dessas superstições (acho que posso até dizer todas) são depreciativas à glória e ao amor de Deus. A terrível superstição de um inferno eterno, por exemplo, talvez tenha feito mais mal ao mundo do que qualquer outra ideia isolada. É absolutamente infundado; é superstição na definição mais clara da palavra. Um significado dado no dicionário para superstição é que é uma crença falsa e tola. Se alguma vez neste mundo houve uma crença falsa e tola, é essa crença na existência do inferno. Ela vem em grande parte da ignorância, da má tradução de certas palavras e do equívoco sobre o que nosso Senhor quis dizer quando fez certas declarações, mas ainda influencia os pensamentos de milhões. Se houver algum de nós que tenha um fragmento remanescente dessa superstição, que leia o livro de Samuel Cox, Salvador Mundi. Pode-se considerá-lo absolutamente confiável, pois o homem

[18] 2 Coríntios 13:5

era um bom erudito; e então verão exatamente o que Cristo quis dizer quando falou certas palavras que foram distorcidas naquela horrível doutrina do inferno.

A religião muitas vezes tem estado inteiramente no ar, não apenas impraticável, mas não-físico e incompreensível. As pessoas empregam uma quantidade de pseudo-intelectuais, e fazem malabarismos e colocam um em oposição ao outro e os movem de um lado para o outro; mas nenhum deles tem - um fato sólido por trás disso. É aí que muitas vezes erramos, e é por isso que a religião perdeu seu domínio entre as pessoas pensantes, porque elas sentem que as coisas que são discutidas na média religião que não são fatos; eles não têm bases reais. Devemos manter nossos pés no alicerce do fato, por mais longe que possamos levar nossas especulações para o reino da metafísica. Se não tivermos esse fundamento de fato, a coisa toda é sem fundamento e sem esperança.

A fé é um desses termos que são realmente apenas pseudo-intelectuais. As pessoas falam sobre ter fé e não podem defini-la com precisão ou certeza. O que eles querem dizer, se significam alguma coisa, é a fé no fato de que Cristo morreu na cruz. Ele não morreu na cruz, pois as datas estão erradas, e no momento em que o corpo de Jesus foi morto, os romanos não haviam ocupado Jerusalém, e assim o castigo romano da crucificação não foi praticado. A coisa toda é um belo mito, um Drama-Mistério que foi degradado e distorcido em uma história da vida física, e as pessoas que têm um que se confinaram irremediavelmente, de modo que é extremamente difícil agora fazê-los entender o mais elevado e mais belo significado.

Outro qualquer intelectual é a palavra salvação. As pessoas falam sobre isso e fazem malabarismos com a ideia, e se tentarmos ajustá-las aos fatos, geralmente parecem significar a salvação de um inferno totalmente imaginário. Não há fundamento para a doutrina do inferno e, portanto, não há necessidade de ser salvo dele. A ideia toda é um mal-entendido lamentável e desastroso. Alguns deles nos dizem: "Você tem a salvação"? Ou como eles dizem: "Você está salvo?" O que uma pessoa sensata deve responder? Pode-se apenas dizer: "No sentido em que você está usando a palavra, eu não a reconheço. Não tem significado; mas se você disser: 'Somos salvos de nosso próprio erro e ignorância?' Eu respondo que estamos em processo de ser salvos pelo conhecimento que adquirimos à medida que nos aproximamos de Cristo no curso de nossa evolução." "Você encontrou Jesus?", grita algum entusiasta histérico na rua. Que resposta pode ser dada? Provavelmente sabemos muito mais sobre nosso Senhor Jesus do que a pessoa que faz a pergunta tola; e ele é completamente incapaz de entender, no entanto, a investigação é bem intencionada; o pobre realmente acredita que está de posse de algum fato que não sabemos, e que nossa posse dele garantiria nossa felicidade no futuro. É uma teoria estranha, impensável para qualquer um. Mas aí está, as pessoas usam essas palavras sobre fé e salvação, mas não atribuem nenhuma ideia defensável a elas. Sua ideia pode ser desfeita em dois minutos de discussão.

Pecado é outra palavra com a qual as pessoas fazem malabarismos. Falam sobre o pecado original; eles dizem que um bebezinho vem ao mundo amaldiçoado para sempre porque Adão comeu uma maçã que Eva teria dado a ele. Ninguém jamais tentou verificar essa história, mas eles fazem a sentença mais terrível depender dela. A coisa toda é infundada; quando procuramos um fundamento, tudo está flutuando no ar; não significa absolutamente nada. A crença em tal absurdo não é fé; é absolutamente irracional; é mera estupidez.

Essa ideia de pecado foi erigida em um assustador bicho-papão, uma espécie de terrível maldição da qual é apenas com incrível dificuldade que os homens podem escapar. Não existe tal coisa neste mundo. Estamos todos evoluindo, e alguns de nós, admito livremente, estão evoluindo lentamente; no processo dessa lenta evolução cometemos erros, fazemos coisas que não deveríamos fazer. Podemos chamar esses erros de pecado, se quisermos. É uma palavra que evito, porque tem conotações horríveis. Além disso, nos é dito que devemos ter a convicção do pecado e sentir que somos vermes e homens cobertos de rede, o que é realmente desonroso para Deus, embora seja feito em nome da religião. Quando cometemos um erro grave, olhamos para trás e o reconhecemos, nos sentimos muito pequenos e percebemos que deveríamos saber muito melhor do que isso. É bastante salutar pensarmos assim por um momento, porque pode nos ajudar a não cometer o mesmo erro novamente, mas a ideia de transformar esse erro em um pesadelo assustador, rotulando-o como um pecado mortal e dizendo que devemos ser condenados disso, não é apenas inútil, mas também hipocrisia. Ninguém que é normal sente que é irremediavelmente mau; se o fizer, está muito errado e precisando de ajuda e encorajamento de alguém que sabe melhor. O Cristo está dentro de cada um de nós, embora sejamos pecadores, e que Cristo em nós é nossa esperança de glória, e é por meio disso que nos levantaremos dessa condição errônea que chamamos de pecado para uma condição de justiça onde tais deslizes são raros.

As pessoas falam sobre o perdão dos pecados e fazem disso um fetiche. A teoria do perdão do pecado comumente aceita parece ser algo como apagar a escrita de uma lousa. Nós erramos; temos apenas que dizer que lamentamos e 'acreditamos em Jesus, e está tudo apagado'. Não vou dizer que gostaria que isso pudesse ser feito tão facilmente; porque, se fosse, as leis do universo ficariam perturbadas. Existe uma Lei Absoluta de Causa e Efeito, e ninguém pode fazer o mal sem sofrer as consequências desse mal, sem ter que expiá-lo no sentido de compensá-lo na medida do possível. A verdade subjacente à absolvição não é que nosso pecado seja perdoado, mas que a distorção que é produzida por nos colocarmos em erro pode ser endireitada e corrigida para nós.

Você já pensou o quão estranha é a doutrina do perdão dos pecados como comumente realizada? A pessoa pede a Deus que a perdoe e espera que Ele o faça. Suponha que ele não pedisse a Deus? A sugestão é que Ele guardaria rancor contra o homem. Isso é algo que temos o direito de dizer contra nosso amoroso Pai? Não devemos guardar rancor contra uma criança pequena porque ela não nos pediu para perdoá-la. Não poderíamos ser tão perversos assim. Provavelmente deveríamos dizer: "Pobre rapazinho; ouso dizer que ele

está arrependido a esta altura, espero que ele não faça isso de novo". E deveríamos tentar arranjar as coisas para que ele não o fizesse. A ideia de Deus guardar rancor contra nós e a necessidade de nos perdoar é um ultraje à Paternidade de Deus.

Assim as pessoas falam sobre "o temor de Deus", e isso é uma coisa muito triste. Toda a ideia do temor de Deus é um horror que deve ser expulso. Não nos foi dito para amar a Deus e que Deus é amor; que o amor perfeito lança fora o medo? Quando as pessoas falam sobre um homem temente a Deus, provavelmente estão pensando em vários textos da Bíblia em que a palavra grega *theosebeia* é traduzida como *temor de Deus*. O verdadeiro significado é profunda reverência a Deus. Há um texto: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria"[19]. Substituindo o medo pela reverência, concordo inteiramente com isso; a menos que conheçamos algo de Deus, a menos que sintamos reverência por Ele, estamos longe de ser sábios, mas dizer que devemos temer o Pai amoroso é um ultraje; é um uso errôneo do termo. Cristo nos ensinou que Deus é um Pai amoroso; acho que podemos aceitar Sua declaração.

Da mesma forma, "a graça de Deus" é distorcida. Eles estão mais próximos dos fatos ali, mas se tentarmos tratar cientificamente suas noções, as pessoas se enfurecem e dizem que estamos blasfemando, que estamos materializando a ideia. A graça de Deus é um poderoso poder espiritual no mesmo sentido definido que as forças físicas são poderes, mas funciona em matéria mais sutil. É uma força mensurável, uma força da qual mais ou menos pode ser derramada sobre nós. Não tem sido moda ser científico sobre religião, mas é necessário que sejamos científicos; é hora de nos examinarmos quanto à nossa fé e tentarmos saber em que acreditamos e por que, e em que baseamos nossa crença. Somos chamados a obedecer e seguir nosso Senhor, o Cristo, mas não é por medo Dele ou das consequências se não o seguirmos; é o amor de Cristo que nos constrange, como nos é dito na Epístola do primeiro domingo da Quaresma. É por causa de nosso amor e gratidão a Ele que devemos segui-Lo, que devemos forçar todos os nervos para nos tornarmos semelhantes a Ele. Essa é a nossa razão, não o medo, mas o amor.

Nos outros domingos da Quaresma, cometemos alguns dos diferentes erros que muitas vezes cometemos o erro de pensar mal e falar mal, o erro de fofocar, o erro do orgulho. Portanto, levemos a ideia quaresmal ao coração, examinemos a nós mesmos e corrijamos tudo o que encontrarmos de errado; assim poderemos desfrutar plenamente e beneficiar-nos dessa poderosa efusão da Ressurreição, assim poderemos desfrutar de uma feliz Páscoa no verdadeiro sentido da antiga saudação para o dia da Páscoa; assim Cristo ressuscitará em nossos corações, bem como no mundo exterior.

DOMINGO DE REFRIGÉRIO

O Quarto Domingo da Quaresma é geralmente chamado de Domingo do Refrigério, nome que lhe foi dado na Idade Média por duas razões. Primeiro,

[19] Provérbios 9:10

porque é o ponto médio da Quaresma *la mi-carême*, como a chamam em francês e, portanto, era costume permitir uma certa melhora nos rigores do jejum. Outra razão para o nome foi o evangelho designado para este dia que conta a história da alimentação dos cinco mil homens com cinco pães de cevada e dois peixinhos. Se essa história é historicamente precisa ou não, isso não nos interessa nem um pouco. A coisa não é uma impossibilidade; foi feito na Índia por professores de outra fé. Trata-se simplesmente da materialização da multiplicação da matéria. Pode ter acontecido na Palestina; se foi ou não, eu não sei, nem é realmente importante. De qualquer forma, é um belo símbolo da maneira como Cristo alimenta Seu povo com pão vivo do qual, por pouco que pareça, ainda há o suficiente para todos.

O Quarto Domingo da Quaresma é um dos dois dias do ano em que se vestem as belas vestes cor-de-rosa, para nos dar a atmosfera daquele amor terno e abrangente que deve ser a qualidade central subjacente a toda a nossa preparação para a recepção da graça divina. Muitas pessoas que não entendem, que não se deram ao trabalho de estudar, ou por cujo caminho não veio estudar, estão dispostas a criticar o arranjo da Igreja, as vestimentas que seus ministros usam, a sequência de seu ano e de seus serviços, e assim por diante. Eles não percebem que existe uma ciência de todas essas coisas, e que cada uma delas é calculada para produzir um efeito definido. Eles não devem, porém, cometer o erro de considerar todos como da mesma disposição que eles. Não é sem razão que o violeta é usado na Quaresma e o branco na Páscoa. Como já disse, tudo faz parte de um esquema; é uma questão de taxas vibracionais e da influência que se deseja irradiar. Alguns são muito mais sensíveis do que outros a todas essas coisas; há aqueles que estão impacientes, mas também há aqueles sobre os quais todas essas influências exercem efeito, e assim eles descobrem que os serviços da Igreja os auxiliam. Eles se encaixam maravilhosamente com seus humores e os elevam. É exatamente o que eles são calculados para fazer.

Nestes dias de desenvolvimento da mente inferior, nossos sentimentos estão um tanto em suspenso. Na Idade Média, quando as pessoas não estavam desenvolvendo a mente inferior da mesma maneira, seus sentimentos eram muito mais proeminentes e elas sentiam mais essas influências. Quer sintamos individualmente essas coisas ou não, há milhares que sentem, e é ridículo que homens que não entendem uma determinada linha devam condenar outros que a compreendem e a consideram útil. Não podemos todos viajar pela mesma estrada; alguns vão para um lado e outros para outro, e esses caminhos para Deus são como tantas línguas nas quais podemos expressar a mesma coisa de várias maneiras. Pode ser nossa maneira de nos expressarmos pela devoção; pode ser a maneira de outro homem expressar o que há de mais elevado e melhor de si mesmo pelo pensamento profundo, pelo desenvolvimento da sabedoria. Ainda outro pode desenvolver-se melhor pelo trabalho externo, pela atividade. Todos esses são caminhos, e todos eles levam a Deus. Por que um homem que encontrou um deles deveria insultar outros que não estão fazendo exatamente o que ele está fazendo, mas estão caminhando de outra forma? Deus inspira tudo isso, e Deus os recebe a todos em Si mesmo, e pouco importa

por qual dos caminhos os homens se aproximam Dele, desde que se aproximem Dele.

Os domingos do final do período da Quaresma têm para cada um, um nome próprio. O quinto domingo é chamado de Domingo da Paixão, e há para ele um especial e belo Hino do Ofício Romano, *Vexilla Regis prodeunt*, "As bandeiras reais avançam, a cruz cintila em brilho místico." Para aqueles que defendem o que o grande médico Orígenes chamou de visão somática do cristianismo, a celebração da Quaresma está cada vez mais escura em direção ao seu terrível fim. A semana seguinte a esse quinto domingo é chamada de Semana da Paixão, e então chegamos ao Domingo de Ramos, que é o domingo imediatamente anterior à Páscoa, e depois vem a Semana Santa em que ocorre a Quinta-feira Santa e a Sexta-feira Santa.

SEMANA SANTA

Na Igreja Católica Liberal, não obrigamos nenhum membro da congregação com respeito a crença, a aceitá-la. Todos são perfeitamente livres para investigar qualquer uma das antigas histórias de sua escolha, seja literal ou simbolicamente; nós, do clero, não nos importamos nem um pouco, embora tenhamos nossas próprias opiniões bem definidas.

A maioria das pessoas vão à igreja em busca de auxílio e tentamos dar esse auxílio por meio dos sacramentos que Cristo instituiu. O que eles acreditam é problema deles, não nosso, e esta é a única base para a perfeita liberdade de pensamento que a Igreja Católica Liberal oferece a todos os seus membros, sem limitações ou questionamentos.

Nossos irmãos de outras denominações cristãs comemoram neste período de paixão e ressurreição o terrível sofrimento físico de Nosso Senhor; Eles leem os detalhes de tais sofrimentos, detendo-se em cada um deles para despertar sentimentos de piedade, devoção e gratidão a Cristo, que tanto sofreu por eles.

Sabemos por investigações clarividentes que esses eventos não são históricos e, portanto, no curso de todas as épocas, muita simpatia e piedade foram derramados somente como um sonho, em algo que, como é geralmente entendido, não tinha lugar, porque o corpo do discípulo Jesus morreu apedrejado e não crucificado. Não é fácil falarmos que toda essa história fez mais mal do que bem. Mas não posso deixar de sentir que foi responsável por muitos danos; porém, por outro lado, vejo que a lenda foi, à sua maneira, muito nobre e que com ela muitos podem ter sido ajudados e beneficiados.

Certamente, a verdade subjacente é mais nobre e muito mais bela, porque tudo isso é uma esplêndida alegoria. O sofrimento, a cruz, a paixão, a morte, o sepultamento, a ressurreição, tudo isso são símbolos do que acontece na quarta das grandes Iniciações, de Arhat. De maneira alguma estou negando, nem por um momento, quero minimizar o sofrimento e a crucificação que fazem parte desse grande passo; não é realmente um sofrimento físico, mas não menos real e terrível. Mas se entendermos o que isso significa, consideraremos esses

sofrimentos de um ponto de vista totalmente diferente. É uma verdade terrível e atingirá cada um de nós como no momento em que alcançou o próprio Cristo. Lembrem-se do que nosso Hino nos diz:

"É em vão Cristo estar pendurado sobre a Santa Cruz,
Se dentro de nosso coração não se levantar novamente".

Mas, certamente, devemos considerar o assunto como nossos soldados veem a terrível guerra. Seria difícil para nós exagerarmos, ou mesmo imaginarmos, os horrores pelos quais os homens têm que passar nas linhas de frente; ainda assim, eles não enfatizam esses horrores; consideram como parte da jornada de trabalho, como parte de um terrível dever que têm de cumprir. Sempre pensam sobre o objetivo pelo qual lutam: libertar o mundo das hostes que personificam o mal; a paz, a felicidade, a liberdade que será obtida por meio dessa luta. Assim, quando olhamos para este período de celebração da Paixão, para a grande Iniciação pela qual um dia passaremos como todos os demais, embora conheçamos o sofrimento, o consideraremos com alegria em vista da glória, o esplendor e o poder que nos trará, o poder de ajudar, a força para seguir em frente através da evolução. É por isso que arriscamos e enfrentamos. Não cabe a nós reclamarmos dos sofrimentos pessoais ou exagerarmos nos horrores daqueles, mas sim observá-los do ponto de vista do bem do mundo.

É certo que assim conseguiremos mais na contemplação da Paixão e da Crucificação. Não é que sejam menos reais para nós se considerarmos a interpretação espiritual, porque quer naquela encarnação do Cristo, a morte e a ressurreição ocorreram literalmente na Palestina ou não, sabemos que são eventos na vida de todo cristão, e é isso que nos preocupa, não o caso particular daquela época, mas a etapa perpétua que toda a humanidade desenvolvida deve passar através de todas essas diferentes etapas. Esses são fatos; eles ocorrem durante a evolução humana, ordenados pela sabedoria inescrutável de Deus; E, portanto, é conveniente para nós refletirmos, não do ponto de vista do horror e do sofrimento, mas para nos lembrarmos da glória que está por trás deles e do significado oculto de tudo.

Recordo-me quando criança, aprendi a sequência dos eventos comemorados na Páscoa com o culminar e a conclusão final da Quaresma. A empolgação do povo e os aplausos no Domingo de Ramos foram explicados como sendo o resultado direto e imediato da ressurreição de Lázaro no dia anterior. Pareceu-me (e ainda parece) que as demandas da história exigiam um intervalo mais longo entre esses dois eventos; mas talvez seja apenas outro aspecto da característica que é tão proeminente no Drama-Mistério dos Evangelhos, a saber, que a inteira apresentação não é uma narração contínua, mas uma série de cenas separadas que se destinam a ser representadas. Ainda assim, aqueles que sabem algo sobre a natureza das raças orientais podem entender o choque e a excitação que seriam causados pela ressurreição de Lázaro; Podemos imaginar como as pessoas das aldeias vizinhas se amontoariam ansiosamente em Betânia e esperariam pela chance de ver Jesus ou Lázaro.

E então todos estavam esperando para vê-lo naquela manhã de domingo, quando ele pegou a estrada para a cidade e no momento em que apareceu, eles começaram a alegrar-se. Eles se reuniram em torno dele e formaram uma espécie de uma turbulenta procissão para acompanhá-lo; pegaram grandes folhas de palmeira das árvores e as fizeram acenar diante Dele; Assim que lhes ocorreu a ideia de que este homem era um grande santo, um grande profeta, eles tiraram suas vestes e as jogaram em Seu caminho, não apenas para homenageá-Lo, mas para que as vestes fossem abençoadas ao serem tocadas pelos pés daquele Grande Ser, ou mesmo pelas pernas da mula em que ele montava. Isso nos parece um ato exagerado e estranho, mas é totalmente natural para um oriental. Claro que não devemos pensar em nossos trajes feios e modernos, mas naquelas túnicas soltas e esvoaçantes que eles usavam no Oriente, as capas que são jogadas sobre os ombros.

Eu os vi fazer o mesmo na frente de um santo muçulmano que tinha a reputação de ser extraordinariamente santo; e pelo menos duas vezes eles me fizeram a mesma honra quando eu dei algumas palestras quando apelaram especialmente ao entusiasmo religioso de um público oriental.

Assim, Jesus abriu caminho por entre uma multidão barulhenta e agitada. Naturalmente, são pessoas que vinham correndo de todas as partes, perguntando o que estava acontecendo, e quando lhes disseram: "Este é jesus, o profeta de Nazaré, que ressuscitou Lázaro da morte, se uniram em procissão e começaram a alegrar-se junto com os demais.

Os judeus sempre tiveram a fama de ser um povo turbulento e rebelde, e quando as autoridades viram aquela imensa e excitada multidão se aproximando da cidade, ficaram alarmados e mandaram os soldados, temendo o início de uma revolução. E mesmo que por um momento eles se sentissem seguros, suas mentes ainda estavam perturbadas e se consultaram sobre o que deveria ser feito com Jesus. Parecia-lhes que Ele estava se tornando muito popular, que tinha uma forte influência sobre o povo, que poderia ser facilmente usada (e até certo ponto já tinha sido usado) em oposição ás autoridades, de modo que temiam a sua derrocada. Também achavam que qualquer pessoa que alterasse os costumes decentes da vida comum por meio de uma inovação tão extraordinária como trazer um homem morto de volta à vida seria uma pessoa perigosa que precisava ser imediatamente reprimida para não continuar a perturbar a calma comum de respeitabilidade que os mantinha em uma posição de riqueza e poder. E então planejaram sua eliminação por meio de um simples processo de assassinato judicial.

Sua procissão pequena e desordenada, mas entusiástica chegou à cidade e Ele dirigiu seus passos em direção à sinagoga e começou a falar ao povo como era seu costume. Parece que ele passou muito tempo conversando com as pessoas na segunda e na terça; na verdade, dizem que quase metade de suas declarações foram entregues nesses dois dias.

Era uma espécie de herói popular, não só pelo que fizera com Lázaro, mas também por ter denunciado amargamente e sem medo o partido que estava

no poder; portanto, as autoridades temiam prendê-lo abertamente por medo de provocar um motim de resgate por parte da multidão. Sentiram que era necessário agir rapidamente, pois grandes multidões de peregrinos entusiasmados e fervorosos chegavam todos os dias à cidade por ocasião da grande festa anual da Páscoa dos Hebreus; assim, eles deixaram bem claro que pagariam um bom preço a qualquer um que encontrasse uma oportunidade conveniente para capturá-lo secreta e rapidamente.

Isso despertou a ganância de Judas Iscariotes, que era o tesoureiro da pequena comunidade e ganhou o desprezo e a repulsa de incontáveis milhões de pessoas ao se oferecer para entregar seu Mestre nas mãos daquela indesejável administração. O canalha nasceu na quarta-feira, e nos diziam que foi pela vergonha trazida à humanidade por aquela ação hedionda que a Igreja da Inglaterra ordena que toda semana, às quartas-feiras, sua sombria ladainha seja recitada, lembrando a traição feita a Cristo e na sexta-feira em memória de sua morte. Por que a mais sombria das elucubrações também foi atribuída ao domingo não foi dada qualquer explicação, a menos que fosse na teoria de que naquele dia um número suficiente de pessoas se sentia deprimido por sua horrível mistura de tristeza e servilismo.

A quinta-feira é sempre considerada e celebrada como o dia da instituição da Sagrada Eucaristia, embora muitos estudantes considerem que, tendo em conta os vários acontecimentos mencionados na história, a instauração deve ter ocorrido depois da meia-noite e, portanto, realmente na manhã de sexta-feira. Certamente, de acordo com os cálculos hebraicos, deve ter sido na sexta-feira, porque os hebreus contam seus dias de um pôr do sol para o outro. Em meu livro anterior “A Ciência dos Sacramentos”, expliquei que essa maravilhosa transformação que ocorre nos elementos sagrados no ato da consagração só pode ser alcançada entre a meia-noite e o meio-dia, fato que fala a favor da velha tradição que coloca a instauração depois da meia-noite. Seja como for, a quinta-feira é geralmente associada ao Santíssimo Sacramento, então se uma igreja tem um culto noturno semanal, geralmente ocorre nesse dia.

O nome de Quinta Feira Santa em inglês é Maundy e é uma corruptela da palavra latina mandatum, que é a primeira palavra da antífona especial do dia. Significa "ordem, comando" e se refere não apenas à nova ordem "que nos amemos", mas também à ordem dada pela primeira vez naquele dia há 2.000 anos: "Fazei isto em memória de mim".

De acordo com a história do Evangelho, muitos eventos sobrevieram naquela noite memorável entre quinta e sexta-feira: a visita ao Jardim do Getsêmani, a verdadeira entrega (aquele comemorado na quarta-feira é o plano para entrega), a apresentação do acusado antes do Sinédrio, antes de Pilatos e antes de Herodes e a condenação final. É claro que a narrativa atenta à história de eventos reais, pois é manifestamente impossível, mas nunca devemos esquecer que os autores não tinham essa intenção em mente e provavelmente teriam ficado horrorizados se pudessem ter previsto um surpreendente erro de interpretação quase universal que esperava seus esforços literários. Por outro

lado, se pressentissem algo, confiariam que, dada a óbvia impossibilidade de tudo isso acontecer em tão poucas horas, um erro tão estranho seria evitado. Se, desde a infância, esses contos não tivessem sido rodeados por uma espécie de esplêndida santidade, nunca os teríamos considerado como um relato histórico; e uma vez compreendida a ideia de que são cenas de um drama-mistério de caráter religioso, explicaria tudo com tanta clareza que é impossível duvidar de sua veracidade.

Os evangelistas discordam quanto à hora exata, dizem que Jesus morreu em determinado horário na sexta-feira e que Seu corpo foi sepultado naquela mesma tarde em um sepulcro de pedra por José de Arimatéia. Seu corpo ficou deitado lá durante todo o dia de sábado, mas foi removido de lá na manhã de domingo, logo após a meia-noite, de acordo com uma tradição da igreja. Isso significa que o corpo ficou no sepulcro por cerca de 30 horas, satisfazendo assim a afirmação de que "no terceiro dia ressuscitou dos mortos", mas de forma alguma cumpre a profecia de que o Filho do Homem estaria no coração da terra por três dias e três noites. Outras tradições estendem o tempo do sepulcro a quarenta horas, como já foi dito.

"Essas coisas são uma alegoria", e uma alegoria notavelmente precisa. Expliquei que todo o drama se destina a nos oferecer uma representação viva do progresso do iniciado e que seus estágios indicam as grandes iniciações que, por assim dizer, são como os marcos daquela grande peregrinação da alma humana. Os eventos atribuídos à Semana Santa e à Páscoa simbolizam a quarta dessas grandes etapas e, de fato, seguem de perto suas características essenciais. Aqueles que passaram por esse teste estão vinculados por votos de sigilo quanto aos detalhes, assim como o neófito maçônico; mas eles não violam nenhum juramento quando dizem que esta história contada no evangelho segue o esboço geral com considerável fidelidade. O candidato parece encontrar sempre um certo triunfo e reconhecimento terreno e aproveita para fazer todo o possível para ensinar e ajudar os outros, seja este o serviço ou o dever que lhe é imposto. Todos os seus esforços despertam inveja, ódio e violenta oposição e entre aqueles que receberam sua ajuda há sempre alguém que lhe dará as costas com traição, dará falso testemunho contra ele, caluniará sua justa fama e deturpará suas ações. Desonra e insultos de todos os tipos se acumulam sobre ele, e embora as leis modernas não permitam a crucificação física, o surpreendente ressentimento e a amarga vingança de seus perseguidores mostram com que prazer eles reviveriam o fogo de *Smithfield* se sua maldade violenta não fosse contida pelo avanço da civilização.

O místico flamengo do século XIV Ruysbroek escreve sobre tais candidatos:

"Às vezes, esses desgraçados são privados de todas as coisas boas na terra, de seus amigos e parentes, e abandonados de todas as criaturas; sua santidade e os homens constroem uma má reputação em suas obras de vida, de modo que todos ao seu redor os rejeitam e os desprezam; às vezes, várias doenças os afligem."

E outra grande mística, a Sra. Blavatsky, escreve de forma mais veemente e verdadeira:

“Onde encontramos na história, que quando um mensageiro, grande ou humilde, iniciado ou neófito, recebeu a responsabilidade de ensinar uma verdade até então oculta, ele não foi crucificado e ridicularizado pelos algozes da inveja, Malícia e da ignorância? Tal é a terrível lei oculta. Portanto, quem não sente dentro de si um coração de leão para desprezar os uivos selvagens e uma alma de pomba para perdoar as loucuras dos ignorantes, não faça o estudo da Ciência Sagrada." (Doutrina Secreta, Vol. V, p. 94)

Quando a eclosão da loucura termina, segue-se um período de paz e escuridão, e então, se o candidato tiver suportado a prova com sucesso, ele atinge o objetivo pelo qual lutou tanto, e o sucesso que coroa seus esforços é ainda maior do que havia sonhado, que é verdadeiramente uma ressurreição para uma vida superior em um mundo superior. Mas os pobres ignorantes e perseguidores desconhecem.

Os autores dos evangelhos evidentemente sabiam como era a quarta iniciação entre os egípcios, porque a forma como apresentam emergem alguns detalhes. A própria introdução da cruz faz parte do simbolismo egípcio, porque ela nunca foi usada pelos judeus como meio de execução, e na data real da morte do corpo de Jesus os romanos ainda não haviam anexado a Palestina. O “sermão aos espíritos em prisão” no sábado também indica o plano que foi adotado nas margens do Nilo; mas tudo isso pertence mais às explicações doutrinárias que espero dar em um volume posterior desta série.

OS SERVIÇOS NA SEMANA SANTA

Devido à infeliz materialização da sublime alegoria em uma história física, os serviços da Igreja para a Semana Santa assumiram um tom sombrio e hoje se tornaram-se tão lúgubres e deprimentes que não deveria ser utilizado o nome de "Serviços Divinos”. As cerimônias romanas são muito complicadas e elaboradas e mostram diferentes traços do culto pré-cristão ao Deus-Sol. A Igreja da Inglaterra removeu cuidadosamente todo o pitoresco sobre os ritos tradicionais e não deixou nada além de uma série de leituras longas e tediosas. No entanto, algumas de suas igrejas mais ritualísticas arriscaram ir um pouco além das prescrições monótonas encontradas em seu breviário e reintroduziram o antigo ofício de Tenebrae (Trevas). Também criaram um novo artigo litúrgico para comemorar na Sexta-Feira Santa as três horas a partir das doze, e às três durante as quais Jesus deveria ter sido pendurado na cruz. Geralmente consiste na recitação das sete palavras que dizem ter falado na época, cada uma seguida por um breve sermão e o canto de uma ladainha.

DOMINGO DE RAMOS

Na Igreja Católica Liberal, perpetuamos antigas cerimônias que realizamos conscientemente, omitindo aquelas que carecem de qualquer significado racional ou justificativa histórica. O triunfo transitório de Jesus foi um acontecimento que realmente ocorreu na vida Dele, e representa um

acontecimento definitivo que todo Iniciado vivencia, por isso seguimos o rito tradicional daquele dia, iniciando o serviço principal com a Bênção dos Ramos. Folhas de palmeira ou buquês (e se não puderem ser obtidos, são usados buquês de outras plantas, tão semelhantes quanto possível) em quantidade suficiente para entregar a cada membro da congregação, onde são colocados em uma mesa lateral no santuário e cobertos através de um véu branco ou roxo. A procissão entra na igreja como de costume e quando chega ao santuário os ramos das palmeiras são descobertos para que o sacerdote os abençoe aspergindo-os com água benta e incensados. São então distribuídos ao clero, ao coro e à congregação e, finalmente, um buquê é amarrado com uma fita roxa na ponta da cruz processional. No caso de grandes congregações e se houver dificuldade em obter buquês de palmeira, às vezes é costume fazer pequenas cruzes com as folhas de palmeira e entregá-los ao povo.

Já no santuário forma-se a procissão que passa pela nave e sai pela porta oeste; todos os fiéis levam sua palma. O hino que geralmente é cantado nessa época é "Hosana! As crianças cantavam hosana em voz alta". Quando a procissão chega à galeria, a porta da igreja é fechada e geralmente ficam dois cançonetistas no interior, conduzindo o canto da congregação. Os fiéis agora se voltam para o oeste e cantam a estrofe de abertura do hino tradicional do Domingo de Ramos, "Toda a Glória, Louvor e Honra", que foi composto para este serviço no ano de 810 por Teodulfo, o Bispo de Orleãens. Este versículo é repetido por aqueles de fora. Os dois cançonetistas e a congregação então cantam a próxima estrofe, "Você é o rei de Israel", e esperem até que os de fora cantem o coro (que é o mesmo que a primeira estrofe). O hino inteiro continua assim, cada uma das estrofes sendo cantada dentro da igreja e o coro de fora, mas depois da última estrofe todos cantam o refrão. Terminada esta, o cruciferário bate à porta com a extremidade inferior da barra da cruz processional; os cantores abrem imediatamente e a procissão entra com as palmas das mãos cantando um hino apropriado. Então começa a Sagrada Eucaristia, que acontece como sempre. Os fiéis levam os buquês ou as cruzes de palmeira para casa e os guardam até o ano seguinte.

Na Igreja Romana, às vezes se comete um pequeno erro neste ritual antigo e curioso: o cruciferário bate na porta com o pé em vez da extremidade inferior da cruz processional. Isso surgiu da má interpretação de Dale das instruções dadas na obra monumental de Baldeschi, tendo interpretado "*col suo piede*"[20] como referindo-se ao pé do homem e não ao pé da Cruz.

Na segunda, terça e quarta-feira de Páscoa não há cerimônias especiais. A Igreja Romana, na quarta-feira à noite recita o ofício chamado Tenebrae e, portanto, também à noite na quinta e sexta-feira. A principal característica deste serviço (e de onde vem o nome) é que, enquanto está sendo realizado, todas as luzes da igreja são apagadas até que haja apenas uma que fica então oculta atrás do altar. Na escuridão é sentido um grande ruído que simboliza a perturbação que a natureza sofre com a morte de seu Grande Arquiteto, então

[20] "Com o pé dele".

uma vela é acesa e permanecendo assim por um momento; a congregação se levanta e sai em silêncio. Um serviço particularmente lúgubre e pouco útil, tanto quanto podemos ver e por isso que o omitimos.

QUINTA-FEIRA SANTA

Pelo mesmo motivo, não continuamos a realizar a cerimônia do lava-pés para os treze homens pobres na Quinta-feira Santa. Entre nós, aquele dia é mantido como um esplendor festivo em honra da Sagrada Eucaristia e nessa grande celebração levamos o Santíssimo Sacramento em procissão ao redor da igreja como na Benção. Três grandes Hóstias adicionais são consagradas nesta celebração e reservadas para uso posterior. À tarde, um cibório contendo estas três Hóstias é levado em procissão solene. Essas Hóstias, junto com algumas partículas que podem ser necessárias para os enfermos, são mantidas na sacristia ou em qualquer outro local conveniente fora da igreja. Dois deles devem ser usados na Eucaristia da Pré-santificação na Sexta-feira e no Sábado Santo, respectivamente, e o terceiro é depositado no tabernáculo do altar-mor antes da primeira celebração no dia da Páscoa ou no sábado à tarde se celebrarem as primeiras Vésperas da Páscoa e a Bênção é dada.

Após o serviço noturno na Quinta-feira Santa, as flores, a toalha de mesa e a frente do altar são retiradas e o tabernáculo é deixado aberto e vazio, a cruz do altar é novamente coberta de violeta, como tem sido durante toda a Semana Santa, exceto a quinta-feira quando ela estava coberta com um véu branco. Nesse dia, o bispo consagra em sua catedral os óleos sagrados que serão usados no ano seguinte.

SEXTA-FEIRA SANTA

Na Sexta-Feira Santa, o altar é coberto com uma toalha de linho branca e uma frente roxa ou isenta de nenhum enfeite. Não há velas acesas. O serviço inicia-se com os Asperges na forma curta ou longa, omitindo a coleta para o Anjo. A Coleta, a Epístola e o Evangelho seguem imediatamente. Se houver um sermão, ele segue o Evangelho e então segue o antigo culto de adoração da Cruz. Para este fim, a Cruz do Altar é colocada no centro do altar e enquanto o véu é removido, a congregação se ajoelha. O oficiante e qualquer um dos clérigos e acólitos se aproximam do altar do outro lado do santuário em três estágios e no final de cada estágio todos se ajoelham simultaneamente. Na primeira genuflexão, o sacerdote diz o versículo: "Santo Tu és, ó Deus", e a congregação repete. Durante a segunda genuflexão, ele canta: "Santo Tu és, ó Todo-Poderoso", e novamente os fiéis repetem este versículo. Na terceira genuflexão, ele canta: "Santo Tu és, ó Único Imortal; derrama o Teu amor, sobre nós." Mais uma vez, os fiéis repetem as mesmas palavras. Esta é uma das cerimônias mais antigas e como ainda é realizada na Igreja Romana, a forma primitiva é preservada; porque o sacerdote canta o verso em grego e os fiéis respondem em latim. No entanto, considerando a impossibilidade de o homem comum pronunciar corretamente essas palavras, consideramos conveniente traduzir os versos para o espanhol.

Em seguida, canta-se o hino "Toma a tua Cruz" e no final acendem-se as velas do altar e a Cruz volta ao seu lugar habitual. Agora se forma uma procissão que sai em busca da Hóstia e retorna ao altar-mor com velas e incenso enquanto o celebrante carrega a Hóstia em um cibório. Em seguida, ele coloca a Hóstia no corporal e despeja água e vinho no cálice, mas sem fazer as orações habituais. O sacerdote então incensa as ofertas no altar da maneira usual e assume a Eucaristia no Orate Frates usando apenas duas orações curtas; então ele levanta a Hóstia, quebra-a no cálice e deixa cair uma partícula como sempre, mas em silêncio. Em seguida, recita a invocação: "Ó Tu, que estás neste adorável Sacramento ..." e comunga como de costume. Em seguida, o serviço com o Post Comunnio é concluído e a toalha de mesa é retirada do altar.

Essa forma curiosamente abreviada é chamada na igreja de Roma de Missa da Pré-Santificação. Nessa Igreja e na nossa é realizada apenas na Sexta Feira Santa e no Sábado Santo, mas na Igreja Oriental uma forma semelhante é realizada todos os dias da Quaresma, exceto aos sábados e domingos. Os serviços tradicionais da Sexta-Feira Santa e do Sábado Santo são prolongados com a leitura de longos trechos retirados do Antigo Testamento; mas tudo isso é omitido em nossos serviços. Nossa atitude em relação aos acontecimentos que devemos comemorar é tão diferente de outras igrejas que a forma de serviço que elas prescrevem é totalmente inadequada para nós. No entanto, a Sexta-Feira Santa oferece ao sacerdote uma boa oportunidade para explicar aos seus fiéis o que ele sabe sobre a grande Iniciação que a Igreja aqui simboliza para nós. Em certo sentido, é a última das Iniciações puramente humanas. Ainda existe um, o quinto, o Asekha, que significa "o homem que nada mais tem a aprender", isto é, com respeito à nossa cadeia planetária, e no sistema cristão é simbolizada pela Ascensão e descida do Espírito Santo no Pentecostes. Mas essa Iniciação leva o homem para além da humanidade e faz dele um super-homem, de modo que se pode dizer que o que celebramos agora, a Iniciação de Arhat, é na verdade a última das Iniciações puramente humanas.

Muitas vezes ele se pergunta por que tanto sofrimento e dificuldades devem estar associados a isso. É parte de nosso ensino que nenhuma dor pode sobrevir a nós a menos que a tenhamos merecido e que existe uma poderosa lei de causa e efeito na obediência que advém das alegrias ou dos sofrimentos, conforme o caso. Portanto, o homem que está prestes a encerrar sua existência como ser humano e passar para um estado completamente superior, deve primeiro limpar todo o carma passado[21], como o chamam na Índia, ou seja, qualquer dívida remanescente como resultado de suas ações passadas. Uma certa quantidade permanece até o final de sua existência humana e manifesta-se no momento em que está prestes a dar o último passo. Estamos gerando causas o tempo todo, todos os dias, todos os momentos; por meio de nossos pensamentos, nossas palavras, nossas ações, estamos colocando algo em movimento. Inevitavelmente, isso reage sobre nós, seja bom ou ruim. É improvável que o homem que atingiu o nível da mais elevada Iniciação esteja criando muito carma ruim, porque ele já está mais avançado no desenvolvimento

[21] Sanchita karma

espiritual do que o homem comum. Portanto, necessariamente, a maior parte do carma que ele cria certamente deve ser bom, mas como ele ainda é um ser humano, algo ainda será ruim, mesmo que a proporção seja pequena. Embora este karma seja uma lei natural e funcione tão absolutamente quanto as leis físicas aqui embaixo, ele é dirigido por Oficiais encarregados de supervisionar sua aplicabilidade, e há casos em que eles interferem com o que de outra forma seria a ação direta daquela força. Jamais podem reduzir uma dívida kármica, mesmo por uma “vírgula”; o que um homem põe em movimento retornará a ele. Os Oficiais não podem reduzir sua ação, mas pode-se atrasá-la ou apressá-la, e o fazem de acordo com o que consideram benéfico ao homem. Podemos verificar que nos primeiros estágios do desenvolvimento humano, quando o homem ainda é um selvagem, quando ele ainda é vítima de todos os tipos de paixões violentas, ele certamente criaria uma grande quantidade de carma negativo, e se tudo estivesse sobre ele de uma vez, não haveria progresso, ficaria completamente sobrecarregado; portanto, nos primeiros estágios de seu desenvolvimento, é atrasado. Mas quando começa a ter carma positivo o suficiente para contrabalançar isso, aos poucos o carma negativo é liberado e o que poderia ser chamado de seu destino é na verdade a quantidade de carma que é separada e dada a ele para exauri-lo naquela determinada existência. Uma certa quantia permanece até o fim, mas depois deve ser paga.

Isso é o que acontece nesta quarta Iniciação de Arhat. Se quisermos um exemplo de como as coisas funcionam, basta ler a autobiografia da Sra. Besant e ver quanto sofrimento recai sobre quem está prestes a alcançá-la. Existem muitos outros casos. Citações tiradas da Sra. Blavatsky e Ruysbroek nos mostram que por muitos séculos essa ideia foi bem compreendida por aqueles que mergulharam nesta vida superior. Sabem que devem fazer desaparecer todas as outras dívidas com a lei divina e querem enfrentar todo o sofrimento e dor envolvidos nessa eliminação, e pela força de sua vontade obterão o benefício de fazer o bem aos outros.

Mas nós, que estamos muito longe de alcançar tal Iniciação, vemos na vida diária que uma certa quantidade de sofrimento e dor que convergem sobre nós. Esse também é o resultado do que fizemos em vidas anteriores. Há uma passagem curiosa em que se diz: “O Senhor castiga a quem ama”. Quando eu era jovem, nunca entendi seu significado, o que não é como comumente se insinua. A realidade por trás disso é esta: se um homem faz um bem excepcional em sua vida, se ele dissipa todo o karma anterior que lhe foi distribuído, às vezes os Senhores do Karma lhe dão algo mais. Ao que tudo indica, você será recompensado por ser um bom homem, trazendo-lhe alguma dor ou tristeza extraordinária; mas a razão é que o consideram digno, o consideram forte o suficiente para pagar um pouco mais suas dívidas e assim se aproximar do momento em que estará livre de tudo. Portanto, é um elogio que os senhores do karma acumulem sobre ele uma quantidade adicional de sofrimento, deem em uma vida a dor que corresponderia a duas vidas e, assim, economizem tempo; reduzem em um o número de vidas à sua frente e isso o aproxima cada vez mais de sua libertação.

Mas na vida cotidiana temos outra tarefa pela frente, a de nos desenvolver para o futuro. É o que quer dizer o Evangelho que se lê na Sexta-Feira Santa: “Quem não leva a sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo”[22]. Isso significa que todos devemos tomar nossa natureza inferior e subjugá-la. É extremamente bom para o homem, a alma, mas é muito desagradável para a natureza inferior que está sendo subjugada; no entanto, é absolutamente necessário e como esses veículos inferiores são tão difíceis de governar, deve-se tomar uma definitiva cruz e uma certa quantidade de inconveniência deve ser suportada. Qualquer pessoa que tenha um mau hábito descobrirá que suprimir envolverá muito sofrimento. Se uma pessoa estava acostumada a usar drogas, ela encontra uma terrível luta para dominar esse vício. E não é uma luta menor para controlar um mau caráter, para controlar a preguiça, para controlar o hábito de críticas e reclamações constantes. Todas essas coisas são certas cruzes, mas devemos pegar a nossa e carregá-la, caso contrário não podemos ser verdadeiros discípulos de Cristo. Portanto, até que nos libertemos de nossas faltas, uma certa quantidade de dor e sofrimento é inevitável para aqueles que tentam avançar.

Mas não pense que a dor e o sofrimento agradam ao Divino. Essa é a terrível ilusão que nos veio através das ideias medievais sobre o assunto, a ideia de que jejuar, torturar o corpo de alguma forma, eram coisas que agradavam a Deus. Além do mais, elas não agradam a Deus. Em uma escritura mais antiga que a nossa e com muito mais sabedoria o Logos é representado dizendo ao seu povo: "Alguns, sendo ignorantes, torturam a Mim que resido dentro de seus corpos"[23]; porque toda vida é divina e quem tortura o corpo, por meio dela, está reagindo contra o Deus interno. Esse ascetismo não ajuda a si mesmo e costuma ser perigoso. Nunca é bom torturar o corpo, mas é preciso aprender a controlar todos os nossos veículos, o físico, o astral e o mental; e fazer isso geralmente é cansativo e fatigoso. Consequentemente, é importante tomarmos nossa cruz e não ter vergonha de enfrentá-la. Devemos fazer isso. Se houver dor, dificuldades, tristezas, atrairemos para nós, permitindo que o passado de maus hábitos se desenvolva. Devemos enfrentar o sofrimento e nos livrar dele. Esta é a verdadeira lição da Sexta-Feira Santa: que a cruz que levamos nas costas em imitação de Cristo significa a conquista da natureza inferior. Não é algo que pode ser feito levianamente; deve ser realizado com seriedade; se não enfrentarmos nesta vida, significa apenas que os maus hábitos se tornarão mais fortes e, portanto, em uma vida futura, teremos que enfrentar mais dores. É só uma questão de sabedoria e bom senso assumir estas questões agora e nessa ocasião em que a Igreja nos faz lembrar. Vamos buscar nossos pontos fracos e tentar superá-los; este é o verdadeiro significado da história da Sexta-Feira Santa. Se fizermos isso, também entenderemos e começaremos a perceber a glória da ressurreição, a libertação dessa escravidão, dos maus hábitos e da

[22] Mateus 10:38 *“E aquele que não toma a sua cruz e não me segue, também não é digno de mim”.*
[23] Bhagavad Gita 17:5-6.

ascensão a uma vida mais elevada, fato que comemoramos no domingo de Páscoa.

Não importa até que ponto a história do evangelho é real; é provável que esses eventos não tenham ocorrido como descrito naquela vida na Palestina, mas é certo que nosso Senhor, embora há muito tempo, já passou por todas as etapas pelas quais devemos passar. Em tudo, Ele teve tentações como nós, e em tudo, Ele é nosso exemplo e guia. Ele não nos pede para passar por algo que Ele não tenha passado antes. Assim, é bom que tenhamos os olhos bem abertos e possamos compreender que não devemos cometer o erro de materializar e degradar toda esta bela alegoria.

Nesse dia, seria bom que o sacerdote falasse aos seus fiéis sobre a necessidade de se sacrificar na vida religiosa e de dominar a natureza inferior por meio da superior. Se um serviço noturno for realizado na Sexta-Feira Santa, ele deve ser completo, uma vez que nem as Vésperas nem a Bênção são permitidas.

SÁBADO SANTO

Os antigos cultos do Sábado Santo são raros e complexos, e muitos deles se originaram muito antes da fundação do Cristianismo. A obtenção do novo fogo, por exemplo, pode ser encontrada nos primeiros dias do Zoroastrismo, não apenas na época dos ensinamentos do último Zoroastro, cerca de 1500 anos a.C., mas muito antes, na época do primeiro da longa lista de seus antecessores. A rubrica de nossa liturgia prescreve que o fogo seja aceso fora da igreja em um momento conveniente antes do serviço. É aconselhável que o pavio com o qual o fogo será aceso deve-se queimá-lo através do sol por meio de uma lente, mas quando isso não for possível, utilize sílex e aço. O altar é coberto com um pano de linho simples e a frente é roxa, sem outros adornos. As velas ainda não estão acesas.

O serviço começa com os Asperges. Em seguida, forma-se uma procissão que segue em direção à porta da igreja. Agora as brasas acesas são colocadas em um recipiente adequado, como um turibulo aberto, e o sacerdote abençoa o novo fogo, no qual o carvão é aceso onde o incenso é queimado. Este carvão é colocado em outro turíbulo e sempre do novo fogo um candelabro triplo é especialmente preparado e aceso, e então ele é abençoado. A procissão retorna, e o diácono (vestindo uma dalmática branca) carrega o candelabro triplo na mão. À medida que a procissão passa pela igreja, aqueles que dela participam genuflexionam simultaneamente quatro vezes; a cada um deles o diácono levanta o triplo candelabro e canta: "Cristo é a nossa luz", ao que os fiéis respondem: "Que a sua luz brilhe em nos nossos corações". Quando chegam ao altar, ele recita o Munda Cor Meum e o celebrante responde como de costume, logo após, o diácono lê os primeiros doze versículos do Evangelho de São João.

Previamente, era preparado em um ângulo na lateral do altar correspondente ao Evangelho, uma grande vela em um alto candelabro. O diácono adiciona agora cinco grãos de incenso a esta vela e o sacerdote os

abençoa especialmente. Então o diácono acende e as velas do altar com o castiçal triplo e então recita uma coleta apropriada. Em seguida, o diácono coloca a dalmática roxa novamente.

Esta grande vela é chamada de vela pascal e é acesa em todas as celebrações da Sagrada Eucaristia, nas Vésperas, desde a Páscoa até a festa da Ascensão, quando se extingue solenemente depois do Evangelho. Reaparece na vigília de Pentecostes (mas sem o candelabro) na cerimônia de Bênção, nas igrejas onde decorre este serviço.

É costume na Igreja Romana consagrar neste dia a água que será usada nos batismos do ano seguinte; e se houver alguns candidatos, um ou dois batismos são recomendados neste momento. Também adotamos esta observância tradicional, se houver candidatos para o batismo, embora prefiramos consagrar a água do batismo sempre que necessário. Se a água for abençoada, o sacerdote mergulha a base do castiçal triplo na água e faz o sinal-da-cruz três vezes. Depois disso, segue-se a missa para os pré-santificados, a mesma do dia anterior.

Antigamente os fiéis passavam a noite do Sábado Santo em vigília e oração, e muitas vezes à noite a pia batismal era abençoada e os catecúmenos eram batizados para que ao amanhecer estivessem prontos para compartilhar a celebração da Ressurreição. Como preparação para tudo isso, se liam longos discursos e passagens das Escrituras para a edificação dos fiéis. Durante a Idade Média, havia uma tendência de antecipar os eventos e coloca-los em evidência, e agora a Igreja de Roma celebra a Missa da Ressurreição, bem como a bênção do novo fogo e da fonte na manhã de sábado. Na Igreja Católica Liberal, voltamos ao rito mais antigo e certamente o mais profundo de não celebrar a Missa da Ressurreição até a manhã de Páscoa. O serviço das Vésperas, no sábado, é certamente o da própria Páscoa e, consequentemente, é celebrado da melhor maneira possível.

CAPITULO VIII

PÁSCOA

Os feriados religiosos são classificados de várias maneiras, de acordo com sua importância. Como já expliquei, todos os grandes festivais têm o que se chama "uma oitava"; ou seja, eles são celebrados ao longo da semana e o oitavo dia é virtualmente uma repetição do primeiro. A Páscoa é a maior de todas; é tão grande que a sua celebração dura ainda mais e em sua homenagem guardamos os quarenta dias que decorrem até ao momento da Ascensão; e durante esse período acendemos a vela pascal especial, para indicar que tudo isso faz parte do feriado mais glorioso de todo o ano cristão.

A palavra inglesa "Easter" deriva de Eostre, que é o nome da deusa anglo-saxã da primavera. Além disso, há outra derivação, porque Eostre é apenas outra forma de Ishtar, Ashtaroth ou Astarte, a Rainha dos Céus, e se voltarmos ainda mais no tempo, deriva do Sânscrito Us, que significa luz, e do qual vem Ushas, as Donzelas da Aurora, dos Vedas. Portanto, fundamentalmente a Páscoa, é a grande festa da luz, do ressurgimento da Luz do Mundo.

Toda a simbologia de nossa evolução está centralizada em torno de sua fonte e origem, a Deidade Solar, que na filosofia grega era chamada de Logos de nosso sistema. Logos significa “Verbo”, é o termo grego usado no texto mais famoso e belo: “No princípio era o Verbo (Verbo) e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus”.

Vamos tentar entender um pouco o que essas palavras significam para seu autor. A doutrina cristã moderna tornou-se muito materialista e não filosófica, principalmente devido, como já disse, à infeliz e contínua confusão entre a divindade judaica tribal e muito pessoal com a Causa Primeira e Suprema de tudo. Aqueles que aderem a essa confusão ilógica pensam em Deus como um pai, mas um pai tirano, cruel e ciumento além de toda experiência terrena, que cria a sua vontade um homem rico e outro cheio de doenças desde o nascimento ou que o joga no colo da opulência e outro em uma devastadora pobreza, capaz de lançar uma ou outra ou ambas em uma tortura perene após a morte, se não forçarem o intelecto de que os dotou a acreditar em certas histórias fantásticas.

É verdade que nenhum homem pode entender Deus; mas pelo menos podemos formar um conceito mais inteligente Dele, e o primeiro passo em direção a tal conceito é reconhecer que Ele se manifesta de muitas maneiras. Em nosso estado atual, não podemos saber nada do Absoluto, do Infinito, do Todo-abrangente, exceto que "Ele é". Não podemos dizer nada que não seja uma limitação e, portanto, impreciso. Mas Nele existem inúmeros universos e em cada universo, milhões de sistemas solares. Cada sistema solar é a expressão de um Ser poderoso a quem chamamos de Deidade Solar, o Logos, a Palavra ou expressão desse Deus infinito. Esta Deidade Solar é para seu sistema tudo o que os homens querem dizer com o título de Deus. Ele o permeia; nele não há nada que não seja ele; é a manifestação Dele na matéria, como podemos ver. E ainda assim Ele existe acima dele e também fora dele, vivendo uma vida de Seu

próprio esplendor entre Seus Pares. Como se diz em uma Escritura mais antiga que o nossa: "Tendo impregnado todo este universo com um átomo de Mim mesmo, continuo a existir."

Esta Deidade Solar emanou de Si mesmo todo este poderoso sistema. Aqueles de nós que estão nele são fragmentos em evolução de Sua Vida; faíscas de Seu Fogo Divino. Dele todos viemos e Dele retornaremos. Ele se derrama na matéria e assim realmente sofre um declínio, uma crucificação, uma morte, e então levanta-se dessa matéria, para que nós, humanidade, possamos existir. Toda a vida do sistema solar vem Dele e, portanto, aqueles que desejam cumprir o que Ele nos indicou e que desejam torna-se sábios, tornam-se iniciados, devem seguir Seus passos e se desenvolver como Ele se desenvolveu. Todas as religiões antigas absorveram essas ideias e criaram belos símbolos, que diferem de acordo com a religião, as etnias e os povos; e esse mesmo simbolismo, que indica e descreve a vida do Iniciado em termos da vida do Deus Sol, existe aqui em nossa Igreja Cristã e manifesta-se no decorrer do ano cristão.

A primeira metade desse ano (do Advento e Natal ao domingo da Trindade) é, por assim dizer, a parte ativa e movimentada da vida solar; e então os próximos seis meses são dedicados à prática e observância do que aprendemos, e assim passamos para as águas relativamente calmas dos domingos depois de Trindade, quando tudo ainda está calmo e com festividades ocasionais, nenhuma das quais está relacionada com a história da vida de Cristo, que é também a vida do Deus Sol.

Em todas as religiões, da mesma forma, o Deus Sol nasce sempre no meio do inverno [Hemisfério Norte], logo após o dia sendo mais curto, à meia-noite de 24 de dezembro, quando a constelação de Virgem está no horizonte. Ele nasceu da Virgem; e, no entanto, após o nascimento, quando o sol nasce no céu, Virgem continua a ser a Virgem sempre imaculada e celestial. Vemos aqui um detalhe na história da Imaculada Conceição, que aparece não apenas em nossa religião, mas em muitas outras religiões antigas.

O Deus Sol renasce, porque na latitude norte o dia mais curto já passou; durante meses os dias foram ficando mais curtos, como se Ele tivesse sido dominado pelos poderes das trevas; mas essa decadência foi superada, e Ele começa a reafirmar Seus poderes, e a noite lentamente se rende a Ele. Ele ainda deve passar pelas tempestades e sofrimentos do inverno, e essa é a razão pela qual a infância do Deus Sol em todas as religiões está sempre rodeada de dores, sofrimentos e dificuldades.

Krishna sofreu muita perseguição e teve que ser escondido entre os pastores quando criança, porque o rei buscava Sua vida; o Senhor Jesus foi procurado por Herodes para que pudesse matá-lo; em todas as histórias sobre a vida de Cristo em qualquer religião, sempre encontramos um fio condutor. O próprio Osíris, milhares de séculos antes, foi cortado em pedaços e destruído por Set, e somente mais tarde, Seus membros se reuniram e ressurgiram.

No Egito Antigo, o povo chorava a morte de Osíris, assim como agora alguns cristãos choram a morte de Cristo na Sexta-Feira Santa, e então celebravam uma grande festa da reunião das partes, daquilo que era separado; assim como agora celebramos a Páscoa. Essas religiões antigas ensinavam as mesmas verdades que fazemos agora; a verdade é uma, embora tenha muitas facetas, e naquela época as apresentações não eram diferentes das que temos agora diante de nós.

Grandes são as tempestades e adversidades do inverno, mas o Deus Sol sobrevive a todas elas e Sua força aumenta continuamente à medida que os dias se alongam em direção ao equinócio de primavera. Nesse equinócio, como o nome indica, as noites e os dias são exatamente iguais em todo o mundo, e depois disso, o sol cruza a linha, de modo que no hemisfério norte os dias se alongam e a vitória do Deus Sol sobre a noite. Ele se ergue triunfantemente acima da linha e sobe ao céu, amadurecendo o trigo e as uvas, derramando Sua vida neles para torná-los Sua substância e, assim, por meio dela, dar-se a Seus adoradores.

Cada um de nós, por sua vez, deve sofrer a dor simbolizada pela Cruz; Cada um de nós deve aprender a doar-se inteiramente para o benefício dos outros, mas também para cada um de nós há a glória da Páscoa, a Ressurreição, a vitória, o triunfo sobre a matéria.

Assim, continua sendo uma verdade eterna e gloriosa. A conquista da vitória do homem sobre a natureza inferior é algo que todo cristão deve alcançar na vida. Em sua vida, chegará um momento quando finalmente conquistará a matéria inferior e se elevará acima das trevas do pecado e da ignorância para a luz da sabedoria, para uma vida mais pura e elevada.

Portanto, a Páscoa não é apenas a comemoração de algo que aconteceu em um passado distante; é um dia de verdadeira celebração e gratidão pela vitória que o homem conquistou, está conquistando e conquistará em todos os tempos, sobre o que é inferior, o que é subdesenvolvido.

Em todos nós, está a Centelha Divina. Cristo disse: "Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo." Em cada um de nós essa centelha divina é o verdadeiro homem, e se manifesta nos planos inferiores da alma humana, o Ego, e que, por sua vez, envia a personalidade para planos ainda inferiores, que é o que conhecemos como o "eu" aqui embaixo. Somos apenas um pequeno fragmento de um fragmento da magnífica realidade. Aquilo que vemos como sendo nós mesmos aqui embaixo é, por assim dizer, a semente da glória futura; Mas cada um de nós também é uma alma, mais do que isso, é um espírito, a centelha divina que aos poucos, lentamente se vai descobrindo, desenvolvendo as qualidades pelas quais pode se manifestar, para que o homem a conheça como é.

Atualmente, a faísca arde aqui embaixo, estamos apenas no início da parte superior de nossa evolução. Já alcançamos uma grande vitória porque estamos aqui como homens, nossa vida passou por todos os estágios inferiores,

os reinos mineral, vegetal e animal, em tempos longínquos. Alcançamos a humanidade, nos unimos ao Pai e desenvolvemos a alma; mas essa alma, por sua vez, deve crescer e se expandir. Assim como a personalidade deve se tornar uma com aquela alma, ela deve, por sua vez, tornar-se uma com a centelha divina que ela representa, e mais tarde ainda, a centelha divina retornará à chama da qual faz parte, e Deus é Tudo em Todos.

Todos os estágios desse progresso são uma vitória; cada um deles é verdadeiramente uma ressurreição, uma ascensão do inferior para o superior. A vida de Cristo é o protótipo da vida de cada um de seus seguidores. Todos nós devemos passar por essas etapas, aquelas Iniciações pelas quais Cristo passou. Devemos sofrer com Ele todas as dores e sofrimentos da semana que passou, uma verdadeira crucificação de tudo o que o homem parece querer ou possuir; mas aquele que resiste até o fim, aquele que passa vitorioso por essa prova, a ele será revelada a glória da Páscoa, e ele alcançará a vitória que o torna mais do que um homem, porque o eleva ao nível do Espírito de Cristo.

Essa vitória espera cada um de nós, e quando agradecemos a Deus pela festividade da Páscoa, agradecemos também a Ele por esta maravilhosa possibilidade, e pelo fato de que até agora muitos já o perceberam. É verdade que vemos muito pouco deles, porque os que chegam a essa altura estão longe da vida normal do homem e é necessário que o façam. Seus propósitos são tão diferentes que a maioria de nós tem, que toda a sua vida deve ser diferente também. Deve ser muito difícil quando eles ainda precisam compartilhar seu destino neste mundo agitado.

Existem alguns que, alcançando esse nível, ainda precisam da ajuda de outros para trabalhar aqui na terra, mas a vida deles é de tremendo estresse, de grandes provações em muitos aspectos. Não pode ser uma vida de felicidade no sentido comum da palavra, mesmo que seja sempre uma vida de felicidade interior e espiritual, porque goza de uma alegria que nada na terra pode afetar.

Não há problema, nenhuma dor ou sofrimento aqui embaixo que possa minar a união com Deus que tais homens alcançaram e, assim, embora sua vida aqui no mundo seja de grandes tensões, esforços e lutas, ainda assim a glória é muito maior do que qualquer palavra possa expressar esse sofrimento, que dura apenas um momento, para eles é insignificante, não vale nada próximo ao que essa glória valerá.

Essa é então a possibilidade pela qual agradecemos a Deus e, como já disse, agradecemos também o fato de que muitos o conseguiram, e assim nos mostram que isso também é possível para todos nós. Receio que às vezes, quando somos apresentados ao exemplo dos grandes santos e poderosos anjos, tudo parece impossível, inatingível. Talvez pensemos: "Sim, está tudo bem quando chegarmos a essa altura, mas nós estamos a tantos quilômetros de distância, tantos séculos atrasados?" No entanto, todos os que podem ver os níveis superiores, aqueles que podem observar os degraus da escada da vida que estão acima e abaixo de nós, concordam em nos dizer que veem homens em cada um desses degraus, e aqueles que agora estão tão acima de nós

através de seu conhecimento e poder nos parecem deuses, eles nos dizem que não faz muito tempo que estavam onde estamos agora e que, se tivermos perseverança, nos tornaremos, sem dúvida ou questionamento, onde eles estão.

“Se Cristo ressuscitou, então nós também ressuscitaremos” era a antiga afirmação, e de fato é verdade. Também é verdadeira em muitos sentidos e especialmente com respeito ao simbolismo de que falo.

Porque Ele venceu o mal, porque Ele se elevou acima da matéria, outros foram capazes de segui-Lo e fazer o mesmo, porque eles fizeram isso, nós também faremos.

A Páscoa é uma realidade magnífica para cada um de nós, tal como o foi para Ele. No Natal, não comemoramos apenas o nascimento de Cristo (mesmo numa das suas muitas formas simbólicas); também entoamos uma possibilidade pessoal. Não era uma figura retórica quando dizíamos: "Dentro de nós nasceu uma criança, dentro de nós uma criança nos foi dada."

A possibilidade existe para todos nós e devemos pensar que a glória da ressurreição na Páscoa, o grande triunfo do bem sobre o mal é uma positiva e absoluta realidade para cada indivíduo. Não é algo fora do alcance, que pode ou não refletir sua glória sobre nós, mas um passo real e definitivo que cada indivíduo aqui e em toda parte deve dar no futuro; algo real, autêntico, que podemos colocar diante de nós com a certeza de que o conseguiremos.

Alguns lograrão de forma comparativamente rápida; outros serão mais lentos em sua ascensão; isso depende do nosso poder. Podemos apressar ou atrasar nossa jornada em direção a essa meta gloriosa, mas não podemos abandonar o caminho para sempre. Não podemos fazer a menos que alcancemos a meta final e conquistemos a vitória, seja o que for que fizermos. Existem homens que chamamos de ímpios, o que significa que eles se desviaram do caminho direto para Deus.

Eles são maus porque são ignorantes e estúpidos, porque não entendem, mas mesmo quando se afastam do grande caminho, voltarão a ele, porque é o que Deus quis para eles desde o início. Eles podem dar as costas à luz, podem atrasar seu progresso, mas a pressão daquela Vontade determinada os levará mais cedo ou mais tarde de volta ao caminho, e aqueles que agora estão na ignorância aprenderão a verdade de Deus. Aqueles que agora estão sentados nas trevas, sobre eles a luz brilhará; aqueles que estão atualmente no Jardim do Getsêmani, que sentem que estão experimentando uma verdadeira crucificação, verão inevitavelmente a glória da vitória da Páscoa, o supremo triunfo final do bem sobre o mal.

Em Sua ressurreição está a garantia para nós mesmos. Porque o próprio Logos penetrou na matéria, triunfou e se elevou acima dela; porque Cristo, o grande Instrutor do Mundo, também passou por essa experiência. É um fato concreto para cada um de nós quando chegar a hora de sofrer aquela dor e aquela crucificação, seremos conduzidos, como Ele o foi, para a glória superior da ressurreição e o triunfo final. Esse triunfo final é baseado no conhecimento.

O Iniciado conhece aquilo em que crê; e a matéria não poderá reconquistar aquele que aprendeu que tudo, matéria e espírito, são igualmente partes de Deus e estão igualmente incluídos no Plano Divino que nos conduz a esta vitória gloriosa. Porque a vitória consiste em tornar-se Um com Ele, um com Aquele que é Tudo em Todos. Portanto, é uma vitória eterna, é para sempre, assim não pode haver dúvida, porque saberemos quando somos um com Ele. Então seremos como Ele, porque o vemos como Ele é, porque realmente o conhecemos e, portanto, não podemos voltar atrás.

Podemos ou não considerar a alegoria bíblica que é lida para nós na Páscoa como uma representação de um fato histórico no plano físico; nossos fiéis são totalmente livres para acreditar ou não; mas a maioria de nós afirmamos que tais alegorias incorporam em formas simbólicas uma grande e poderosa verdade.

Portanto, para nós, a Páscoa é uma gloriosa festividade; e nós o celebramos de todas as formas possíveis. Assim, sentimos uma verdadeira alegria em trocarmos uns com os outros as saudações tradicionais da Páscoa. Porque, assim como desejamos um feliz Natal no dia de Natal, da mesma forma quando os primeiros cristãos se reuniam na Páscoa, eles diziam uns aos outros: "O Senhor ressuscitou" e a resposta foi: "Ele realmente ressuscitou."

Não de um túmulo terrestre, mas de um túmulo de matéria, ressuscitado na verdade e na esplêndida realidade, ressuscitado para sempre. E assim, em Sua vitória também triunfaremos, e na alegria do Senhor, sua Igreja também se regozijará.

CAPÍTULO IX

O DIA DA ASCENSÃO

Quatro festivais da igreja cristã sempre foram reconhecidos como os maiores: Natal, Páscoa, Dia da Ascensão e Dia de Pentecostes. Três deles foram aceitos pelo mundo exterior como feriados; mas o mesmo não aconteceu no caso do Dia da Ascensão, provavelmente porque cai muito perto do Pentecostes, apenas dez dias antes, e este último, sendo um domingo, é mais conveniente para ser celebrado de forma popular. No entanto, o Dia da Ascensão é um daqueles dias que nossos irmãos romanos chamam de feriados obrigatórios e todos os verdadeiros membros da igreja devem se juntar à celebração da Sagrada Eucaristia e tomar a comunhão sempre que possível. A justificativa para este requisito é que cada um desses festivais tem seu próprio tipo especial de força que é derramado durante tal celebração e a igreja deseja que seus fiéis se beneficiem de todas essas correntes de graça para que seus veículos possam ser desenvolvidos e aperfeiçoados de forma equilibrada.

Se considerarmos do ponto de vista da vida de Cristo, esta é uma das maiores festas. Há um antigo hino monástico que enfatiza isso lindamente, explicando que embora estejamos cheios de alegria para o Natal, quando os anjos descem e cantam o nascimento do jovem rei, em toda essa alegria não falta o pensamento da vida oprimida, por muito sofrimento, incompreensões e perseguições, que se abre diante do Santo Menino. E mesmo no maior dos festivais, o triunfo sobre a morte na Páscoa, a vida de nosso Senhor na Terra, ainda não terminou; Ele ainda tem trabalho a fazer para ensinar seu povo. Mas quando chegamos ao Dia da Ascensão, todos os trabalhos terrenos estão concluídos, porque este é o triunfo final, quando Cristo tomará seu lugar para sempre à direita de seu Pai. Certamente, do ponto de vista da Igreja, esta deveria ser uma das maiores festas, e de acordo com nossa liturgia realmente é.

Também do ponto de vista oculto é um dia de profundo significado e importância, porque o Dia da Ascensão e o Dia de Pentecostes juntos tipificam a 5ª Iniciação, a do Mestre Adepto. Nele, o homem se eleva da terra ao céu e, pela primeira vez, definitivamente dá um passo além da humanidade comum.

A etapa de Arhat que a precede, é esta vida livre de alguns grilhões da vida humana comum porque havia esgotado muito de seu karma e não está mais obrigado a reencarnar neste plano físico, mesmo que faça isso para auxiliar os demais; e essa imunidade das necessidades inferiores é simbolizada pela ressurreição do corpo de Cristo, que passa através de portas fechadas e aparece e desaparece à vontade. Mas nesta 5ª Iniciação ele atinge a meta traçada para a humanidade nesta cadeia de mundos. Com a 5ª Iniciação, ele também atinge a união com um certo aspecto da Terceira Pessoa do grande Logos Solar; e um dos efeitos disso é simbolizado pela descida do Espírito Santo no Pentecostes, à qual nos referiremos um pouco mais adiante.

Neste dia, não estamos apenas celebrando a conquista daquele nível que qualquer homem pode alcançar. É claro que podemos olhar para trás, para a

época em que o grande Instrutor do Mundo deu esse passo, e isso foi há muito tempo nas brumas do tempo, na névoa dos tempos pré-históricos; estamos realmente celebrando o fato de que para nós também é possível transcender a humanidade, isto é, esta Ascensão desde a Terra para os reinos mais elevados; portanto, na antiga coleta da igreja, rogamos para que, uma vez que nosso Senhor Cristo ascendeu ao céu, possamos também ascender em coração e mente e habitar para sempre com Ele. É claro que aqueles que assumem o ponto de vista do evangelho assumem literalmente significando que eles descansarão para sempre nas nuvens de glória na presença do corpo físico de Cristo. Devemos elevar um pouco mais o nosso pensamento e compreender que "permanecer para sempre com Cristo" significa verdadeiramente estarmos unidos a Ele em consciência, para que qualquer tarefa que possamos empreender em benefício desta ou de outra humanidade, onde quer que possamos ir dentro de todo o sistema solar, nunca perderemos esse senso de unidade íntima com ele.

E assim iremos verdadeiramente ressuscitar com Ele e Nele morreremos para sempre e isso será verdadeiro para todos nós. Que esse momento chegue logo, que em Seu Nome e por Seu Amor e nossa unidade com Ele, possamos transmitir a outros o glorioso evangelho que Ele nos ensinou, e o poder espiritual que por meio de tal evangelho Ele sempre efundiu.

CAPÍTULO X

O DIA DE PENTECOSTES

Pentecostes é o último do que chamamos das quatro grandes festividades do ano eclesiástico; E embora na Igreja Católica Liberal lhes demos, em muitos casos, uma interpretação diferente, todos esses grandes festivais têm grande significado para nós como para os outros ramos da Igreja.

Comumente se supõe que Pentecostes é meramente a comemoração da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, dez dias após a ascensão de Nosso Senhor ao céu. Não sei se aconteceu exatamente como declarado. Muitas pessoas têm discutido isso aparentemente com bons fundamentos, mas o ponto que devemos entender, tanto sobre este como sobre outros festivais, é que Orígenes, o maior dos Padres da Igreja, disse sobre a história do evangelho. Ele de forma alguma negou que tudo isso aconteceu na Judéia, mas disse que uma vez teve lugar na Palestina e isso não tem nenhuma consequência para nós; O que importa é que todos esses eventos simbolizam acontecimentos espirituais que ocorrem na vida de cada cristão.

Esta descida do Espírito Santo é o símbolo de uma grande realidade que ocorre na vida do discípulo iniciado. O homem que se tornou um Adepto entra em um Reino superior e se torna mais do que um homem; e por essa razão ele foi representado subindo da terra aos céus. Em conexão com isso, a descida do Espírito Santo tenta simbolizar a união maravilhosamente íntima e misteriosa entre o Adepto e a Divindade através da Mônada daquele Adepto e o derramamento da força espiritual que através dele atinge o mundo, um mistério verdadeiramente glorioso que ainda não podemos compreender completamente.

Portanto, devemos entender este feriado como a celebração da união de Deus e do homem e a consequente descida do Espírito Santo sobre o mundo. Não discuto que alguns desses eventos possam ter ocorrido na vida de Jesus, mas sua importância para nós reside no fato de que ocorrem durante a vida do iniciado e, portanto, um dia acontecerão a cada um de nós. O próprio nome do dia indica isso, embora muitas pessoas deem uma explicação equivocada. Costuma-se dizer que Pentecostes (em inglês Whitsunday) é uma corruptela do termo Domingo Branco (em inglês White Sunday) e que era assim chamado porque naquele dia os candidatos ao batismo eram apresentados vestidos de branco. Mas esta não é a verdadeira explicação, porque Pentecostes é na verdade uma corruptela de uma antiga palavra anglo-saxônica Pfingsten, que significa Espírito Santo. Portanto, deve ser pronunciado com o acento na primeira sílaba e para o fiel lembrar que a pronúncia que eu soletrei cuidadosamente separando-o com um hífen.

É de notar que o Espírito Santo ocupa uma posição estranha, se podemos nos aventurar a dizê-lo sem desrespeito, nos livros de coletas e serviços mais antigos. O Credo Atanásio nos diz, com grande verdade, que na Trindade ninguém é antes ou depois do outro, ninguém é maior ou menor que o outro, mas que os três são co-iguais e eternos; no entanto, podemos notar que

enquanto nas liturgias romana e anglicana há muitas orações a Deus Pai e a Deus Filho, quase nenhuma há a Deus Espírito Santo. Existem também muitas poucas igrejas dedicadas ao Espírito Santo. Parece que há uma oclusão semelhante e curiosa que ocorreu no Hinduísmo, mas com respeito ao Primeiro Aspecto e não ao Terceiro; porque me disseram que em toda a Índia há apenas um templo dedicado a Brahma, embora haja milhares dedicados a Vishnu e Shiva.

A razão para isso é que tem havido muitos mal-entendidos a respeito do lugar da Terceira Pessoa da sempre Abençoada Trindade. Lemos sobre Ele como sendo enviado por Cristo, como se Ele fosse, se assim podemos dizer sem desrespeito, uma mera influência a ser derramada. Isso não é verdade. Ele é uma Pessoa da Trindade, tão grande quanto os Outros, porque todos eles são iguais. Lembre-se de que a Trindade é um mistério e permanecerá um mistério, independentemente do que qualquer um de nós diga ou pense a respeito. Porque está muito além, além do nosso alcance; mas podemos entender algo do que isso significa para nós; é justo e conveniente que tentemos entendê-lo tanto quanto possível.

Todas as religiões têm uma Trindade, mas diferem até certo ponto na maneira como formam essa Trindade, ou seja, no ponto de vista do qual a veem. A Trindade das religiões mais antigas era quase sempre Pai, Mãe e Filho; por exemplo, no antigo Egito era Osiris, Ísis e Hórus. A Trindade Hindu é o Criador, o Preservador e o Destruidor; mas em cada um deles existe o lado materno no que é chamado de shakti ou poder, quase sempre considerado feminino. A Trindade Zoroastriana tem quase a ideia moderna de espírito, matéria e a força ativa gerada por sua interação: Ormuzd, Ahriman (que mais tarde foi considerado o diabo, mas originalmente fazia parte da Trindade) e Mithra, que tomou o lugar do Filho. Assim, embora ele não seja exatamente Pai, Mãe e Filho, ele é Espírito Eterno, Matéria Eterna e a força ativa que eles produzem, Mithra o Filho. A Trindade Cristã não é como nenhum deles, tem o Pai, o Filho unigênito d'Ele nascido, e o Espírito Santo procedente de ambos. Na Trindade Cristã não há elemento feminino, nada que possa ser considerado como representando apenas a matéria. Vários atributos que pertencem propriamente a essa linha de pensamento foram atribuídos a Deus Espírito Santo e pareceria que Ele representa várias características diferentes, ou talvez seja algum tipo de combinação de várias linhas de pensamento ou simbolismo.

Ao longo da história, o que mais se aproximou da apresentação cristã da Trindade como Pai, Filho e Espírito Santo é o conceito filosófico dos Três Aspectos do Logos. Em ambos não há aspecto feminino e eles correspondem muito intimamente. O aspecto feminino é apresentado como a matéria-mãe ou raiz da matéria que no hinduísmo é chamada de Mulaprakriti, que, no entanto, não faz parte da Trindade, assim como no sistema cristão a Virgem fica fora da Trindade, mas, no entanto, está intimamente relacionada a Suas Pessoas, representadas por exemplo em um famoso hino como a Mãe, Filha e Esposa de Deus. Mãe de Deus como Cristo (não o Cristo eterno, o unigênito do Pai, mas o Cristo como homem); filha de Deus com base na teoria de que foi concebida

imaculadamente por Ana, sua mãe, e mais tarde esposa do Espírito Santo na concepção imaculada de Cristo. Mas se tentarmos aplicar esse elaborado simbolismo cósmico à nobre senhora judia que foi a mãe de Jesus, materializaremos todo o conceito e o faremos parecer ridículo.

A Trindade Cristã representa os três estágios de emanação, e em certa medida eles concordam e são os protótipos da divisão em Poder, Sabedoria e Inteligência, porque Deus Pai é o Criador de tudo; o Âtma ou espírito no homem em uma expressão Dele, na verdade, parte Dele; enquanto Deus o Filho é a Sabedoria pela qual todas as coisas foram feitas. Deus Pai é o Criador, mas acredito que por meio de Seu Filho, o poder é exercido por meio do Filho, a sabedoria. Então temos o Terceiro Aspecto, o Espírito Santo que corresponde à ideia de manas ou inteligência no homem, assim como Buddhi ou intuição corresponde à Sabedoria e Âtma ou espírito corresponde à Luz ou Poder que está além.

O conceito cristão do Espírito Santo inclui a ideia oriental da Luz do Logos, o Braço que vem do Pai e do Filho, pelo qual a Obra Divina é amplamente realizada aqui abaixo; no entanto, em nenhum sentido devemos considerá-lo como um mero instrumento ou um mensageiro, assim como um anjo poderia ser, mas sim como um verdadeiro Braço; é o Aspecto de Atividade na Santíssima Trindade, quando consideramos as Três Pessoas como Vontade, Sabedoria e Atividade. Pode ser útil tentar ilustrar isso por meio de um diagrama, porque embora isso, é claro, não possa explicar completamente um mistério tão estupendo, pode, no entanto, ajudar nosso pensamento em sua excursão a essas regiões desconhecidas. O problema é tão complexo que não é aconselhável negligenciar a ajuda para manter suas muitas facetas em mente simultaneamente.

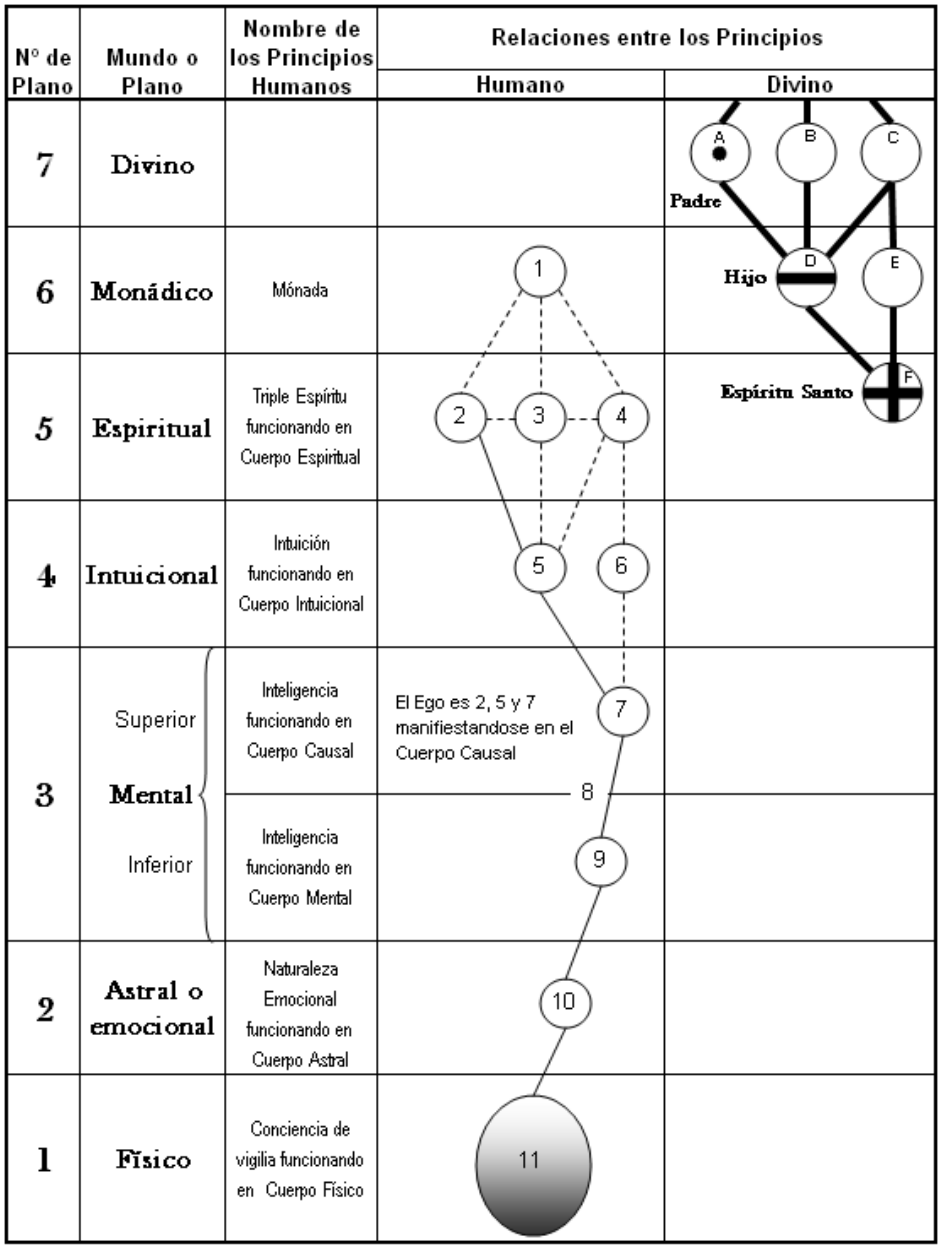


Diagrama: LA SANTISIMA TRINIDAD

Uma tentativa foi feita neste diagrama para demonstrar a relação entre as Pessoas da Santíssima Trindade. Que ninguém tenha certa presunção ou desrespeito de nossa parte ao fazer tal tentativa. Estamos plenamente cientes, temos a mais absoluta convicção de que o Grande Arquiteto do Universo transcende infinitamente nosso fraco pensamento humano e que qualquer esforço para ilustrar a mais baixa de suas manifestações deve ser inevitavelmente falso de muitas maneiras. No entanto, descobrimos que um esforço reverente para compreender o método pelo qual ele funciona é, sem dúvida, útil em nossos estudos, porque esclarece muitos conceitos antes nebulosos e nos permite falar com segurança onde costumávamos fazer meras conjecturas. Esse esforço não pode ser mal direcionado, porque quanto mais

penetramos interiormente e para cima em nossa busca, temos uma percepção mais profunda de sua infinitude e de sua glória. Seu poder, assim como sua paz, ultrapassa todo entendimento humano. No entanto, tentar entender e perceber isso é certamente benéfico para nós, visto que aprofunda nossa reverência por Ele.

Claro, o diagrama não é de forma alguma um gráfico, não mais do que uma tabela de altitudes que representa uma cadeia de majestosas montanhas cobertas de neve ou uma lista de vibrações de luz revela as glórias de um pôr do sol. Jamais podemos pensar em ilustrar o Logos com os densos pigmentos terrestres ou dentro das grandes limitações do espaço tridimensional, mas é possível indicar em certa medida a relação que existe entre as três Pessoas através das quais Ele se manifesta.

Em nosso diagrama, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são representados como já tendo descido em nosso sistema de mundos interpenetrantes e manifestando-se no sétimo, sexto e quinto mundo (esfera), respectivamente. Não sabemos em que forma ou manifestação o Logos existe fora dos limites de tais mundos. Tudo o que pode ser dito é que quando sua vida aparece no mundo mais elevado do sistema solar, ela se derrama em três correntes poderosas, dando origem ao Espírito Triplo do Logos em manifestação. (A, B e C no diagrama). A não desce abaixo deste nível e na filosofia cristã é chamado de Pai. A Segunda Pessoa da Santíssima Trindade é chamada à existência pela ação da Vontade do Pai, trabalhando sem intermediários. Assim se diz que a Segunda Pessoa é Seu unigênito (ou, mais exatamente no sentido grego original, o único nascido), visto que foi criado a partir do único princípio divino e não de um casal, desta forma esta emanação difere de todas as outras e dos processos gerativos subsequentes. Deve-se notar que a Segunda Pessoa é representada como dual e, uma vez que D não desce abaixo do nível do sexto mundo, ele é chamado de Filho. Essa dualidade sempre foi claramente reconhecida pelas religiões, mas no Cristianismo moderno os dois polos ou aspectos são expressos apenas como divindade e humanidade. O curso ou emanação do Espírito Santo, F, foi anteriormente uma fonte de controvérsia teológica e foi de fato considerado como a razão ostensiva para a separação entre as igrejas grega e romana. Em um sentido muito real, as duas partes em disputa estavam certas. Visto que a manifestação do Pai ocorre no sétimo mundo, e a do Espírito Santo no quinto, é evidente que, se o último emana do primeiro, só pode fazê-lo passando pelo sexto mundo intermediário, em que é encontrado, o Filho manifestado. Não é que o Espírito Santo desça da Pessoa manifesta do Pai (A) por meio da Pessoa manifesta do Filho (D) (essa descida seria representada pelas linhas diagonais conectando A, D e F); tal ideia indicaria uma confusão das funções das Pessoas ou Aspectos separados, e a Igreja Grega tinha motivos para resistir a ela. A verdade é que o Espírito Santo desce de C ao sétimo mundo, por meio de E no

sexto, para se tornar o Espírito Santo manifesto F no quinto; e assim, neste sentido, a Igreja Romana estava certa ao inserir a palavra filioque[24].

Os símbolos usados para designar as três Pessoas - o ponto dentro do círculo para a Primeira, o diâmetro que divide o círculo para a Segunda e uma cruz dentro do círculo para a Terceira - são antigos.

A relação de princípios no homem é mostrada reproduzindo parte do diagrama 21 de *"A Ciência dos Sacramentos"*, e o leitor é encaminhado a essa obra para uma explicação detalhada. No diagrama, pode-se ver que o antigo texto do qual nos é dito que o homem é feito à semelhança de Deus é maravilhosa e lindamente verdadeiro; não no sentido em que o corpo exterior ou forma do homem era ignorantemente suposto ser, mas o verdadeiro homem interior, a alma. Assim como no sétimo plano os três aspectos da divindade são vistos, da mesma forma a centelha divina no homem é vista em sua tríplice aparência no quinto. Em ambos os casos, o Segundo Aspecto pode descer um plano mais baixo e revestir-se da matéria deste mundo; em ambos os casos, o Terceiro Aspecto pode descer dois planos e repetir o processo. Portanto, em ambos os casos há uma Trindade na unidade, separada em suas manifestações, e ainda uma na realidade subjacente. Na verdade, embora esta afirmação possa parecer incompreensível, é verdade que os princípios do homem, que chamamos de espírito, intuição e inteligência, não são meras correspondências, nem são reflexos ou raios das três Pessoas da Santíssima Trindade, mas são de algumas expressões verdadeiras desses seres gloriosos. "Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser."

As três Pessoas são fundamentalmente e absolutamente co-iguais e eternas no nível mais elevado, mas quando descem à manifestação (como na criação de um sistema solar), pode-se dizer que a Terceira Pessoa desce um pouco mais na matéria que os demais e, portanto, parece estar mais próximo de nós e, nesse sentido, temporariamente mais abaixo. A Primeira Pessoa permanece no nível original; o Segundo desce um nível e se manifesta lá; o Terceiro desce dois níveis até o plano que chamamos de espiritual e se manifesta na parte mais elevada desse plano espiritual. Aqui vemos uma ilustração do fato que é simbolizado na declaração da dupla natureza de Cristo, Deus e homem, porque Ele existe como Deus perfeito nesse nível superior e também existe em um estágio inferior de manifestação. No mesmo sentido, o Espírito Santo tem três estágios, um acima do outro. Novamente, o diagrama ilustra a questão muito disputada sobre a procedência do Espírito Santo, do Pai e do Filho. As duas declarações contraditórias são verdadeiras, porque Ele procede inteiramente do Pai; mas também prossegue por aquele segundo nível que é o campo particular de manifestação do Filho e, portanto, nasce do Pai e

[24] Na teologia cristã, a cláusula do filioque, ou controvérsia do filioque, refere-se à disputa entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa pela inclusão no Credo do termo latino filioque que significa: "e do Filho". A Igreja Oriental difere da Ocidental no que o Credo Niceno afirma sobre o Espírito Santo. Na forma Oriental, é dito: o Espírito Santo "procede do Pai". Na forma Ocidental, as palavras são adicionadas: "e do Filho" (escrito em latim: filioque). A Igreja Ocidental confessa uma dupla procissão do Espírito Santo: "do Pai e do Filho". A Igreja Oriental considera que isso é uma heresia.

do Filho. Nele estão as duas linhas, a perpendicular do triângulo e sua hipotenusa; portanto, ambas as afirmações são verdadeiras.

Ele foi o primeiro a atuar na construção do sistema, por isso se diz que o Espírito de Deus pairava sobre a superfície das águas do espaço. Ele coloca sua vida nisso e cria a matéria que conhecemos. Mesmo agora, ele se manifesta diante de nós de duas maneiras. Primeiro, Ele ainda está dentro da terra criando novos elementos; O último que descobrimos até agora é o urânio, mas ainda está formando elementos novos e mais pesados. Também se mostra na força maravilhosa que chamamos de prana ou vitalidade; que a vida é a sua vida, portanto, temos no plano físico uma de suas manifestações no que chamamos de “glóbulos de vitalidade”. (*Veja O Homem Visível e Invisível e O Lado Oculto das Coisas*). É matéria vivificada por Aquele que é usada pela Segunda Pessoa quando por sua vez se afunda em matéria na segunda grande emanação, por isso é misticamente dito que Cristo toma forma não de Maria ou mares de matéria virgem apenas, mas do Espírito Santo e da Virgem Maria. Mas o estudo deste assunto pertence ao nosso terceiro volume.

O ponto descendente do triângulo visto no diagrama indica o ponto mais baixo de descida na matéria, embora deva ser elevado de qualquer concepção em comparação com nossa própria consciência. Assim, essa manifestação do Espírito Santo é, nesse sentido, o aspecto da divindade mais próximo de nós e, consequentemente, é por meio Dele que a obra é feita. É Ele quem invocamos na confirmação e ordenação; e por meio Dele descem todas as bênçãos e poder santificador, seja na consagração de igrejas, de água benta ou da congregação. No ponto mais próximo de nós da manifestação da divindade (a expressão é terrivelmente materialista, mas talvez menos enganosa do que qualquer outra), ele é o primeiro com quem o homem pode se unir quando se elevou a algo mais do que o homem.

No curso de sua evolução, o homem agora atingiu o que é chamado de *nivritti marga*, o caminho do retorno, e se dirige firmemente em direção a Deus de quem ele emanou, em direção ao Logos do qual ele faz parte. Quando ele alcançou o adeptado, ele passou além da terra para as regiões celestiais, como a Ascensão simboliza, e assim tendo deixado a humanidade e tendo se tornado um super-homem, ele também se torna um com Deus, ao mesmo tempo com aquela sua manifestação inferior que, no entanto, é assim elevado, isto é, com Deus, o Espírito Santo. E tendo se tornado um com aquela manifestação poderosa, ele imediatamente se derrama sobre seus amigos e pupilos como em línguas de fogo. Faz parte da iniciação Asekha juntar-se ao Logos nesse nível. Mais tarde, ele sobe para outro estado e se torna um com o aspecto de Cristo. Mas devemos lembrar que isso ainda acontece apenas nesta série de planos, enquanto o próprio Logos em seu esplendor está fora do tempo e do espaço, embora também devamos nos tornar um com Ele lá também; porque ainda há uma infinidade de evoluções à nossa frente.

A frente do altar e as vestimentas do dia de Pentecostes são vermelhas, por ordem da Igreja Universal; e é comumente suposto que é assim em honra

do fogo que, de acordo com a história dos evangelhos, desceu e pousou nas cabeças dos apóstolos. O fogo é um símbolo do Espírito Santo e é constantemente descrito como o sopro de Deus, o fogo do amor, porque Ele é aquele tremendo poder que nossas palavras melhor expressam como fogo ou luz. O vermelho da igreja, quando é da tonalidade correta, representa coragem, bravura e poder e, portanto, nos oferece uma imagem mais realista de sua característica mais proeminente. Isso foi um tanto obscurecido por uma tradução insatisfatória de seu título mais importante, "O Paráclito". É costume traduzir esta ideia da palavra inglesa "consolador", relegando assim a ação principal do Espírito Santo em tempos de dor e sofrimento. A palavra deriva do verbo parakaleo, que significa "alegrar, encorajar"; portanto, o melhor equivalente em inglês do termo grego parakletos é "o animador ou doador de força". E esta é precisamente a verdadeira função de Deus Espírito Santo com respeito ao homem; derramando sobre nós na confirmação, permanece para sempre em nossos corações como um encorajamento constante para tudo o que é bom, sempre pronto para nos encorajar e fortalecer sempre que invocamos seu poder latente.

A Igreja da Inglaterra o comemora apenas neste feriado, mas acrescentamos mais seis dias para dedicar-lhe uma devoção especial: o domingo antes do Advento, os três domingos antes da Quaresma e dois dos domingos depois de Trindade.

Em certas partes da Igreja, a Ascensão e a festa do Espírito Santo eram celebradas no mesmo dia, demonstrando assim o reconhecimento de que a união do Adepto com o Espírito Santo é simultânea com o seu alcance às mais altas esferas, mesmo quando do derramamento com o qual ele pode batizar seus seguidores virá a ele alguns dias depois.

CAPITULO XI

DOMINGO DA TRINDADE

Neste dia, a celebração da doutrina da Santíssima Trindade põe fim de uma maneira apropriada e adequada a primeira metade do ano cristão e, ao mesmo tempo, não conduz à segunda. Na verdade, é o oitavo dia de Pentecostes, e uma autoridade romana observa: "visto que foi depois do primeiro grande Pentecostes que a doutrina da Trindade foi proclamada ao mundo, então convenientemente este feriado segue o de Pentecostes." Em certo sentido, a Igreja de Roma dá menos importância a este dia do que nós, porque nela, todos os domingos restantes do ano eclesiástico até o Advento são considerados domingos após o Pentecostes, dos quais o primeiro é o Domingo da Trindade, enquanto seguimos a prática da Igreja da Inglaterra por chamá-los de domingos após a Trindade.

Só muito tempo depois, nossos irmãos romanos reconheceram a transcendental importância deste dia. Na igreja primitiva, nenhum ofício ou dia especial era atribuído à Santíssima Trindade, uma vez que todos os dias eram igualmente considerados dedicados a tal serviço. Por volta do ano 910, um ofício da Santíssima Trindade foi composto e desempenhado pelo Bispo Estêvão de Liège e nos arquivos constatamos que foi utilizado em determinados locais, nesse dia. Aparentemente no ano de 1061 o Papa Alexandre II negou o pedido para decretar uma festa universal em homenagem à Trindade, pois já era comemorada diariamente com a repetição constante da Gloria Patri. E não foi antes de 1316, que o Papa João XXII ordenou que toda a igreja observasse o feriado atual e mesmo assim ele o considerou apenas como uma duplicata de segunda classe, e assim permaneceu até hoje quando o Papa Pio X o elevou à dignidade de primordial importância em 24 de julho de 1911.

A doutrina da Trindade foi formulada de várias formas e infelizmente muito mal compreendida, e aqueles que não a compreenderam frequentemente o apontam como incrível e incompreensível; no entanto, representa uma grande e fundamental verdade. Aqui está uma declaração sobre isso, tirada da Enciclopédia Católica: "A Trindade é o termo usado para indicar a doutrina central da religião cristã: a verdade de que na unidade da divindade há Três Pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, sendo essas Três Pessoas realmente diferentes umas das outras. Assim, nas palavras do Credo Atanásio, o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus; e ainda não há três deuses, mas apenas um Deus. Nesta Trindade de Pessoas, o Filho é gerado do Pai por uma eterna geração, e o Espírito Santo procede por uma eterna procissão do Pai e do Filho. No entanto, apesar dessa diferença de origem, as Pessoas são coeternas e co-iguais; todos são igualmente incriados e onipotentes."

Nas escrituras não se encontra uma declaração direta desta doutrina; porque parece que os comentadores universalmente concordaram que a passagem em 1 João, 5:7, "Porque três são os que dão testemunho do Céu, o Pai, a Palavra e o Espírito Santo, e estes três são um", é uma interpolação tardia. Antes ou depois, declara uma verdade profunda, mas dificilmente podemos

fornecê-la como evidência. As histórias do Batismo e Transfiguração de Nosso Senhor foram consideradas como incluindo a manifestação simultânea das Três Pessoas; mas mesmo que já conheçamos a doutrina e possamos habilmente e apropriadamente concebê-la como uma explicação, talvez fosse a força das palavras deduzir a doutrina de uma narrativa. A ordem de batizar todas as nações em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo é a referência mais clara e direta, porque mencionar as Três Pessoas desta forma implica sua igualdade, enquanto o uso da palavra "Nome" em vez de "Nomes" isso demostra que todos os três são um só Deus.

Como já vimos, a ideia da Trindade apareceu de uma forma ou de outra em todas as grandes religiões do mundo, embora os Aspectos ou Pessoas nem sempre estejam dispostos na mesma ordem. No hinduísmo, é ensinado que existe apenas um Absoluto Imanifesto sem qualidades, mas que o Senhor Supremo Manifestado com qualidades é sempre mostrado como uma Trindade. Suas Pessoas são chamadas de Brahma, Vishnu e Shiva, às vezes definidas como o Criador, o Preservador e o Destruidor ou Libertador; às vezes também como Existência, Consciência e Bem-aventurança; e é dito que no espírito humano eles são representados por Vontade, Conhecimento e Atividade. Aqui não há princípio feminino, nada que represente diretamente a matéria; mas cada uma dessas pessoas tem uma shakti ou poder que é praticamente seu aspecto feminino; e há também a ideia, como já foi dito, de Mulaprakriti, a matéria-mãe primitiva, embora não faça parte da Trindade, intimamente ligada a ela, como é a Virgem Maria em nosso sistema cristão. Novamente, no esoterismo dos vedantinos, a luz manifestada por Ishvara, o Logos, isto é, Daiviprakriti, é a Mãe e a Filha do Logos ao mesmo tempo.

Na religião Zoroastriana, para adicionar mais alguns detalhes, as Três Pessoas são apresentadas como Existência, Sabedoria e Bem-aventurança, e os nomes são: Ahuramazda, Asha e Vohumano. O primeiro título Ahuramazda, às vezes contraído a Ormuzd, costuma ser usado para indicar o todo, assim como a palavra cristã, Pai. Ahura é interpretado como "Aquele que É", enquanto Maz significa "grande" e Da é saber. Ahura é frequentemente considerado o doador da vida e Mazda como o grande sábio ou pensador, e as escrituras afirmam que Ahura está três vezes à frente de todos os outros. Neste sistema, as forças gêmeas de involução e evolução são chamadas de Spenta-Angra. Ahuramazda, Mithra e Ahriman também aparecem como uma Trindade; mas em outras passagens Ahriman é a personificação do mal. Possivelmente, na Trindade, ele é o representante da matéria, que muitas vezes é considerada má; se for esse o caso, temos aqui uma das Trindades de Pai, Mãe e Filho, como Osíris, Ísis e Hórus no antigo Egito, ou Odin, Freya e Thor entre os escandinavos.

Na Cabala dos Judeus, encontramos uma apresentação semelhante. Ainsoph, o Um se manifesta como Kether, a coroa, o Aspecto da Bem-aventurança da Divindade e a raiz da vontade no homem; também como Binah, Inteligência, o Aspecto da Consciência, raiz do Conhecimento no homem; e como Chokma, a Mente Universal, o Aspecto de Existência, raiz da Atividade no homem. O próprio nome de Deus no Antigo Testamento, que foi escrito pelos

judeus, implica uma Trindade. O primeiro versículo da Bíblia começa: "No princípio Deus criou os céus e a terra." A palavra usada para Deus é Elohim, e essa palavra está no plural. Em hebraico, como em muitas outras línguas antigas, existem três números: singular, dual e plural e é muito significativo que esta palavra não seja nem singular nem dual, mas plural; portanto, eles reconheceram pelo menos um Deus triplo. Rabi Simeon Ben Jochai escreve: "Existem três graus em Elohim, e cada grau se sustenta por si mesmo, e ainda assim eles são todos um e unidos no Um e não podem ser separados uns dos outros." Aqui temos a doutrina da Trindade muitos séculos antes de Cristo. Os assírios e os fenícios acreditavam em uma trindade: Anu, Ea e Bel eram seus nomes. Lao Ts, o grande filósofo chinês, ensinou que o Tao, a razão eterna, produz o Um; Um produz dois; Dois produz três e três dão origem a todas as coisas. Orfeu, o grande instrutor grego, ensinou a seus discípulos que todas as coisas foram criadas por Uma Divindade com três nomes, e que este Deus é tudo. Philo, o Judeu também fala constantemente de Deus como Trindade em Unidade.

Os antigos mexicanos e peruanos reconheciam uma tríplice divindade, três pessoas com um único coração e uma única vontade. Os druidas adoravam um deus triplo, Taulac, Fan e Mollac. Já mencionei que os escandinavos tinham um tipo diferente de Trindade, o Pai, a Mãe e o Filho, Odin, Freya e Thor, que correspondiam a Osíris, Ísis e Hórus no Egito. Pensa-se que o ensino cristão deriva, a este respeito, do Egito, porque em alguns dos primeiros documentos cristãos, o papel atribuído ao Espírito Santo é o da Mãe Divina. Por exemplo, no evangelho apócrifo dos hebreus, descobrimos que Cristo foi feito para dizer "Minha mãe, o Espírito Santo". Os ofitas apresentaram o Espírito Santo como a primeira mulher, a mãe de tudo que vive. E nos arquivos está registrado que durante o reinado de Trajano, um certo Alcibíades trouxe a Roma um manuscrito no qual o Espírito Santo é descrito como feminino.

No budismo do Norte, ouvimos sobre a Trindade de Amitabha, Avalokiteshvara e Manjushri. No budismo meridional, a ideia de uma divindade desapareceu totalmente, mas uma espécie de eco ou reflexo dela persiste na menção constante de Buda, Dharma e a Sangha.

O fato é que a Manifestação é sempre tríplice. Deus se mostra sob três Aspectos, em três modalidades fundamentais, como três qualidades essenciais, que cumprem as três funções principais. É tão difícil explicar isso que as palavras que acabei de usar são heréticas de acordo com um dos Concílios da Igreja, no qual foi decidido que não era correto dizer que as Três Pessoas da Trindade são apenas três aspectos. No entanto, devemos usar palavras humanas quando falamos desses mistérios divinos e, ao dizer deles que são aspectos, chegamos o mais perto possível da verdade. De uma forma bem menor podemos entender como um homem pode apresentar diferentes modalidades. O mesmo homem pode ser pai, marido e senhor em relação a seus filhos, sua esposa e seus servos e ainda assim ele é o mesmo homem. É algo como que Deus é o Criador, o Preservador e o Libertador, e ainda sendo um e o mesmo Deus. Pai de nossos espíritos, Protetor de nossas vidas, Fonte de nossas atividades e ainda nosso

Eu mais íntimo; um mistério, mas ao mesmo tempo uma verdade eterna. Aqueles que desenvolvem a faculdade de clarividência não podem verdadeiramente ver Deus, porque nenhum homem jamais viu Deus em sua plenitude; mas você pode ver três correntes de força descendo de cima e pode seguir a ação dessas três correntes; de forma que, se você não aprendeu esta doutrina da Trindade, você teria que assumir ou presumir algo muito semelhante que explicaria o que você sem dúvida vê.

Podemos saber algo sobre Deus pelo seu reflexo no homem, porque devemos lembrar que Deus fez o homem à sua imagem. Isso não significa, como alguns acreditavam, que o corpo físico do homem se assemelha a algum suposto corpo de Deus; significa que o homem, não seu corpo, mas ele mesmo, seu espírito, sua alma, são como Deus, triplo em aparência e ação, como Deus é triplo. Veremos que em nosso diagrama tentamos indicar isso.

O sermão mais bonito já escrito sobre a doutrina da Trindade é o Credo Atanásio. Este é um documento semelhante ao que nos foi dado no livro de coletas da Igreja Romana e da Igreja Anglicana e se o lermos e estudarmos cuidadosamente, veremos que é literalmente verdadeiro na maioria das suas afirmações. Muitos o condenaram, mas apenas porque não o compreenderam. Muitas vezes esse é o segredo da furiosa condenação e crítica tão comum no mundo; não entendemos e, portanto, o condenamos, o que é um absurdo. Devemos ser especialmente cuidadosos para não condenar precipitadamente e sem pensar ao lidar com esses assuntos que ninguém entende totalmente.

Estou pronto para admitir que esse dogma é muito elevado para que o entendamos, porque pertence ao que chamamos de planos superiores. É necessária uma consciência divina completa para compreender o que é divino. Cada um de nós tem essa consciência divina, mas até agora ela está parcialmente desenvolvida. Todo o caminho que está diante de nós é o caminho do desenvolvimento do divino dentro de nós, e quando esse desenvolvimento for concluído, saberemos como agora sabemos algumas coisas; mas até então é inevitável que, ao lidar com níveis elevados como este, tudo o que podemos dizer deve ser imperfeito, deve ser impreciso, porque nosso entendimento deles até agora é terrivelmente insuficiente. Mas pelo menos podemos ver algo do que se quer dizer. Os fatos são até certo ponto verificáveis. Vemos que no mundo temos força (espírito, se assim quisermos), matéria e fenômenos. Veja, por exemplo, uma joia. Há nele uma força pela qual a matéria assumiu aquele tipo particular de forma; existe a matéria que foi moldada por essa força, e existe a pedra, o fenômeno, o resultado da formação da matéria. Encontramos isso em todos os lugares. Se examinarmos as qualidades da matéria, descobriremos que existem três: inércia, movimento e ritmo, três qualidades em tudo. Cada manifestação leva aquela forma, o ativo, o passivo e o resultado de sua interação; O Pai, a Mãe e o Verbo ou expressão.

Na Trindade Cristã não temos aquele grupo de Pai, Mãe e Filho; Pai e Mãe fundem-se na Primeira Pessoa da Trindade. ("O Pai-Mãe urde uma Tela", como nos diz em outra escritura). Lá a substância é combinada, fundida no Pai;

o Jovem, o Verbo ou Expressão, é chamado de Filho; enquanto o Poder que procede do primeiro através do segundo, indica a Divindade em sua modalidade dinâmica ou ativa (para distingui-lo da modalidade estática ou passiva) é chamado de Espírito Santo e constitui a Terceira Pessoa e é por isso que às vezes é chamada de Luz do Logos ou também, Braço do Senhor.

Quando falamos de Deus, o que queremos dizer é talvez um pouco mais preciso do que o que o cristão comum faz. É sustentando a crença em um Deus onipresente e onisciente, que está muito, além de todas as esferas possíveis, e inclui tudo dentro de si mesmo e ainda assim ele frequentemente considera esse Deus de um ponto de vista muito limitado e pessoal. Os judeus (e influenciados por eles, infelizmente, os primeiros cristãos), o consideravam um Deus cruel, um Deus zeloso e colérico. Estamos pouco a pouco elevando-nos desta opinião, mas mesmo agora há pessoas que o consideram estranhamente limitado, e capazes de quebrar suas próprias leis para atender aos seus pedidos. Também o consideram não saber o que é melhor para eles, a menos que seja explicado; parecem acreditar que Ele requer que Sua atenção seja atraída para o fato de que fulano está doente e desejam que ele se recupere; acham que é necessário perdoar suas loucuras privadas e particulares. Estão constantemente trazendo à Sua atenção para todos os tipos de pequenos assuntos pessoais e privados, perguntando o que fazer a respeito. Isso decorre do fato de que estão confundindo várias ideias totalmente diferentes, de modo que o conceito de Deus na mente do cristão comum é um feixe de contradições nebulosas.

Já vimos que o poderoso Logos Solar representa para nós tudo o que queremos indicar pelo título de Deus. Ele criou este sistema maravilhoso que emana de Si mesmo. Por meio dela, ela se manifesta na matéria que vemos e, ao mesmo tempo, existe acima e fora dela. Em que alturas estupendas habita Sua plena consciência, não sabemos, nem podemos saber sua verdadeira natureza pelo modo como ela é exibida ali. Mas quando Ele desce às condições que estão ao nosso alcance, Sua manifestação é sempre tripla e é por isso que todas as religiões O imaginam como uma Trindade. Três, mas fundamentalmente Um; Três Pessoas, mas apenas um Deus que se mostra nestes três aspectos. Três para nós, que O olhamos de baixo, porque Suas funções são diferentes; um para Ele, porque Ele sabe que são apenas facetas de Si mesmo. Portanto, a Trindade que nos interessa é a Trindade do Logos Solar.

Nenhuma das palavras que podemos usar pode expressar com exatidão entre um e outro desses Aspectos ou Pessoas. As duas palavras são expressões defeituosas. Pessoa deriva do latim persona, de sona, som, e per, através - a máscara pela qual o som passa. Era a máscara usada por atores romanos; Em vez de se pintar e se preparar para representar um determinado personagem, os atores, no teatro romano, usavam uma máscara sobre o rosto. Frequentemente, o mesmo ator tinha que representar vários papéis na mesma peça e, para representar esses diferentes personagens, ele colocava uma máscara apropriada para cada um deles e usava as roupas correspondentes. Essa máscara foi chamada de pessoa; e assim a palavra passou a significar o

papel que ele estava desempenhando. Falamos da Trindade como sendo Três Pessoas; mas nem a palavra "Pessoa" nem a palavra "Aspecto" são totalmente satisfatórias. Não podemos esperar para compreender exatamente esse grande mistério, mas podemos ver que aqui não temos uma ideia ridícula, mas uma grande e fundamental verdade; e à medida que entendemos algo do significado da Trindade, acima e abaixo (nos mundos desconhecidos e invisíveis e nos mundos que aqui embaixo cremos conhecer), o que antes era apenas um dogma difícil e incompreensível torna-se uma verdade viva e muito iluminadora. Somente através da existência da Trindade no homem é que a evolução humana é inteligível, porque vemos como o homem desenvolve primeiro a vida do intelecto e depois a vida de Cristo. O misticismo se baseia nesse fato e em nossa segura esperança de que conheceremos a Deus. Assim ensinaram os santos e, ao seguirmos o caminho que eles nos mostram, descobriremos que seu testemunho é verdadeiro.

CAPITULO XII

CORPUS CHRISTI

Corpus Christi significa "o Corpo de Cristo" e este é o dia designado para a celebração especial do Santíssimo Sacramento da Sagrada Eucaristia, dia em que expressamos a nossa gratidão ao nosso amoroso Senhor por nos ter proporcionado este maravilhoso meio de graça. Como já vimos, o Sacramento foi instituído na Quinta-feira Santa, mas como esse dia cai no meio da Semana Santa, quando a Igreja está ocupada seguindo os últimos acontecimentos em seu drama evangélico até culminar na crucificação e ressurreição, na Idade Média pensava-se que a devida justiça não poderia ser prestada a uma festividade tão grande e gloriosa quanto o do Santíssimo Sacramento. Na Igreja Romana, têm-se um sistema de transferência das festividades quando caem em um dia inconveniente; se, por exemplo, o dia de um santo caísse na oitava da Páscoa, seria ignorado naquele momento, mas o guardariam no primeiro dia de folga após as festividades da Páscoa. Não foi exatamente o que se fez no caso da Quinta-feira Santa, porque está devidamente guardada com uma maior celebração festiva pela manhã, embora não seja possível dar-lhe a oitava que seguramente deve-se conceder-lhe. Mas tão logo termine aquela parte eclesiástica que simboliza o curso da iniciação, e sejamos livres para dedicar nossos pensamentos a outros assuntos sem quebrar sua sequência, a tardia celebração plena da instituição do mais sagrado dos Sacramentos é novamente levada em conta onde é dedicado na primeira quinta-feira depois de Trindade. Nós, da Igreja Católica Liberal, somos entusiasticamente a favor de qualquer observância que ajude a trazer aos nossos fiéis a glória, dignidade e utilidade do maior dos sacramentos, de modo que muito prazerosamente guardamos este dia, além da Quinta-feira Santa.

Suponho que a maioria dos cristãos vê a Sagrada Eucaristia como um ato de adoração e como um meio para beneficiar-se. São ambos, mas também é muito mais; e acredito que, ao celebrar este grande feriado em sua homenagem, devemos tentar entender o que é, o que significa para nós, o que se pode fazer por nós e o que podemos fazer por meio dele. Isto é:

1- Um símbolo que nos lembra da descida na matéria de Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, e também o sacrifício do Instrutor do Mundo.

2- Uma maneira eficaz e bela de agradecer e adorar.

3- Um canal de auxílio e incentivo para quem está presente, especialmente se eles tomam a comunhão.

4- Uma oportunidade de trabalhar para Deus e para o Seu mundo.

Este último aspecto é muito pouco compreendido, por isso quero enfatizá-lo com especial atenção. Tem havido muita controvérsia a respeito desse grande e maravilhoso assunto. Suponho que talvez tanto ódio teológico tenha sido centralizado sobre várias opiniões sobre o que o Santíssimo Sacramento é realmente, acerca de qualquer assunto no amplo espectro da teologia, e isso é

de suma importância. Tem havido muitas discussões sobre o que significa a verdadeira Presença do Cristo, sobre o que significa a grande doutrina da Transubstanciação, e se essa ou a alternativa da Consubstanciação deve ser tomada como uma crença verdadeira. É difícil para nós agora entender por que deve haver tanta acrimônia sobre isso. Pode muito bem haver diferenças de opinião, mas é incompreensível e surpreendente pensar que por causa dessas opiniões os homens odeiam e anatematizam; mas tem sido assim ao longo da história da Igreja. É muito lamentável; porém ao menos podemos esperar que aos poucos o mundo evolua e que hoje, sejamos um pouco mais liberais, um pouco mais dispostos a admitir que a verdade é multifacetada e que é muito raro um homem compreender toda a verdade de qualquer um desses grandes temas esotéricos.

Para quem tem a visão interior - a visão que vê um pouco mais do que os olhos físicos podem ver - não há dúvida quanto ao fato da Transubstanciação, o que isso significa em níveis mais superiores do que podemos ver, é algo ainda desconhecido para nós; mas até onde podemos verificar, o que acontece é claro e inequívoco.

Acho que poderíamos evitar muitos problemas e descontentamento se percebêssemos exatamente o que as palavras com as quais estamos lidando significam. Transubstanciação significa a passagem de uma substância para outra condição. Trans significa "através"[25]. Portanto, significa uma mudança de substância, mas então o que é substância? Aqui, creio eu, ocorreu um erro grave. Existe o pão, existe o vinho e a água. Eles são colocados no altar, e os fiéis pensam neles como substância, porque estamos acostumados a usar a palavra "substância" para indicar um material ou algo semelhante, mas esse não é o significado original da palavra, nem o significado que estava na mente daqueles Padres da Igreja que, muitos séculos atrás, discutiram com tanta energia sobre essas coisas. Se considerarmos *sub* e *stans*, as duas palavras latinas de onde vem a nossa, veremos que significa "aquilo que está abaixo ou atrás de algo", ou seja, a realidade da coisa. De maneira especial, não é o aspecto externo ou material da coisa; é a realidade disso.

A Igreja nos diz que em relação a este Sacramento devemos considerar o que se chama a substância e quais são os acidentes. Os acidentes são as formas externas, neste caso, o pão e o vinho; a substância é a realidade que está por trás dessas coisas.

Aqueles entre nós que têm estudado a ciência da vida interna sabem muito bem todo objeto aqui no plano físico tem sua contraparte em formas materiais mais sutis. Os estudantes fizeram certas divisões dessa matéria; falam de um tipo de matéria acima do físico e chamam-no astral ou estrelado porque geralmente tem um aspecto brilhante e luminoso. O próximo, mais superior, é o mental, porque é desse tipo de matéria da qual a mente é constituída no homem. Claro que não me refiro ao cérebro; quero dizer a mente, porque essa mente também é material, embora a maioria das pessoas geralmente tenham uma vaga

[25] Do latim trans (além, através).

ideia sobre essas coisas. Aqueles que realmente estudam o lado oculto da natureza passam a ver claramente muitas coisas que geralmente são vagas no pensamento do homem e, entre outras, veem que a mente humana, em última análise, não é o próprio homem, mas um instrumento que ele usa. É um instrumento da matéria, embora tal matéria seja muito mais sutil do que geralmente encontramos aqui abaixo. Todo objeto físico tem uma contrapartida no mundo astral e também no mundo mental e nos mundos superiores a estes, chegando até a Divindade que penetra tudo, na verdade, Quem é tudo, porque não há nada que não seja Deus em forma ou outra. A própria matéria (matéria morta, como alguns a chamam) que nos rodeia é uma manifestação de Deus, assim como somos, apenas de uma maneira diferente e em um nível diferente.

É razoável pensar que o que está por trás do pão e do vinho, sua contraparte nos níveis superiores é a substância, a realidade das coisas. Se alguém possui a visão interna, pode olhar para um pedaço de pão ou vinho em uma xícara e ver por trás dele sua contraparte na matéria sutil, que é chamada de substância do pão e do vinho. A Igreja sempre sustentou que no momento da consagração ocorre uma grande mudança no pão e no vinho, mas obviamente a vemos da mesma forma como antes. A doutrina da Transubstanciação como ensinada atualmente na Igreja Católica Romana implica, creio, tanto quanto posso entender, que após a consagração a aparência do pão e do vinho é uma ilusão. Ou seja, nossos olhos físicos veem pão e vinho, mas na realidade essas coisas não são mais pão e vinho. Em certo sentido, isso é verdade, mas não inteiramente. É verdade que a realidade que está por trás daquele pão, que o tornou tal e o diferenciou de qualquer outro comestível, não é a mesma; mas sua manifestação física não mudou e é exatamente o que era antes. Portanto, não estamos debaixo de uma ilusão quando olhamos para aquele pedaço de pão e dizemos: "Ainda é pão." Claro que é, no plano físico; mas sua parte oculta, sua contraparte (e lembre-se, essa é a substância que realmente formou o pão) que mudou.

Permita-me descrever o que um clarividente vê quando observa a consagração da Hóstia. Foi isso que chamou minha atenção pela primeira vez para esse lado do serviço sacramental, há muitos anos. Tenho vindo a desenvolver essas faculdades superiores de que falei, após vários anos de trabalho extremamente árduo, entrei em uma igreja (o que não fazia há muitos anos, porque estava longe de todas essas coisas em terras estrangeiras e ocupado em outro trabalho interno), e agora sendo capaz de ver, imediatamente percebi o que nunca tinha visto antes, embora às vezes o tivesse sentido; E essa foi a verdadeira mudança que aconteceu. Lá, por um momento, está a hóstia que tem uma conexão que está aumentando e elevando atrás de si com a mesma Divindade, muito além do que a clarividência pode ver; mas é a linhagem, a substância do pão comum. Existe uma certa linha ou conjunto de linhas (talvez possamos imaginá-los como fios), uma série de linhas de comunicação que sobem pelos planos superiores e que podem ser identificadas como pertencentes ao pão. O sacerdote inclinado sobre a hóstia diz a palavra de poder: "Este É o Meu Corpo". A hóstia física permanece inalterada, mas a linha de conexão muda; em um momento esse feixe de fios é apartado e em seu lugar

é tomado por uma linha de fogo vivente que desce do próprio Cristo. E então o que antes era uma manifestação, no plano físico, da linha que faz e significa pão, agora é uma manifestação direta e veículo do próprio Cristo. Uma linha de fogo vivente (que tem sido bem descrita como a luz de um relâmpago, mas em silêncio) comunica aquela hóstia com o Cristo, e embora o pão permaneça em seu acidente e no plano exterior, o olho do clarividente não o vê mais o pão no nível superior, porém como é imbuído da vida de Cristo, é chamado de corpo de Cristo. Não é o corpo da carne física que ele carregou 2.000 anos atrás na Galileia e na Judéia; antes, é realmente e absolutamente um corpo, um veículo do Cristo, uma manifestação Dele no plano físico, como estava aquele corpo uma vez na Palestina. Portanto, é uma verdade absoluta dizer: "Este É Meu Corpo". A substância é o Cristo, embora o acidente físico ainda seja uma hóstia, mas agora é uma hóstia consagrada.

Exatamente o mesmo acontece com a consagração da água e do vinho no cálice. Nesse caso, a linha difere na cor e também de outras formas, porque essas são manifestações dos dois aspectos e das duas naturezas do Cristo; mas ambos são verdadeiramente seus veículos. Eles representam a verdadeira presença do Cristo que viveu na Palestina, embora eles certamente não sejam a carne que ele levava desde então. Sei que esta afirmação seria considerada imprecisa para muitos teólogos, mas estou falando de fatos observados e não de piedosa especulação. Sendo assim, talvez comecemos a ver que coisa maravilhosa é este sacramento. Entramos diretamente na Presença do próprio Cristo, embora muito poucos estejam cientes disso, concordamos em Sua Presença como se o tivéssemos encontrado em seu antigo corpo. Literalmente, estamos diante de Cristo como estaríamos se vivêssemos em Jerusalém há 2.000 anos. Não apenas podemos estar em Sua presença e adorá-Lo através da hóstia, mas podemos ir além e recebê-Lo dentro de nós.

É um erro comum entre os ignorantes imaginar que os católicos adoram o pão e o vinho. Suponha que vivêssemos na Galileia ou Jerusalém na época em que Ele estava na terra e que o tivéssemos encontrado e caído a Seus pés, o tivéssemos adorado, seria o corpo físico que estávamos adorando ou teria sido o Cristo que viveu naquele corpo? É claro que teríamos adorado a Cristo; mas ver o corpo físico tornaria tudo muito mais fácil para muitas pessoas, iria trazê-lo muito mais perto de seus pensamentos do que quando o adoram como alguém distante no céu. Exatamente a mesma coisa acontece com a manifestação de Seu glorioso sacramento. Não é a hóstia que adoramos, nem é o vinho, é o Cristo que se manifesta à visão física através do vinho e da hóstia. Falar de tal veneração como se fosse idolatria é o cúmulo do absurdo. Aquele que adorava a manifestação externa seria uma pessoa incrivelmente ignorante. O que adoramos é a realidade que está por trás; mas a manifestação externa facilita a compreensão dessa realidade e seu alcance. Nossas orações, nossos pensamentos, nossas aspirações, são forças que derramamos; e embora as chamemos de forças espirituais, elas estão sujeitas às leis da natureza, assim como qualquer outra força, de modo que, se houver um canal, elas fluam mais fácil e definitivamente, assim como a eletricidade flui por um fio. Sem o fio, as mesmas vibrações não fluiriam assim; certamente temos outras séries de

vibrações que fluem sem fios, por meio das quais temos o telégrafo sem fio, mas isso é outra questão. Vibrações elétricas comuns requerem fios e fluem mais facilmente através deles.

O mesmo sucede-se com nossa efusão de força; Podemos adorar melhor, nossas aspirações aumentarão se houver um canal pelo qual elas possam passar, e é isso que Cristo nos fornece neste Seu Santíssimo Sacramento. Podemos tomá-lo dentro de nós; pense sobre o que isso deve significar. Aquela Hóstia Sagrada, que é verdadeiramente uma manifestação de Cristo, irradia em todas as direções como um sol. Nós o tomamos dentro de nós e essa tremenda irradiação de poder espiritual é encontrado em nosso interior. Ela se irradia por todo o nosso ser, não apenas através do corpo físico, mas também através de nossos veículos superiores e através de nós, irradia para todos os que estão ao nosso redor. Por algumas horas depois de termos tomado aquele Sacramento, somos sóis verdadeiramente espirituais. Procuremos nunca esquecer, lembrar a graça que nos foi concedida e não comprometer nada que não seja digno do Cristo que carregamos em nós. Porque quem comungou é verdadeiramente "Cristóvão", como São Cristóvão que carregava o menino Jesus nos braços. Eles realmente carregam Cristo, e aquele que carrega Cristo dentro dele, que seja puro de coração.

Desta forma, somos atraídos por este fato maravilhoso e suas tremendas vibrações agem sobre nós o tempo todo. Temos nossas próprias vibrações; nossos corpos físicos têm certas ondulações que são peculiares e também, nossos veículos emocionais e mentais. Todos estes têm seu ritmo regular, mas quando tomamos o Santíssimo Sacramento, uma série de oscilações muitíssimo mais elevadas e mais fortes. Estas últimas agirão por conta própria, estando em sintonia; serão levadas não ao nível Crístico, (eu gostaria que fosse!), mas pelo menos eles se elevarão muito mais em seu normal alcance e, no momento, seremos exaltados e aprimorados grandemente. Mas nossas próprias vibrações têm persistido por anos e anos e também o poder quase irresistível dos hábitos, que sufocam essas outras vibrações mais gloriosas, que lentamente desaparecem à medida que o Elemento sagrado gradualmente se desintegra em nós, como qualquer outro alimento; no entanto, essas ondulações mais elevadas têm operado sobre nós e certamente deixarão seus rastros.

O quanto se pode fazer por nós depende em grande parte de nossa atitude. Se formos receptivos, se tentarmos nos abrir para essa influência sagrada, toda comunhão é um passo definitivo em nosso caminho para o alto. Se formos descuidados e esquecidos, se os pensamentos do mundo, dos negócios e dos prazeres vierem pousar sobre nós e nos dominar, não estou dizendo que não seremos influenciados, mas sua influência será minimizada. Veremos então quanto Cristo pode fazer por nós depende de como estamos preparados, desejosos e dispostos para deixá-lo fazer. Ele sempre está lá; Ele bate na porta; como Ele mesmo disse, Ele está à porta do coração humano e bate e espera que eles o admitam; mas nunca se abre caminho pela força. Cabe a nós recebê-Lo, Ele está sempre pronto para dar, na verdade Ele está sempre dando, mas devemos estar sempre em condições de receber.

Procuremos, portanto, perceber o que significa este grande e maravilhoso Sacramento; então entenderemos por que esta grande Festividade é mantida em honra e gratidão a Ele. Assim, realmente nos uniremos na celebração do Corpus Christi, o corpo de Cristo, porque saberemos pelo menos algo do que significa aquele corpo de Cristo, e em seu grande amor e bondade ele nos forneceu este meio acessível de nos aproximarmos e nos tornarmos um com Ele.

Obviamente, há muito benefício para nós em participar deste sublime serviço; entretanto, este não é o objetivo principal da cerimônia. Isso nos oferece uma oportunidade para o desenvolvimento pessoal, bem como para um trabalho altruísta. Tornamo-nos um canal de Sua força poderosa, não apenas para nós mesmos, mas para que possamos cooperar no progresso de nossos semelhantes. Este maravilhoso derramamento de poder divino foi possível por meio de uma cooperação habilmente arranjada. Primeiro, o sacerdote faz brotar uma espécie de bolha gigantesca no momento do Asperges, porque o Anjo da Eucaristia deseja erguer uma forma mental dentro da qual armazenar a energia divina, e acumulá-la até que possa ser usada e dirigida. Mas para fazer isso, o anjo deve ter uma área já purificada de todos os pensamentos terrenos, e o sacerdote faz isso por ele; e deve ter material arranjado para sua estrutura e tal material é fornecido por nós com nossa dedicação e carinho durante o serviço.

Assim, desta forma, o Anjo gradualmente constrói um grande edifício eucarístico; e dentro desse edifício o sacerdote (no segundo incensamento) cria uma espécie de câmara isolada em torno dos elementos sagrados, separando-os do resto da igreja, assim como ele havia temporariamente separado a igreja do mundo exterior. Dentro da câmara mais interna, o sacerdote começa a formar uma espécie de tubo que é o verdadeiro canal para a força superior; e dentro desse tubo, no momento da consagração, ocorre a transformação sobre o qual já descrevi.

O próprio Cristo verte seu poder; para que possa fazê-lo facilmente com o mínimo esforço, reservando a maior quantidade possível de força para seu verdadeiro propósito, onde o Anjo da Presença por meio da transubstanciação prepara a linha de fogo ao longo da qual Ele pode verter Sua energia. No entanto, o sacerdote tornou possível para o anjo realizar, forçando seu tubo e preparando assim o canal. Existem muitos experimentos elétricos que devem ser feitos no vácuo; e neste caso, é claro, é necessário fazer o vácuo primeiro. Assim, neste caso, o tubo deve ser preparado antes de inserir aquela linha de comunicação especial nele. Mas o sacerdote não poderia criar tal tubo se não tivesse convenientemente isolado uma câmara do qual conduziria para cima, isolando assim os elementos. Os fiéis ajudaram o sacerdote a forneceram o material para o edifício onde as forças são distribuídas depois de despejadas. Portanto, veremos que todos participam do processo um tanto complexo que produziu um resultado tão magnífico.

Esse processo é dado em detalhes no primeiro livro desta série, *A Ciência dos Sacramentos*, e lá você encontrará muitas ilustrações e diagramas para

ajudá-lo a entender como ele funciona. É importante que nossos estudantes entendam esta ideia: que todos os maiores serviços divinos têm o objetivo de beneficiar o mundo como um todo, e para aqueles que dele participam são antes de tudo uma oportunidade para um trabalho útil e apenas em segundo lugar um meio de graça.

Chegamos agora ao final da primeira divisão do ano eclesiástico. Acompanhamos o grande Drama-Mistério da Iniciação tipificado pela vida de Cristo, do início ao fim; celebramos o glorioso mistério da Santíssima Trindade e o maravilhoso Sacramento do Amor de Cristo. Chegamos agora àquele segundo semestre dedicado principalmente a colocar em prática as lições que aprendemos, a derramar sobre nossos irmãos a força que desenvolvemos em nós mesmos. Para ajudarmos em nossos esforços e para torná-los mais exatos e definidos, atribuímos a cada domingo daquela última parte do ano uma intenção especial que julgamos conveniente enfatizar, uma coleta adaptada, e uma epístola escolhida e um evangelho mais ou menos apropriado para o tema. No final deste livro, você encontrará alguns sermões que explicam algumas dessas intenções; mas gostaria primeiro de fazer um comentário sobre certos festivais que a Igreja prescreve, que não estão diretamente relacionados com o Drama-Mistério, mas são, no entanto, de considerável importância. Entre eles encontraremos muitas festividades, por exemplo, de Nossa Senhora, a Bem-Aventurada Virgem Maria, a dos Santos Anjos e de vários santos. Começaremos com a festividade da Santíssima Virgem.

CAPITULO XIII

FESTIVIDADES DE NOSSA SENHORA

Há uma grande quantidade de equívocos relacionados com o assunto de Nossa Senhora, a Santíssima Virgem Maria, e também uma grande quantidade de preconceito ignorante sobre isso. As igrejas romana e grega guardam seu nome com profunda reverência, embora muitos de seus membros saibam pouco do real significado do belo e poético simbolismo ligado a esse nome. A Igreja da Inglaterra reduziu um pouco a reverência prestada a ela, enquanto os cristãos que não pertencem à sua comunhão geralmente sustentam que é idolatria adorar uma mulher e essa atitude que é meramente o resultado de uma estreiteza mental e ignorância.

Se queremos realmente compreender a verdade nestes assuntos, devemos começar por libertar nossas mentes completamente do preconceito; e o primeiro ponto a perceber é que ninguém jamais adorou uma mulher (ou um homem) no sentido em que o protestante radical ou fanático significa a palavra. Ele é incapaz de compreender que não quer compreender a atitude católica para com Nossa Senhora ou os santos. Nós que somos estudantes, porém, devemos adotar uma posição mais justa do que essa. Vamos citar a Enciclopédia Católica (artigo de adoração) o que pode ser tomado como uma declaração aprovada e autorizada da visão romana sobre o assunto:

“Existem vários graus de culto; se é dirigido diretamente a Deus, é culto superior, absoluto, supremo, ou culto de adoração, ou, segundo o termo teológico consagrado, culto de *latria*.[26] Esta adoração soberana é devida somente a Deus; dirigida a uma criatura, tornar-se-ia idolatria.

“Quando o culto é dirigido apenas indiretamente a Deus, isto é, quando seu objeto é a veneração de mártires, de anjos ou de santos, é um culto subordinado, dependente do primeiro e relativo, na medida em que honra as criaturas de Deus por suas relações peculiares com Ele; é designado pelos teólogos como o culto de *dulia*,[27] um termo que denota servidão, e implica, quando usado para significar nosso culto de ilustres servos de Deus, que seu serviço a Ele é o título de nossa veneração.

"Como a Santíssima Virgem tem uma posição separada e absolutamente supereminente entre os santos, o culto que lhe é prestado é chamado de *hiperdulia*.[28] De acordo com esses princípios, será prontamente entendido que um certo culto pode ser oferecido até mesmo a objetos inanimados, como as

[26] Esta palavra é um anfíbraco. Acentue a segunda sílaba, pronunciando-a exatamente como a palavra inglesa "try".

[27] Novamente um anfíbraco. Acentue a segunda sílaba, pronunciando-a como "lie" em inglês. A primeira sílaba é pronunciada como a palavra inglesa "do". No cristianismo, Dulia (do grego δουλεια, "douleuo" que significa "honrar"), é um termo teológico que significa a honra e culto de veneração devotados aos santos.

[28] A veneração especial devotada a Maria chama-se hiperdulia.

relíquias de um mártir, a cruz de Cristo, a coroa de espinhos, mesmo a estátua ou imagem de um santo. Não há aqui confusão ou perigo de idolatria, pois este culto é subordinado ou dependente. A relíquia do santo é venerada por causa do vínculo que a unia com a pessoa adorada ou venerada; enquanto a estátua ou imagem é considerada como tendo uma relação convencional com uma pessoa que tem direito à nossa homenagem como sendo um símbolo que nos lembra essa pessoa".

Isso me parece tornar todo o assunto admiravelmente claro e apresentar uma atitude correta e defensável. Muita confusão surgiu da tradução dessas três palavras gregas, com seus delicados matizes de significado, pela única palavra inglesa adoração. Sugiro que entre nós e em nossa literatura tornemos a distinção mais clara traduzindo apenas *latreia*[29] como adoração; *douleia* pode ser traduzida como reverência ou veneração, e *hyperdouleia* como profunda reverência. Mas o ponto que devemos ter em mente é que nenhuma pessoa instruída jamais em qualquer lugar ou em qualquer momento confundiu tal adoração ou reverência que pode ser devida e apropriadamente oferecida a todos os grandes e santos seres com aquela adoração mais elevada que pode ser dada somente a Deus. Que não haja engano sobre esse fato.

Muito absurdo tem sido falado sobre idolatria, principalmente por pessoas que estão muito ansiosas para forçar suas próprias crenças sobre os outros para ter tempo ou inclinação para tentar entender o ponto de vista de pensadores mais sábios e tolerantes. Se eles soubessem o suficiente de etimologia para saber que a palavra ídolo significa uma imagem ou representação, eles talvez se perguntassem o que é uma imagem, e se não é essa realidade por trás da qual esses selvagens tão difamados estão adorando, em vez disso da madeira e da pedra sobre as quais eles tagarelam tão loquazmente. A imagem, o quadro, a cruz, o *lingam* do Saivite, o livro sagrado do Sikh, todas essas coisas são símbolos; não em si mesmos objetos de adoração, mas reverenciados por aqueles que entendem, precisamente porque se destinam a nos lembrar de algum aspecto de Deus e a voltar nossos pensamentos para Ele. Na Índia, esses aspectos são chamados por muitos nomes diferentes, e o missionário se apressa em insultar o hindu como politeísta; no entanto, o trabalhador hindu ou chinês que trabalha em seu jardim poderia dizer-lhe que há apenas um Deus, e que todos esses são apenas aspectos Dele, linhas de abordagem a Ele, dividido e materializado para trazer o infinito um pouco mais perto do alcance de nossas mentes muito finitas.

O sedento de sangue Jeová elemental a quem os judeus adoravam em um período inicial e subdesenvolvido de sua história como nação estava sempre clamando por devoção exclusiva: "Não terás outros deuses além de mim." Ele se reconhecia abertamente como ciumento, vingativo e injusto, visitando os pecados dos pais sobre os filhos e geralmente se comportando como um déspota oriental selvagem da pior espécie. Ele é obviamente uma mera divindade tribal, uma entre muitas, nervosamente ansiosa para que algum de

[29] Hera é dada a verdadeira ortografia grega; a Enciclopédia usa o latim medieval.

seus desafortunados seguidores o abandonasse, e transferisse para um de seus rivais parte do horrível tributo do sangue de carneiros e bois que seu apetite obsceno exigia. Quão diferente desta entidade revoltante é o Pai amoroso de Quem o Cristo nos fala, o único Deus verdadeiro que disse através de outra de Suas manifestações: “Todo culto verdadeiro vem a Mim, por qualquer nome que seja oferecido”; e novamente: "Por qualquer caminho que os homens se aproximam de Mim, por esse caminho eu os encontro; porque os caminhos pelos quais os homens vêm de todos os lados são Meus".

Não há nada além de Deus; e por quem quer que sintamos reverência, adoração, amor, é ao Deus dentro dessa pessoa, o Deus manifestando através dele (ainda que parcialmente) que essa reverência, adoração ou amor é oferecido. “Tenho muitas ovelhas que não são deste aprisco; também os trarei, e eles ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um pastor”.[30]

Tendo assim tentado elevar-se acima do miasma da ignorância e do fanatismo para o ar mais puro da justiça e compreensão, vamos nesse espírito abordar a consideração da bela e maravilhosa manifestação do poder e amor divinos que está consagrado no nome de Nossa Senhora, a Virgem Maria.

Não creio que alguém com nossa educação ocidental ache fácil compreender a riqueza do simbolismo que é usado nas religiões orientais; e as pessoas esquecem que o cristianismo é uma religião oriental, tanto quanto o budismo, o hinduísmo ou o zoroastrismo. O Cristo tomou um corpo judeu, um corpo oriental; e aqueles a quem Ele falou tinham os métodos orientais de pensamento, e não os nossos. Eles têm um método de simbolismo maravilhoso e muito elaborado em todas essas religiões, e se deleitam com seus símbolos; eles os tecem e os combinam, e os tratam lindamente na poesia e na arte. Mas nossa tendência é para o que chamamos de praticidade, e estamos aptos a materializar todas essas ideias e, muitas vezes, degradá-las muito em consequência.

Nunca esqueçamos que nossa religião vem do Oriente e que, se quisermos entendê-la, devemos olhar para ela antes de tudo como um oriental olharia para ela, e não aplicar nossas teorias científicas modernas até que possamos ver como elas se encaixam. Eles podem ser feitos para encaixarem-se, mas, a menos que saibamos como, provavelmente naufragamos tudo, e corremos o sério risco de supor que aqueles que sustentam a alegoria não sabem nada e estão irremediavelmente erradas. Eles não estão errados em tudo. Esses belos mitos antigos transmitem o significado, sem necessariamente colocar os frios fatos científicos diante daqueles que não desenvolveram suas mentes o suficiente para compreendê-los dessa forma. Isso foi bem entendido na Igreja primitiva.

Há sempre muito mais por trás desses belos e poéticos pensamentos dos homens antigos do que a maioria das pessoas acredita. É tolice estar cheio de preconceitos ignorantes; é muito melhor tentar entender. O que quer que seja na

[30] João 10:16

religião em qualquer lugar que tenha sido belo e útil para o homem sempre tem por trás uma verdade real. Cabe a nós desenterrar essa verdade; cabe a nós limpar a crosta das eras e deixar a verdade brilhar.

Isso é verdade em relação a este belo glifo da Bem-Aventurada Virgem Maria. Há três ideias separadas envolvidas em nosso pensamento de suas ideias que foram confusas, degradadas, materializadas, até que na forma em que a história é apresentada agora, tornou-se impossível para qualquer homem pensante. Mas não é assim se a analisarmos e compreendermos o seu real significado.

As três ideias são:

1. A Mãe do discípulo Jesus; o que ela era e o que ela se tornou depois.

2. O mar de matéria virgem, o Grande Abismo, as águas sobre as quais o Espírito de Deus se movia.

3. O Aspecto Feminino da Divindade.

Vamos considerar essas três ideias separadamente.

A MÃE DE JESUS

Deve-se entender que o discípulo Jesus nasceu exatamente como os outros homens nascem. A história da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem, de sua sombra pelo Espírito Santo e do Nascimento Virginal todo esse conjunto de ideias remete ao mito, ao símbolo; tem um significado real e uma bela interpretação, como tentarei mostrar agora, mas não se preocupa com o corpo físico do discípulo Jesus. A mãe daquele corpo físico era uma dama judia de nascimento nobre, mas, se acreditarmos na tradição, de pouca riqueza. Não precisamos pensar em José (que, lembre-se, também era da semente de Davi) como um carpinteiro, porque isso faz parte do simbolismo, e não da história. Nesse simbolismo, José é o guardião da Santíssima Virgem da alma no homem. Ele representa a mente; e porque a mente não é a criadora da alma, mas apenas seu fornecedor e seu decorador, José não é um pedreiro, como o Grande Arquiteto do Universo, mas um carpinteiro. Não precisamos pensar em nosso Senhor trabalhando em uma carpintaria; isso é simplesmente um exemplo da confusão e materialização introduzida por aqueles que não entendem o simbolismo.

A mãe de Jesus, então, era uma nobre da Judéia, descendente da casa real de Davi. Verdadeiramente aquela que foi escolhida para tão alta honra deve ter sido pura e verdadeira e de caráter impecável uma grande santa; pois ninguém, exceto esses, poderia ter dado à luz um corpo tão puro, tão maravilhoso, tão glorioso. Uma vida santa e piedosa ela levou; um de sofrimento terrível, mas com consolações maravilhosas. Sabemos pouco de seus detalhes; nós o vislumbramos apenas ocasionalmente na escassa narrativa contemporânea; mas foi uma vida que nos fará bem imaginar a nós mesmos, um exemplo pelo qual bem podemos agradecer a Deus. Levou-a longe ao longo do

caminho ascendente, suficientemente longe para tornar possível um curioso e belo desenvolvimento posterior, que devo agora explicar.

Os estudantes da vida interior sabem que quando o homem atingiu o fim da parte puramente humana de sua evolução, quando o próximo passo o elevará a um reino tão definitivamente acima da humanidade quanto o homem está acima do reino animal, várias linhas de crescimento se abrem diante dele e cabe a ele escolher qual ele vai levar. Ocasionalmente, também, existem condições sob as quais esta escolha pode ser até certo ponto antecipada. Este não é o lugar para discutir as alternativas; basta dizer aqui que uma das possibilidades é se tornar um grande Anjo ou mensageiro de Deus para se juntar à evolução deva, como diria um índio. E esta foi a linha que Nossa Senhora escolheu, quando ela atingiu o nível em que um nascimento humano não era mais necessário para ela.

Um grande número de Anjos nunca foi humano, porque sua evolução veio ao longo de outra linha, mas há Anjos que foram homens, que em certo estágio deste desenvolvimento escolheram seguir a linha dos Anjos; e uma linha muito gloriosa, magnífica e útil. Assim, ela, que há dois mil anos carregou o corpo de Jesus para que mais tarde fosse levado por Cristo, agora é um Espírito poderoso.

Muito belo entusiasmo e devoção foram derramados a seus pés ao longo dos séculos; milhares e milhares de monges e monjas, milhares e milhares de homens e mulheres sofredores, vieram diante dela e derramaram suas dores e rezaram para que ela, por sua vez, apresentasse suas petições a seu Filho. Esta última oração é um equívoco, porque Aquele que é o Filho Eterno de Deus e ao mesmo tempo o Cristo dentro de cada um de nós, não precisa de ninguém para interceder por nós. Ele sabe antes de falarmos muito melhor do que nós o que é melhor para nós. Estamos Nele, e por Ele fomos feitos, e sem Ele nada do que foi feito se fez, nem nós nem o menor grão de pó de todo o universo.

Mais perto Ele está do que o respirar, mais perto do que as mãos e pés.

Não se reza aos grandes Anjos por intercessão quando se entende, porque sabe que Aquele em Quem todos os Anjos vivem e se movem e têm seu ser, já está fazendo por cada um de nós o melhor que pode ser feito. Mas assim como alguém pode pedir ajuda a um amigo humano na carne, como, por exemplo, alguém pode pedir a ele o encorajamento de seu pensamento, assim pode alguém pedir ajuda ao mesmo amigo humano quando ele deixa de lado seu manto de carne; e da mesma forma pode-se pedir o mesmo tipo de ajuda a esses grandes Espíritos em seu nível superior.

Não há nada de irracional ou anticientífico nisso. Eu mesmo recebi muitas vezes cartas de pessoas que sabem que estudei esses assuntos, dizendo-me que em tal e tal momento estariam passando por alguma dificuldade, talvez uma operação cirúrgica, ou alguma outra experiência especialmente difícil e me pedindo para pensar neles naquele momento e enviar-lhes pensamentos úteis. Naturalmente eu sempre faço isso. E como sei que não pode haver efeito sem causa, e exatamente da mesma forma que não pode haver causa justa que não

produza seu efeito, sei que se eu (ou se algum de vocês) me der ao trabalho de consertar nosso pensar em alguém em sofrimento ou dificuldade, e tentar enviar-lhe ideias úteis, tentar colocar diante dele algo que o fortaleça em seus problemas, podemos estar perfeitamente certos de que essa força de pensamento produz seu efeito, que vai reagir sobre a pessoa. Até que ponto isso o ajudará depende de sua receptividade, da força do pensamento e de várias outras circunstâncias; mas que algum efeito será produzido, podemos estar absolutamente certos. E assim, quando enviamos um pedido de pensamento bondoso, útil e fortalecedor a um desses grandes, seja um santo agora na carne, ou alguém que deixou de lado essa carne, ou um dos grandes anjos, com certeza essa ajuda virá para nós, e nos fortalecerá.

É o caso de Nossa Senhora; no entanto, há aqueles que querem que acreditemos que todo aquele esplêndido sentimento bom, todo aquele amor e devoção extrema foram desperdiçados e foram inúteis. Por incrível que pareça para nós que estamos acostumados a um pensamento mais amplo e mais são, eu realmente acho que em sua curiosa ignorância os inimigos mais odiosos da Igreja realmente acreditam nisso. Eles vão ainda mais longe e dizem que é perverso e blasfemo para um homem sentir esse amor e devoção por ela! Parece loucura, mas temo que seja verdade que existam pessoas assim. Claro que a verdade é que nenhuma devoção, nenhum amor, nenhum bom sentimento jamais foi errado, a quem quer que tenha sido enviado. Às vezes, pode ter sido mal direcionado. Devoção e afeição muitas vezes foram prodigalizadas a objetos indignos, mas não foi um ato errôneo por parte do esbanjador, apenas falta de discriminação; sempre foi bom para aquele que deve derramar-se em amor, e desenvolver sua alma assim.

Lembre-se de que se amamos qualquer pessoa, é o Deus dentro dessa pessoa que estamos amando; o Deus dentro de nós reconhece o Deus dentro dele; profundeza chama profundeza, e o reconhecimento da Divindade é bem-aventurança. O amante muitas vezes vê no amado qualidades que ninguém mais pode discernir; mas essas boas qualidades estão lá em latência, porque o Espírito de Deus está dentro de cada um de nós; e a crença sincera e a forte afeição do amante tendem a chamar essas qualidades latentes à manifestação. Aquele que idealiza o outro tende a fazer desse outro o que ele pensa que ele seja.

Poderíamos supor então que toda a maravilhosa e bela devoção dirigida a Nossa Senhora foi desperdiçada? Qualquer homem que pense assim deve entender muito mal a economia divina. Nenhum sentimento verdadeiro e santo jamais foi desperdiçado desde que o tempo começou, ou jamais será; pois Deus, que nos conhece tão bem, faz com que o menor toque de devoção, o menor sentimento de compreensão, o menor pensamento de adoração, seja sempre recebido, sempre funcione em toda a sua possibilidade e sempre trará sua resposta Dele. Neste caso, em Sua bondade, Ele designou a Mãe de Jesus como um anjo poderoso para receber essas orações para ser um canal para elas, aceitar essa devoção e enviá-la a Ele. Portanto, a reverência oferecida a

ela e o amor derramado a seus pés nunca foram desperdiçados nem por um momento; trouxeram o seu resultado, fizeram o seu trabalho.

Se tentarmos entendê-la, veremos quão mais grandiosa é essa realidade do que a concepção estéril de que todo pensamento elevado, toda adoração, todo louvor não dirigido por um Nome particular deve inevitavelmente se extraviar. Por que Deus deveria limitar-se aos nossos erros quanto aos nomes? Ele olha para o coração, não para as palavras. As palavras são condicionadas por circunstâncias externas pelo local de nascimento do orador, por exemplo. Somos cristãos porque nascemos na Inglaterra, ou na América, ou em alguma outra terra cristã; não porque examinamos e comparamos todas as religiões e escolhemos deliberadamente o cristianismo. Somos cristãos porque foi a fé em meio à qual nos encontramos, e por isso a aceitamos. Alguma vez lhe ocorreu que, se tivéssemos nascido como nativos da Índia, seríamos hindus ou maometanos com a mesma naturalidade, e deveríamos ter derramado nossa devoção a Deus sob o nome de Shiva, Krishna, Alá, em vez do nome de Cristo? Se tivéssemos nascido no Ceilão ou na Birmânia, seríamos budistas fervorosos. O que essas considerações locais importam para Deus? É sob Sua lei de justiça perfeita, sob Seu esquema de evolução, que uma de Suas criaturas nasce na Inglaterra e outra na Índia ou Ceilão, de acordo com suas necessidades e seus méritos. Quando a devoção é derramada por qualquer homem, Deus a recebe através do canal que Ele designou para aquele homem, e assim todos ficam igualmente satisfeitos e a justiça é feita. Seria uma injustiça grosseira e gritante se qualquer devoção honesta fosse deixada de lado ou rejeitada. Nunca o menor ácaro foi rejeitado. Os caminhos de Deus são diferentes dos nossos, e Sua compreensão dessas coisas é mais ampla e maior que a nossa. Como Faber escreveu:

Para tornar o Seu amor muito estreito

Por falsos limites nossos,

E nós magnificamos Seu rigor

Com um zelo que Ele não possuirá.

As histórias que ouvimos sobre Nossa Senhora podem muito bem ter uma base de fato. Ouvimos falar dela aparecendo em vários lugares para várias pessoas como Joana d'Arc, por exemplo. É extremamente provável que ela tenha feito que esse grande Anjo tenha se mostrado assim (pois não há nada que possamos chamar de sexo em tal altura). Não há nenhuma improbabilidade anterior nisso, e é muito improvável que todas as pessoas que testemunham essas aparições estivessem iludidas ou hipnotizadas, ou sob algum erro estranho. Todos os estudantes sabem que o pensamento sério sobre qualquer assunto produz formas-pensamento fortes, que estão muito próximas do limite da visibilidade; muitos milhares de tais formas-pensamento foram feitos de Nossa Senhora, e ela nunca deixou de responder, e mais completa e eficazmente em preenchê-los. É certo que de todos estes alguns, em circunstâncias favoráveis, se tornariam fisicamente visíveis; e mesmo quando

permanecem astrais, as pessoas sensíveis muitas vezes são capazes de vê-los. A terrível e incomparável tensão e estresse da guerra tornou muitas pessoas sensíveis às impressões psíquicas que nunca foram assim antes. Assim acontece que agora ouvimos muitas histórias de aparições, e visões ou manifestações de Nossa Senhora ocupam um lugar de destaque entre elas.

Diz-se também que curas maravilhosas foram produzidas em Lourdes e em outros lugares pela fé nela. Provavelmente eles têm. Não há nada menos científico, não há nada fora da razão e do bom senso em supor isso. Sabemos perfeitamente que um forte derramamento de força mesmérica produzirá certas curas; não temos conhecimento do limite de tal poder, mas é bom lembrar-se de que todas essas coisas têm a verdade por trás delas.

A MATÉRIA VIRGEM

Deus no Absoluto é eternamente Um; mas Deus em manifestação é vida e substância, espírito e matéria, ou, como diria a ciência, força e matéria. Quando Cristo, nascido sozinho[31] do Pai, brota de Seu seio e olha para trás para o que resta, Ele vê como se fosse um véu lançado sobre ele, um véu ao qual os filósofos da Índia antiga deram o nome de Mulaprakriti, a raiz da matéria; não a matéria como a conhecemos, mas a essência potencial da matéria; não o espaço, mas o interior do espaço; aquilo de onde tudo procede, o elemento que contém a Divindade, do qual o espaço é uma manifestação.

Mas esse véu de matéria também é Deus; é tão parte de Deus quanto o Espírito que age sobre ela. O Espírito de Deus movia-se sobre a face das águas do espaço; mas as águas do espaço são divinas em sua formação tanto quanto o espírito que se move sobre elas, porque não há nada além de Deus em qualquer lugar. Esta é a substância original subjacente à qual todas as coisas são feitas. Na filosofia antiga é o Grande Abismo, e então, porque envolve e contém todas as coisas, também é a sabedoria celestial que envolve e abraça tudo. Para isso os filósofos usavam sempre o pronome feminino; eles falam daquele Grande Abismo da sabedoria eterna como "ela". Ela é, portanto, a alma, macrocósmica e microcósmica, pois o que é verdadeiro em cima também é verdadeiro embaixo.

Essas ideias são um tanto complexas e estranhas ao nosso pensamento moderno, mas se quisermos compreender uma religião oriental devemos nos dar ao trabalho de compreender essa maneira oriental de ver as coisas. E assim percebemos como é que ela, esse outro aspecto da Divindade, é chamada de Mãe, Filha e Esposa de Deus. Filha, porque ela também vem do mesmo Pai Eterno; Esposa, porque pela ação do Espírito Santo sobre a matéria virgem ocorre o nascimento de Cristo no mundo; Mãe, porque somente através da matéria é possível a evolução que faz nascer o espírito de Cristo no homem. Mas este assunto pertence antes ao nosso futuro volume teológico, no qual tentaremos explicá-lo mais completamente.

---

[31] Veja A Ciência dos Sacramentos, p. 16.

Acima e além da Trindade Solar, da qual costumamos pensar, está a Primeira Trindade de todos, formada quando do que nos parece nada surgiu a Primeira Manifestação. Pois naquela Primeira e mais alta de todas as Trindades, Deus o Pai é o Absoluto, o que podemos com toda reverência chamar de Modo Estático da Divindade. Dali salta o Cristo, o Segundo Aspecto verdadeiramente da Divindade e ainda a Primeira Manifestação, pois Deus o Pai "não é visto por ninguém".

Então, através da interação da Deidade em Seu próximo Aspecto, o do Espírito Santo, que representa o Modo Dinâmico da Deidade (Vontade em ação) dessa essência, essa raiz de toda matéria, vêm todos os mundos e todas as manifestações posteriores em níveis inferiores, de qualquer tipo que sejam, incluindo até mesmo a Santíssima Trindade do nosso próprio sistema solar.

O Aspecto Mãe da Divindade assim se manifesta como o éter do espaço quente, o éter que transmite vibrações de luz aos nossos olhos, pois isso é uma coisa física; mas o éter do espaço, que em química oculta chamamos de koilon[32], sem o qual nenhuma evolução poderia existir, e ainda assim é virgem e inalterado depois de toda a evolução ter passado.

Nesse koilon ou éter mais fino, o Cristo, o Logos energizante ou Palavra de Deus, sopra o sopro da vida, e ao inspirá-lo Ele faz aquelas bolhas das quais tudo o que chamamos de matéria é construído (porque a matéria não é o koilon, mas a ausência de koilon); e assim, quando Ele inala aquele Sopro poderoso, as bolhas deixam de existir. O éter é absolutamente inalterado; é como era antes da virgem após o nascimento da matéria dela; é bastante indiferente a tudo o que aconteceu; e por isso Nossa Senhora é saudada como imaculada.

Ela é, portanto, a essência do grande mar da matéria, e assim ela é simbolizada como Afrodite, a Rainha do Mar, e como Maria, a Estrela do Mar, e em imagens ela está sempre vestida com o azul do mar e do céu. Porque é somente por meio de nossa passagem pela matéria que evoluímos, ela também é para nós Ísis a Iniciadora, a Virgem Mãe de quem nasce o Cristo em nós, o corpo causal, a alma no homem, a Mãe de Deus em Quem o Espírito divino se desdobra dentro de nós, pois o símbolo do ventre é o mesmo que o Cálice do Santo Graal. Ela é representada como Eva, descendo à matéria e à geração; como Maria Madalena enquanto em união não natural com a matéria, e então quando ela se eleva da matéria, mais uma vez como Maria, a Rainha do céu, assumida na vida eterna.

Enquanto estamos no estágio inferior de nossa evolução, e sujeitos ao domínio da matéria, ela é para nós verdadeiramente a Mater Dolorosa, a Mãe Dolorosa, ou a Mãe das Dores, porque todas as nossas dores e problemas chegam até nós através do nosso contato com a matéria; mas tão logo conquistamos a matéria, tão logo para nós o triângulo não possa mais ser obscurecido pelo quadrado, então ela é para nós nossa Senhora da Vitória, a

[32] Veja Química Oculta, de Annie Besant e C, W. Leadbeater, p. 110.

glória da Igreja triunfante, a mulher vestida de sol e tendo a lua sob seus pés, e ao redor de sua cabeça uma coroa de doze estrelas.

Se olharmos por esta linha de simbolismo, a doutrina do desenho final da raiz da matéria no Absoluto, para que Deus seja tudo em todos, é o que é tipificado pela Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria. As grandes festas da Igreja são todas destinadas a nos mostrar, etapa por etapa, o que acontece na obra do Grande Arquiteto do Universo, na evolução do cosmos, bem como no desenvolvimento do homem. Ao estudar esses mistérios, nunca devemos esquecer a regra dos filósofos de antigamente: "Como em cima, assim embaixo". "De modo que tudo o que vemos acontecendo nessa poderosa evolução mundial, também encontraremos repetido em seu nível muito inferior no crescimento do homem; e, inversamente, se formos capazes de estudar os métodos do desdobramento de Deus no homem aqui embaixo, encontraremos esse estudo de inestimável ajuda para nos ajudar a compreender aquele desenvolvimento infinitamente mais glorioso que é a vontade de Deus para o universo como um todo. E, aprendendo assim, não devemos deixar de colocar a lição em prática. Como escreveu um poeta:

Devo me tornar a Rainha Maria,

E o nascimento de Deus deve dar,

Se eu na bem-aventurança celestial

Para sempre viveria.

Observe também, para melhor compreensão do simbolismo, que Cristo, o Espírito, sendo deífico por natureza, ascende por Seu próprio poder e vontade, assim como por Sua própria vontade Ele surgiu no princípio do seio do pai; mas Maria a alma é assumida, elaborada pela vontade Daquele que é ao mesmo tempo seu Pai e seu Filho; pois o primeiro Adão (disse São Paulo) foi feito alma vivente, mas o último Adão, o Cristo, é Ele mesmo um Espírito vivificador ou vivificante. Assim, seguindo Adão, que tipifica a mente, todos morrem; mas em Cristo todos são vivificados.

O ASPECTO FEMININO DA DIVINDADE

Devemos perceber também que nossa concepção mais elevada de Divindade combina tudo o que há de melhor nas características dos dois sexos. Deus, contendo tudo dentro de Si mesmo, não pode ser mencionado como exclusivamente masculino ou feminino. Ele não pode deixar de ter muitos aspectos, e nesta religião cristã tem havido uma grande tendência a esquecer esse fato cardeal de múltipla manifestação. Na perfeição da Divindade tudo o que é mais belo, tudo o que é mais glorioso no caráter humano é mostrado. Nesse caráter, temos dois conjuntos de qualidades, algumas das quais ligamos em nosso pensamento principalmente ao lado masculino ou mais positivo do homem, e outras que ligamos mais geralmente em nosso pensamento ao lado feminino. Por exemplo, força, sabedoria, direção científica e aquele poder destruidor que é simbolizado na religião hindu por Shiva, tudo o que geralmente

consideramos masculino. Mas o amor, a beleza, a doçura, a harmonia, a ternura, consideramos mais especialmente femininos. No entanto, todas essas características são igualmente previstas para nós na Divindade, e é natural que os homens tenham separado esses dois aspectos Dele e O tenham pensado como Pai-Mãe. Em todas as grandes religiões do mundo até bem recentemente esses dois aspectos foram trazidos à tona; para que seus seguidores reconhecessem não apenas deuses, mas também deusas. Na Índia temos Parvati, Uma, Sarasvati; na Grécia tivemos Hera, Afrodite, Deméter, Palas Atena; no Egito, Ísis e Néftis; na China. Kwan-yin; em Roma, Juno, Vênus, Minerva, Ceres, Diana. Ainda em outras religiões encontramos Astarte ou Ashtaroth, a rainha do céu. As imagens de Ísis com o Menino Hórus nos braços são exatamente como as da Santíssima Virgem carregando o menino Jesus; na verdade, diz-se que as antigas estátuas egípcias ainda estão em uso em várias igrejas cristãs hoje.

Cristãos ignorantes acusam essas antigas religiões de politeísmo de adoração de muitos deuses. Isso é simplesmente um mal-entendido do que se quer dizer. Todas as pessoas instruídas sempre souberam que há apenas um Deus; mas eles também sabem que esse Deus Único se manifesta de diversas maneiras, e em todos os aspectos, tanto e completamente através do corpo feminino quanto através do corpo masculino, através do que é chamado de lado negativo da vida, bem como através do positivo.

Nós, que fomos criados nas ideias cristãs, às vezes achamos um pouco difícil perceber que reduzimos tanto o ensino do Cristo que - em muitos casos, o que agora sustentamos é apenas uma caricatura do que Ele originalmente ensinou. Fomos criados, no que diz respeito à religião, não filosoficamente. Nunca aprendemos a apreciar o valor da religião comparada e da mitologia comparada. Aqueles que o estudam há muitos anos descobrem que eles lançam uma enxurrada de luz sobre muitos pontos que de outra forma seriam incompreensíveis. Vemos que se todos são Deus, e se não há nada além de Deus, então a matéria é Deus tanto quanto o espírito, e há um lado ou aspecto feminino e passivo para a Divindade, bem como um lado masculino, e ainda que Deus é Um, e não há duplicação de qualquer tipo Nele.

Tudo o que é, é Deus; mas podemos vê-lo através de muitas lentes de cores diferentes e de muitos pontos de vista diferentes. Podemos vê-lo como o poderoso Espírito informando todas as coisas; mas aquelas coisas que são informadas dessas formas não são menos Deus, pois não há nada além de Deus. E assim vemos o que podemos chamar de lado feminino da Divindade; e assim como o lado masculino da Deidade tem muitas manifestações, assim o é o lado feminino. Assim, naqueles dias anteriores havia muitos deuses e deusas, cada um representando um aspecto, e os deuses tinham seus sacerdotes, e as deusas suas sacerdotisas, que tinham um papel tão importante na religião quanto os sacerdotes. Mas nas últimas grandes religiões, Cristianismo e Muhammadanismo (ambos vindos do Judaísmo, que ignorou o lado feminino), o Mestre do Mundo não escolheu tornar essa divisão proeminente; portanto, no cristianismo e no maometismo, temos apenas o sacerdote, e as forças que são

derramadas através dos serviços da Igreja, embora incluam todas as qualidades, são ainda assim organizadas, dirigidas, de modo a percorrer apenas a forma masculina.

No Egito Antigo dividimos essas forças, porque essa era a vontade do Instrutor do Mundo quando fundou a religião egípcia, então algumas delas passaram pela manifestação de Osíris, e algumas através da manifestação de Ísis. Portanto, alguns deles foram administrados pelos sacerdotes de Amen-Rá, o Deus-Sol, e outros pelas sacerdotisas de Ísis. E, Ísis foi em todos os sentidos tão profundamente honrada e considerada tão elevada em todos os aspectos quanto qualquer um dos aspectos masculinos. Ela era a grande deusa e mãe beneficente, cuja influência e amor permeiam todo o céu e a terra.

É tempo de aprendermos a compreender o simbolismo da Igreja, aprendermos a ver como é multifacetado, de modo que cada ideia que nos é apresentada evoque uma multidão de pensamentos úteis e edificantes, e não apenas um. Já foi feita referência a essa outra linha de símbolos em que os diferentes estágios da vida terrena do Cristo tipificam as quatro grandes Iniciações, e Sua Ascensão representa a quinta. Nessa linha também entra a história de Nossa Senhora, pois nela sua Natividade representa a primeira aparição da matéria em conexão com o ego em sua individualização, enquanto a Anunciação representa o que é comumente chamado de conversão, aquela primeira penetração na alma pelo Espírito Santo que orienta o homem na direção certa, e torna o nascimento do Cristo dentro dele como um resultado necessário, quando o longo período de gestação terminar. No mesmo esquema, a Assunção significa a completa e final elaboração do ego ou alma na mônada.

Se tomarmos a outra forma da simbologia, aquela que se refere à descida do Cristo na matéria como Seu nascimento, sua Natividade é a formação de Mulaprakriti pelo salto da Segunda Pessoa, como mencionado anteriormente, enquanto a Anunciação é a Primeira Descida do Espírito Santo na matéria. O Espírito Santo desce e cobre as marias, os mares de matéria virgem; o Espírito de Deus se moveu sobre a face do abismo, e assim a Anunciação é aquela Primeira Descida que em outra faseologia chamamos de Primeira Efusão, que traz os elementos químicos à existência. Mas só depois de um longo período de gestação a matéria é preparada para o Segundo Derramamento que vem da Segunda Pessoa da Trindade, e Cristo nasce na matéria, como no dia de Natal. Mais tarde ainda vem a Terceira Efusão, quando cada homem recebe individualmente em si a centelha divina, a Mônada, e assim nasce a alma ou ego no homem. Mas isso é numa fase muito posterior.

Nas religiões mais antigas houve várias apresentações do Aspecto Feminino. Para os romanos, Vênus a tipificava como amor, Minerva como sabedoria, Ceres como a mãe-terra, Bellona como a defensora. Nossa Senhora não corresponde exatamente a nenhum deles, ou melhor, talvez inclua vários deles elevados a um plano de pensamento superior. A maior aproximação na antiguidade de nossa concepção dela é provavelmente a figura de Kwan-yin, a Mãe da Misericórdia e do Conhecimento, no Budismo do Norte, conforme

promulgado na China e no Tibete. Nossa Senhora é essencialmente Mãe Maria, tipo de amor, devoção e piedade; a sabedoria celestial de fato, mas acima de tudo *Consolatrix Afflictorum*, o consolador, confortador, ajudante de todos que estão em apuros, tristeza, necessidade, doença ou qualquer outra adversidade. Pois ela não é apenas um canal através do qual o amor e a devoção passam a Cristo, seu Filho e Rei, mas ela é, por sua vez, um canal para o derramamento de Seu amor em resposta.

Para que, tanto do ponto de vista do simbolismo como do fato, tenhamos boas razões para celebrar as festas de Nossa Senhora, e nos alegrar e agradecer a sabedoria e o amor que fornecem para nós esta linha de abordagem em agradecimentos a Cristo que dá isso, e a Nossa Senhora através de quem é dado. Assim também nós podemos juntar-nos ao coro mundial de louvor e repetir as palavras do anjo Gabriel: "Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco; bendita sois vós entre as mulheres".

Ave Maria! Tu cujo nome

Todos, exceto o amor adorador, podem dar,

No entanto, podemos alcançar o teu santuário;

Pois Ele, teu Filho, nosso Líder, prometido

Para coroar todas as frontes humildes e elevadas

Com amor e alegria como a tua.

CAPITULO XIV

O FESTIVAL DOS ANJOS

OS ANJOS SUPERIORES

A festa dos santos Anjos é geralmente chamada de Dia de Miguel, em homenagem a São Miguel, o grande Chefe dos Anjos; mas realmente celebramos nessa ocasião não apenas aquele glorioso Príncipe, mas toda a hoste angélica; agradecemos e louvamos a Deus por eles e por todo o maravilhoso auxílio que nos dão. Há uma grande quantidade de mal-entendidos sobre os santos Anjos. A ideia deles é tão bela, tão poética, que as pessoas frequentemente pensam nisso como se fosse apenas poesia. Fala-se sobre esses grandes e gloriosos seres um pouco como se fala dos contos de fadas. É tudo muito belo, mas não se faz inteira justiça a eles.

Nada pode estar mais longe da verdade do que uma ideia como esta. A glória radiosa dos Santos Anjos é muito mais real, e não menos, que qualquer coisa neste plano físico. Suponho que isso pareça estranho, excessivo, talvez um tanto ridículo; mas de fato não é. As coisas deste plano físico que nós tocamos e sentimos são reais o suficiente para nós, enquanto vivemos por entre elas; mas temos apenas que elevar um pouco nossa consciência dentro de um mundo mais alto, e imediatamente toda essa realidade densa deixa de ser real, mas torna-se mais diáfana que o tecido de um sonho, e entendemos então que as coisas vistas aqui no plano físico são corretamente descritas como transitórias, e as coisas invisíveis daqui estão muito mais perto de serem eternas. Aquelas são as realidades, e não estas. O espírito é o fato real, não o corpo. O corpo é perfeitamente real enquanto dura, mas dura apenas alguns poucos anos; o espírito é uma centelha divina, e vive para sempre. Assim os Santos Anjos não são de modo algum menos reais que você e eu.

Assim, os santos Anjos não são menos reais do que você e eu. Se vamos instituir comparações entre meros veículos, os deles são muito mais reais e duradouros do que os nossos. Tudo o que é material teve um começo e terá um fim; mas o que se eleva muito acima do meramente físico dura indefinidamente mais e é infinitamente mais glorioso. Se desejamos compreender essas coisas mais elevadas, devemos antes de tudo ter essa ideia bem em nossas cabeças, de que quanto mais alto pudermos elevar nossa consciência, mais nos aproximaremos da verdadeira realidade. Há um único que é eterno além de toda eternidade, e esse é somente Deus; mas essas Suas criaturas maiores, mais brilhantes e mais nobres têm vida muito mais longa, muito mais vívidas do que a consciência que temos aqui embaixo; então devemos tentar entender algo deste grande reino dos Anjos.

Qualquer um que tenha estudado as descobertas da ciência moderna sabe que existe uma linha definida de evolução que surge através dos diferentes reinos da natureza. O reino mineral é geralmente considerado o mais baixo; alguns estudantes sabem que há outros que precedem até mesmo isso na evolução, mas não precisamos entrar nesse assunto no momento. O reino

mineral conduz gradualmente aos primórdios do reino vegetal, e da mesma forma o reino vegetal também conduz aos primórdios do reino animal. Existem organismos intermediários que é difícil atribuir com certeza a qualquer reino. Em seus estágios iniciais, muitas vezes é impossível distinguir o vegetal do animal inferior e, da mesma forma, existem organismos pairando à beira da vida vegetal que são quase minerais; então esses reinos formam uma sequência em constante crescimento.

O homem é usualmente classificado como a cabeça do reino animal; mas em nossos estudos da vida interior nós o consideramos, por certas boas razões, como um reino separado. Os atributos que possui em muitos aspectos o diferenciam mesmo do animal mais evoluído, ainda que do animal haja um nítido progresso em direção ao humano. Não há lacunas neste sistema evolutivo, e assim da forma de vida mais inferior podemos apontar para nossa vida. Somos então o ápice de tudo? Não haverá nenhuma forma de vida mais alta que a nossa assim como a nossa é mais alta que a do animal, como a do animal é mais alto que a do mineral. Investigações nos mostram que há sim uma forma de vida mais elevada que a nossa - que há um reino acima do reino humano, mais adiantado na evolução que o nosso; é chamado de Reino Angélico.

Os filósofos daquele país maravilhoso, a Índia, estudaram por milhares de anos antes de qualquer um de nós, porque sua civilização é muito mais velha que a nossa. Eles sabem tudo sobre aquele reino superior e dão a seus membros o nome de Devas. Deva é uma palavra sânscrita da qual deriva nossa palavra "divino". Está ligada a tudo o que sugere excelsitude e divindade. Os Devas são os Brilhantes uma denominação mui natural para lhes dar, para os homens que os veem, porque todo o seu mundo elevado está em relação ao nosso como a luz está para as trevas. Se por acaso nos tornamos capazes por um momento de ver algo da matéria desse mundo superior, para nós isso aparece como luz, e se deste mundo superior olhamos para a matéria deste, vemos isso como uma escuridão comparativa. “Devemos perceber que o reino angélico é em todos os sentidos tão real quanto o nosso, ou como o reino animal que está abaixo do nosso. Poderíamos pensar: "Podemos ver os animais; por que não podemos ver os Anjos? Os animais pertencem a um reino inferior ao nosso, mas eles podem nos ver; se eles podem ver algo pertencente a um reino superior, por que nós não?

Em primeiro lugar, nós podemos. Há uma grande quantidade de pessoas que têm visto membros do Reino Angélico, mesmo que o plano material mais denso onde apareçam ainda esteja acima de nosso plano físico. Há uma grande variedade de estágios e tipos de matéria mesmo aqui embaixo; temos os sólidos, os líquidos e os gases. Sir William Grookes falou da matéria radiante, que ele considerava estar em um quarto estado, superior ao estado gasoso. Há matéria que escapa aos nossos sentidos, não porque seja de alguma forma irreal ou imaterial, mas porque nossos sentidos são imperfeitos, e abrangem apenas uma pequena fração de tudo o que sabemos que existe. Por exemplo, geralmente podemos ver os sólidos e os líquidos, mas raramente podemos ver gás, ou algo em estado gasoso. Há alguns gases, como o cloreto, que podemos distinguir por

sua cor, mas usualmente percebemos os gases de outra maneira, pelo cheiro ou pelo que sentimos quando os respiramos. O que é mais elevado que os gases ficam ainda mais além de nossos sentidos físicos, mas estaríamos caindo em um erro básico - para a compreensão destas coisas - se supuséssemos que são irreais. Estes Anjos possuem corpos, construídos de matéria assim como os nossos; só ocorre que esta matéria é mais sutil, respondendo apenas a vibrações mais elevadas. Mas também temos em nós um corpo de matéria mais sutil, um veículo mais elevado que pode ser treinado, seus sentidos desenvolvidos, exatamente como os sentidos físicos do homem podem ser desenvolvidos em um grau muito maior de refinamento do que a maioria de nós possui.

Lembro-me de uma vez ter visitado o astrônomo responsável por uma de nossas grandes universidades. Ele me mostrou várias fotografias e me disse: "Você vê naquela fotografia de um espectro de uma estrela seis linhas mais claras." Olhei para aquela fotografia, mas não consegui distingui-los, e logo reuni coragem para dizer isso ao grande homem. "Claro que não", respondeu ele, "esqueci; levei dois anos para aprender a vê-los." Eu tinha as fotos em minhas mãos, mas meus olhos eram incultos para essa visão mais fina, de modo que eu não podia ver o que para seu olho treinado era claramente visível. Assim, mesmo nossos sentidos físicos variam muito, conforme sejam educados ou não. Os sentidos de nosso corpo superior também podem ser treinados para ver coisas pertencentes a esses mundos superiores. As pessoas às vezes os vislumbram quando estão em uma condição exaltada ou em visão profunda. Lemos, por exemplo, que os grandes santos tiveram visões angélicas. Não devemos supor que esses homens fossem meros sonhadores histéricos; o fato é que sua consciência superior foi aberta no momento, de modo que eles viram o que em condições normais teria permanecido invisível para eles. Devemos tentar perceber então que os Anjos são uma grande e gloriosa realidade, e que eles estão próximos de nós o tempo todo; e, no entanto, embora a crença em sua existência seja encontrada em todas as religiões (é certamente muito proeminente na fé católica, embora talvez nas seitas posteriores do cristianismo tenha sido permitido cair um pouco em segundo plano), pouco se sabe realmente sobre eles.

Suponho que a maioria das pessoas, quando pensa em anjos, os considera uma hoste de espíritos gloriosos, de forma humana, embora geralmente com enormes asas em seus ombros, que passam seu tempo em adoração perpétua diante do Trono de Deus, ou em viagens em missão para Ele, principalmente relacionadas com o progresso da raça humana, ou o resgate de indivíduos em condições de miséria ou perigo. Não há exceção específica a ser tomada a esse ponto de vista, e é bom o suficiente para o público em geral que não está interessado em detalhes exatos. Mas há muito mais do que aquilo que pode ser conhecido com respeito a esta maravilhosa ordem de seres; e talvez seja bom que membros inteligentes da Igreja Católica Liberal sejam um pouco mais precisos em seu conhecimento neste assunto.

Ainda que o Reino Angélico seja o imediatamente superior ao humano, não é necessariamente o próximo degrau em nossa evolução. Assim como nem

todas as criaturas pertencentes ao reino animal vão algum dia se tornar homens, igualmente nem todos os seres humanos entrarão no reino dos Santos Anjos. Todos os que hoje são humanos atingirão a meta, o ápice do desenvolvimento humano, e se tronarão super-homens; mas há muitas outras linhas de evolução dentro da qual o homem pode adentrar, além da hoste angélica. (Veja Auxiliares Invisíveis, cap., XVII.)

Este grande reino angélico tem suas próprias raças, seus variados graus de desenvolvimento, suas diferentes linhas de evolução, exatamente como é o caso de todos os outros reinos da Natureza. Há Anjos que não estão mais adiantados na evolução do que alguns dos nossos melhores homens; e há outros cujo esplendor parece-nos incluir tudo o que poderíamos imaginar da Divindade. Podemos notar que as palavras de nossa Liturgia nos lembram, em todo o serviço eucarístico, uma classificação que tem sido largamente aceita na antiga Igreja Cristã - aquela que divide os Anjos em nove ordens: Anjos, Arcanjos, Querubins, Serafins, Tronos, Dominações, Principados, Virtudes e Potestades. A ordenação Judaica, que em grande parte foi adotada pela Igreja Cristã, os divide em sete grandes tipos, correspondentes aos Raios. Até os nomes daqueles Grandes Seres que ficam à testa de cada um destes sete tipos foi dada em escritos antigos, onde aparecem como Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel, Chamuel, Jofiel e Zadkiel.

Na classificação de nove partes são adicionados dois outros tipos que são cósmicos, isto é, que se estendem além dos limites de nossa cadeia de mundos, talvez até além de nosso sistema solar. A cada um desses tipos são atribuídas características diferentes, e em cada uma dessas grandes Ordens de Anjos há muitos níveis. Dividimos nosso reino humano em várias raças, a ariana, a mongol, a semítica e assim por diante; mas todos reconhecemos que em cada uma destas raças há pessoas altamente evoluídas e pessoas comparativamente menos evoluídas. Há reis e príncipes e nobreza e também há camponeses; mas são todos da mesma raça. Do mesmo modo nas Ordens Angélicas há os grandes líderes, e há outros que não são tão altamente evoluídos; os de níveis inferiores possuem corpos astrais, e ainda estão sob influência do desejo. É verdade que as más intenções não são possíveis a nenhum da hoste angélica, mas há muitos que em intelecto e adiantamento geral estão só levemente à frente de nós.

Entre os budistas e os hindus encontramos um grande agrupamento quádruplo que certamente é facilmente distinguível no caso dos Anjos que mais entram em contato com a humanidade. Essas diferentes classificações não são mutuamente exclusivas, mas podem muito bem se referir a diferentes partes ou tribos em um reino tão vasto, ou mesmo às mesmas divisões vistas de um ponto de vista diferente. Teremos, no entanto, uma ideia muito truncada e parcial deste reino glorioso se pensarmos em seus membros como sempre ocupados em louvar infrutiferamente a Divindade ou na execução de tarefas relacionadas com a raça humana. Os Anjos são uma manifestação da Vida Divina em um certo estágio elevado de sua evolução, e estão principalmente preocupados, assim como nós, nessa evolução. Eles estão vivendo suas próprias vidas, e essas

vidas são uma epifania muito mais esplêndida da Divindade do que a maioria das nossas. Sem dúvida, frequentemente louvam a Deus, como nós mesmos fazemos em nossas igrejas; mas, assim como tentamos principalmente mostrar nosso amor a Deus vivendo no mundo como Ele quer que vivamos, os anjos, em seu nível superior, mostram melhor seu amor e devoção a Ele, realizando ao máximo aquela obra que Ele deu-lhe para fazer.

Seria tolice de nossa parte pensar nesse trabalho como de alguma forma especialmente relacionado a nós, embora, sem dúvida, tal pensamento seja lisonjeiro para nosso orgulho e se encaixe prontamente com o egocentrismo da humanidade como um todo. Talvez cheguemos a uma compreensão mais racional se pensarmos em nossa própria atitude em relação aos reinos abaixo de nós, o animal e o vegetal. Não gastamos nossas vidas pensando em como podemos fazer o bem a esses reinos inferiores ou ajudar em sua evolução; o homem médio está muito mais preocupado em pensar como pode fazer com que essas criaturas inferiores o sirvam, e o quanto, de uma forma ou de outra, ele pode ganhar com elas. Nossas relações com animais selvagens são, de fato, da mais horrível descrição; e eles podem muito bem ser desculpados se nos considerarem não como anjos, mas como demônios.

É claro que seria bastante impensável que o reino angélico se esforçasse de tal maneira para nos explorar (embora os mortos às vezes o façam); mas podemos supor que, em geral, ela se contenta em seguir o caminho de sua própria evolução sem interferir desnecessariamente na nossa. Não há dúvida de casos individuais de interferência; às vezes um Anjo vê um homem em apuros ou dificuldades em que pensa que pode dar alguma ajuda, e prontamente o auxilia, como deveríamos a um animal selvagem.

Tais ocasiões, porém, devem ser sempre raras; pois devemos lembrar que um anjo mediano, mesmo do tipo menos exaltado, está, em comparação com o homem mediano, muito na posição que um professor universitário estaria em relação a uma criancinha na aula de cartilha. O professor está ali para ajudar os alunos; mas a criança na primeira classe deve desenvolver-se em grande medida e aprender muito com outros professores antes de poder aproveitar o auxílio que o professor pode dar melhor. Em circunstâncias excepcionais esse professor pode ajudar a criança com uma soma ou uma aula de leitura; mas todos nós podemos ver que o trabalho da educação como um todo é melhor realizado quando o professor cuida de sua própria atividade, e deixa a criança pequena adquirir seu aprendizado através dos canais especialmente designados para ele em seu nível.

Em um estágio posterior, essa criança da primeira classe, sem dúvida, entrará em contato com o professor e aprenderá muito com ele; e exatamente da mesma maneira, quando a humanidade tiver evoluído muito mais ao longo de seu caminho, ela entrará em relação muito mais próxima com essas grandes hostes angélicas, e tal contiguidade será muito vantajosa para si. Algo do método dessa união íntima pode ser lido por aqueles que desejam descrito no livro “O

Homem: Donde e Como Veio, e para Onde Vai?”[33], no qual é descrito como em um futuro, não muito distante, grandes Anjos tomarão parte visível e os cultos da Igreja daqueles dias, e reunirá a devoção dos membros da congregação e a derramará em uma poderosa fonte aos pés da própria Divindade Solar. Eles também atuarão como recipientes e distribuidores da tremenda influência espiritual ou graça que Ele, em resposta, derrama sobre esses devotos.

Eles estão fazendo um trabalho dessa natureza mesmo agora, embora um pouco menos obviamente. Já mencionei que toda a devoção e todo o amor que foram derramados ao longo dos séculos aos pés da Bem-Aventurada Virgem Maria são recolhidos por ela, agora que ela é um grande Anjo, e encaminhados à Divindade Solar, que muito certamente aceita e responde. No primeiro volume desta série, A Ciência dos Sacramentos, expliquei algo sobre o papel maravilhoso que os Anjos desempenham no maior de nossos cultos na Igreja. Milhares e milhares de cristãos fervorosos têm, nos últimos vinte séculos, obtido a mais completa ajuda espiritual e elevação da Sagrada Eucaristia sem saber que devem a possibilidade desse serviço glorioso à assistência tão alegre e pacientemente dado pelos santos Anjos a um mundo incompreensível. Eles vêm então porque podem providenciar para nós um certo tipo de serviço que sem eles não poderíamos realizar, e porque eles sabem que quando um homem atende a tal serviço e se une de coração em louvor e adoração, ele está em uma atitude receptiva, e pode ser alcançado e tocado; um bem pode ser feito a ele e poder pode ser derramado sobre ele.

Quando um homem adentra na igreja, ele se põe na presença de Nosso Senhor, entronizado sobre Seu altar; e só por este fato ele também entra na presença de uma grande multidão de Anjos adorantes. O quanto será possível fazer por ele depende de até onde ele pode abrir seu coração à sua influência, e de sua disposição física, moral e mental. Alguns de nós sentem tais influências fácil e nitidamente, por termos aguçado nossos sentidos em tal direção; outros percebem-nas apenas vaga e incertamente; mas um número crescente de pessoas está se tornando cônscia delas. O homem está andando em lentos passos em direção a tornar-se o tipo de criatura que os Anjos podem ajudar, e à medida que avança mais para dentro de sua esfera, percebe melhor seu interesse e sua graciosa resposta.

Temos uma oportunidade inigualável de tentar vê-los, ou pelo menos sentir sua presença por nós mesmos, porque embora eu pense que todos os cristãos estão mais ou menos vagamente conscientes de que os anjos atendem a certos serviços da Igreja para auxiliar, temos a vantagem de uma informação um pouco mais definida do que geralmente é dado. Podemos saber exatamente em que ponto esses grandes chegam e, portanto, podemos estar atentos a eles, e devo aconselhar fortemente que todos nós tenhamos o hábito de tentar estar cientes de tais presenças. Há uma grande quantidade de ajuda, força e conforto a serem obtidos deles, e se soubermos em que momento eles podem ser

[33] Reeditada recentemente como “A Visão Teosófica das Origens do Homem” de Annie Besant e Charles Leadbeater pela Editora Pensamento.

esperados, seremos prontamente capazes de sintonizar nossas mentes para obter esse benefício. A presença dos Anjos não deve ser para nós vaga, incerta ou hipotética; devemos decidir que é uma realidade perfeitamente definida e, embora nem todos possamos realmente vê-la, assim como não podemos ver uma corrente elétrica, ainda assim ela é tão real quanto uma corrente elétrica, e sua efeitos podem ser apreciados por aqueles que são capazes de senti-los.

Grandes hostes de Anjos assistem à celebração da Eucaristia. Por quê? A maioria deles porque desfrutam das maravilhosas vibrações que são irradiadas da Hóstia consagrada. Eles também desfrutam das vibrações de devoção e amor que enviamos em nossa adoração, e vêm se banhar nisso não apenas porque gostam, mas porque sabem que é bom para eles, que é de grande vantagem para sua evolução. Mas, além desses, há outros Anjos maiores que vêm para tomar parte definida da obra. A Santa Eucaristia não é celebrada por nossa causa, por mais que dela possamos tirar proveito. Não viemos para receber, mas principalmente no de dar. Viemos porque este é o método que Cristo ordenou para a irradiação da força espiritual sobre Seu mundo, e viemos aqui para ajudar nesta distribuição da energia divina. Incidentalmente obtemos muito para nós mesmos, mas este não é nosso objetivo principal.

Os Anjos vêm - os grandes Anjos - a fim de fazer tudo isso possível para nós. Ao fim do Asperges, pedimos a Deus que envie Seu Anjo para nos ajudar e para estar conosco. Em resposta a aquele apelo acorre o Anjo da Eucaristia e constrói um receptáculo a partir de nossa devoção e de nossos sentimentos, e da energia liberada pela parte musical do serviço. Maiores que ele são os Anjos que vêm quando os chamamos justamente antes do Sanctus - quando o sacerdote ou bispo, tendo pedido que elevássemos nossos corações e déssemos graças a Deus, prossegue dizendo que com os Santos Anjos (enumerando os diferentes tipos), também fazemos nossa parte. Este é o chamamento tradicional a eles, e a melodia com que cantamos "Corações ao alto!" e "Nosso coração está em Deus" tem quase dois mil anos, se não mais. Ela remonta aos primeiros tempos em que tais músicas eram cantadas na Igreja.

Eles vêm e participam do serviço; o trabalho que realizam, quando o celebrante lhes diz para quem desejamos oferecer este serviço, foi explicado no volume anterior. O Anjo Diretor, o Anjo do Primeiro Raio, distribui aos diferentes representantes dos outros Raios o bloco de força que eles devem retirar e aplicar ao objeto nomeado. Temos alguns objetos que são sempre enumerados George nosso Rei, nosso Bispo Presidente, nossos bispos, clérigos e leigos e cada um destes definitivamente recebe algo. Claro que não devemos pensar nem por um momento que somos apenas nós que temos tais privilégios. Em todas as Igrejas cristãs onde realizou-se o vínculo da sucessão apostólica, existe o mesmo arranjo; na verdade, não devemos pensar nisso como confinado ao próprio cristianismo. Todas as religiões existem para auxiliar o mundo e, em quase todas elas, alguma provisão é feita para a recepção e distribuição da força espiritual. Este trabalho dos Anjos é facilitado quando a congregação entende o que está sendo feito e auxilia inteligentemente pelo pensamento. Portanto, devemos nos

dedicar a conhecer e compreender, para que possamos auxiliar os Anjos no trabalho que eles têm que realizar.

Esses Espíritos gloriosos são de tipos variados que dificilmente é possível tentar qualquer descrição deles. Muitos deles são de forma humana, embora geralmente de estatura muito maior do que o humano. Suas cores, seu brilho, sua iridescência, são maravilhosos além de todas as palavras; eles nos olham com gloriosos olhos estrelados, cheios de paz eterna. Neles a aura é maior, mais magnífica do que em nós, que à distância muitas vezes parecem meras esferas de luz fulgurante. Eu nunca os vi com asas; de fato, acho que as asas usadas pelos anjos da arte e da poesia devem sempre ser simbólicas de seus vários poderes, como tão evidentemente são em algumas das descrições das escrituras. Esta suposição é ainda corroborada pelo fato de que mesmo na história bíblica, quando o Anjo do Senhor veio visitar seu povo (como Abraão, Pedro e outros) ele geralmente é tomado por um homem, o que dificilmente seria possível se ele usasse asas gigantescas.

A aura do grande Anjo é muito mais extensa e flexível que a nossa; ele se expressa simultaneamente em formas-pensamento de aspectos maravilhosamente belas, em fulgores de cores gloriosas e em uma riqueza musical mais adorável. Para ele, um sorriso de saudação seria um maravilhoso brilho de cor e uma onda de som harmonioso; um discurso proferido por um desses valentes Filhos de Deus seria um magnífico oratório; uma comunicação entre dois grandes Anjos seria como uma poderosa escusa, em que a ideia principal responderia ao assunto, ecoando em desconcertantes cataratas de harmonia, acompanhadas por mudanças caleidoscópicas de tons brilhantes e cintilações de luz do arco-íris. Há Anjos que vivem e se expressam pelo que para nós são perfumes e fragrâncias, embora usar tais palavras pareça degradar, materializar as emanações requintadas nas quais eles se deleitam com tanta alegria.

Há sempre Anjos pairando ao redor da Hóstia Reservada, mas quando o brilho mais vívido começa na Elevação ou Bênção, vemos uma adição curiosa e mais bela à companhia, por um número de anjos muito pequenos que circulam sobre ele. A maioria dos membros da hoste angelical é pelo menos do tamanho humano comum, e muitos deles são muito maiores que os homens; mas aqui está um grupo de pequenos querubins bem parecidos com alguns dos pintados por Ticiano ou Miguel Ângelo, só que nunca vi nenhum deles com asas. São criaturas pequenas e maravilhosamente perfeitas, não muito diferentes de certas classes de espíritos da natureza, exceto que são muito mais radiantes e, sem dúvida, do tipo angelical; infantil e ainda assim muito, muito velho. Eles dão uma impressão de brilho eterno que é impossível colocar em palavras; são como pássaros do paraíso no esplendor de sua cor, seres de luz viva; que giram ou pairam em uma atitude de adoração, girando para dentro e para fora enquanto se movem, fazendo uma espécie de esfera oca em torno da Hóstia, uma esfera de talvez seis metros de diâmetro. Não creio que nenhum deles desça tão baixo a ponto de ter um corpo astral; a maioria deles pode ser distinguida apenas pela visão do corpo causal, o que significa, naturalmente, que seu veículo mais denso

é construído de matéria pertencente ao mundo mental. Eles são de grande valor no serviço, pois refletem e transmutam algumas das poderosas forças empregadas e convocam grandes volumes de outras; assim, um redemoinho de atividade indescritível está sempre acontecendo dentro e ao redor de sua esfera.

Há também outro tipo dessas pequenas criaturas para as quais o título de Anjo é menos apropriado. Eles são igualmente graciosos e belos à sua maneira, mas na realidade eles pertencem ao reino dos elfos ou espíritos da natureza. Eles não se expressam por meio de perfumes, mas vivem dessas emanações e, portanto, sempre se encontram onde a fragrância está sendo disseminada. Existem muitas variedades, algumas alimentando-se de odores grosseiros e repugnantes, e outras apenas daqueles que são delicados e refinados. Entre eles estão alguns tipos que são especialmente atraídos pelo cheiro do incenso e sempre são encontrados onde ele é queimado. Quando o sacerdote incendeia o altar e assim cria um campo magnético, ele encerra dentro dele vários desses pequenos e encantadores elfos, onde absorvem grande parte da energia ali acumulada, tornando-se agentes valiosos em sua distribuição no tempo adequado.

A palavra grega *aggelos* significa mensageiro; mas às vezes em nossas Escrituras a palavra inglesa “anjo” é usada em um sentido bem diferente, onde para nosso pensamento a palavra “espírito” talvez seja mais apropriada. Um exemplo ocorre no Evangelho para o dia de São Miguel, quando o Cristo é relatado como dizendo dos puros de coração que se afastaram do mal e se tornaram como criancinhas, que "no céu seus anjos sempre contemplam a face de Meu Pai Quem está no céu." Aqui, se Ele é relatado corretamente, Ele só pode estar falando do espírito no homem, que por causa da pureza do homem é capaz de reconhecer sua unidade com o Grande Espírito e, assim, sempre contemplar a face de seu Pai.

Devemos também manter em afetuosa lembrança a grande classe de anjos do pensamento, dos quais tantos estão especialmente ligados aos serviços da Igreja. O maior de todos é o poderoso Anjo da Presença, que vem todas as vezes que a Santa Eucaristia é celebrada e consumada por nós esse tremendo sacrifício; pois quando, cumprindo os deveres de seu santo ofício, o sacerdote pronuncia as palavras de poder, aquele Anjo brilha e, por seu toque de fogo, realiza aquela maravilhosa transmutação que é ao mesmo tempo o maior de todos os milagres e o mais natural, comovente e íntima expressão do Amor Divino. Ele é, na verdade, uma forma-pensamento do próprio Senhor Cristo, uma projeção dessa maravilhosa Consciência.

Não há maior alegria para Seus santos Anjos do que seguir o relampejar desse pensamento e banhar-se nesse rio da vida, essa inefável efusão de influência espiritual. E assim acontece que em cada Eucaristia, em cada Serviço de Bênção, a congregação é muito mais numerosa do que podemos ver com os olhos físicos; e quando celebramos esses santos mistérios, as legiões do exército celestial se reúnem ao nosso redor aqui e agora. Outra manifestação do poder angelical do pensamento ocorre em conexão com o Sacramento do

Batismo. O sacerdote faz uma espécie de couraça de luz diante e atrás da criança; e quando desta forma a forma-pensamento é construída, o poder do alto se derrama sobre ela, e o sacerdote então a sela cuidadosamente. Esta forma-pensamento, assim animada pelo derramamento do divino poder, torna-se um verdadeiro anjo da guarda para a criança, e ajuda muito o ego a ganhar o controle de seus novos veículos.

Mas não é apenas pelos poderes do alto que essas formas-pensamento úteis podem ser feitas. Em um nível infinitamente mais baixo, nós mesmos podemos, e fazemos, constantemente criar formas-pensamento úteis que são, para todos os efeitos, anjos da guarda para aqueles a quem são enviados. Sempre que derramamos um forte pensamento de amor, fabricamos assim uma forma que se projeta para a pessoa em quem pensamos. Uma sucessão constante de tais pensamentos cercará nossos amigos com uma verdadeira nuvem de útil influência; e tal nuvem quase sempre atrai a atenção de algum Anjo de passagem, que então se interessará em sua distribuição e aplicação às necessidades da pessoa em questão.

Esta é apenas uma das muitas formas pelas quais mesmo as ordens inferiores das hostes angélicas estão prontas para nos auxiliar assim que nos mostrarmos dignos de tal assistência ou (o que talvez seja a mesma coisa em outras palavras) assim que formos capazes de recebê-lo. Em conexão com nossa terra, os Anjos ocupam muitas e variadas posições. Escrevi em outros lugares sobre aqueles que habitam e guardam uma certa montanha sagrada na Irlanda;[34] há muitos outros lugares igualmente guardados em várias partes do mundo, e nesses pontos as hostes de anjos estão muito próximas para aqueles que têm olhos para ver ou corações para sentir. Estamos familiarizados com a expressa ideia em nosso hino: "Toda a natureza é para Deus uma rara e gloriosa vestimenta"; mas talvez ainda não nos tenha ocorrido que toda paisagem gloriosa é em si a vestimenta de um anjo, que faz parte de Deus. Aqueles que compreendem a mensagem da natureza, aqueles que realmente simpatizam com ela, compreenderão esta maravilhosa verdade; na Grécia antiga eles sabiam bem disso, mas nestes últimos dias os homens tornaram-se muito materiais, e poucos são aqueles que podem realmente sentir e ver.

OS ANJOS INFERIORES

A classe de Anjo que anima uma paisagem, um bosque ou pântano, embora não tão desenvolvida como alguns daqueles de quem já falei, ainda é, de certa forma, um tipo mais distante da humanidade e menos fácil para nós compreendermos. Nosso conhecimento deste poderoso reino próximo ao nosso é ainda imperfeito em tantos aspectos que não podemos nem mesmo dizer quais estágios de evolução estão por trás ou antes dessa divisão mais interessante do exército celestial; não sabemos como um determinado Anjo é designado para tomar conta deste ou daquele lugar; nem temos certeza por quem ou em que princípio os limites de sua jurisdição são definidos.

[34] “O Lado Oculto das Coisas”, editado pela Editora Pensamento.

Isso pelo menos sabemos que este maravilhoso e majestoso universo é parte da manifestação da Divindade no plano físico; e, no entanto, ao mesmo tempo, cada planeta é o corpo de um grande anjo planetário, que vive sua vida nele e se expressa por meio dele como nós fazemos por meio de nossos corpos, embora possamos ter pouca ideia dos métodos ou possibilidades de tal vida. Sabemos apenas que para ele a forma esférica é absolutamente a forma perfeita, que penetrar o éter em seu esplêndido avanço é de algum modo a mais intensa de todas as alegrias, que toda a beleza, vivacidade e vibrante felicidade de todas as mil formas de vida no mundo são apenas uma expressão parcial de sua bem-aventurança. A vida de seu mundo é parte dele, assim como ele, por sua vez, é parte da própria Deidade Solar. Este Anjo da Terra é uma grande inteligência, e de muitas maneiras se manifesta através de nós que fazemos parte dele. A música, por exemplo, é uma de suas faculdades, de modo que quando tocamos ou cantamos estamos ajudando-o a se expressar, dando-lhe assim prazer; pois a música, como eu disse antes, é uma espécie de entidade ou aglomerado de entidades, e quando a usamos estamos colocando em jogo um outro lado da Natureza, um conjunto adicional de forças, e associando conosco alguns dos Anjos da Música.

A maioria de nós ainda não tem contato consciente com o grande Anjo da Terra, embora não seja de modo algum impossível que essa seja uma das glórias que temos diante de nós no futuro. Quando a vida era mais simples e mais natural, os homens se aproximavam para compreendê-lo; pelo menos alguns tomaram consciência de algumas de suas formas-pensamento e as materializaram parcialmente; e eles definitivamente alcançaram a companhia de alguns dos espíritos da floresta ou do rio que têm com ele o mesmo relacionamento que ele, por sua vez, tem com a Deidade Solar. Eles diferem tanto quanto os homens; alguns são de tipo exaltado, trabalhadores fervorosos na causa da evolução, enquanto outros não são de modo algum, incapazes de manifestar o desejo pessoal e outras características humanas bastante comuns; mas a vida deles é tão radicalmente diferente da nossa onde não estamos em posição na natureza para criticar as suas ações.

Eles inspiram ou animam (todas essas expressões são aplicáveis, mas nenhuma é totalmente satisfatória) uma parte da superfície terrestre, seja uma paisagem extensa ou uma grande floresta, às vezes, apenas um campo, um espinheiro ou um jardim. Alguns parecem relativamente indiferentes a essa vestimenta física deles; outros estão profundamente atentos a qualquer coisa que o afete no menor grau. Alguns obviamente não gostam de qualquer intrusão humana, e até mesmo tomam medidas para evitá-la; outros acolhem certos amigos, mas adotam uma atitude reservada em relação à humanidade em geral. Aqueles que animam belas vistas definitivamente apreciam e desfrutam da admiração do artista; e quase todos mostram grande surpresa e deleite quando encontram um ser humano que possam vê-los, compreendê-los e conversar com eles. Embora as ordens superiores dos Anjos alcancem muito além de qualquer nível que a maior parte da humanidade já tenha alcançado ou mesmo imaginado, essas ordens inferiores são, como eu disse, não muito diferentes dos homens desenvolvidos; e, de fato, muitas vezes não é fácil, à primeira vista, distinguir

entre os membros inferiores do reino angélico e os mais avançados dos espíritos da natureza.

Os espíritos da natureza estão em relação aos Anjos assim como o reino animal está em relação ao humano, e a linha divisória entre os dois é a individualização, tanto num caso como no outro; mas um desenvolvimento muito maior da inteligência e do poder de raciocínio é obtido antes da individualização no caso da evolução menos material, e assim acontece que frequentemente encontramos o fenômeno de entidades etéricas ou astrais totalmente iguais ao homem em inteligência e desenvoltura, mas sem qualquer sentimento ético especial ou senso de responsabilidade.

Esses seres mais tênues constituem uma linha de evolução paralela à nossa e, consequentemente, todas as etapas com as quais estamos familiarizados na vida física estão representadas entre eles, desde o protozoário amorfo, no qual a consciência está surgindo, até o grande Arcanjo que dirige um vasto departamento de atividade terrestre. O número de tipos é quase infinito, um fato que explica a grande diferença entre os relatos de observadores casuais. Pois a existência dessas entidades não humanas é amplamente conhecida no mundo, e muitas pessoas as viram; na verdade, foi apenas o ceticismo ignorante do século passado que introduziu a descrença em sua realidade.

Nas antigas histórias gregas, lemos frequentemente sobre encontros entre seres humanos e esses poderes menores da natureza, e estes últimos são às vezes representados como materializando corpos físicos temporários, sempre em forma humana, e assumindo responsabilidades parentais. O ceticismo moderno zomba dessas lendas, mas há muitos fatos na Natureza que estão fora de nossa experiência muito limitada. Houve muitos casos nos dias clássicos; e não é sensato decidir que, porque uma coisa não acontece em nossa civilização crassamente materialista, nunca poderia ter ocorrido em condições mais naturais e pitorescas. É inseguro e presunçoso pronunciar a fórmula bombástica: "O que eu não sei não é conhecimento".

Talvez eu alcance melhor meu objetivo se descrever duas experiências minhas com esses Senhores da floresta e do campo; no primeiro caso com alguém que estava decididamente no lado angélico da linha divisória, e no segundo caso com alguns espíritos da natureza altamente desenvolvidos. Era uma vez meus amigos que me levaram para um dia ao ar livre, um dia para passar no campo que, embora não muito longe de uma grande cidade, está em condição selvagem e primitiva como uma Reserva Nacional para o prazer do povo. Aos sábados e domingos costuma estar bastante cheio, mas durante o resto da semana é uma deliciosa solidão umbrosa. No centro há um vale arborizado por onde corre um rio; e assim que entramos naquele vale, os membros sensíveis de nosso grupo imediatamente perceberam uma influência melancólica, de modo algum desagradável, mas distintamente incomum. Rastreando isso até sua fonte, descobrimos que todo o vale está sob os cuidados de um anjo que decidiu opiniões sobre o que pretende fazer dele, e está mostrando uma determinação louvável e incansável paciência para alcançar

seus objetivos. Ele considera o lugar como um ônus sagrado, e visa magnetizá-lo de tal maneira que produza um efeito sobre todas as pessoas sensíveis que passam por ele. Ele estendeu uma teia de matéria etérica de crista a crista, para isolar seu vale do mundo exterior; e dentro dela ele se esforça para manter algo como uma temperatura moral mais alta, assim como preservamos uma temperatura física mais alta na casa de palmeiras em Kew.[35]

Sua teoria é que as pessoas visitem o grande parque em um momento de relaxamento, quando suas mentes estão livres da tensão do trabalho e que, portanto, estão menos aprisionadas na concha do egoísmo e mais abertas às influências superiores. Ele argumenta que a aproximação das pessoas no momento favorável, a pressão ascendente suave, mas constante, que sua atmosfera está aplicando o tempo todo enquanto eles passeiam ao longo de seu vale ou remam em seu rio, deve produzir algum efeito que, é claro, aumenta na proporção direta da impressionabilidade daqueles que estão sujeitos a ela, mas dificilmente pode ser totalmente ausente, exceto nos casos mais endurecidos. Essa sua aura já é instantaneamente perceptível para um médium, mas ele considera seu trabalho ainda mal iniciado e está entusiasmado com a condição que espera ser capaz de induzir por cinquenta ou cem anos de trabalho concentrado e extenuante.

Foi de grande interesse para nós observar os métodos que ele vinha empregando em sua preparação e o sucesso que ele alcançou até agora; no entanto, pode não ser fácil explicar uma linha de atividade tão distante da concepção humana comum. É compreensível que cada criatura viva, cada raposa, coelho ou doninha, seja um fragmento da vida divina em manifestação, e (embora ainda não individualizado e capaz de reencarnar-se) é durante sua existência física tanto uma alma, uma consciência separada, quanto qualquer um de nós. Devemos estender essa ideia para incluir as formas menores de vida animal e as árvores e arbustos de nossa floresta. Mas cada uma dessas vidas é naturalmente independente e autocentrada, movendo-se à sua própria maneira, de modo que a força que irradia flui indiferentemente em todas as direções, e suas várias correntes provavelmente se cancelam. Por sua pressão constante, o Anjo do Vale mudou tudo isso; e de forma alguma coagir ou interferir em suas árvores e seus animais, ele os fez gradualmente capazes de uma certa cooperação, ou passíveis de uma influência comum. Normalmente cada criatura pensa e age por si mesma como antes; mas a qualquer momento, quando o Anjo o deseja, ele pode enviar uma corrente à qual todas as vidas se adaptam instantaneamente; eles ficam paralelos como juncos penteados por uma corrente, e toda a força do vale está à sua disposição, agindo como uma unidade. Ele falava com tristeza, quase impaciente, do tipo de ser humano que visitava seu vale em multidões aos domingos, declarando que, embora professassem pertencer a um reino superior, eram menos úteis para ele na geração de energia do que o próprio coelhos sob seus pés.

[35] Kew é um distrito do borough de Richmond upon Thames, localizado a sudoeste de Londres.

Aconteceu que um de nosso grupo era um bispo, usando uma cruz peitoral, que é uma joia altamente magnetizada contendo gemas especialmente ligadas às Cabeças dos Sete Raios, um objeto de imenso valor como centro de distribuição de força para o auxílio das pessoas. Nisto o Anjo estava profundamente interessado, pedindo permissão para examiná-lo de perto. Ele compreendia completamente seu objeto e seu poder; e quando, mais tarde naquele dia, outro membro do grupo o encontrou sozinho, ele perguntou se seria possível que um arranjo semelhante de gemas magnetizadas e ligadas pudesse ser adquirido para ele, explicando de quantas maneiras seria útil para ele em seu trabalho. É claro que concordamos de bom grado em fornecer o que ele desejava; não havia dificuldade em fazê-lo, pois o mais ínfimo grão da joia apropriada é suficiente para fazer o centro de irradiação necessário, de modo que o custo total de tal talismã é de apenas alguns xelins[36]. Assim que foi preparado, uma delegação visitou mais uma vez seu vale para apresentá-lo; ele ficou muito satisfeito e pediu que a enterrássemos no chão para ele em um local central que ele selecionou com muito cuidado, sendo especialmente cuidadoso com as árvores que cresciam na vizinhança imediata. Quando isso foi feito, ele convocou um grande número de tipos superiores de espíritos da natureza (provavelmente superintendentes sob seu comando) e realizou uma bela pequena cerimônia de dedicação, na qual eles foram colocados em contato com o amuleto, e seu uso foi totalmente explicado para eles. As joias foram feitas brilhar até serem cercadas por um grande globo de luz viva; e cada espírito, por sua vez, veio e se banhou naquele esplendor até ser completamente permeado por ele, carregado com ele como se fosse uma bateria.

O Anjo ficou desproporcionalmente grato por este pequeno serviço que lhe prestamos e por nosso forte interesse em seu trabalho. Estávamos naturalmente ansiosos para encontrar outras formas de ajudá-lo, mas não era fácil ver o que mais poderíamos fazer. Atualmente, porém, descobrimos um método pelo qual poderíamos ser de grande utilidade para ele e dar-lhe uma ajuda realmente valiosa em sua assistência, que se continuada por nossos sucessores, encurtará muito materialmente o tempo necessário para colocar seu vale na condição que ele deseja. Esse método é atribuir a ele uma parte da efusão da força divina que é evocada na celebração da Santa Eucaristia. Descobrimos que, quando isso foi feito, ele ficou imensamente fortalecido e encorajado, e o influxo do tipo totalmente diferente de energia parecia realmente inspirá-lo com novas ideias relacionadas ao seu trabalho. Onde se entende a poderosa magia do serviço eucarístico, mantém-se uma lista das pessoas mais necessitadas de auxílio e dos objetos aos quais essa força espiritual pode ser dedicada de maneira mais útil. O auxílio mais eficiente que podemos dar ao nosso amigo, o Anjo do Vale, é incluí-lo em nossa lista; isso está feito agora, então ele está recebendo uma doação diária da graça divina que redobra seu poder para o bem e, incidentalmente, tem o efeito de nos atrair para uma relação mais próxima com ele.

[36] Uma antiga moeda britânica e unidade monetária igual a um vigésimo de uma libra.

Aqui está certamente um exemplo de ajuda mútua, de cooperação entre duas evoluções, que é interessante não só em si, mas como uma previsão do futuro; uma sugestão das possibilidades mais amplas que podem surgir no mundo quando compreendermos um pouco melhor o plano de Deus.

A outra experiência a que me referi ocorreu na Índia. A Índia é um país maravilhoso; e mesmo os mais incultos possuem informações que nós, no Ocidente, só agora começamos a adquirir gradualmente. Muitos indianos sabem por observação que qualquer grande árvore velha possui uma forte individualidade temporária, capaz de se exteriorizar em forma humana; sabem também que onde um bosque de tais árvores não foi perturbado por muitos anos, geralmente há uma entidade muito maior de um tipo bem diferente, de quem eles falam como o anjo presidente ou divindade do bosque, provavelmente o que é chamado de *kâmadeva*. Eles nos diriam que tal ser governa os espíritos das árvores menos desenvolvidos (embora geralmente sem interferir neles de forma alguma), e recebe deles a adoração que são capazes de dar. Ele também está bastante disposto a absorver qualquer devoção que lhe seja oferecida por seres humanos; ele, às vezes, até tenta se apropriar do que não é especialmente destinado a ele.

Para ilustrar isso, lembro-me de um espetáculo muito interessante do qual fui testemunha pessoal. Os leitores europeus podem talvez não estar cientes de que na Índia é costume ter longas performances de um caráter desconhecido para o Ocidente nos dias modernos, embora talvez não totalmente sem paralelo nos tempos medievais, performances meio musicais, meio conversacionais distintamente religiosas em sua intenção, mas não sem toques humorísticos e alusões tópicas pitorescas. Recita-se alguma história religiosa bem conhecida, com rígida aderência aos incidentes tradicionais, mas com bastante espaço para que o talento do performer se manifeste, nas alusões e canções locais que ele trabalha em seu entretenimento. Pois é meio entretenimento e meia função religiosa; os membros da plateia são profundamente afetados e, de fato, frequentemente passam a uma condição de devoção intensa e semi-abstrata, que é quase um transe, e parece, na época, não impressionável pelos assuntos externos. Tal performance (é chamada no sul da Índia de *harikatha*) geralmente dura quatro ou cinco horas, às vezes até a noite toda, segundo me disseram; e aqueles que assistem parecem capazes de desfrutar de uma espécie de orgia devocional por um período bastante indefinido.

Observada por um clarividente, uma cerimônia desse tipo se vela em nuvens ondulantes de azul, misturadas às vezes com outras cores inesperadas; mas naturalmente difere completamente de um ato definido ou oferenda de devoção dirigida a uma divindade em particular. Talvez seja essa mesma diferença, essa imprecisão e falta de direção, que oferece sua oportunidade à divindade local; pois no caso a que me refiro estava presente uma entidade sem poder mesquinho, o governante de um bosque vizinho, que se sentava no telhado do prédio e absorvia aquelas nuvens de devoção como uma esponja suga a água.

Esse "governante da floresta" havia se materializado em forma humana, gigantesca, mas bem proporcionada, e de aparência mais feminina do que masculina; seu corpo (ou dela) era obviamente normalmente astral, mas havia atraído para si mesmo para a ocasião tanta matéria etérica que estava apenas um pouco além do limite da visão física comum; Acho que deve ter sido perceptível para qualquer pessoa, mesmo ligeiramente sensível. Se a forma era humana, a expressão certamente não era; era estranho e incalculavelmente estranho; nenhuma característica isolada era visivelmente desumana, mas o efeito do todo foi removido por espaços impensáveis da vida cotidiana sã. Sentimo-nos arrebatados do século XX depois de Cristo para o século XX antes Dele, para o desconhecido e o estranho, o incompreensível talvez até o terrível. Não que a rainha da madeira fosse mal-intencionada; pelo contrário, ela tinha uma expressão de satisfação quase fátua, que de algum modo sugeria irresistivelmente o ronronar de um gato; no entanto, ela estava distante com a distância de outra dimensão da humanidade cujas emanações ela absorvia com um prazer que parecia de alguma forma glutinosa. Até onde era perceptível, ela não dava nada em troca de tudo o que absorvia, mas cada vez mais, à medida que o entretenimento prosseguia, ela ofuscava o artista, fortalecendo-o e ainda possuindo-o, até que, mesmo na aparência externa, ele cresceu estranhamente, terrivelmente, como ela, e se pergunta como foi que o público não percebeu a mudança que veio sobre ele e a tensão não natural na atmosfera.

Outra entidade de tipo semelhante estava presente; uma entidade tão inconfundível, mas indefinidamente masculina, como a primeira era feminina; uma criatura de menor poder do que a dama, e aparentemente não simpatizava com ela, de qualquer forma, distintamente ciumento dela, e desejoso de desviar parte ou toda a devoção em sua própria direção. Sem realmente se mover, ele conseguiu dar uma forte impressão de um esforço para expulsá-la ou tentar empurrá-la para longe, assim como um menino pode tentar empurrar outro em alguma atitude infantil. Ele foi totalmente malsucedido, pois a dama se apegou à a uma rocha, e não se desapropriou.

Estudantes sérios desses assuntos, bem fora de nossas próprias fileiras, estão se familiarizando com a ideia de que nosso mundo tem uma vasta população normalmente invisível para nós, uma população de anjos e espíritos da natureza. Não faltam sinais de que o longo reinado do obscurantismo está finalmente passando, e que a negação desdenhosa está sendo substituída por uma investigação inteligente a respeito de tais assuntos; e entre tais sinais me parece que três livros recém-publicados são especialmente notáveis.

O primeiro deles é A Fé das Fadas nos Países Celtas[37], do Dr. W. Y. Evans Wentz. Este é um livro notável e, em muitos aspectos, um livro que marca uma época, pois é a primeira tentativa de tratar racional e dignamente pelo menos uma parte da crença mundial nos espíritos da natureza. Apenas vinte anos antes, o Sr. Hartland publicou sua Ciência dos Contos de Fadas, mas embora tenha escrito simpaticamente sobre o assunto e confessado sua

[37] The Fairy Faith in Celtic Countries.

insatisfação com a teoria então corrente de que todos os contos de fadas eram tradições das remanescentes raças anteriores, ele parou a sugestão definitiva quanto ao fundamento real de uma crença tão universal. Dr. Wentz vai muito mais longe; ele passou muito tempo coletando pessoalmente testemunhos sobre a fé viva das fadas na Escócia, Irlanda, País de Gales, Ilha de Man, Cornualha e Bretanha, e como resultado de suas investigações, ele proclama que:

(1) A terra das Fadas existe como um estado de consciência supranormal no qual homens e mulheres podem entrar temporariamente em sonhos, transes ou em várias condições extáticas: ou por um período indefinido na morte.

(2) As fadas existem, porque em todos os aspectos essenciais elas parecem ser as mesmas forças inteligentes agora reconhecidas pelos pesquisadores psíquicos.

O fato do Dr. Wentz ser um homem de ciência e erudição é atestado pelos diplomas universitários que obteve em três países; e é gratificante descobrir que um homem de tal posição tem a coragem de desafiar as zombarias baratas dos ignorantes e declarar tão claramente o resultado de suas investigações. Ele deve ser parabenizado igualmente por sua paciente diligência, sua perspicácia e seu valor; não se pode dizer até que ponto ele está disposto a aceitar o testemunho clarividente, mas pelo menos pode lhe interessar ouvir de muitos de nós que somos familiarizados com sua terra de fadas sob o nome do mundo astral, e que mesmo já conhecemos suficientemente sobre as fadas, embora as chamemos mais frequentemente de espíritos da natureza.

Há alguns pontos sobre os quais ele não está totalmente de acordo com nossos próprios resultados, mas podemos nos aventurar a pensar que, se ele continuar suas investigações com o mesmo espírito destemido, ele se aproximará cada vez mais de nossas conclusões. Ele ainda não chegou a uma distinção clara entre o etérico e o astral; e talvez ele (ou mais provavelmente aqueles a quem interrogou) nem sempre possa distinguir totalmente entre as ações dos espíritos da natureza e dos homens mortos. Por exemplo, ao lidar com a primitiva história irlandesa, ele considera os Tuatha-de-Danaan como fadas, enquanto nossas pesquisas mostram que eles foram uma raça de homens intimamente ligados aos antigos gregos. Mas é bem verdade que, por causa de sua esplêndida aparência e maior conhecimento, eles eram considerados seres semi-divinos, e as tradições deles estão agora na mente do campesinato inextricavelmente misturada com as fadas.

Ele fala muito claramente e com evidente simpatia das doutrinas celtas do renascimento e do outro mundo, que, como ele as expõe, são simplesmente a reencarnação e a vida astral, exatamente como as concebemos; e declara que essas ideias "concordam completamente em sua essência com a ciência moderna". A seguinte passagem da pág. 514 em seu livro mostra que ele compartilha conosco mais um dos mais preciosos itens de conhecimento que nosso estudo nos trouxe:

Uma parte integral da teoria esotérica celta da evolução é que houve raças humanas como a atual raça humana que em eras passadas evoluíram completamente do plano humano de existência consciente para o plano divino de existência consciente. Portanto, os deuses são seres que já foram homens, e a raça real dos homens com o tempo se tornará deuses. O homem agora se relaciona com o mundo divino e invisível exatamente da mesma maneira que o bruto se relaciona com a raça humana. Para os deuses, o homem é um ser em um reino inferior de evolução. De acordo com a crença celta completa, os deuses podem entrar e adentram no mundo humano com os propósitos específicos de ensinar os homens a avançar mais rapidamente em direção ao reino superior. Em outras palavras, todos os Grandes Mestres (como Jesus, Buda, Zoroastro e muitos outros, em diferentes épocas e entre várias raças, cujos ensinamentos ainda existem), são, de acordo com uma crença ainda mantida por celtas cultos e místicos, seres divinos que em épocas inconcebivelmente passadas eram homens, mas que agora são deuses, capazes de encarnar à vontade em nosso mundo, a fim de enfatizar a necessidade que existe na natureza, em virtude do funcionamento das leis evolutivas (às quais eles mesmos ainda estão sujeitos), para o homem olhar para frente, e assim se esforçar para alcançar a divindade, em vez de olhar para trás na evolução e, assim, cair no mero animalismo.

Todos os estudantes do lado interno das coisas agradecerão ao Dr. Wentz pelo cuidado com que ele fez e registrou uma série muito valiosa de investigações.

É a ele indiretamente que devemos o segundo livro de nossa trilogia, Conhecimento de Prosérpina, pois seu autor (Mr. Maurice Hewlett, que é um romancista de renome) confessa que só depois de ler a obra a que acabamos de nos referir que ele foi inspirado a acrescentar seu mínimo testemunho pessoal ao que o Dr. Wentz coletou tão laboriosamente. O testemunho direto se limita a cerca de cinco ou seis encontros definidos, embora seja transmitida a sugestão de que houve muitos outros inteiramente satisfatórios para o autor, mas menos capazes de descrição.

Ele fala de um menino fada que viu em uma floresta, de uma dríade e de algumas outras formas às quais se dá o nome de oréades. Todos eles parecem ter se assemelhado à humanidade em tamanho e aparência geral, mas ainda assim tinham alguma qualidade distintamente não humana. Eu vi centenas de espíritos da natureza aos quais suas descrições se aplicariam, mas ele parece ter tido uma experiência que ainda não caiu no meu destino, pois ele registra que viu uma fada se comportando cruelmente com um animal, enquanto todos aqueles que eu tenho encontrado parecem estar nos termos mais amigáveis com os habitantes selvagens das águas e do campo. Além dos exemplos acima, diz alguns relatos de vários casos em que acredita que espíritos da natureza habitaram corpos humanos, um evento que certamente ocorre às vezes, talvez com mais frequência do que suspeitamos até agora. A história mais notável do livro chama-se "Quidnunc", e talvez possamos ser perdoados por sentir alguma incerteza sobre se o Sr. Hewlett deseja que a levemos a sério; descreve o que

pretende ser uma encarnação muito inadequada de Mercúrio, o mensageiro dos antigos deuses gregos.

Em um capítulo final nosso autor tenta formular uma teoria que inclua todas essas experiências, e chega em alguns pontos muito perto da verdade. Ele diz:

Há uma cadeia de Ser de cujo topo e base não sabemos nada. O que sabemos é que o nosso é um elo nele, e geralmente não podemos ter relações sexuais com qualquer outro de forma intermitente e raramente. [...] Nesta cadeia do Ser, então, da qual nossa ordem é um membro, o mundo das fadas é outro membro mais sutil, mais sutil no sentido correto da palavra porque não está sobrecarregado com um invólucro material. Como o homem, como o vento, como a rosa, tem espírito; mas, ao contrário de qualquer uma das ordens inferiores (da qual o homem é uma), não tem invólucros sensíveis, a menos que deliberadamente consinta em habitar um.

Com tudo o que podemos concordar; mas em alguns pontos menores temos menos certeza. O Sr. Hewlett parece sustentar que todas as fadas fazem sexo e reproduzem suas espécies como nós, enquanto deveríamos pensar que isso é verdade apenas para algumas das variedades etéricas inferiores. Há ainda outros pontos sobre os quais ele especula, provavelmente com razão; mas ainda não temos evidências suficientes para fazer declarações positivas sobre eles. Ele evidentemente sustenta que as divindades clássicas da Grécia antiga ainda existem e podem ser alcançadas. Entende que um rio, uma colina, um carvalho, uma roseira, podem ser sob certas circunstâncias uma entidade real, na qual estamos totalmente com ele; e ele acredita que tal entidade pode às vezes se materializar em forma humana e realmente entrar em relações mais próximas com homens e mulheres.

Parece provável que as entidades que vi naquele festival indiano fossem do mesmo tipo que algumas das descritas pelo Sr. Hewlett. Seja como for, seu livro terá seu uso para familiarizar um amplo círculo de leitores com a ideia da realidade das fadas.

O terceiro livro da coleção é Um Prisioneiro na Terra das Fadas [38], do Sr. Algernon Blackwood. Quando abrimos um livro desse autor sabemos que um presente está diante de nós, e se ao examiná-lo descobrimos que as crianças figuram com destaque entre os personagens, sabemos que será um grande presente, pois para o Sr. Blackwood as crianças são sempre criações encantadoras. Talvez nenhum tão absolutamente adorável quanto Nixie em A educação do tio Paul, mas ainda jovens que logo se ligam a nós por laços de afeto. Mais uma vez, o mundo das fadas é o mundo astral, para o qual todos os personagens passam quando adormecem ou quase todos, pois alguns estão tão enredados em preocupações mundanas que não podem ser arrancados de seus corpos físicos, mas na verdade permanecem no processo e retornam de volta novamente! Mas, embora esta história trate da terra das fadas, não ouvimos

[38] A Prisoner in Fairyland.

nada das fadas, exceto alguns que são sonhos personificados da infância, o Dustman, o Vagabundo, a Mulher do Palheiro; nem sequer encontramos as hostes dos mortos. Somos convidados a concentrar nossa atenção inteiramente nos habitantes humanos vivos do mundo astral e no trabalho que eles realizam como auxiliares invisíveis.

Pois o fluxo do Amor Divino flui sempre como a Luz das Estrelas, e o que não é imediatamente usado é armazenado em uma Caverna Estelar, e todos os ajudantes voam para lá à noite para buscá-lo e distribuí-lo onde for necessário, entre os enfermos, os tristes, os sofredores. Todo o livro é uma fantasia sobre este tema, uma fantasia delicada como o Sr. Blackwood tão bem sabe narrar, e todos os seus personagens são fantasias também. Eles vivem em um mundo que é e ainda não é o mundo que conhecemos envolto em uma teia de luz das estrelas, palpitante de mistério e simpatia, com vida e amor onipresentes.

Não há história no sentido comum da palavra, nem enredo, nem clímax; no entanto, o livro está impregnado com a ideia de que os pensamentos são coisas, e por causa do grande poder e ampla influência do pensamento é dever de cada um pensar na beleza e utilidade, e derramá-la com intenção clara sobre aqueles que sabemos que precisam dela. Alguns estão tão fechados por uma concha de sórdidos cuidados que é difícil encontrar um caminho para seus corações; no entanto, tal concha pode ser penetrada se houver nela mesmo um minúsculo canal de amor. Lemos sobre alguém que estava no cativeiro de esquálidas ansiedades, mas podia ser tocado e auxiliado por seu amor por meio de suas flores.

Este não é, de forma alguma, um livro para todos, mas para aqueles que o entendem atrairá muito fortemente. Ele toma seu lugar com os livros já mencionados como sinais dos tempos, todos os três, mostrando que o interesse popular está se voltando para o lado imaterial da vida, e aos poucos começa a perceber sua importância transcendente. Recomendo todos aos nossos estudantes.

Há Anjos, também, presidindo países e raças, meditando sobre eles, até certo ponto animando-os, prontos para se interessar por eles e aconselhá-los se as pessoas do seu país ou raça se mostrarem responsivas. Se chegar um momento em que aqueles que governam um país são sábios o suficiente para desejar o conselho de seu anjo da guarda e desenvolvidos o suficiente para consultá-lo, eles podem muito se beneficiar com sua assistência.

O mundo parece ainda longe de um tempo assim, mas podemos ajudar a aproximá-lo adotando uma atitude inteligente em relação a toda a questão e mantendo a mente aberta. A pior coisa que pode acontecer conosco é tornar-se preconceituoso e obstinado, na incapacidade de receber novas ideias e nos expandir em harmonia com o desenvolvimento do mundo moral, mental e físico ao nosso redor. Devemos nos mover com o tempo e, para isso, devemos nos abrir. Todos os tipos de belas possibilidades existem; nós não os conhecemos até agora, mas isso certamente não é razão para não aprendermos sobre eles e tirar proveito deles agora. Devemos estar abertos a todas as boas influências,

mas nunca devemos esquecer o conselho do apóstolo de provar os espíritos, sejam eles de Deus. Não devemos aceitar como evangelho tudo o que ouvimos de alguma fonte invisível; devemos testar e julgar cuidadosamente, usando nossa razão e bom senso em todos os pontos, lembrando que é tão insensato rejeitar sem examinar quanto aceitar sem examinar. Mas o primeiro passo de tudo é reconhecer a possibilidade de uma vida mais ampla e superior, e aprender a vibrar em resposta a ela.

Mencionei apenas algumas das numerosas atividades angélicas; mas acho que mesmo este breve relato será suficiente para nos mostrar que temos, de fato, grandes razões para glorificar a Deus por seu ministério, observar sua festa com vívido entusiasmo e sentir seu esplendor como uma realidade sempre presente, envolvendo-nos como a luz do sol, sempre atraindo nossos pensamentos e nossos corações para Aquele que é o Rei dos Anjos, bem como dos homens.

CAPÍTULO XV

FESTIVAIS DOS SANTOS

NOSSA ATITUDE PARA COM OS SANTOS

Temos uma série de festivais no ano cristão que se destinam a nos lembrar das grandes pessoas que vieram antes. Assim como no mundo exterior é costume guardar o aniversário de Sua Majestade o Rei, e de vários membros da família real, assim na Igreja é costume celebrar o aniversário dos Príncipes da Igreja os grandes santos que se destacaram em suas fileiras como exemplos especialmente nobres, que são grandes heróis e líderes, que todos temos orgulho de seguir; mas no caso do santo não celebramos, via de regra, seu aniversário no plano físico, mas o que alguns podem chamar o dia de sua morte, seu aniversário em uma vida superior. No calendário da Igreja Romana encontramos uma vasta hoste de santos, muitas vezes um ou mesmo dois ou três para cada dia do ano. A razão para isso é fácil de observar. Em qualquer parte do mundo, seus próprios líderes têm grande destaque. É o mesmo na vida cotidiana. Celebramos o aniversário de Sua Majestade o Rei George, mas em outros países eles comemoram o aniversário de seus governantes, que são para eles mais importantes do que nosso governante, e da mesma forma encontramos um grande número de santos locais, pessoas que fizeram um bom trabalho em seu tempo e em seu lugar, mas na verdade não são de importância mundial.

Achamos que a observância dos dias de um número tão grande de santos torna os serviços romanos pesados e complicados; e quando as pessoas eram de renome puramente local, dificilmente parecia valer a pena. Se olharmos para a lista de santos, encontraremos dezenas dos quais nunca ouvimos antes. Eu sei que é o meu caso, e talvez eu tenha estudado história eclesiástica mais do que muitas pessoas. Esses santos não despertam em mim nenhum entusiasmo particular, porque não os conheço. Na Igreja Católica Liberal, achamos bom não adotar números de santos sobre os quais não temos informações, mais especialmente porque achamos difícil rastrear muitos deles historicamente. Algumas são puramente lendárias e, embora não sejamos avessos a celebrar uma lenda se for uma boa lenda e tiver algum fundamento, não parece valer a pena perpetuar histórias que sabemos serem historicamente imprecisas.

Em nossas investigações psíquicas encontramos poucos vestígios dos doze apóstolos do Cristo. É verdade que Ele teve apóstolos, mas não encontramos doze que se destaquem visivelmente, e os nomes dados na história do evangelho não aparecem de forma alguma com destaque. A maioria deles não eram aparentemente pessoas de grande importância. Lembro-me de que pensávamos em nossas primeiras investigações que pelo menos São Pedro deveria provar ser um homem e um grande líder, mas fomos impedidos pela descoberta de que o chefe de cada Igreja de cada país sempre foi chamado de Pedro. Foi usado então não como um nome, mas como um título. Petros é uma rocha, e a cabeça de cada Igreja chamava-se seu Pedro, a rocha sobre a qual foi construída. Claro que pode ter havido um primeiro e maior Pedro, mas não

fomos bem sucedidos em nossa tentativa de identificá-lo. Havia também algumas indicações que sugeriam que os doze podem ter sido uma personificação dos doze signos do Zodíaco. Por todas essas razões, nós da Igreja Católica Liberal decidimos não perpetuar todos os santos anteriores, mas escolhemos aqueles cuja celebração nos oferece algo tangível ou útil, algo que é bom sabermos.

Um santo é, por definição, um homem santo, pois a palavra deriva do latim sanctus, santo. No Evangelho do Dia de Todos os Santos nos é dito o que devemos entender por isso. Esse evangelho contém o relato do que é comumente chamado de julgamento final, e embora a teoria popular desse evento seja tão distorcida que seja uma caricatura absurda da verdade, há, no entanto, uma lição a ser aprendida. Aqueles que o Rei colocou à Sua mão direita nessa história foram aqueles que alimentaram os famintos, que deram de beber aos sedentos, que vestiram os nus, que visitaram os doentes e os presos. Este relato está de acordo com o evangelho descrito pelo próprio Cristo, que será o juiz naquela ocasião e, portanto, presumivelmente deve saber algo do procedimento; e Ele menciona muito especialmente essas pessoas como os santos, mas não atribui esse nome a nenhum homem por causa de sua crença nesta ou naquela doutrina. Ele não diz uma palavra sobre o que essas pessoas acreditavam ou o que elas não acreditavam; Ele diz apenas: Aqueles que fizeram tais coisas a um destes meus pequeninos, a Mim as fizeram." Esses são os verdadeiros homens santos, esses são os santos. O que eles acreditam não tem importância alguma; são suas ações que importa. Eles podem ser hindus, budistas, zoroastrianos, maometanos; se fazem essas coisas, eles passam no exame e são santos. Assim, vemos que tipo de homens e mulheres devemos ser se quisermos seguir nos passos destes santos que comemoramos.

Muito se fala no ramo romano da Igreja sobre a intercessão dos santos. Eles são convidados a orar a Deus por nós para que nossos pecados sejam perdoados e que possamos ser auxiliados de várias formas. Por outro lado, em outros ramos da Igreja de Cristo encontramos essa mesma oração aos santos considerada uma superstição perigosa, pois os ignorantes dizem que os católicos permitem que os santos se interponham entre eles e Deus. Uma expressão curiosa, porque é obviamente verdade que os santos estão em desenvolvimento entre os homens comuns e Deus. Os santos são superiores a nós, e certamente infinitamente inferiores à Divindade do nosso sistema solar. Eles estão entre nós, mas por que deveria ser considerado perverso ou perigoso pedir qualquer auxilio que possam dar eu nunca fui capaz de ver. Nós da Igreja Católica Liberal não pedimos a intercessão de ninguém, porque sabemos que Deus é um Pai amoroso e que Ele está o tempo todo fazendo por todos nós o melhor que pode ser feito no estágio em que acontecer no momento. Não precisamos que ninguém ore a Ele para fazer isso por nós. O que precisamos é tentar nos tornar mais dignos do auxílio que Ele está derramando o tempo todo sobre nós, para que possamos ser mais suscetíveis a Ele e mais capazes de beneficiar-se Dele. Esse é o nosso lado da barganha, que devemos tentar viver como Ele nos disse para vivermos; que deveríamos tentar viver como nós

mesmos um dia para alcançar essa mesma santidade em que estamos pensando.

Há então alguma utilidade em orar aos santos, se não queremos que eles rezem por nós? Eles podem fazer muito, sem dúvida; mas eles também, como o Deus a quem servem, já estão fazendo o que podem; podemos estar muito certos disso. Grande parte do mal-entendido que cercou a questão da santidade vem do esquecimento do grande fato da reencarnação. A ideia durante toda a Idade Média era certamente que o santo, tendo deixado a terra, havia passado para o céu, e por isso estava perto de implorar a Deus, como uma espécie de amigo na corte. Muitos de nossos hinos expressam essa ideia: "Lá estão eles na glória celestial", etc. Isso é bem verdade, mas não significa que eles estejam em algum lugar especial, algum céu separado do resto da evolução Divina. O grande santo se elevou a uma posição em que caminha na luz e na glória do semblante Divino, seja ele o que chamamos de vivo ou o que chamamos de morto, porque é o próprio homem, o ego, a alma dele que conhece e desfruta de toda aquela glória e beleza. Assim, o que é dito em nossos hinos é verdadeiro, se apenas o entendermos simbolicamente, como deve ser entendido. Devemos evitar a ideia de que os santos estão todos vivendo juntos em algum lugar, uma grande comunidade aos pés de Deus; Deus está em toda parte, e aqueles que se aproximam Dele são os que melhor O servem, não meramente pela adoração verbal a Ele, mas pela ação em Seu serviço em espírito e em verdade. Muitos dos santos a quem as pessoas oram estão encarnados aqui na terra, e alguns deles andam entre nós agora. No entanto, eles, como almas, recebem o derramamento de amor e devoção que lhes é dado, e certamente é útil para eles, não apenas por sua ação direta, mas também por causa da resposta que cada efusão de amor e devoção desperta deles. O derramamento em resposta é parte de sua evolução; e muito bem também é feito inquestionavelmente às almas piedosas que por seu amor evocam esta bênção dos santos.

Alguns de nós podem não estar acostumados a uma ideia como essa e, portanto, pode não nos agradar; mas o fato de uma determinada ideia não nos atrair não é prova de que ela não possa ser útil para outras pessoas de temperamento diferente. Muitas ideias que foram apresentadas em nome da religião podem não nos atrair especialmente; mas por que devemos condená-los se são úteis a algum outro servo de Deus? Por que ele não deveria utilizar e fazer uso deles? Não podemos esperar lançar o mundo inteiro em nosso próprio molde; seria um lugar muito chato se pudéssemos! Deve haver todos os temperamentos de pessoas, e cada uma delas deve ter seu próprio caminho. Possuem seus próprios prazeres; têm seu próprio trabalho, podendo fazer melhor do que nós, provavelmente, ao passo que, se tentassem fazer o nosso trabalho, poderiam se ver impotentes. Devem ter sua própria maneira de se aproximar de Deus também, e que o caminho que parece tão direto aos nossos olhos pode não parecer de modo algum o mais direto para eles porque partem de um ponto diferente? Como dissemos tantas vezes, tentar forçar as pessoas a aceitarem a nossa opinião é exatamente como tirar um homem de um lado da montanha onde ele está e dizer: “Você não deve começar do seu próprio lugar; você deve vir para o meu lado da montanha e começar de novo." O homem

poderia razoavelmente responder: "Esse pode ser o melhor caminho para você, mas obviamente não é assim para mim."

É exatamente o mesmo em assuntos religiosos, e é por isso que é tão tolo tentar converter um hindu, um budista, um zoroastrista, um maometano ao cristianismo. Uma missão para selvagens africanos pode ter sua utilidade, pois traz progresso mental, moral e higiênico para seus convertidos, e o cristianismo é certamente um avanço do culto fetichista, mas missões estrangeiras para raças civilizadas nada mais são do que uma perda de tempo, dinheiro e esforço em um empenho para melhorar os arranjos divinos. Não é por acaso, mas pela vontade de Deus, que um homem nasce budista, outro hindu e outro cristão; Deus coloca cada homem no ambiente que ele merece, que dá a melhor oportunidade disponível para desenvolver as qualidades de que ele mais precisa. Não é da nossa conta interferir nesse acordo; e se o fizermos dizendo a uma pessoa que ela só pode atingir a meta que Deus pretende que ela alcance abandonando o caminho que Deus escolheu para ela e seguindo nossa prescrição, estamos fazendo uma declaração falsa, tola e presunçosa. Às vezes uma pessoa, tendo estudado cuidadosamente várias religiões, decide mudar de uma para outra; ele tem, é claro, um direito incontestável de fazer isso, e isso pode ser benéfico para ele, pois pode ter absorvido todas as que ele pode seguir uma linha, mas pode complementar sua informação ou experiência de maneira útil aventurando-se em outra direção. Por isso devemos estar sempre prontos para explicar nossa crença e nossa razão para tê-la, quando alguém nos pede para fazê-lo; mas não temos o direito de tentar forçá-lo.

Essa é uma razão pela qual nesta Igreja deixamos nosso povo livre quanto ao que eles devem acreditar. Nós lhes dizemos muito claramente: "Aqui estão alguns caminhos que para nós são os melhores e mais curtos; podem não ser assim para você, mas provavelmente são, já que você é atraído aqui para esse tipo de adoração; provavelmente você fará bem em seguir as linhas que colocamos diante de você, mas isso é um ponto menor. Siga o caminho que quiser, mas tome algum caminho; trabalhe e eleve. Há muitos caminhos que levam ao topo da montanha, e quando você chegar lá não importa por qual caminho você veio. Não cometa o erro de limitar tudo. Ingersoll disse uma vez que um Deus honesto é a obra mais nobre do homem, parodiando a outra afirmação de que um homem honesto é a obra mais nobre de Deus. Alguns podem estar tentando fazer um Deus honesto, mas outros estão criando em suas mentes um Deus muito mesquinho, paroquial e fanático, e isso é algo que dificilmente pode ser agradável a Ele ver a Si mesmo creditado com nossa estreiteza e nossos preconceitos. De qualquer forma, é um erro. Ele não tem essa estreiteza, nenhuma limitação tão cega. Todas as coisas que nos parecem estranhas ainda são, aos Seus olhos, parte de um progresso ordenado, pois Ele vê o todo e nós vemos apenas um cantinho; e estamos propensos a pensar que alguma outra parte está errada se não estiver de acordo com nosso cantinho. O santo é o homem que vai trabalhar para ajudar os outros, e nós não os ajudamos tentando forçá-los a seguir nossa própria linha. Nunca cometa o erro de condená-los porque eles não seguem os nossos."

Existem muitos tipos de santos na vida, e alguns deles podem não ter olhado de forma alguma como santos para seus contemporâneos que não entenderam. Quanto mais alto subimos, mais seremos capazes de ver o caminho ao longo do qual os outros estão caminhando. Então podemos deixar isso para eles; é sua própria jornada de como se elevam. Se nos for possível colocar a ideia de ressuscitar diante daqueles que ainda não pensaram nisso, isso é sempre bom; mas nunca devemos tentar forçá-los a seguir nossa linha particular. Relembremos o que é dito em uma de nossas coletas; esforcemo-nos por seguir o exemplo dos grandes para que também possamos alcançar o que eles alcançaram. Não um lugar no céu confinado a uma linha particular e talvez exaustiva de prazer, mas uma posição de maior poder que pode ser usada para um bem maior.

Foi dito, e com muita verdade, que Deus quer que as pessoas sejam mais do que meramente boas. Bom, claro que devem ser, porque a menos que sejam, não se pode confiar que usem seu poder corretamente, mas Deus não quer um exército de fracos piedosos. Ele quer grandes poderes espirituais que trabalhem para Ele e com Ele. Lembre-se da observação de São Clemente de Alexandria: "A pureza é uma virtude negativa, valiosa principalmente como condição de discernimento". Devemos ter algum poder e alguma força para oferecer em Seu serviço; e às vezes as primeiras manifestações de poder não são totalmente desejáveis. Às vezes lemos nas biografias dos homens fortes do mundo que fizeram seu trabalho e eram decididamente obstinados e indisciplinados quando crianças. Eles já possuíam um grande poder, e talvez seja difícil para uma criança demonstrar poder sem ir contra os preconceitos das pessoas ao seu redor, e assim ela ganha uma má reputação. Muitos que hoje são considerados grandes santos tiveram entre seus contemporâneos a fama de serem tudo menos santos, apenas porque mostravam de alguma forma imprudente o poder que havia neles. Ainda assim, é melhor ter alguma força, mesmo que se mostre de forma errada, do que ter mesmo nenhum; vamos aprender a seguir esses santos abençoados em toda a vida virtuosa e piedosa, para que finalmente possamos chegar àquela condição de alegria indescritível na qual nossos anjos, nosso eu superior, sempre contemplarão a face de nosso Pai que está nos céus.

SANTOS PATRONOS

O que é um santo patrono e por que uma igreja deveria ter um? Um santo patrono é um canal especialmente selecionado. A religião cristã é uma das religiões do Segundo Raio, aquela da qual Cristo é especialmente a Cabeça. Assim, chamar uma igreja de igreja de Cristo não a distingue de forma alguma; é simplesmente uma das muitas milhares de igrejas pertencentes ao nosso Senhor, porque todas as igrejas cristãs são necessariamente igrejas de Cristo. Falar da Igreja do Espírito Santo não é de modo algum distintivo. Isso não diz nada quanto ao nosso canal especial em um nível inferior, porque a graça de Deus é derramada sobre todas as igrejas, na medida em que são capazes de recebê-la.

Não que precisemos de canais para alcançar Deus. Não devemos ter nenhum equívoco quanto a isso; para cada homem nesta terra e em todos os outros mundos, o próprio Deus está "mais próximo do que a respiração, mais próximo do que as mãos e os pés", como diz o grande poeta. Somos todos fragmentos do próprio Deus, centelhas desse fogo divino, e com certeza não precisamos de nenhum vínculo nesse sentido com a Divindade; mas se a força é para ser vertido sobre nós de cima para nosso uso como igreja, deve descer através de níveis intermediários e por várias rotas. Quando damos um nome à nossa igreja, quando escolhemos um santo padroeiro para ela, estamos simplesmente selecionando um canal naquele nível distintamente inferior, nosso canal principal, porque é claro que há muitas formas pelas quais a graça de Deus desce sobre todos na igreja que se reúnem em Seu nome. Escolhemos um nome para nossa igreja; não esqueça que um nome é um poder. Quando começamos nosso serviço em Nome da Santíssima Trindade, verdadeiramente afirmamos que nossos bispos e nossos sacerdotes agem em Seu Nome, mas também queremos dizer muito mais do que isso. Declaramos que eles agem em Seu poder, que qualquer poder que tenham é poder delegado por Ele, pelo poder do Cristo que o sacerdote pode consagrar a Hóstia, que o sacerdote ou o bispo pode abençoar, podendo transmitir a graça e auxiliar o povo de Deus de muitas formas diferentes.

Assim, dar um nome não é meramente colocar um rótulo; indica claramente que invocamos esse santo em particular e pedimos que nos aproximemos dele como um canal. Isso não significa que pedimos a ele que interceda por nós; é o que se diria na grande Igreja Romana que o santo padroeiro era um intercessor especial, sempre lembrando a Deus daqueles que confiam suas ocupações aos seus cuidados. Mas isso não é assim. Cada um de nós está perto de Deus, como eu disse. É verdade que o grande santo está mais próximo, no sentido de que ele percebeu sua proximidade, que abriu em si as faculdades superiores. "Temos, cada um de nós, muitos invólucros ou veículos. Este corpo físico que tantas vezes pensamos como "eu", é apenas o mais inferior e mais grosseiro dos veículos, o mais distante da realidade. Dentro dele temos o que São Paulo chamou de um corpo espiritual; ainda um corpo, lembre-se, não espírito; mas um corpo espiritual um corpo de matéria muito mais sutil. Os estudantes dividem esse corpo em duas partes, o corpo emocional ou astral e o corpo mental, mas ambos tomados em conjunto são provavelmente o que São Paulo quis dizer quando falou de nosso corpo espiritual: "Existe um corpo natural e existe um corpo espiritual",[39] diz ele, e em outros lugares ele fala do homem como corpo, alma e espírito.[40]

Os estudantes costumam chamar essa divisão tríplice de mônada, ego e personalidade. O espírito é a centelha divina no homem, a alma é o revestimento individual daquela mônada ou centelha, rebaixada a um nível inferior; e esse revestimento individual ou alma vai de vida em vida na longa cadeia de vidas

[39] 1 Coríntios 15:44

[40] 1 Tessalonicenses 5:23

terrenas, assumindo uma sucessão de personalidades; e tem sido assim com o nosso santo padroeiro, assim como a nós. Em qualquer um desses níveis e através de qualquer um desses veículos, podemos entrar em contato com o divino, porque Deus se manifesta em todos os níveis. Entramos em contato com nosso Senhor aqui no plano físico quando chegamos ao Sacramento de Seu altar; mas podemos entrar em contato com Ele através de nossas emoções, quando podemos elevar nossa consciência do mero corpo físico para o corpo emocional. Podemos entrar em contato com Ele através de nossa mente, se essa mente for suficientemente pura e elevada, e se a alma dentro dela estiver tão desenvolvida que possa utilizar essa mente como um veículo; e assim, gradualmente, podemos subir ao nível da própria alma e ser conscientes através dela. A alma é o ego no corpo causal, e nesse nível também podemos contatar o divino. Mas são apenas alguns de nós que estão livres dos grilhões físicos.

O grande santo se eleva além de tudo isso, e em níveis ainda mais elevados ele se torna um com a Deidade. Quanto mais alto o nível que podemos alcançar, mais próximo e mais realmente entramos em contato com a Deidade e com o Cristo que é Seu Representante e parte Dele. Essa é a diferença entre o grande santo e nós, que ele alcança muito mais elevado em seu contato com a Divindade. Ele é um com Ele, e nós também; mas somos um na circunferência do círculo, um com Deus através de Sua vestimenta exterior. O grande santo, o Mestre, aproxima-se do coração desse círculo. Alcançar esse coração e tornar-se um com Deus plenamente e no mais alto nível, esse é o objetivo que colocamos diante de nós mesmos, todos igualmente. Que os budistas chamam a obtenção do Nirvana, ou talvez Maha-paranirvana, o estado mais elevado que está além dessa condição impensável de bem-aventurança.

Não queremos que um santo ore por nós. Não achamos necessário que alguém, por mais elevado que seja, nos chame ao conhecimento de Deus, porque sabemos muito bem que também nós, por mais humildes que sejam, somos parte Dele; sabemos que Deus já está fazendo por nós tudo o que é possível para Ele fazer no nível em que estamos agora. Ele não precisa de lembrete; Ele não precisa de intercessor para falar com Ele por nós. Ele sabe muito mais do que qualquer intercessor poderia saber, e Ele está sempre perto de nós. Não é isso que queremos do nosso padroeiro; pedimos apenas que ele aja por nós como um canal. Onde quer que ele esteja, podemos alcançá-lo; ele pode estar novamente em encarnação. Ele pode ter um corpo físico como você e eu temos, embora o dele fosse naturalmente muito mais alto, muito mais puro, muito melhor que o nosso; ou sua consciência pode estar em qualquer um dos muitos planos ou mundos que se estendem ao nosso redor. Mas onde quer que ele esteja, nosso pensamento, nossa aspiração sincera e nosso amor pode alcançá-lo.

Quando isso o alcança, o que queremos que ele faça por nós? Chamar uma igreja pelo seu nome cria uma ligação real com ele; atrai sua atenção, e ele então a toma como um meio para seu trabalho e sua força. Ele está, se podemos nos aventurar a dizê-lo, feliz que alguém, alguma igreja, algum grupo de pessoas deve apelar para ele para ser o canal para eles. Porque, novamente, se podemos

humildemente nos aventurar a dizê-lo, os próprios grandes progridem ainda mais na medida em que são capazes de auxiliar, na medida em que são capazes de ser um canal para os outros. E assim o que pedimos ao nosso padroeiro é o seu pensamento gentil, às vezes, talvez, a sua inspiração sim, e às vezes até o seu conselho, pois lembre-se que ele é uma grande força viva, que pode ser alcançado, e que o nosso pensamento pode ser colocado ao lado dele, de modo que através do pensamento que ele coloca em nossas mentes podemos saber qual é sua opinião sobre certos assuntos. Existem aqueles que podem encontrá-lo face a face em seus próprios níveis mais elevados, e podem pedir o que quiser.

Isso é o que ganhamos com ele, e devemos a ele enfaticamente nossa gratidão e nosso amor pelo que já fez por nós. Não adoramos nenhum santo; ninguém adora nenhum santo. Esse é um dos muitos estranhos equívocos que surgem da ignorância, a ignorância quase invencível do homem que não sabe nada de teologia e nada sobre esses níveis superiores, mas ainda assim está cheio do preconceito mais louco contra tudo o que não entende. Pergunte a qualquer padre ou bispo romano ou leigo bem instruído se ele adora um santo, e ele lhe dirá: "Se você gosta de traduzir mal a palavra dessa maneira, sim; mas se você quer dizer a mesma adoração que prestamos a Deus, então a maioria enfaticamente dirá não." Nossa linguagem é pobre a esse respeito, e não temos as palavras apropriadas; Já escrevi sobre a superreverência devida a Nossa Senhora, sobre a reverência prestada aos santos e sobre o culto absoluto, o desejo de se tornar um com Ele que é oferecido somente a Deus, e na natureza das coisas nunca poderia ser oferecida a mais ninguém.

Portanto, não é adoração que oferecemos ao nosso santo padroeiro, mas reconhecemos seu gentil auxílio e estamos gratos por isso. Reconhecemos que ele está em um dos grandes Raios e, em seu Dia, decoramos especialmente o santuário desse Raio em homenagem a ele. Então, o que sentimos por ele é amor e gratidão. Juntemo-nos, pois, a bendizer a Deus pela ajuda que nos deu o nosso padroeiro e pelo nobre exemplo que nos deu.

CAPÍTULO XVI

BREVES NOTAS SOBRE ALGUNS SANTOS

SANTO ALBANO

Santo Albano é o santo padroeiro de várias de nossas igrejas. Ele estava intimamente associado ao nosso país da Inglaterra, à Igreja e à Maçonaria, e desempenhou um papel importante em todos eles. Ele era um homem de família nobre romana, nascido na cidade de Verulam, na Inglaterra, que agora é depois dele chamado St. Albans. Verulam era naquela época a capital da Inglaterra romana, embora agora seja apenas um lugar pequeno.

Poucos detalhes são conhecidos de sua vida. A força mais proeminente nele foi um amigo de longa data chamado Amphíbalus, um monge de Carleon, no País de Gales, embora, eu acho, um francês de nascimento. Esses dois eram amigos invulgarmente próximos, e Anfíbalo, sem dúvida, exerceu uma grande influência sobre Albano, ou Albanus, como seu nome era em latim. Eles foram juntos para Roma quando jovens. Albano não era então um cristão; ele seguia a religião comum da época, mas Anfíbalo era um monge, e foi sem dúvida devido à associação de Albano com Anfíbalo que mais tarde se tornou cristão. Albano juntou-se ao exército romano e obteve considerável distinção nele. Ele serviu em Roma por cerca de sete anos, talvez mais do que isso. Foi em Roma que ele foi instruído na Maçonaria, e também se tornou proficiente nos mistérios mitraicos que estavam intimamente associados a ele naqueles dias.

Após este tempo em Borne, ele retornou à sua terra natal na Inglaterra, e foi nomeado governador da fortaleza. Ele também ocupou a posição de 'o mestre de obras', o que quer que isso possa significar; ele certamente superintendeu os reparos e o trabalho geral na fortaleza de Verulam, e era ao mesmo tempo o Tesoureiro Imperial. A história diz que os trabalhadores eram tratados como escravos e miseravelmente pagos, mas que Santo Albano introduziu a Maçonaria e mudou tudo isso, garantindo-lhes melhores salários e condições muito melhores em geral. Os maçons já devem ter ouvido falar do manuscrito Watson de 1687. Nele se fala muito sobre o trabalho de Santo Albano para o Craft,[41] e é especialmente mencionado que ele trouxe da França certas acusações antigas que são praticamente idênticas àquelas em uso no tempo presente.

Tornou-se cristão por influência e exemplo de Anfíbalo, foi martirizado na grande perseguição ao imperador Diocleciano, que começou no ano de 303, porque acolheu Anfíbalo e recusou-se a entregá-lo. Eu mesmo visitei o local desse martírio, uma colina arredondada fora da cidade de St. Albans. A história da Igreja Romana cita uma fonte que surgiu magicamente para saciar a sede do mártir. A fonte certamente está lá, mas não posso garantir sua origem. Offa, rei da Mércia, construiu uma grande abadia no ano 795 sobre o santuário que foi erguido para Santo Albano. Seus discípulos embalsamaram seu corpo, e ainda

[41] A palavra Craft pode ser traduzida em Português por “oficio” e é o nome dado ao rito adotado pela maçonaria anglo-saxã.

pode ser visto na abadia; a cabeça é visível através de uma parte quebrada do santuário.

Logo depois disso, ele teve outra encarnação importante; ele nasceu em Constantinopla no ano de 411 e recebeu o nome de Proclo, o nome que depois da vida ele estava destinado a tornar famoso. Ele foi um dos últimos grandes expoentes do neoplatonismo dessa grande filosofia de que tanto ouvimos no tempo de Cristo, e um pouco mais tarde. Sua influência ofuscou em grande medida a Igreja Cristã medieval. Depois disso, há uma lacuna, sobre a qual, no momento, não sabemos nada. Encontramo-lo renascido no ano de 1211, e nessa vida era Roger Bacon, um frade franciscano, reformador tanto da teologia como da ciência de seu tempo. Ele foi um grande experimentalista e inventou a pólvora, mas por isso não sei se devemos ou não ser gratos a ele. No processo de sua invenção ele se machucou gravemente, o que nos dá um vislumbre do tipo de homem que ele era um ousado experimentalista e cientista, tão exato quanto naquela época um homem poderia ser.

Em 1375 nasceu como Christian Rosenkreutz. Esse também foi um nascimento de considerável importância, pois nele fundou a sociedade secreta dos Rosacruzes, uma sociedade que realmente não se extinguiu, embora se suponha que tenha desaparecido. Várias organizações reivindicam seu nome e alguns de seus ensinamentos; a sociedade original ainda permanece, mas é absolutamente secreta. Enquanto isso, temos o conhecimento dos Rosacruzes, mas de uma forma um pouco diferente, no que é chamado de Teosofia, e também na Maçonaria, embora nesta última seja velada em alegoria.

A Sra. Besant afirma que ele nasceu novamente cerca de cinquenta anos depois, ou um pouco mais do que isso, como John Hunyadi, um eminente soldado e líder húngaro. Eu mesmo não vi nada nesta existência, mas nos dizem que por volta de 1500 ele teve uma vida como o monge Robertus em algum lugar da Europa Central. Não sabemos praticamente nada sobre isso, sobre o que ele fez ou de que forma ele se distinguiu.

Depois disso aparece um de seus maiores nascimentos, pois no ano de 1561 ele nasceu como Francis Bacon. De Francis Bacon na história ouvimos pouco de verdade e muito de mentira. Os fatos do caso estão gradualmente se tornando conhecidos, em grande parte por meio de uma história cifrada que ele escreveu secretamente nas obras que publicou. Parece que ele era filho de ninguém menos que a rainha Elizabeth, que se casou com Sir Robert Dudley, depois conde de Leicester, quando ambos eram prisioneiros na Torre. Um casamento como esse não era legal, porém, mais tarde foi legalizado, então não há dúvida de que ele era Francisco, o Rei, como ele se chama na cifra, e que deveria ter sido o rei da Inglaterra em vez de James I. Havia várias razões pelas quais ele se comprometeu com uma promessa à sua mãe de não deixar que o fato de seu nascimento fosse conhecido. Toda a história está escrita em sua cifra, e uma considerável literatura sobre o assunto foi publicada pela Sociedade Baconiana, que se ocupa do estudo de sua vida e mostra que ele foi o verdadeiro autor das peças que ele escolheu para "atribuir a Shakespeare". Há um bom livro

sobre o assunto intitulado “O filho mais velho da rainha Elizabeth” publicado aqui em Sydney, escrito por uma Sra. Nicholls, no qual encontramos muitos dos argumentos e provas apresentados.

Em sua juventude foi para Paris, e ali entrou em contato com um certo corpo de literatos que, por terem sete anos, chamavam-se as Plêiades. Esses homens, que eram profundos estudantes de filologia, havia praticamente recriado a língua francesa. Eles acharam uma mistura caótica de jargões bárbaros; eles o juntaram e o transformaram em uma linguagem nobre. Bacon ficou imediatamente impressionado com a grande necessidade de fazer o mesmo com o inglês e, quando voltou à Inglaterra depois de alguns anos em Paris, pôs-se a trabalhar para reconstituir a língua inglesa. Ele nos mostra o que era antes de seu tempo e construiu, a partir dos vários dialetos então falados, o inglês como o conhecemos hoje. Isso ele fez em grande parte escrevendo as peças atribuídas a Shakespeare, e também (talvez principalmente) editando a Versão Autorizada da Bíblia, que estava sendo traduzida por um comitê de quarenta e oito sob a direção do Rei James I. Bacon, sendo Chanceler, manteve-se em segundo plano, mas ele supervisionou e editou todo o volume, de modo que absolutamente o mesmo estilo e o mesmo tipo de linguagem percorram todo o livro, embora o original seja escrito por um grande número de autores diferentes em hebraico e grego, e embora houvesse quarenta e oito tradutores nominais. Podemos notar a diferença se compararmos a tradução da King James com a Versão Revisada, que também é resultado do trabalho de um comitê; neste último podemos ver claramente as diferenças de estilo nas várias partes. Deve ter havido próxima supervisão sobre a Versão Autorizada, e o supervisor era Bacon. Ele escreveu muitos outros livros também; ao todo, uma vasta quantidade de literatura foi apresentada por ele.

Um século depois, somos informados de que ele nasceu como Ivan Rakoczy, um príncipe da Transilvânia. Nós o encontramos mencionado nas enciclopédias, mas não há muita informação. Ele ainda usa esse nome às vezes; eu mesmo vi e fotografei uma de suas assinaturas. Depois disso, um mistério considerável envolve seus movimentos. Ele parece ter viajado pela Europa e aparece de vez em quando, mas temos poucas informações definitivas sobre ele. Ele era o Conde de St. Germain na época da Revolução Francesa. Ele também parece ter se disfarçado de Barão Hompesch, que foi o último dos Cavaleiros de São João de Malta, o homem que organizou a transferência da ilha de Malta para os ingleses. Este santo e mestre ainda vive, e seu corpo atual não tem aparência de idade avançada. Eu mesmo o encontrei fisicamente em Roma em 1901 e tive uma longa conversa com ele.

Ele é o Príncipe Adepto à frente do Sétimo Raio, que agora está começando a governar o mundo no lugar do Sexto Raio, cuja característica era a devoção degenerando em manifestações bastante cegas e pouco inteligentes, às vezes na Idade Média, receio. Naturalmente, ele está profundamente interessado tanto no trabalho da Igreja quanto nos cultos da Maçonaria, que são na realidade duas expressões da mesma verdade eterna, embora popularmente se suponha que sejam diametralmente opostas. Temos muito a agradecer a ele

agora nos dias de hoje, bem como por suas realizações anteriores, o magnífico dom da língua inglesa, a introdução da Maçonaria na Inglaterra e a moldagem do pensamento metafísico e filosófico medieval cristão.

SÃO JORGE

São Jorge é o santo padroeiro da Inglaterra. Há dúvidas consideráveis quanto à sua história. Ele é geralmente mencionado como sendo da Capadócia, mas parece que ele nasceu em Lida, na Palestina. É onde sua família morava; foi lá que ele foi sepultado e onde seu santuário é mostrado hoje. Esse santuário foi certamente aceito como seu túmulo nos dias das Cruzadas, porque lemos repetidas vezes sobre os cruzados em peregrinação a esse santuário. Ele nasceu de uma família cristã nobre, e entrou no exército romano e serviu com distinção sob o imperador Diocleciano.

Diz-se que o imperador Diocleciano certa vez perseguiu os cristãos. As histórias das chamadas perseguições cristãs foram tão enormemente exageradas e deturpadas que os investigadores clarividentes aprenderam a encará-las com muita incredulidade. Até onde nossas investigações chegaram, descobrimos repetidas vezes que os cristãos sofreram não por causa de sua religião, mas sim por causa das opiniões políticas que muitos deles mantinham, da mesma forma que os judeus foram indiscriminadamente perseguidos na Rússia. De fato, os primeiros cristãos parecem ter sido considerados os anarquistas, os bolcheviques daquele período, e quando entraram em conflito com o governo não foi por causa de sua fé, pois os romanos eram um povo muito tolerante, acreditando pouco em si mesmos, e se importando ainda menos com o que os outros acreditavam. Geralmente era por causa de sua recusa em mostrar o respeito comum ao imperador.

Havia certas pequenas cerimônias que eram então consideradas como parte das amenidades ordinárias da vida quotidiana, pequenos atos de cortesia que mostravam uma lembrança amigável do Imperador e lealdade a ele, correspondendo exatamente a beber pela saúde do Rei no topo de cada lista de brindes, e levantando-se quando o Hino Nacional é cantado ao final de cada espetáculo. Era costume então que sempre que um homem estivesse prestes a beber um copo de vinho, ele deveria primeiro derramar algumas gotas no chão como uma libação aos deuses em homenagem ao imperador. A ideia por trás da ação era que uma pequena oferta de bondosos pensamentos fosse ofertada à Divindade em nome do Imperador, uma pequena oração para que ele pudesse ser fortalecido e auxiliado no trabalho oneroso que lhe fora imposto. Com exatamente o mesmo objetivo, era também costume todas as manhãs e todas as noites lançar uma pitada de incenso no fogo que sempre ardia no altar doméstico, acompanhando-o com uma palavra de aspiração pela saúde e prosperidade do imperador.

Essas pequenas observâncias parecem bastante inofensivas; mas o cristão primitivo era muitas das vezes uma pessoa rabugenta e farisaica, e parece ter sido um de seus hábitos desagradáveis recusar essas cortesias insignificantes sob o argumento de que eram idólatras e atribuíam honras divinas

ao imperador. Esses costumes vieram por milhares de anos. Eles foram observados na Caldsea, na Babilônia, na Assíria e em muitos outros países, e ninguém os considerou prejudiciais. Se os primeiros cristãos achavam que essas coisas eram erradas, se era contra sua consciência jogar aquela pitada de incenso no fogo, então estavam certos em morrer mais cedo do que fazê-lo; mas parece uma coisa desnecessária pela qual morrer. É uma questão de consciência, e nenhum homem pode decidir por outro. Até onde posso ver, se eu estivesse vivendo na terra naqueles dias, estaria disposto a mostrar a mesma cortesia a César que milhões de outras pessoas demonstraram aos seus respectivos soberanos ao longo dos tempos, sem o menor pensava em infringir a honra de qualquer divindade sensata. Mas esses primeiros cristãos não fariam isso.

Naturalmente, as pessoas que achavam que era seu dever tornar-se censuráveis dessa maneira específica provavelmente seriam tratadas com grosseria e suspeitas de deslealdade, assim como um homem que se recusou a beber pela saúde do rei ou ficar de pé quando o Hino Nacional estava sendo tocado, provavelmente seria suspeito entre nós. Pode-se entender que um homem que é um abstêmio rígido pode até chegar ao ponto de se recusar a beber pela saúde do rei. Pode-se até certo ponto respeitar a consistência de tal homem, embora não se possa nem um pouco concordar com ele e considerá-lo desprovido de discriminação e senso de proporção. Eu mesmo, embora um abstêmio total ao longo da vida, certamente não deveria recusar, embora eu preferisse beber água, se fosse possível. Parece-me um mal muito menor introduzir uma quantidade microscópica de álcool em meu organismo (uma ação da qual ninguém sofre além de mim) do que despertar nas mentes das pessoas ao meu redor a indignação que eles poderiam sentir com toda razão se tinha motivos para suspeitar de minha deslealdade. Seria um caso de "evitar a própria aparência do mal". Acho que os antigos mártires muitas vezes se imolavam desnecessariamente por questões tão pequenas quanto essa. Provavelmente algo desse tipo era a razão do sentimento contra os cristãos em geral, pois os romanos eram grandes defensores da lei, da ordem e dos costumes, e esperavam que todos se conformassem com o que era considerado melhor para a comunidade como um todo.

Também devemos lembrar que muitos desses primeiros cristãos, em seu entusiasmo equivocado, desejavam ser martirizados e estavam preparados para fazer qualquer coisa para satisfazer seu desejo. Se lermos a vida de São Francisco de Assis, veremos que algumas pessoas ligadas a ele (embora eu não pense que ele foi responsável por sua tolice) resolveram se martirizar a qualquer custo. Eles foram para o Marrocos e correram atrás da carruagem do Emir nas ruas abertas, gritando insultos para ele como um pagão. O emir muito naturalmente supôs que eles eram loucos, e a princípio foi bem-humorado tolerante com sua grosseria, mas como eles persistiram e se tornaram cada vez mais abusivos, ele finalmente os prendeu e executou-os. Eles se consideravam grandes e gloriosos mártires; olhando para o incidente com olhos imparciais, podemos considerá-los apenas como fanáticos mal-educados que se

intrometeram onde não eram desejados e foram justificadamente reprimidos. Eu mesmo não tenho a menor simpatia por esse tipo de mártir!

Houve uma dessas chamadas perseguições aos cristãos sob Diocleciano, e a história é que São Jorge, que estava no alto do exército romano, aventurou-se a protestar e repreender o imperador. Não é seguro repreender um imperador absoluto, e Diocleciano prontamente o baniu e parece ter se sentido bastante magoado com isso.

São Jorge considerou aparentemente que sua fé exigia que ele fizesse uma demonstração, então mesmo quando banido para a Ásia Menor ele continuou a adotar uma atitude agressiva; ele finalmente se meteu em alguns problemas e foi condenado à morte em Nicomédia. Há alguma dúvida sobre os detalhes históricos, mas o ano 303 geralmente é dado como a data de sua morte. Um ano anterior é preferido por alguns estudantes, e parece ter havido alguma confusão entre ele e um bispo ariano do mesmo nome. Parece não haver razão para duvidar de que São Jorge foi uma pessoa histórica, mas quanto à historicidade que representa tudo o que a maioria de nós sabemos sobre ele, a história de sua matança do dragão, há uma incerteza considerável. Isso pelo menos se destaca como um fato, que muito perto de Lydda é o lugar tradicional onde o monstro marinho que veio atacar a donzela Andrômeda foi morto por Perseu. Muitos historiadores pensaram que, pelo fato de essas duas lendas estarem ligadas ao mesmo lugar, elas gradualmente se confundiram, e os cristãos tomaram o feito do herói grego Perseu e o atribuíram a São Jorge. Isso não é improvável. Poderia facilmente ter acontecido assim, porque não há dúvida de que, em muitos casos, histórias que existiam séculos antes da vida de Cristo reaparecem no cristianismo primitivo, atribuídas a heróis cristãos e não aos dos primeiros dias. Toda a história naqueles dias era muito mais fluida, muito menos segura do que agora, então não acho que devamos ficar chocados de forma alguma se a história provar ser um dos velhos mitos levados até os dias atuais. É claro que podemos encontrar para ela vários significados simbólicos, e talvez essa seja a sábia maneira de lidar com isso, porque, a menos de uma elaborada investigação clarividente, não pode haver certeza do que realmente ocorreu como geralmente se acredita.

A ideia de um dragão é comumente considerada bastante mítica, mas há considerações a favor do aparecimento ocasional de tais criaturas. Sabemos que nos primeiros dias da Terra havia grandes répteis voadores, e não é impossível que espécimes únicos tenham sobrevivido ao que podemos chamar de períodos históricos. Há uma história que alguns monstros pré-históricos ainda sobrevivem na África central. Eu acredito que eles estão procurando um brontossauro lá nos dias atuais. Pode haver uma base para algumas das inúmeras histórias de dragões, mas se neste caso em particular Perseu ou São Jorge foi o matador, não pretendo dizer. De qualquer forma, a tradição associou indissoluvelmente São Jorge e seu dragão, e agora ele se tornou uma espécie de símbolo. Ele foi em dias anteriores o santo padroeiro de Gênova na Itália; ele não foi adotado como o santo padroeiro da Inglaterra até o reinado do rei Eduardo III, mas desde então sua cruz tem sido a bandeira da Inglaterra, e ele tem sido invocado como

nosso santo padroeiro, embora seja difícil ver por que ele foi elevado a essa honra. De certa forma, teria sido mais natural se tivéssemos adotado o primeiro mártir inglês, Santo Albano, que também foi um grande soldado do exército romano; mas São Jorge foi escolhido, e ninguém pensa em mudar isso agora. No entanto, não importa se São Jorge fez ou não fez algo em particular para lhe dar o título de padroeiro de um grande Império. Presumo que ele deve ter feito algo para ganhar esse bom carma. Inquestionavelmente, ter sido assim designado significa que muitas pessoas fazem dele formas-pensamento e vertem sua aspiração e devoção através dele em uma extensão muito considerável. É muito bom para ele e para nós, pois podemos dizer que um santo padroeiro, seja de uma igreja, de um indivíduo ou de uma nação, é um canal através do qual enviamos nosso fluxo de devoção e afeição ao Divino. Então de volta através dele flui a corrente da graça e bênção para nós. Portanto, é uma coisa boa para o santo padroeiro, assim como para o país, a igreja ou a pessoa. Assim, o santo padroeiro é um elo, um elo escolhido com os planos superiores. Qualquer país cujos governantes fossem sábios o suficiente para entrar em contato com as duas linhas diretivas que existem nos planos superiores, sem dúvida, obteria certa quantidade de auxílio e conselhos desta forma. Falamos sempre dos dois lados do governo do mundo, sendo um deles a direção do mundo físico feita pelo Manu da Raça Raiz, que guia a Raça em suas migrações e molda seu desenvolvimento de várias formas. Ele é o Rei Espiritual e Governante da Raça. O outro lado é o do Mestre Espiritual da raça. Existem representantes físicos para essas duas linhas, e há também o Anjo da Guarda de uma raça. Todas as belas lendas de anjos da guarda e espíritos da raça não são apenas histórias infantis. Existem fatos por trás deles, e descobriremos que essas realidades produzem um efeito definido aqui em planos que podemos alcançar, perceber e compreender. Atrás de cada raça está um santo padroeiro, se tiver escolhido um, e um Anjo Guardião (um deva, como eles chamam na Índia, um ser brilhante); e cada um desses dois tem seu departamento, e entre eles se encarregam dos dois lados do desenvolvimento da raça. Se a raça sabe de tais coisas e está disposta a ser guiada e dirigida, ela obtém muito mais desses grandes oficiais. Se não sabe, recebe menos; mas de qualquer forma estão lá e exercem a influência que podem.

Provavelmente todos nós já ouvimos algumas das estranhas histórias do aparecimento de São Jorge à frente das tropas inglesas na França durante a guerra recente, e nos perguntamos se alguma credibilidade pode ser atribuída a elas. São bastante circunstanciais, e a dúvida lançada parece ter surgido principalmente porque uma história foi escrita antes da aparição em que seu nome foi mencionado. No entanto, há muitas evidências de que alguma interferência de algum tipo ocorreu na França em um período muito crítico da guerra e que alguém que não era do plano físico encorajou as tropas e as levou à vitória. Os ingleses o chamavam de São Jorge, essa seria a primeira ideia que lhes ocorreria; os franceses o chamavam de São Miguel ou São Denys, e em outras partes do campo viram também sua grande heroína, Joana d'Arc.

Há evidências para todas essas aparições. Pessoalmente, não tenho dúvidas de que houve interferências do mundo interior, mas se São Jorge, São

Miguel ou Joana d'Arc tiveram alguma relação eu não sei. Pessoas mortas de ambas as nações certamente gostariam de auxiliar; grandes líderes militares do passado ainda em contato com a terra podem ter desejado interferir, e se eles pudessem se mostrar, é bastante certo que seriam tomados por alguns dos santos. Podem até ter intencionalmente assumido a forma de tais santos para aconselhar o povo, porque, devido à tola atitude moderna em relação as aparições de todos os tipos, as pessoas são mais propensas a serem assustadas do que ajudadas por algo incomum, enquanto todos os católicos franceses dariam as boas-vindas ao aparecimento de um santo e não teriam o menor temor dele. Pode ser que a forma tradicional de alguns santos tenha sido adotado por alguns que desejavam ajudar.

Aqueles que pertencem à Igreja Católica Liberal devem tentar entender o real significado de todas essas ocorrências. Não devemos ficar obcecados com o absurdo preconceito calvinista de que não pode haver verdade alguma em qualquer coisa que seja dita sobre os santos. Quando examinarmos mais profundamente os fatos do caso, veremos que todas essas belas lendas antigas têm seu papel a desempenhar, pois todas ajudaram a raça humana e que não há razão para que nós, que avançamos um pouco mais no conhecimento, compreender mais plenamente o que significam. Devemos, portanto, olhar abaixo para aqueles que crêem neles literalmente. Será realmente bom para nós se formos capazes de obter por esses canais tanto auxílio quanto nossos antepassados mais ignorantes obtiveram.

SÃO PATRÍCIO

Assim como São Jorge é o santo padroeiro da Inglaterra, o santo São Patrício também é o santo padroeiro da Irlanda. Há novamente alguma incerteza quanto à data e local exatos de seu nascimento, mas podemos dizer a partir de uma investigação clarividente que realmente existiu tal pessoa e a teoria de que foi apenas um personagem mitológico não tem fundamento. Ele é uma pessoa histórica real e converteu grande parte da Irlanda à fé cristã.

A data de seu nascimento parece ter sido por volta do ano 387, embora alguns a coloquem um pouco antes disso. Dois lugares reivindicam a honra de ser sua terra natal Kilpatrick, perto de Dumbarton, na Escócia, e uma vila perto de Boulogne, na França. De modo geral, o balanço das evidências parece 'a favor de Boulogne. De qualquer forma, é certo que ele era descendente de romanos e que nasceu em um país celta, seja na Normandia ou na Escócia. Seu pai era um homem de boa família, conhecido como o diácono Galphurnius. Se ele alcançou algum nível mais alto na Igreja do que o de diácono, não sabemos. Sua mãe chamava-se Conchessa, e ela era irmã ou parente próxima de São Martinho de Tours, sobre quem todos ouvimos a célebre história de ele cortar seu manto em dois (quando não tinha mais nada a oferecer) e dar metade para um mendigo. Qualquer que fosse o local de seu nascimento, o jovem Patrício morava perto do litoral e, em um ataque de piratas irlandeses, foi capturado e levado como escravo aos quinze anos. Ele foi vendido na Irlanda a um certo sacerdote druida chamado Milchu, e ficou com ele, atuando como pastor, por

cerca de cinco anos. Naquela época, ele aprendeu a língua irlandesa, que difere um pouco do dialeto falado na Escócia ou na Bretanha, embora todos sejam variantes da língua gaélica.

Ao final desses cinco anos, alguma visão o levou a fazer uma tentativa de fuga, e a tentativa foi bem-sucedida. Ele conseguiu, com grande dificuldade e muitas privações, chegar à praia, embarcar em um navio e, finalmente, chegar à sua casa. Dedicou-se fervorosamente à vida religiosa, e esteve por um tempo considerável em um mosteiro em Tours sob o comando de São Martinho. Diz-se que lhe ocorreu uma visão ou um sonho, no qual viu os jovens com quem se associara quando criança na Irlanda chamando-os para vir e ensinar-lhes a verdade, e isso aparentemente intensificou uma ideia que há muito estava em sua mente de que ele gostaria de voltar novamente para a Irlanda, onde havia sido escravizado, e tentar ensinar o cristianismo ao povo. Não é certo que não houvesse cristianismo antes disso na Irlanda; há uma tradição, de qualquer forma, de uma divulgação anterior da fé no Sul daquele país. O papa daquele período, Celestino, recebeu este jovem chamado Patrício, e depois de alguns anos de preparação deu-lhe uma comissão para ir pregar a fé na Irlanda. Ele não foi nomeado imediatamente, porque Palladius já havia solicitado e recebido esse trabalho. Mas Palladius parece não ter tido sucesso. Ele desembarcou em uma parte do país onde o povo não estava preparado para recebê-lo e ficou desanimado.

São Patrício foi consagrado como bispo e enviado para pregar a fé na Irlanda. Ele desembarcou lá no ano de 432 e, embora não tenha sido bem recebido no início, conseguiu seguir seu caminho e, eventualmente, viajou por todo o país. Muitas histórias são contadas em conexão com suas viagens por toda a Irlanda. Ele parece ter sido um homem de infatigável atividade. Está registrado que ele consagrou nada menos que trezentas e sessenta e cinco igrejas em diferentes partes do país, e se diz que com suas próprias mãos batizou doze mil convertidos durante esse período. Ele teve uma recepção variada, mas parece ter sido um pregador da fé extremamente habilidoso e político. Ele invariavelmente começava, onde quer que fosse, convertendo o chefe e sua família, e o resto seguia a liderança dada pelo homem mais importante do distrito. Onde algum rei ou chefe local não o recebia, ele se mudava para outro lugar, mas voltava várias vezes até que praticamente o chefe cedia a ele. Ele nos deixou alguns escritos; um deles, pelo menos, muitos de vocês conhecem a Confissão de São Patrício, como é chamada uma espécie de credo em que ele enfatiza fortemente a doutrina da Santíssima Trindade. Quando lhe perguntaram pela primeira vez como Três poderia ainda ser Um, ele se abaixou e arrancou uma folha do trevo e a ergueu diante do povo, dizendo: "Aqui pelo menos está um exemplo de que pode haver três e ainda um". Uma ilustração grosseira, mas, no entanto, marcante para as pessoas a quem ele pregava, para quem toda a ideia era nova. É por isso que o trevo foi adotado como o símbolo nacional da Irlanda, como permanece até hoje.

Ele viveu até uma longeva idade. Há uma pequena diferença de opinião, mas parece bastante certo que ele atingiu a idade de cento e seis anos, pois

morreu no ano 493 em um lugar chamado Saul, perto de Downpatrick na Irlanda. Seus restos mortais ainda foram mostrados lá até a época da Reforma, quando imagino que as relíquias foram perdidas.

SÃO MARCOS

Como é o caso de muitos desses heróis bíblicos, não sabemos muito sobre São Marcos. Dizem-nos que era primo de Barnabé, personagem de quem lemos bastante nos Atos dos Apóstolos, e também é tradição que ele era sobrinho de São Pedro. De qualquer forma, parece certo que sua mãe, Maria, era uma mulher de considerável distinção em Jerusalém, e que em sua casa os primeiros cristãos costumavam realizar reuniões por muito tempo. São Marcos fundou a Igreja em Alexandria, e essa é talvez uma razão pela qual ele se apresentou de forma tão proeminente e autor da escrita de um evangelho. Como de costume, não é certo que ele tenha algo a ver com o evangelho que lhe é atribuído. Esses evangelhos foram escritos na cidade de Alexandria, muito depois da data usualmente atribuída a eles, e é muito natural que aquele que se supõe ser o mais antigo seja atribuído a um dos Fundadores da Igreja, que é dito como o intérprete de São Pedro. Ele é relatado pela tradição de ter escrito seu evangelho em Roma ditado por Pedro. Isso não é provável, mas os mais altos críticos acreditam que São Marcos é o mais antigo dos evangelhos, com exceção do suposto original hebraico de São Mateus, sobre o qual muito pouco se sabe porque não existem cópias existentes. O símbolo de São Marcos é um leão, e aqueles que tiveram o privilégio de visitar sua cidade, Veneza, lembrarão que a grande catedral ali é dedicada a ele, e na praça em frente está o Leão de São Marcos, assentado sobre uma alta coluna.

CAPÍTULO XVII

DIA DE TODOS OS SANTOS

A festa de Todos os Santos sempre me pareceu uma das mais belas do Ano Cristão. Durante todo esse ano celebramos de tempos em tempos os aniversários dos grandes da Igreja, assim como na vida profana celebramos os aniversários de nossos amigos. A única diferença é que no calendário eclesiástico geralmente celebramos o aniversário de um santo não nesta vida física, mas na vida mais ampla da esfera superior; isto é, mantemos o que é comumente chamado de data de sua morte. Fazemos isso não apenas por nossa afeição por ele, mas para recordar a nós mesmos o nobre exemplo que ele nos deu. Agradecemos a Deus pelo exemplo do santo e pelo glorioso encorajamento de seu sucesso. Mas isso não é tudo; há ainda algo mais, e é precisamente esse algo mais que muitas vezes é tão tristemente incompreendido. Já mencionei que entre muitos que se dizem cristãos a ideia da intercessão dos santos parece despertar uma quantidade incrível de ódio e preconceito incompreensíveis. Com extraordinária irascibilidade clamam que é maldade de nossa parte pedir auxílio aos santos e, além disso, ridículo esperar isso. Sempre me pareceu que esta é uma questão em que devemos usar nosso bom senso; se essa ajuda deve ser obtida, deve ser parte do plano de Deus e sob Sua providência, pois Ele trabalha por meios e por intermediários, então por que seria perverso ou ridículo nos valermos dela? Vejamos quais são os fatos do caso.

Qualquer grande mestre religioso é um centro de inspiração e de auxílio ativo. Tomemos, por exemplo, alguém que muitos de nós conhecemos e amamos a Sra. Annie Besant. Muitos de nós somos profundamente gratos a ela pelos ensinamentos dados em seus livros, que mudaram todo o aspecto da vida de milhares de homens e mulheres; mas também lhe somos profundamente gratos por sua inspiração e seu exemplo, bem como, em muitos casos, pelos conselhos pessoais diretos recebidos dela. Quando ela abandonar seu corpo físico e que esse dia esteja muito distante! Essa inspiração e exemplo serão menos reais? Nós frequentemente enviamos seus pensamentos de amor devotado agora, e nós somos inquestionavelmente elevados pela resposta que recebemos; será menor então? O homem não muda na morte, tão seguramente aquele que conhecemos como tão cheio de amor, de força e de ajuda neste mundo estará igualmente cheio dessas características mesmo sem um corpo físico. Pois nestes assuntos estamos lidando com o Ego, e o Ego não morre.

Algumas pessoas, embora concordem imediatamente que tal poder de resposta permaneceria inalterado durante a vida astral, ainda questionaram se não poderia ser impedido pelas limitações do mundo celestial. Deve-se lembrar que para o homem desenvolvido, o santo, essas limitações não existem mais. O homem comum está enredado por eles apenas porque seu corpo mental ainda está imperfeitamente evoluído; aquele cujo corpo mental está em plena atividade se move tão livremente no plano mental quanto a maioria de nós no astral. E, em todo caso, tais limitações são apenas da personalidade. Quaisquer poderes que o Ego possua, ele possui permanentemente, e ele pode usá-los

independentemente da condição de seus veículos inferiores. Sem dúvida, cada um de nós está neste momento figurando no mundo celestial com vários amigos falecidos, embora na consciência física não saibamos absolutamente nada sobre isso. Cada um desses amigos falecidos faz sua própria imagem-pensamento do homem que ama, e esse próprio amor constitui um apelo ao Ego da pessoa amada, que nunca é deixado sem resposta. O Ego, despertado por aquele toque afetuoso, imediatamente se derrama e preenche aquela forma-pensamento; mas não é parte de sua atividade imprimir essa ação em seu próprio cérebro físico (se ele tiver um no momento) ou no objeto de sua afeição. O Ego é certamente capaz de preencher mil imagens devachânicas de uma só vez.

Os santos do passado podem agora renascer e podem estar trabalhando nobremente em outra personalidade. Na verdade, conheço pessoalmente muitos que estão fazendo isso; por exemplo, São Bernardo de Clairvaulx, São Francisco de Assis e Santo Antônio de Pádua estão todos atualmente encarnados e trabalhando energicamente pelos mesmos ideais que perseguiram tão nobremente sob esses nomes históricos. As personalidades atuais podem saber pouco ou nada de seu trabalho como santos, mas os Egos estão tão ativos como sempre. O que sabemos ser verdade nestes e em outros casos certamente também deve ser verdade em milhares de casos que não conhecemos. Apelos a esses Egos desenvolvidos, inquestionavelmente, evocam uma resposta amigável e útil deles. Não pedimos a intercessão deles, porque uma ideia como essa é baseada em uma concepção indigna de Deus, uma sugestão de que Ele precisa ser propiciado ou apaziguado; mas pedimos sua bênção e seu pensamento amigável. Eu, como bispo, dou a bênção de Deus ao final de cada culto, ou sempre que me pedem para exercer meu ofício; você supõe que eu estarei menos disposto ou menos capaz de dá-lo quando eu largar este corpo físico? E certamente o que eu posso fazer, e ficarei feliz em fazer, essas pessoas muito maiores também podem fazer.

Começamos a ver agora o que significa a doutrina da Comunhão dos Santos? Não vemos agora quão verdadeiramente o que é ganho por alguém é ganho para todos os que estão prontos para compartilhá-lo? Por que devemos negar o fato da Comunhão dos Santos e por que devemos rejeitar suas vantagens? Quando nós mesmos nos tornarmos santos, não ficaremos felizes em ajudar nossos semelhantes? Então, por que eles não deveriam estar igualmente dispostos a fazer o que podem? Vamos aceitar de bom grado a ajuda que o plano de Deus nos proporciona; agradeçamos a Deus por todas as pessoas boas e recebamos de bom grado tudo o que elas podem dar.

No Dia de Todos os Santos celebramos a vasta multidão de homens santos que não foram suficientemente notáveis para ter um dia especial atribuído a eles que viveram uma vida bela e útil que, embora sem dúvida reconhecida por Deus, não atraiu a atenção daqueles oficiais da Igreja que foram encarregados do dever de recomendar homens para canonização. Deve haver muitos milhares desses heróis desconhecidos da fé, sim, de todas as fés, que são tão dignos de nossa gratidão e nosso reconhecimento quanto aqueles cujos nomes foram preservados através dos tempos. Por isso, dedicamos este dia à sua memória.

Uma das pequenas dificuldades que encontramos na execução do trabalho prático da Igreja Católica Liberal é a de encontrar hinos adequados, hinos que possamos cantar com todo o nosso coração, realmente significando cada palavra que eles colocam em nossa boca. Nossas dificuldades estão principalmente relacionadas com a atitude indigna adotada para com a Divindade e com a teoria equivocada da expiação vicária; mas também somos compelidos a rejeitar muitos belos e antigos hinos por causa da visão grosseiramente materialista que eles têm da condição futura de nosso povo nos mundos superiores.

Seria difícil cantar sem uma sensação de irrealidade um verso como:

Ali está o trono de Davi;
E lá de liberados cuidados
O grito daqueles que triunfam
E a canção daqueles que festejam.

A implicação de que a mesma personalidade permanecerá para sempre em um céu imaginário é obviamente infundada, porque sabemos que no devido tempo essa personalidade chegará ao fim e o Ego reencarnará. Mas acharemos perfeitamente possível cantar muitos desses belos hinos antigos quando percebermos que suas expressões devem ser tomadas como simbólicas; pois é perfeitamente verdade que a visão ampla de Deus e a glória inimaginável de Sua presença perpétua são fatos sempre vivos para o Ego altamente desenvolvido, verdade principalmente para a Mônada; mas verdadeiro para o Ego também quando se torna um com essa Mônada e é uma expressão perfeita dela em seu nível. E assim, quando pensamos nos santos como eternamente na presença, devemos entender que eles não estão confinados a um local específico, mas que onde quer que estejam e em qualquer plano em que estejam funcionando "seus Anjos sempre contemplam o rosto de nosso Pai que está nos céus"; o verdadeiro Eu, em seu próprio plano está sempre conscientemente na presença direta da Deidade.

Não há lugar especial, pois estamos todos nessa presença aqui e agora; mas ainda não aprendemos, como o santo, a ter plena consciência disso. Mesmo o santo pode ter essa consciência, mas raramente e imperfeitamente em seu cérebro físico; mas em seu corpo causal ele sempre o tem. Portanto, é verdade dizer dos sagrados santos:

Agora eles reinam na glória celestial,
Agora eles andam em luz dourada;
Agora eles bebem como de um rio
Santa e infinita felicidade.

A debilidade e insuficiência de todas essas expressões simbólicas não devem nos cegar para a verdade infinitamente gloriosa da Comunhão dos Santos.

Tenha certeza de que, assim como o próprio Cristo existe, como existe a Hierarquia de Seus santos Anjos, também existe a Grande Fraternidade Branca, a Comunhão dos Santos. Bem podemos agradecer a Deus neste grande festival pelo exemplo, o encorajamento e o auxílio destes gloriosos; que possamos segui-los em toda a vida piedosa e virtuosa para que também em breve possa vir a inefável felicidade de sermos canais conscientes de Seu amor eterno.

CAPÍTULO XVIII

DIA DE FINADOS

Parece natural que, juntamente com a gratidão a Deus por Seus sagrados santos não especialmente mencionados, pensemos também naqueles outros mortos que talvez ainda não possam reivindicar a honra da santidade de nossos próprios mortos, aqueles que conhecemos e amamos infelizmente! Em muitos casos, lamentamos. Assim acontece que no dia seguinte a Todos os Santos é consagrado para a celebração de Finados, de toda a poderosa hoste dos defuntos, sobretudo com vista a recordar aqueles que faleceram durante o ano desde a última destas celebrações.

Tornou-se costume que neste dia os membros das congregações enviem ao sacerdote responsável os nomes de todos aqueles por quem estão pessoalmente interessados, que faleceram durante o ano, a fim de que esses nomes sejam especialmente mencionados no Altar, e para que possam participar na efusão de força que acompanha a celebração da Sagrada Eucaristia.

É importante que entendamos exatamente o que é essa força, e exatamente que bem ela faz aos mortos. É natural, é apenas a natureza humana, que desejemos orar pelos mortos. Eu sei que uma certa seção de cristãos (talvez não uma grande, mas uma seção muito barulhenta) considera tal oração pelos mortos como errônea. De alguma forma, eles conseguiram persuadir a si mesmos de que não existe progresso, e que quando um homem morre, isso é para todos os efeitos o seu fim; seu destino é então estabelecido para sempre. Não adianta orar por ele; se supõe ser mau orar por ele! Isso é uma ilusão nascida da ignorância. Muito mais sábio seria seguir o ensinamento da Igreja e de seu Senhor, e perceber que não há morte, mas apenas uma vida de contínua evolução, e que em qualquer ponto nesta existência (seja parte dela que é gasto aqui em um corpo físico ou o que é gasto em outro mundo em um corpo sutil), o homem pode ser alcançado pelo pensamento e pelo amor e pode ser ajudado tanto em um estágio de progresso eterno quanto em outro.

Antes, então, que possamos entender o bem que podemos fazer aos mortos, devemos pensar um pouco no estado dos mortos. Infelizmente, a parte cristianizada do mundo tem por alguns séculos a ilusão de que nada pode ser conhecido com certeza em relação ao estado post-mortem. A ideia parece ser que a Igreja possa ter algum ensinamento sobre esse assunto; que tivesse algumas especulações; que poderia existir piedosas crenças, mas nada pode ser definitivamente conhecido. Isso é absolutamente falso. É possível saber tudo sobre o estado dos mortos; é possível explorar e investigar essa parte superior do mundo exatamente como países até então desconhecidos podem ser explorados no plano físico. Como obtemos informações sobre o Polo Sul e o Polo Norte, ou sobre o interior da África? Os homens aprendem as condições sob as quais é possível penetrar nessas regiões remotas e trazer informações de lá. É igualmente possível que o homem ainda no corpo físico penetre nessas outras regiões superiores, retorne e dê seu relato.

Isso foi feito muitas centenas de vezes, e agora sabemos sobre este outro mundo (embora na realidade não seja outro mundo, mas apenas uma parte dele) tão claramente e definitivamente quanto sabemos sobre locais pouco visitados da terra, e há tanta evidência para a existência desse mundo espiritual quanto para qualquer uma das partes pouco conhecidas do plano físico. Na verdade, há mais, pois apenas uma ou duas pessoas penetraram nessas regiões remotas, enquanto muitas dezenas de pessoas trouxeram de volta lembranças do mundo daqueles a quem tolamente chamamos de mortos. Os mortos riem-nos com desprezo por usar tal palavra; sustentam sempre que são mais vivos do que eram, e não menos, agora que se livraram do corpo físico que era um véu tão pesado, um obstáculo tão grande no caminho do conhecimento real dos fatos da vida. Qual é então o estado dos mortos? Existe uma vasta literatura sobre o assunto, à qual devo remeter aqueles que desejam uma resposta detalhada a essa pergunta. Meu próprio livro, O Outro Lado da Morte,[42] fornece muitas informações, mas novos volumes estão sendo publicados constantemente. Eu posso dar apenas um esboço aqui.

Para compreender esse esboço, devemos primeiro fixar em nossas mentes algumas ideias fundamentais. Quero que fique bem claro que, ao apresentar essas ideias, não estou oferecendo como meras crenças piedosas ou como probabilidades, nem estou falando de boatos. Estou explicando fatos que eu mesmo conheço pessoalmente por repetidas investigações e experimentos. Além disso, qualquer homem que esteja disposto a se dar ao trabalho pode se convencer dessas grandes verdades centrais verificando-as em primeira mão. O primeiro desses grandes princípios é a absoluta certeza do amor de Deus. Outra é a continuidade absoluta da vida, a imortalidade do homem; e ainda outra é a razoabilidade e justiça de todo o esquema da evolução. O axioma bíblico de que todas as coisas cooperam para o bem não é uma questão de crença, mas de conhecimento, para aqueles que realmente estudaram esses assuntos.

O próprio ar ao nosso redor está carregado de tantos e tão sérios equívocos sobre a morte que é quase impossível escapar de sua influência, a menos que nos coloquemos especialmente em guarda contra eles. Uma das piores é a ideia de que após a morte os homens são recompensados ou punidos pelo que fizeram durante a vida física. Isso absolutamente não é assim em nenhum sentido; embora seja verdade que, porque a vida é contínua, suas condições posteriores após a morte dependem de suas condições anteriores antes da morte, da mesma forma que a vida do adulto depende em grande medida da parte anterior dessa mesma vida. Como foi gasto durante a infância e juventude. Pode-se pensar que, afinal de contas, isso dá quase no mesmo; mas isso não é assim. Tomemos um exemplo da vida escolar para nos ajudar a compreender. Se um menino trabalha bem, talvez receba uma medalha ou um prêmio; se trabalha mal, se age tolamente, recebe um certo número de notas ruins, ou talvez tenha uma imposição para escrever. Estes, você observará, são recompensas e punições, mas não são, de forma alguma, resultados. Eles não

[42] O que há além da morte? Publicado pela Editora Pensamento.

têm nenhuma conexão real com o que o menino fez ou deixou de fazer; eles expressam apenas a opinião do mestre sobre ele. Por outro lado, o resultado de um bom trabalho quando o menino sabe mais e, portanto, é capaz de aprender; enquanto o resultado da preguiça é a ignorância e a falta de poder para entender as lições futuras. O verdadeiro resultado não é imposto de fora, mas é inerente, natural, inevitável. Assim é exatamente com a vida após a morte. Esta morte é uma mudança pela qual todos os homens devem passar. Eles podem estar bem ou mal equipados para beneficiar-se, de acordo com sua vivência no estágio anterior que chamamos de vida física.

Novamente, nossa tendência é considerar esta vida após a morte do ponto de vista dos sobreviventes, não do ponto de vista do morto. Tomemos mais um exemplo da vida escolar. Suponhamos que dois camaradas em uma escola fortemente ligados um ao outro, e que no devido tempo um deles passe para a vida universitária. Podemos ver imediatamente como seria egoísta se o menino mais novo pensasse apenas: "Perdi meu amigo; ele deveria ter ficado aqui na escola por minha causa". Obviamente nenhum garoto pensaria isso; ele estaria mais propenso a pensar: "Ele está continuando seus estudos e desenvolvimento; eu o seguirei em breve, mas ele certamente não voltará para mim." E se ele fosse especialmente afetuoso e prestativo, também poderia pensar: 'Posso ajudá-lo de alguma forma? Posso fazer algo que seja útil para ele em seu novo ambiente? Sim; posso escrever-lhe, posso mostrar-lhe que não o esqueci, posso enviar-lhe o meu amor e tentar encorajá-lo de todas as formas possíveis."

Essas analogias são válidas; mantendo-os em mente, vamos tentar compreender alguns fatos importantes sobre nossos mortos. Em primeiro lugar, eles estão mais vivos do que nós. Não estão longe em algum céu ou inferno imaginário desconhecido; ainda estão muito perto de nós. Não são transformados repentinamente em anjos ou demônios; são precisamente e exatamente o que eram antes de se desprenderem do veículo da carne, aquela capa externa que chamamos de corpo físico. São eles mesmos como eram antes. O amor deles permanece o mesmo; não, é maior do que nunca, exceto que haja algo para obstruir sua expressão. Seu conhecimento ou sua ignorância é exatamente o que era antes. Eles têm, de fato, oportunidades de aprendizado. Assim temos nós aqui embaixo no plano físico, mas nem sempre aproveitamos nossas oportunidades. É exatamente o mesmo com os mortos. Não há ninguém para obrigá-los a aprender; assim, alguns deles avançam pouco, enquanto outros adquirem uma vasta quantidade de informações. É bom que saibam, porque conhecimento é poder, mas nem todos os mortos são sábios, nem todos os vivos. Que fique bem claro, então, que a vida deles é a mesma que a nossa, exceto pelo fato de não terem mais um corpo físico.

Perguntemo-nos que diferença faria para nós se não tivéssemos esses corpos físicos; então perceberemos exatamente qual é a condição dos mortos. Podemos ver que não seria de forma alguma o mesmo para todos nós. Alguns de nós vivem muito em nossos corpos físicos; alguns de nós pensam principalmente nas coisas que pertencem a esses corpos, como conforto, prazer,

sensações agradáveis, boa comida e bebida, e assim por diante. Alguns pensam muito no que o corpo físico lhes traz, mas há outras pessoas que são relativamente indiferentes a esses assuntos, cujas alegrias são todas alegrias do intelecto ou das emoções superiores.

O grande artista ou o grande músico quase esquece seu corpo físico, e muitas vezes o negligencia, só porque é arrastado internamente para os veículos mais elevados e sutis.

Quando esse artista morrer, ele não mudará. Se o corpo físico pouco significava para ele quando o possuía, pouco significará quando o tenha abandonado, e continuará a viver a mesma vida, a vida da arte ou da música. Um homem de característica oposta, que viveu principalmente em relação ao seu corpo físico, ficará claramente perdido quando o abandonar. Ele terá que evocar para si um novo conjunto de interesses; caso contrário, a vida sem o corpo lhe parecerá monótona e desinteressante. Essas considerações operam o tempo todo; assim, quando pensamos em alguém que faleceu, temos apenas que tentar imaginar quanta diferença faria para esse homem se ele não tivesse seu corpo físico, e teremos uma ideia muito clara da condição em que ele se encontra.

Há um outro lado de tudo que não deve ser esquecido. O corpo físico é a causa de muitos dos nossos problemas e preocupações; quase todo o nosso trabalho, o trabalho diário do qual temos que nos escravizar, tem que ser feito porque temos um corpo físico, porque devemos fornecer a ele (e a outros corpos físicos ao nosso redor) alimento, roupas e abrigo. Sem o corpo físico, o homem é totalmente livre e talvez pela primeira vez na vida ele faça apenas as coisas que deseja fazer. A maioria de nós passamos a vida fazendo coisas que preferiríamos não fazer se não fôssemos obrigados. Não existe tal compulsão para o morto. Sendo absolutamente livre, ele pode, portanto, ser gloriosamente feliz. Por outro lado, se sua vida aqui foi puramente material, ele pode estar um pouco entediado; ele pode achar a coisa toda desinteressante. Suponho que muitos homens sem instrução que frequentam um culto na igreja não saberiam nem um pouco o que estava sendo feito. A música estaria acima de sua cabeça; se não soubesse ler, não poderia seguir a liturgia; a coisa toda o cansaria. No entanto, aqueles que podem compreender e seguir sabem que há muito a ganhar com tais serviços; que nos oferecem não apenas um meio de graça para nós mesmos, mas o meio de auxiliar outros pela força que é vertida. No entanto, o homem ignorante não saberia nada sobre isso; ele acharia tudo monótono, cansativo. É exatamente o mesmo com os mortos.

Assim sendo, como podemos ajudá-los? Jamais através de nossas ações físicas, porque eles não têm mais corpos físicos. O que eles ainda têm em comum conosco? Eles têm o corpo sutil, que São Paulo chamou de corpo espiritual. Como estudantes, nós o dividimos em duas partes: o corpo astral e o corpo mental. Corpos que temos em comum com os mortos. Se devemos auxiliá-lo, então, não deve ser por nossas ações físicas, mas pelas ações por meio dos veículos superiores. O que podemos fazer para auxiliá-los?

Algo comum que muitos de nós já fizemos foi chorar pelos mortos que amamos. Essa é a pior coisa que podemos fazer pelo morto. Não desejo nem por um momento parecer antipático, mas se não temos medo de enfrentar os fatos, devemos admitir que lamentar é, afinal, um sentimento egoísta. Do que estamos de luto? Aquele a quem amamos passou para uma vida mais elevada e plena, que está mais próximo da presença de Deus, que as oportunidades que se abrem diante dele são muito maiores do que eram antes. Certamente isso seria uma coisa estranha para lamentar-se!

Se pensarmos nisso, estamos de luto porque pensamos que o perdemos. Isso é uma ilusão; não o perdemos. Tudo o que perdemos é o poder de vê-lo. Ele ainda está lá, ele ainda está perto de nós, ao alcance como sempre esteve, mas não ao alcance dos nossos olhos físicos. No momento em que adormecemos todas as noites, nossos olhos físicos não nos servem mais; deixamos o mundo em que esses sentidos operam; estamos usando o corpo astral e, portanto, estamos usando seus sentidos; e para esses sentidos o morto é tão óbvio quanto o vivo era para nossa visão física. Podemos estar sob a ilusão, enquanto estamos em estado de vigília de que perdemos o homem morto. Quando acordamos para o seu mundo, quando deixamos de lado temporariamente a obstrução do corpo físico, ficamos lado a lado com ele e falamos com ele exatamente como antes. Podemos pensar aqui que o perdemos; ele nunca por um momento pensa que nos perdeu, porque mantém essa consciência superior continuamente. Ele nos vê desvanecer-se dele quando acordamos (ou para abaixo, como ele chamaria); então nos afastamos dele, mas ele sabe que voltaremos ao seu mundo depois de algumas horas. É quando vemos um homem deitar-se para dormir por algumas horas; não lamentamos porque ele nos deixou; sabemos que ele logo acordará descansado e estará conosco como antes.

Lamentar pelo nosso amigo morto é a pior coisa que podemos fazer por ele, porque quando permitimos que o sentimento de luto se apodere de nós, nos cercamos de uma nuvem depressiva. Um clarividente o veria ao nosso redor como uma névoa escura. Para nosso amigo morto, aquela névoa é algo que ele pode não apenas ver, mas também sentir de forma aguda. Ele sente a depressão, ela reage sobre ele e o prejudica, porque o impede de progredir. Devemos nos esquecer de nós mesmos; eu sei muito bem como é difícil, mas devemos ser altruístas; devemos nos esquecer de nós mesmos e de nossa suposta perda, e devemos pensar apenas em nosso amigo e em seu grande ganho. Então, quando pensarmos nele, não lamentaremos. O que podemos fazer senão chorar? Podemos fazer algo infinitamente mais nobre; podemos amar. Vamos verter nosso amor sobre ele sempre que pensarmos nele; vamos pensar nele como vivendo sua existência; vamos pensar como o amávamos no passado, e como o amamos cada vez mais agora com o passar do tempo. Isso também ele sentirá, e a isso ele responderá. Então estamos ajudando nosso irmão, estamos cercando-o com a luz do sol que chamará tudo de melhor que há nele, o que ajudará sua evolução e tornará seu caminho mais fácil. Isso é o que temos que fazer.

Vamos orar pelos mortos? Sim, se você quiser; mas mesmo assim não entenda mal. Embora muitos tenham tolamente pensado que é errado orar pelos mortos, não é nem um pouco assim; mas se tomarmos as palavras em seu significado comum, talvez mostre um pouco de ignorância. Se por oração queremos dizer que vamos pedir a Deus para auxiliá-los ou abençoá-los, ou lembrá-los, então podemos nos poupar do problema, porque Deus sabe muito mais do que nós sabemos sobre o que eles precisam e Deus está observando o evolução de cada uma de Suas criaturas a cada momento. Estamos em Sua Consciência, onde quer que estejamos, e Aquele que é o Senhor dos vivos e dos mortos não perde de vista quem se aproxima Dele. Pois, é, deixar de lado o corpo físico, é trazer a consciência para um pouco mais perto de Deus. Então Ele não precisa de nossas orações para lembrá-Lo.

O que é então a oração? A oração é um forte e sincero desejo; e isso é um poder. Tal pensamento é uma grande realidade; ele envia uma corrente de força, como é bem conhecido por todos os que investigaram o assunto. Existe uma ciência de todas essas coisas, assim como existe uma ciência da química ou da geologia, e esses assuntos podem ser investigados e testados. Tudo isso foi feito, não uma vez, mas centenas de vezes. Não há razão para que as pessoas permaneçam ignorantes dos resultados dessa investigação. Alguém poderia pensar que as pessoas desejavam chorar, que desejavam ser infelizes, tão obstinadamente se recusam a aceitar a verdade quando ela lhes é apresentada. Alguns não podem acreditar que é a verdade. Alguém gostaria de dizer a eles: "Se sua intuição ainda não está suficientemente desenvolvida para guiá-lo em tais assuntos, pelo menos deixe seu intelecto guiá-lo. Há centenas de livros sobre este assunto; leia-os. Se precisar, investigue por si mesmo." Eu fiz; há quarenta ou cinquenta anos atrás, dediquei muito tempo à investigação em primeira mão sobre essa questão da vida após a morte, e por ter feito isso, posso falar claramente sobre essas coisas agora. Eu sei que essas coisas são assim. Aquele que acha difícil aceitar esse testemunho deve estudar o assunto por si mesmo, e acabará por chegar à mesma convicção. Um homem está certo em desejar uma base firme para a fé em um assunto tão importante; é da maior importância, pois, aconteça o que acontecer conosco, pelo menos é certo que cada um de nós vamos morrer. Certamente devemos saber tudo o que pudermos sobre esse estado além da morte, mesmo que fosse apenas para nossa própria segurança e felicidade, e muito mais porque aqueles que amamos passam por trás desse véu, e quanto mais sabemos, mais podemos ajudá-los.

Podemos estar absolutamente certos de que cada pensamento nosso atinge aqueles a quem chamamos de mortos, e que, se lhes enviarmos um desejo sincero e amoroso, esse desejo amoroso é um poder definido que os alcançará e os afetará. Não precisamos evocar o poder de Deus. No poder de Deus vivemos, nos movemos e existimos. Não há nada que esteja fora Dele. Ele fez as leis para o mundo, e sob essas leis toda causa produz um efeito. Nosso forte pensamento amoroso é uma causa e certamente produzirá seu efeito. Deve produzi-lo. Podemos ver ou não; isso não importa, mas deve produzir um efeito, caso contrário, todo o universo perdeu seu caráter obediente à lei.

Os mortos de fato nos veem, mas (exceto durante o sono) não exatamente como costumavam fazer; eles não observam nossas ações físicas, mas estão completamente cientes de todos os nossos sentimentos e pensamentos como estão de alguma forma conectados com o eu pessoal inferior. É por isso que é de suma importância que nunca nos deixemos ceder a depressão ou desespero, porque se cometermos esse erro, inevitavelmente deveríamos infectá-los com sentimentos da mesma descrição, a última coisa que desejaríamos fazer no caso daqueles a quem amamos muito.

Então, o que podemos fazer por eles? O que então podemos dar a eles? O que desejamos para eles? A antiga oração da Igreja Católica nos mostra isso de forma mais bela e eficaz. A antífona para os mortos diz: "Descanso eterno dai-lhes, Senhor, e que a luz perpétua brilhe sobre eles." Isso não deve ser entendido que a vida no mundo astral é necessariamente indolente, muito pelo contrário; mas significa que desejamos para eles o perfeito descanso das preocupações e problemas deste mundo físico, para que possam se abrir mais plena e completamente à influência daquela gloriosa luz divina que está sempre brilhando sobre todas as Suas criaturas. Pois seu amor se verte como a luz do sol; cabe a nós e a eles perceber que abrimos nossos corações à sua influência benéfica.

O maior auxílio que podemos dar aos nossos mortos é lembrá-los diante do altar de Deus, enviar seus nomes para serem colocados diante Dele na celebração da Santa Eucaristia. Expliquei em A Ciência dos Sacramentos que a cada nome mencionado no altar o Anjo Diretor atribui uma porção definida da poderosa efusão de força divina que desce na Consagração. O que essa força fará pelo morto? Isso fica a critério do anjo mensageiro que o carrega. Ele sabe melhor do que nós o que se quer, mas sem dúvida será aplicado para acalmar, fortalecer, elevar o homem. Algumas pessoas mortas podem ainda estar em estado de inconsciência. Então, se essa inconsciência for de alguma forma prejudicial, se for melhor para o homem ser despertado, o Anjo usará esse poder para despertá-lo. Se o Anjo vê que o resto está lhe fazendo bem, a força se acumularia dentro de sua aura, para se verter sobre ele da forma que lhe parecer melhor, tão logo ele se levante dessa condição de inconsciência e desperte em sua nova vida.

Qualquer que seja a condição do morto, a força que enviarmos chegará até ele e será usada para o seu bem. Ninguém precisa duvidar disso, pois vimos milhares de casos e sabemos do que estamos falando. Qualquer um pode estudar o assunto e verificar nossa declaração. Nossos mortos muitas vezes estão muito perto de nós, mas o véu entre nós é mais sutil em uma ocasião como o Dia de Finados, pois o próprio fato de tantas pessoas estarem simultaneamente pensando na mesma linha abre canais mais amplamente, e chama a atenção de um grande número de mortos que, de outra forma, estariam cuidando de suas próprias atividades.

Habitamos Nele, como uma família
Uma Igreja, acima e abaixo,

Embora agora dividido pela corrente,
A estreita corrente, da morte.

Somos todos irmãos, todos podemos auxiliar uns aos outros; podemos ajudá-los, como eles podem nos ajudar, por pensamentos bondosos e memória amorosa. Não negligenciemos, pois, a oportunidade especial que nos foi dada pela Igreja no Dia de Finados, é para estreitar os laços entre o visível e o invisível.

PARTE 2
ALGUNS DIAS DE INTENÇÃO ESPECIAL

CAPÍTULO XIX

A FÉ DE NOSSOS PAIS

A Igreja Católica Liberal não pede profissão de fé de seus membros. Nós, que somos seu clero, nos consideramos mordomos dos Mistérios de Cristo, distribuidores de Seus dons ao Seu povo; e consideramos nosso dever administrá-los a todos os que os desejam com reverência, sem exigir alguma forma particular de crença como qualificação. Achamos sobre o que um homem acredita é assunto dele, não nosso. Quando solicitamos um tônico a um médico, ele não pergunta a que partido político ou denominação religiosa pertencemos; vamos até ele com um objetivo definido, e ele imediatamente coloca seu conhecimento e habilidade especiais à nossa disposição. Cristo ordenou certos sacramentos como auxílio aos Seus seguidores que sentem que precisam de auxílio para trilhar o caminho ascendente; nós, que assumimos o trabalho de bispos e sacerdotes, somos simplesmente Seus esmolers, parte de Seu mecanismo de distribuição.

Mas o fato de que não desejamos interferir na fé de ninguém de forma alguma implica que não tenhamos nossa própria crença. Deixamos os homens absolutamente livres para colocar qualquer interpretação que escolham em credos, rituais ou escrituras, porque pensamos que cada homem deve usar sua própria inteligência para decidir sobre tais assuntos; mas estamos perfeitamente dispostos a dizer às nossas congregações que interpretação nós mesmos aceitamos, e compartilhamos com as informações que possuímos. Não nos preocupamos em discutir ou provar, porque as discussões sobre assuntos religiosos são muitas vezes inúteis e pouco edificantes, e tendem a degenerar em uma mera disputa amarga; mas estamos prontos para expor nossos pontos de vista a qualquer um que deseje conhecê-los.

Não estamos nos esquivando de nenhuma das questões envolvidas, nem nos refugiamos em vagas generalidades; temos uma fé clara e coerente, que acreditamos estar em consonância com a razão e o bom senso, e representar o ensinamento original do Cristo. Nós a consideramos a verdadeira fé de nossos pais que foram capazes de compreender a magnífica simplicidade desse ensinamento; e achamos que seria bom que os cristãos voltassem a isso, em vez de sobrepor a ela todos os tipos de desnecessárias complicações e laboriosamente inventadas sem base de fato. Esta fé não é obrigatória nem para os sacerdotes nem para os fiéis da Igreja Católica Liberal; é nisso que eu mantenho individualmente, e creio ser compartilhado em grande parte pelos meus colegas.

Qual é então esta grande verdade que devo apresentar a vocês? É por um lado tão vasta, tão ilimitada, que o mais sábio dos filósofos pode passar sua vida estudando, e por outro, tão simples que uma criança pode entendê-la.

Seu primeiro princípio é que existe um Deus e que Ele é bom. Deus é Luz, e Nele não há treva nenhuma. Ele é Amor, Sabedoria, Força, Beleza e Justiça. Ele é o mais alto que podemos conceber, e infinitamente mais do que isso. Essa

é a raiz e o fundamento de nosso sistema, e aquele que deseja compreendê-lo nunca deve esquecer isso por um momento, ou permitir que sua fé nele seja abalada.

Em segundo lugar, o próprio homem é divino em essência, uma centelha do próprio Fogo de Deus. Portanto, ele é imortal, e seu eventual retorno à Divindade de onde ele veio é em todos os casos uma certeza absoluta, não importa quão longe do caminho ascendente da evolução ele possa ter percorrido. Este caminho de evolução é longo, e o que comumente chamamos de vida de um ser humano é na realidade apenas um dia em sua verdadeira existência como Alma. Seu gradual crescimento ocorre sob uma lei de justiça absoluta talvez melhor expressa como uma lei imutável de causa e efeito; de modo que nada pode acontecer a qualquer ser humano a menos que ele mereça, e tudo o que acontece a um homem (seja tristeza ou alegria) é, por um lado, o resultado direto de sua própria ação no passado e, por outro, uma oportunidade por meio da qual ele pode deliberadamente moldar seu futuro.

Não existe inferno; não há a ira de Deus para temê-la; tudo isso é um pesadelo tolo e blasfemo, gerado pela imaginação doentia de fanáticos ignorantes e cruéis. Portanto, a salvação no sentido comum da palavra é desnecessário, pois não há nada para o homem ser salvo, exceto seu próprio erro e sua própria ignorância. Não há morte; há uma vida infinita e contínuo progresso para todos, e aqueles a quem chamamos de justos e ímpios são almas em diferentes estágios na escada da vida. Selvagens e pessoas egoístas são apenas almas jovens e crianças malcriadas que, sob a disciplina da vida, aprenderão melhor à medida que envelhecem. O aprender e crescer melhor é o objetivo de todo o esquema, e o tempo ocupado neste crescimento pode ser prolongado ou encurtado de acordo com a diligência com que nos dedicamos a aprender as lições necessárias e desenvolver as qualidades requeridas.

A meta proposta diante de nós é elevada: Sede perfeitos, como vosso Pai é perfeito nos céus. Estamos ainda a uma distância incalculável desse objetivo; mas nossos pés estão definitivamente colocados no caminho que leva a Ele, e vemos pessoas acima e abaixo de nós a cada passo nesse caminho, de modo que nosso caminho futuro está visível diante de nós, por mais que demoremos para percorrê-lo. Aqueles que estão acima de nós, aqueles grandes Santos e Mestres da Sabedoria, que nos parecem deuses no esplendor de seu conhecimento, poder e amor, todos nos dizem que, não muito tempo atrás, eles estavam onde estamos agora, e que, se perseverarmos como eles perseveraram, no devido tempo brilharemos como eles.

Cristo é nosso Salvador, não no sentido de que Sua morte física nos livrasse de um inferno inexistente, mas que o ensinamento que Ele nos deixou ilumina nossas trevas e nos salva do erro. Ele é nosso Mentor, guiando-nos corretamente; nosso Líder e Exemplo, em quem devemos modelar nossas vidas. Devemos pensar Nele, não como uma lembrança de dois mil anos atrás, mas como um poderoso Rei vivo que está muito perto de cada um de nós, inundando Sua Igreja com vida e força através dos canais que Ele forneceu. Seus

sacramentos são os meios de auxílio que Ele providenciou para nós; mas nunca devemos esquecer que Ele tem outras ovelhas, que não são deste aprisco, e que Ele lamentou há muito tempo em outro Manifestação: "Por qualquer caminho que um homem se aproxima de Mim, por esse caminho eu o encontro; homens que vêm de todos os lados são meus."

Às vezes as pessoas nos dizem: "Isso que você diz é belo; mas como você sabe disso?" Nossa fé se baseia no bom senso, na observação e na razão. É a verdade que está por trás de todas as religiões, a verdade que o grande Instrutor do Mundo, o Cristo, sempre ensinou quando desceu para auxiliar o mundo. É a única teoria que explica racionalmente os fatos observados da vida, que resolve os muitos problemas de nossa existência e nos permite responder às várias questões com as quais todo homem pensante se vê confrontado mais cedo ou mais tarde. Aqueles que subiram mais alto do que nós na vasta escada da evolução, os grandes Santos e Sábios de quem falei afirmam sua verdade e nos oferecem instrução sobre ela; mas mesmo em seu testemunho não o aceitamos cegamente. O esquema é um todo coerente e, embora partes dele pertençam a mundos superiores muito além do alcance atual de qualquer um de nós, outras partes estão bem internamente através de nossos poderes de observação.

O homem possui um corpo espiritual assim como um corpo físico, como nos disse São Paulo; e é bem possível para ele cultivar os poderes desse corpo espiritual e, assim, estender enormemente o campo de sua observação. Alguns de nós que fizeram isso dedicaram muitos anos de suas vidas a esse desenvolvimento e tal estudo; e em cada ponto, à medida que desenvolveram novas faculdades dentro de si mesmos, encontraram uma confirmação cada vez mais forte do glorioso ensinamento que lhes foi dado. Assim, eles têm boas razões para aceitar o esquema como um todo, pois a parte inferior que podem ver implica e requer aquela parte superior que ainda está além deles. A experiência deles não é prova para você, embora suas declarações sejam evidências que você seria tolo em ignorar; mas está sempre aberto a você fazer como eles fizeram, e tentar desenvolver suas próprias faculdades espirituais, para que você possa conhecer a verdade por si mesmo em primeira mão. Enquanto isso, você será sábio em examinar essa fé e verificar se ela é recomendada a você pelo menos como uma hipótese mais provável já apresentada.

Pode-se perguntar ainda como podemos reconciliar nossa fé com os antigos credos e escrituras. Acreditamos que oferecemos a única explicação inteligível do Credo, tomando-o, como fazemos, como uma declaração simbólica da existência e obra das Três Pessoas da Santíssima Trindade. Este é um assunto vasto demais para ser tratado neste capítulo, mas livros foram escritos sobre ele, aos quais aqueles que desejam mais informações podem ser encaminhados.[43]

[43] Veja O Credo da Cristandade, do Dr. A. Kingsford; Cristianismo Esotérico, de Annie Besant; O Credo Cristão, de C. W, Leadbeater.

Nas escrituras também encontramos muitas passagens das quais podemos sugerir uma interpretação muito mais bela e racional do que a normalmente adotada; mas admito prontamente que, de minha parte, estou inteiramente em desacordo com a atitude do cristão comum em relação à Bíblia. Ele a descreve como a Palavra de Deus, porque lhe foi dito que é assim, mas ele é incapaz de produzir a menor evidência para uma afirmação tão surpreendente; ele baseia suas crenças religiosas em certos textos que ele seleciona, ignorando completamente outras passagens que ensinam uma doutrina totalmente oposta. Muitos cristãos são tão curiosamente constituídos mentalmente que não podem ouvir a verdade sobre este assunto sem ficarem furiosos; mas nós da Igreja Católica Liberal não devemos ter medo de enfrentar os fatos.

O Antigo Testamento é claramente uma escritura judaica, e não cristã, e a divindade tribal da qual nos fala não tem afinidade com o Pai Amoroso como pregado por Cristo. Está provado de forma conclusiva que a maioria de seus livros não foi realmente escrita pelos autores a quem são atribuídos; e, de fato, o mesmo pode ser dito da maioria dos livros do Novo Testamento também. Ninguém que tenha estudado profundamente esses livros pode manter com sucesso sua historicidade; e aqueles que entendem a mitologia comparada verão prontamente que temos nos quatro evangelhos, não a história de uma vida, mas uma alegoria, um Mistério-Drama de um tipo não incomum na antiguidade. Quando isso é entendido, todos os incidentes entram em ordem, e muito do que antes era incrível ou inexplicável é visto como perfeitamente natural. Se essas coisas são assim (e não há dúvida sobre isso), por que deveríamos ter medo de reconhecê-las?

Está aberto a qualquer um de nossos membros se apegar à interpretação física, se preferir, pois pouco importa o que acreditamos, mas muito o que fazemos. Mas acho que para a maioria de nós o significado mais elevado e espiritual será atraente, pois ao tomá-lo encontraremos a gloriosa antiga Fé de nossos Pais acolhendo e explicando os mais recentes desenvolvimentos científicos, apresentando-nos uma interpretação coerente, racional e mais bela do esquema de progresso sem fim. “Quando uma vez o vemos e o agarramos o máximo que podemos em nosso estágio, que entusiasmo ele desperta, que devoção e amor ele desperta! Que possamos cantar: "Fé de nossos Pais, Santa Fé! Seremos fiéis a ti até a morte." Sim, e além da morte para a vida novamente, e através de muitas vidas e mortes; pois nossa fé é a fé em um Deus de Amor, e aonde quer que Sua Vontade nos envie, nunca poderá estar fora dos limites deste poderoso Amor que preenche a eternidade.

CAPÍTULO XX

NOSSA ATITUDE PARA COM A VIDA

Sou enfaticamente da opinião que uma atitude correta em relação à vida é muito mais importante do que qualquer tonalidade particular de crença religiosa; no entanto, é verdade que sem alguma crença razoável essa atitude não pode ser alcançada. Uma atitude correta é, na verdade, a primeira coisa que o estudante precisa, mas geralmente é a última que ele ganha; pois não se adquire lendo a respeito, não se aprende como uma lição; é algo em que um homem cresce lentamente como resultado de seu estudo e, mais ainda, de seus esforços para colocar esse estudo em prática.

O que ele precisa colocar diante de si não é tanto uma forma de religião, mas sim a filosofia que subjaz a todas as religiões, a real verdade fundamental sobre Deus e o homem e a relação entre eles. Esta verdade é na realidade uma filosofia, uma religião e uma ciência; uma filosofia, porque nos dá uma teoria inteligível e satisfatória da constituição e razão do universo; uma religião, porque nos fala de Deus, de Sua relação com o homem e de Sua vontade em relação ao nosso progresso; uma ciência, porque propõe seus ensinamentos não como meras teorias abstratas, mas como deduções extraídas de fatos que foram repetidamente observados.

Nós da Igreja Católica Liberal olhamos através das palavras exotéricas de nosso Credo para seu significado esotérico, e descobrimos que esse significado interno é idêntico à verdade básica sobre a qual escrevi. Portanto, se realmente entendemos e apreciamos nossa religião, acho que ela deve afetar seus devotos de maneira muito diferente de outras religiões. A maioria dos ocidentais está acostumada a uma religião absolutamente divorciada da prática que não tem relação com a vida cotidiana; pois com exceção, talvez, de um pequeno número de pessoas pertencentes a ordens monásticas, ninguém faz qualquer tentativa de realmente levar a cabo os ensinamentos do Cristo. Costuma-se considerar que aquele que vai regularmente à Igreja, que dá uma certa quantia em caridade, e vive em geral uma vida bondosa e prestativa, é movido por motivos religiosos e está fazendo tudo o que se pode esperar de um seguidor do Mestre da Palestina.

No entanto, se encararmos os fatos em vez de nos escondermos atrás de convenções, descobriremos que as pessoas que fazem essas coisas as fazem principalmente por causa de sua própria disposição para expressar a bondade, e não com especial atenção a referência a quaisquer comandos religiosos; e, além disso, não estão de modo algum preparados para seguir as verdadeiras instruções atribuídas ao Cristo. Ele deve ter dito:

Portanto, vos afirmo: não andeis preocupados com a vossa própria vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal. Não julgueis, para que não sejais julgados. Se alguém te ferir na face direita, oferece-

lhe também a outra; vende tudo o que tens e dá aos pobres; e venha me seguir. Se alguém vier a mim, e não aborrecer a pai e mãe, a mulher e filhos, a irmãos e irmãs, e ainda também à própria vida, não pode ser meu discípulo.[44]

Os cristãos lhe dirão que tais mandamentos são inadequados ao espírito dos dias atuais e não devem ser seguidos literalmente; já foi dito que, se fossem seguidos literalmente, seriam mais prejudiciais do que benéficos. Talvez em nossa atual condição altamente artificial da sociedade isso possa ser verdade; mas isso não altera o fato de que é inútil para os homens fingir ser seguidores de Cristo, se eles não estão preparados para colocar em prática as instruções que Ele disse ter dado. Nem mesmo aqueles que professam segui-Lo mais de perto fazem qualquer tipo de tentativa para trazer essas instruções para a vida diária; obviamente seria extremamente inconveniente para eles fazê-lo.

Não garanto que essas instruções foram realmente dadas pelo Cristo. Se fossem, nosso senso comum nos mostra que não se dirigiam ao mundo em geral, mas apenas àqueles imediatos discípulos que desejavam abandonar o mundo e dedicar toda a sua vida à propagação dos ensinamentos de Cristo exatamente da maneira como era então (e é agora) o costume de que a religião fosse pregada nas terras orientais por homens comprometidos com uma vida de pobreza e castidade. Há sempre uma grande diferença entre as orientações dadas a esses instrutores peripatéticos (que se distinguiam como "os discípulos" ou "os doze") e o ensino destinado ao público em geral. Um mundo em que todos vivem como mendicantes, frades, é obviamente impraticável, e não estou sugerindo isso nem por um momento. Meu argumento é apenas que se os ortodoxos professam aceitar essas palavras como divinamente inspiradas, se eles realmente as consideram uma ordem de seu Líder para si mesmos, um certo senso de irrealidade é produzida pelo fato de não fazerem o menor esforço para colocá-las em prática.

A mesma coisa é verdade, embora em muito menor grau, das outras religiões. Todas as grandes religiões do mundo dão o mesmo ensinamento ético a seus devotos; e se cada homem realmente seguisse o ensino de sua religião, não importa qual seja essa religião, teríamos algo como um milênio de uma só vez e sem maiores problemas. Felizmente, há muitas pessoas boas no mundo, muitas pessoas de bondade mediana, isto é, apenas muito poucas que realmente obedecem plenamente aos seus próprios ensinamentos religiosos. Pode-se perguntar por que isso acontece. A razão parece ser que nenhuma dessas pessoas realmente acredita no que eles professam acreditar. Eles pensam nessas declarações religiosas como algo que se espera que deem um consentimento formal aos Domingos, mas não como regras reais de vida a serem postas em prática todos os dias e durante todo o dia.

Nisto se perceberá que a crença religiosa está em uma categoria absolutamente diferente do que pode ser chamado de crença científica, ou crença que é baseada no conhecimento real. Um homem que tem um fato científico diante de si sabe que pode depender desse fato e, portanto, age de

[44] Mateus 6:25; 6:34; 7:1; 5:39; 19:21; Lucas 14:26

acordo; se ele lidou com uma coisa experimentalmente, ele sabe exatamente o que fazer com ela, e ninguém pode persuadi-lo a agir contra a experiência que assim adquiriu. Um homem sabe que o fogo o queimará; ele sempre tem o cuidado de lembrar desse fato. Ele sabe que a água sempre correrá ladeira abaixo; portanto, ele nunca age como se esperasse que isso acontecesse. No entanto, um homem pode ter os mais exaltados sentimentos religiosos e ainda agir na vida diária em contradição direta com eles. Obviamente, isso só pode ser porque os sentimentos são meramente superficiais, e ele realmente não acredita em tudo.

Deveria haver essa grande diferença entre a maneira pela qual um estudante católico liberal sério toma seu sistema de filosofia e a maneira pela qual o religioso comum toma sua religião onde o aluno aceita os ensinamentos dados a ele apenas na medida em que realmente acredita neles e, portanto, obviamente age de acordo. Se for descoberto que ele não age de acordo, então a mesma lógica implacável se aplica, ele realmente não acredita neles. Este é então o segredo de nossa atitude em relação à vida; é (ou deveria ser) a atitude de quem realmente acredita no que muitos outros só professam acreditar de quem acredita tão profundamente que na vida cotidiana agem como se fosse verdade.

Pode-se adotar uma série de regras, viver de acordo com elas por um tempo e depois se cansar delas e decidir abandoná-las; mas isso só é possível quando não são leis da natureza, mas apenas regras arbitrárias aceitas voluntariamente. Assim, um homem pode aceitar uma religião e logo abandoná-la novamente; mas aceitar a real e plenamente Sabedoria Divina é abrir os olhos para um conjunto de novas verdades, adquirir uma quantidade de informações adicionais que é impossível ignorar depois. Um homem que conheceu e compreendeu essas verdades nunca pode desaprendê-las, nunca pode voltar à posição de quem não as conhece; é tão impossível quanto seria para o homem voltar a ser criança. Portanto, quem uma vez alcançou a alegre atitude não pode perdê-la novamente; ele pode frequentemente falhar em viver de acordo com seus padrões, mas ele sempre saberá que falhou e lutará perpetuamente por um sucesso mais perfeito. Uma vez que tenhamos visto o sol, nunca mais poderemos negar que ele existe, mesmo que por enquanto possa estar velado de nós; e da mesma forma um homem que uma vez percebeu a verdade de Deus, e teve toda a sua vida expandida e colorida por ela, nunca pode cair na ortodoxia ou no materialismo.

Como obter essa atitude? Não há como tornar nossa filosofia real em nossas vidas, ser permeada pelo sentimento filosófico e pela maneira de ver tudo. Tome as ideias expressas em nossa Liturgia na p. 292, no Ato de Fé, que recitamos no ofício de Primas:

Cremos que Deus é Amor, Poder, Verdade e Luz; que uma justiça perfeita regula o mundo; que todos os Seus filhos um dia chegarão a Seus pés, por muito que se tenham transviado. Sustentamos a Paternidade de Deus, e a Fraternidade humana, sabemos que tanto melhor serviremos a Deus quanto

melhor servirmos ao homem nosso irmão. Assim, a sua bênção repousa sobre nós, + bem como a sua paz, por todo sempre. Amém.

Apenas considerá-los como uma crença piedosa significaria pouco; mas o homem que tem certeza sobre elas, que sente no fundo de si que são verdadeiras, sabe que por meio delas ele tem uma base absolutamente segura, que por meio delas pode obter todas as coisas boas, se apenas trabalhar firmemente para obtê-las.

Veja quantos outros fatos decorrem imediatamente dessa certeza. Se Deus é bom, então todas as coisas tendem a um fim que é bom para todos; portanto, qualquer pessoa que se deixe tornar miserável por quaisquer eventos que aconteçam ainda não compreende a realidade desta verdade. Um homem que se permite ficar angustiado ou deprimido não acredita realmente que Deus seja bom; a evanescente tristeza ou sofrimento é mais real para ele do que a grande verdade que está por trás. Eu sei muito bem que nem sempre é fácil ver que todas as coisas estão trabalhando juntas para o bem, mas isso é porque as vemos apenas parcialmente, e não entendemos como elas se encaixam no grande Plano. "Não negamos a existência do mal, mas afirmamos que tudo o que é realmente mau é feito pelo homem e surge diretamente como resultado da violação da lei divina. Portanto, a atitude católica liberal inclui perfeita calma; pois um homem quem sabe que tudo deve estar bem não pode se preocupar.

Embora tudo esteja tendendo a um fim glorioso, ainda não foi alcançado; e, portanto, quando vemos muitos erros e sofrimentos ao nosso redor, devemos fazer todo o possível para corrigir as coisas e deixar que o direito subjacente se manifeste; mas se, apesar de todos os nossos esforços, as coisas não podem correr bem, pelo menos não é nossa culpa. Deus deixa uma certa quantidade de livre-arbítrio para o homem e, portanto, o homem pode abusar dele; e uma certa proporção de homens sempre o faz. Se as coisas não correrem tão bem quanto deveriam, com certeza haverá alguma boa razão para que no presente seja assim, pois sabemos com absoluta certeza que elas devem finalmente dar certo. Por que, portanto, devemos nos preocupar com isso? Aquele que se preocupa não é um verdadeiro filósofo, pois esse hábito emite más vibrações que causam muito dano aos outros, e nenhum estudante da Sabedoria prejudicará voluntariamente qualquer coisa viva. Também ele não pode deixar de sentir que o homem que se preocupa está desconfiando de Deus, mostrando falta de fé em Seu poder e em Seu amor. Sua atitude deve ser da mais absoluta confiança.

Novamente segue-se que se Deus é bom e o Pai amoroso da humanidade, os homens também devem ser irmãos. Mas se sustentamos esta verdade da fraternidade do homem é impossível continuarmos a agir egoisticamente, pois se um homem percebe que não é mais um ser separado, ele não pode mais ser egoísta. Alguns de nossos membros dizem a respeito desses assuntos:

“Intelectualmente, cremos que tudo isso seja assim, porque o ensinamento da Sabedoria Divina nos parece de longe a hipótese mais satisfatória para explicar tudo o que vemos no mundo; mas não temos a certeza

absoluta nessas questões que vêm apenas do conhecimento real; e assim, às vezes, nossos sentimentos nos dominam, e parecemos perder por um tempo as verdades fundamentais".

Eu simpatizo inteiramente com aqueles que têm esses sentimentos; Reconheçi que alguns de nós têm uma grande vantagem, aqueles que tiveram a experiência direta, que pelo uso de faculdades superiores viram provas esmagadoras da veracidade dessas grandes declarações. Eu sei muito bem quão grande é a diferença entre nossa certeza absoluta e até mesmo a mais forte convicção alcançada pela mera razão. Mas se um homem começar com essa teoria como uma hipótese, ele descobrirá que tudo o que acontece se encaixa nela e é explicado por ela, e ele encontrará uma série de circunstâncias corroborativas, cada uma talvez pequena em si mesma, mas, cumulativamente, eles têm uma força muito grande até que sua convicção gradualmente se expanda e se aprofunde em certeza.

Um homem que se recusa a aceitar uma teoria como essa encontrará constantemente fatos que para ele são fatos inexplicáveis que não se encaixam em seu esquema.

Se, por exemplo, um homem nega a existência do mundo astral e da vida após a morte, encontra-se sem qualquer explicação racional de um grande número de fenômenos bem autenticados e de todo tipo de pequenos acontecimentos da vida cotidiana. Ele tem que ignorar essas coisas ou atribuí-las (contra toda razão e bom senso) à alucinação; enquanto um homem que entende os fatos do caso pode encaixá-los com bastante facilidade no esboço que já está em sua mente. Ele pode não entender em todos os detalhes como os resultados são produzidos, mas ele vê imediatamente que eles estão de acordo com o que ele já sabe, e eles não são de forma alguma antinatural para ele.

Assim, sem ser ele próprio clarividente, ele pode acumular uma grande quantidade de evidências da existência de planos superiores. De fato, sua posição em comparação com a do cético é como a dos primeiros crentes na teoria heliocêntrica em oposição aos que acreditavam na terra plana e estacionária. Aqueles que se apegaram a esta última ideia ficaram cada vez mais confusos à medida que obtiveram informações adicionais; quanto mais eles aprendiam sobre os movimentos dos diferentes planetas e estrelas, mais desesperadora se tornava a confusão; ao passo que, uma vez que o fato fundamental dos movimentos da Terra foi percebido, tudo imediatamente caiu em seu lugar e foi visto como parte de um todo coerente e compreensível. Cada fragmento adicional de evidência não é meramente uma adição à força da prova como um todo, mas na verdade uma multiplicação dela.

Todas as teorias do homem sobre a Divindade podem ser classificadas em três categorias: ou Ele nos é indiferente; ou Ele é ativamente hostil a nós e precisa ser propiciado; ou Ele está cheio de amor e boa vontade para conosco. Se Deus nos é indiferente, se nos trouxe à existência por mero capricho, ou se crescemos fortuitamente como resultado da operação cega das leis naturais, é

para nós, para todos os efeitos e propósitos, como se não houvesse Deus em tudo.

Essa crença obviamente não tem uma teoria coerente do universo para nos oferecer nenhum plano e, consequentemente, nenhuma esperança de qualquer fim que justifique ou explique nossa existência. Houve muitos no passado que sustentaram essa crença isenta de conforto, e até possível que haja alguns que a sustentam agora. Parece inconcebível que alguém deseje mantê-lo, mas alguns podem se imaginar forçados a fazê-lo pelo que consideram falta de evidência suficiente em contrário. O estudante de filosofia sabe que tal evidência em contrário existe, e existe em quantidade esmagadora; mas como muito depende da investigação clarividente, o homem que deseja examiná-lo deve se certificar da possibilidade de clarividência.

A segunda teoria de que Deus é caprichoso ou hostil ao homem tem sido amplamente aceita. O homem imagina Deus como o mais alto que pode conceber; mas o mais alto que ele pode conceber muitas vezes é apenas uma edição glorificada e intensificada de si mesmo. Consequentemente, quando as nações estão no estágio áspero, turbulento e combativo que acompanha os primeiros passos de seu desenvolvimento, geralmente se provêm de um deus que é um homem de guerra e lutará por elas contra seus inimigos. Tal deus é comumente considerado capaz de raiva e de grande crueldade e, portanto, ele precisa de propiciação para impedi-lo de deixar suas paixões iradas soltas sobre seus devotos infelizes.

Todas as religiões que oferecem qualquer tipo de sacrifício a Deus pertencem a esta categoria, porque em todos os casos a ideia subjacente ao sacrifício é que por esta oferta a divindade pode ser satisfeita e induzida a fazer em troca alguma bondade que ele não faria de outra forma fez, ou então que por esta oferta ele tomou ao fazer algum mal que de outra forma faria. O Yahweh judeu era obviamente uma divindade desse tipo, e a influência perniciosa dessa ideia de propiciação foi permitida se estender ao Cristianismo, e é responsável pela distorção surpreendente e de fato blasfema, da bela e inspiradora história da descida do Segunda Pessoa da Santíssima Trindade na matéria.

Assim, aqueles que não entendem o real significado de seu Credo são levados à posição insustentável de que Deus em uma forma se sacrifica para propiciar Deus em outra forma, a fim de impedi-lo de perpetração de crueldades atrozes sobre Suas criaturas; e mesmo esse tremendo e incrível sacrifício é apresentado como tão longe de ser eficaz que apenas uma fração inapreciável da humanidade é afinal resgatada por ele. A absoluta impossibilidade de uma teoria tão monstruosa escapa à atenção daqueles que pensam que acreditam nela; mas isso é apenas porque eles nunca se aventuraram realmente a enfrentá-lo, mas aceitam sua afirmação como parte de um sistema teológico que supostamente está absolutamente fora da região da razão comum e do senso comum. Essa segunda forma de crença geralmente envolve uma teoria do universo como existindo para um determinado fim, mas construído de uma maneira tão defeituosa que falha quase inteiramente em sua intenção original e

assegura a felicidade duradoura de apenas uma pequena proporção de seus habitantes e mesmo isso na notável suposição de que eles são de alguma forma capazes de esquecer o destino terrível que atinge a grande massa da humanidade.

A terceira teoria de que Deus é amor e que todo o Seu poderoso universo está se movendo firmemente para um fim designado de unidade consciente com Ele é a única que pode ser aceita pelo estudante de filosofia. O amor sem limites da Divindade é o próprio fundamento da crença Católica Liberal. Nenhum sacrifício, nenhuma oferta, nenhuma oração pode ser necessária ao Deus que é o Pai amoroso de todo o Seu povo, e já está fazendo por eles muito mais do que eles poderiam pedir, muito mais do que eles podem conceber. Tudo o que podemos oferecer a Ele em troca é nosso amor e nosso serviço; e nosso amor é a própria manifestação de Deus dentro de nós, de modo que a única ação de nossa parte que pode ser considerada agradável a Ele é aquela que permite cada vez mais que o Deus que habita em nós se manifeste através de nós. Esta me parece a maior de todas as verdades, a verdade da qual tudo o mais depende.

Quando um homem está completamente impregnado da absoluta certeza do amor eterno e da justiça absoluta, a partir disso, como fato básico, ele encontrará todos os outros fatos da natureza gradualmente se ajustando e tomando seu devido lugar. Problemas de algum tipo chegam a todo homem; e por causa disso, o homem às vezes é tentado a acreditar que nem tudo pode estar bem, que deve haver uma falha em algum lugar e de alguma forma no funcionamento do esquema divino. Tal erro é natural; mas é um erro, no entanto, o homem que o comete está na posição do chefe Africano que se recusou a acreditar que a água pudesse se tornar sólida, porque nunca tinha visto um exemplo desse fenômeno.

Para o estudante mediano essa certeza vem apenas como resultado da convicção intelectual de que deve ser para que a evidência em seu favor seja mais forte do que aquela que é oferecida contra ele. O clarividente tem a enorme vantagem de ser capaz de ver em planos superiores evidências muito mais definidas da tendência das grandes forças que estão atuando através e ao redor da humanidade. Vendo apenas a vida física, o homem obtém uma visão distorcida e, se for hipocondríaco por natureza, pode dar um jeito de adotar e manter uma visão pessimista da vida; mas aquele que pode ver além do plano físico é assim habilitado a estimar as coisas mais de perto em seu valor real, colocá-las em perspectiva e ver suas proporções relativas. Assim, na força desse conhecimento superior, ele pode dizer com certeza que sabe que as grandes forças que nos cercam estão finalmente tendendo para o bem. Muito do que é temporariamente mau surge, e deve necessariamente surgir, da concessão de uma pequena quantidade de livre-arbítrio ao homem. Mas todo mal é apenas parcial e temporário, e seus efeitos são todos arrastados na poderosa corrente da evolução, assim como os pequenos turbilhões e redemoinhos na superfície de uma torrente ruidosa são, no entanto, arrastados em seu curso em direção ao mar.

Quando um homem está completamente convencido de que esta é a lei universal, ele é capaz de estimar pelo seu verdadeiro valor as pequenas divergências aparentes com que se depara na vida cotidiana. Seus próprios problemas e dificuldades são grandes para ele por causa de sua proximidade, mas seu conhecimento da Sabedoria Divina permite que ele se eleve acima deles e olhe para eles de um ponto de vista mais alto, para que ele possa ver sua verdadeira proporção. Ele de forma alguma deixa de simpatizar com um indivíduo que está sofrendo temporariamente; no entanto, ele não pode ser dominado pela tristeza, porque ele vê além do sofrimento o seu resultado, além da tristeza, o objetivo da alegria eterna. Todos os problemas são para ele necessariamente evanescentes, como os desconfortos de uma viagem. Eles são, sem dúvida, reais e irritantes enquanto duram, mas o homem os enfrenta justamente porque deseja chegar ao fim da jornada. Para o verdadeiro filósofo, portanto, a depressão é uma impossibilidade; ele a considera não apenas uma fraqueza, mas um crime, porque (como dissemos antes) ele sabe que ela infecta os que o cercam e os impede de progredir no caminho ascendente.

Ele sabe que é inútil e tolo reclamar do que acontece com ele, por mais desagradável que seja. Isso não poderia acontecer com ele a menos que ele merecesse e, consequentemente, ele considera isso como o pagamento de uma dívida que deve ser eliminada antes que mais progressos possam ser feitos. Ele não reclama das deficiências e fraquezas que encontra em si mesmo, porque sabe que foi ele e nenhum outro que se fez o que é, e que é ele e nenhum outro que pode mudar a si mesmo para o que ele seria. Ele acredita que tem toda a eternidade à sua frente para vencer suas dificuldades e, portanto, sabe com absoluta certeza que essas dificuldades serão superadas, por mais insuperáveis que possam parecer do seu ponto de vista atual.

Ele sabe que qualquer mal que tenha feito no passado deve, afinal, ter sido finito em sua extensão e, consequentemente, seus resultados também devem ser finitos; ao passo que ele mesmo é uma força viva de infinitas possibilidades, capaz de extrair sem restrições da Divindade da qual é uma expressão. Sua atitude é, então, de perfeita confiança e filosofia perfeita, e o objetivo de sua vida é tornar-se, em toda a extensão de sua capacidade, um cooperador do próprio Deus. Ao desempenhar esse papel, ele não pode deixar de ser um homem feliz, porque se sente um com a Divindade, que é a felicidade. Se ele puder compreender que toda a natureza é a vestimenta de Deus, ele será capaz de ver nela Sua beleza e glória ocultas.

Tudo isso pode ser dele, mas apenas com a condição de que ele realmente viva seu credo, que ele o permeie e o inspire. Foi-nos dito nas antigas escrituras que aquele que deseja trilhar o Caminho deve tornar-se ele próprio aquele Caminho, o que significa que a Senda deve se tornar tão absolutamente natural para ele sem a busca de outro. Um homem pode estar intelectualmente convencido da veracidade de nosso ensinamento, embora saiba que, de muitas maneiras, fica aquém de sua plena realização; mas o homem que é capaz de vivê-la obtém muito mais do que a convicção intelectual; por sua própria experiência cresce dentro dele uma certeza viva e um conhecimento de sua

verdade que nunca pode ser abalada. Os que fazem a vontade do Pai que está nos céus, pela doutrina conhecerão se é verdadeira; somente vivendo a vida do filho de Deus é que a verdadeira Sabedoria de Deus é alcançada, e somente através dessa Sabedoria podemos alcançar e manter a atitude verdadeiramente divina de amor ilimitado a todos os seres.

CAPÍTULO XXI

O MAIOR DELES

Cristo é o Senhor do Amor, e se formos sinceros em nosso desejo de segui-Lo, devemos distinguir-nos dos homens do mundo exterior por esta característica acima de todas as outras. Foi dito dos primeiros membros da Igreja:

“Veja como esses cristãos se amam"; isso pode realmente ser dito de nós hoje? Acho que devemos tentar entender o que realmente é o amor; todos falamos sobre isso com bastante liberdade, mas há poucos fora do círculo interno daqueles que estão perto de nossos Mestres, que podem realmente saber o que é. O que se passa no mundo exterior por esse nome geralmente é apenas um tênue reflexo e manchado de amor. Muitas vezes é ganancioso e egoísta; está misturado com todos os tipos de desejos e outras emoções, como ciúme e orgulho; não é o sentimento genuíno; nós, que sabemos que Deus é Amor, devemos ser capazes de algo maior que isso.

Não devemos cometer o erro, como muitas vezes fazem os principiantes, de pensar que aqueles que tentam seguir o Caminho da Santidade não devem ter emoções; certamente devemos ter emoções, mas devemos ter cuidado para que sejam apenas aquelas que definitivamente escolhemos ter. Não devemos deixar que nossos corpos astrais formulem emoções para si mesmos e depois fujam conosco e nos arrebatam com eles; isso está tudo errado. Mas dizer que não devemos ter emoções seria fazer de nós monstros em vez de homens: fazer, talvez, gigantes intelectuais, mas seres totalmente incapazes de simpatia e, portanto, inúteis para o trabalho dos Mestres.

Se examinarmos as ilustrações de um livro que publiquei há muitos anos, Homem Visível e Invisível, veremos que o corpo astral do selvagem, e mesmo do homem comum, são exemplos de que o corpo astral não deveria ser; mostram-no formulando suas próprias emoções (algumas claramente ruins), varrendo o ego de seu caminho e agindo inteiramente sem seu controle. Se examinarmos o desenho do corpo astral do homem desenvolvido, veremos que é um espelho exato de seu corpo mental, o que significa que ele tem emoções, emoções profundas e belas, mas tem aquelas que se permite ter, e nenhum outro. O corpo astral tornou-se um reflexo do mental; é um servo em vez de um mestre; e o corpo astral, como o fogo e algumas outras coisas, é um servo muito bom, mas um mestre muito ruim.

No momento em que permitimos que ele assuma o controle, acaba estragando tudo; mas é um veículo absolutamente necessário para nosso trabalho e, quando sob perfeito controle, pode nos permitir alcançar muito que sem ele não poderíamos alcançar. O corpo astral corresponde como um espelho do veículo búdico; e como o veículo búdico ainda não está desenvolvido na maioria de nós, é somente através do corpo astral que podemos obter contato com o plano búdico e não através da mente. Através da mente podemos conhecer um pouco do ego, da alma; pela meditação, a mente inferior pode

entrar em contato com a mente superior; mas é somente através das emoções mais nobres que podemos tocar esse veículo ainda mais elevado. Portanto, precisamos sentir emoções, mas devemos restringir estritamente essas emoções; devemos ver que eles são do tipo certo, e que apenas aqueles que são úteis podem tocar através de nós.

Assim é com o amor, cuja nota-chave é, como Cristo absolutamente insistiu, que devemos esquecer de nós mesmos naquilo que amamos. Isso não deve ser difícil; mas aparentemente é. Há muitos que parecem incapazes de fazê-lo; e ainda, se o sentimento for forte o suficiente, o resultado deve seguir. Esta questão é uma daquelas com que cada um de nós se deparará no futuro. Quando o Senhor vier, Seu evangelho será um evangelho de amor. Ele próprio é conhecido como o Senhor do Amor, da Compaixão, da Bondade; que essa é uma das características que devem ser mais proeminentes em Seus ensinamentos, é declarado no maravilhoso livrinho do Sr. Jinarajadasa, 'O que Ensinaremos'; nós o encontramos ali bem claro; e devemos lembrar que o Sr. Jinarajadasa é um daqueles que está na linha especial do Instrutor do Mundo e, portanto, intimamente ligado a Ele. Ele diz:

Há um poder que traz força, e é o amor; em muitas formas cresce no coração dos homens, mas a cada aparição traz força para transmutar crueldade em sacrifício, luxúria em adoração, orgulho em devoção; esse amor traz. Esta é a primeira verdade que você e eu ensinaremos, em Seu nome.

Há um poder que torna todas as coisas novas, é a Beleza que é Alegria. Ame, e você verá o Belo; adorai, e sereis um com Ele; sirva, e você será o seu ungido para a salvação de seus semelhantes. Esta é a segunda verdade que você e eu vamos ensinar, em Seu nome.

Há um poder que unifica tudo, é o sacrifício. Através da ação que é sacrifício vem a vida ao amor que é força e a beleza que é alegria. Este é o 'caminho para todos trilharem, o caminho que o Único Amante fez para o Seu Amado'. Esta é a terceira verdade que você e eu ensinaremos, em Seu nome.

Ora, essas palavras não são apenas belas, mas profundamente verdadeiras; é precisamente isso que devemos fazer, se quisermos participar no futuro que se abre à nossa frente. Todos os modos de pensamento, todos os métodos e todas as ideias que nos vêm naturalmente são do passado; devemos aprender a viver no futuro e para o futuro; o futuro que o Senhor fará quando vier; e este Amor é a nota-chave desse futuro. Não é um ensinamento novo; Ele a deu quando esteve na Terra antes; Ele o deu como Shri Krishna; Ele o deu como o Cristo; e Seu discípulo São João, seguindo Seus passos, também pregou isso.

São Paulo deu o que talvez seja uma das melhores definições de Amor no décimo terceiro capítulo da Primeira Epístola aos Coríntios. Não podemos fazer nada melhor do que pegar esse capítulo e lê-lo, e ver até que ponto nossa concepção de Amor concorda com a daquele grande Apóstolo e Iniciado. "O amor", disse ele, "é sofredor, é benigno". Ou seja, tudo suporta por causa

daquele a quem ama; nunca pensa em nada que possa ser feito pelo ente querido como um problema, uma preocupação ou uma dificuldade. "sofre longamente." Ele diz em outro lugar: “Ele tudo suporta; tudo crê; tudo espera”. Assim, da pessoa amada, tudo suporta, aconteça o que acontecer. Dele acredita sempre o mais nobre e o melhor, e espera o mais grandioso e o mais magnífico. Assim, ele se dedica total e exclusivamente ao objeto de seu amor; ele nunca pensa em si mesmo. "O amor não busca a si próprio"; nem mesmo pede o que bem se poderia esperar; pois não pensa nada de si mesmo, mas apenas do amado.

Essa é uma bela concepção, todos devem ver isso; mas suponho que muitas pessoas no mundo exterior pensariam nisso como uma impossibilidade. Talvez seja um conselho de perfeição, é utópico; o mundo exterior diria que não há ninguém que se sinta assim. No entanto, espere, você que está se esforçando para o alto, espere até entrar no Arcano Interno, e você descobrirá que há aqueles que se sentem exatamente assim. O amor de nossos Mestres é um amor assim; e quando em um futuro distante formos capazes de ver a consciência do grande Senhor do Amor, descobriremos que Ele ama Seu mundo exatamente dessa maneira, não se importando com o que pensa Dele, pensando apenas no que pode ser feito por Ele. Isto é maravilhoso, é glorioso, mas é verdadeiro; esta atitude pode ser alcançada pelos homens, e foi alcançada pelos homens; portanto, podemos alcançá-lo, cada um de nós. Eu não digo que podemos fazer isso de uma vez, que podemos deixar de lado todos os nossos velhos hábitos em um momento; podemos rejeitá-los, mas eles voltarão de novo e de novo, porque estabelecemos uma espécie de impulso maligno; criamos sulcos nos quais nossos pensamentos se movem, e não é fácil retirá-lo deles em um momento. Não é fácil mudar a nós mesmos, porque nossos hábitos nessas questões não são apenas desta vida; eles existem há milhares de anos, e um hábito que estamos formando há vinte mil anos requer algumas mudanças; mas deve ser feito e, portanto, é melhor começarmos imediatamente; quanto antes começarmos, melhor.

Quando o Amor é forte o suficiente, podemos ver essa atitude mesmo agora. Todos nós já ouvimos falar das mais maravilhosas ações de abnegação realizadas por aqueles que realmente amam uma mãe por seu filho, um marido por uma esposa, ou uma esposa por um marido. Há exemplos maravilhosos de esplêndido heroísmo que parecem sobre-humanos; mas, afinal, aqueles que fazem essas coisas são homens como nós, e se eles podem fazê-los, certamente nós também podemos fazer. É apenas uma questão de se libertar dos velhos grilhões e tentar entender, e isso não é tão difícil, afinal. Tudo o que São Paulo diz belo como é, glorioso como é, vale a pena ler como é, cada palavra já está no coração de qualquer pessoa que realmente ama profundamente. Ele esquece, ele deve esquecer a si mesmo; ele só pode pensar no objeto de seu amor; e sendo assim todo o resto segue. Todas essas outras qualificações que São Paulo menciona vêm, se o amor for verdadeiro e puro. É inútil dizer que em nosso nível atual não podemos ter tal coisa; podemos e devemos.

De todas as qualificações para a Iniciação, esta é a maior, pois inclui todas as demais. São Paulo termina seu capítulo: "E agora permanece a Fé, a Esperança e o Amor, estes três; mas o maior deles é o Amor", e este é o novo evangelho. O antigo, quero dizer, do Instrutor do Mundo anterior era o evangelho da Sabedoria; se a ignorância pudesse ser dissipada, disse Ele, se o homem pudesse apenas conhecer e compreender, então o mal teria desaparecido. Isso é perfeitamente, absolutamente verdadeiro; mas esta apresentação também é verdadeira, e esta é a proclamação dos dias de hoje quando os homens viverem como irmãos, quando deixarem de lado a sua falta de amor, a sua desconfiança e a sua falta de compreensão, a sua insensatez e a sua estupidez, o mundo inteiro ser diferente. Quando os homens aprenderem a confiar uns nos outros, a viver juntos por arranjos de bom senso, em vez de cada um ter que ser restringido por lei de fazer isto e aquilo, a única grande Lei do Amor será suficiente restrição para cada homem.

Levará muito tempo até que todo o mundo possa chegar a esse estágio; mas será ainda mais longo se alguém não começar, e nós somos precisamente as mesmas pessoas cuja tarefa é dar esse exemplo, pois estamos aguardando a vinda do Senhor do Amor. Se quisermos ser Seus auxiliares, Seus discípulos, talvez até Seus apóstolos quando Ele vier, devemos estar estudando Seu método já o que sabemos dele e pelo menos sabemos disso, que o Amor será sua característica central. Podemos nos acostumar a essa característica central, podemos começar a viver a vida que Ele espera que vivamos e, certamente, quanto mais a vivermos agora, mais nos prepararemos para ser Seus auxiliares quando Ele vier. Se pudermos nos impregnar com Seu espírito de antemão, isso será uma enorme vantagem para nós, agindo como os canais de Sua graça e Seu poder quando Ele vier. Até lá, o máximo que podemos fazer é praticar todas essas virtudes e tentar assim nos preparar.

Devemos pôr de lado todas as ideias indignas; é um insulto ao glorioso nome de Amor usá-lo para o tipo de emoção com que muitos de nós estamos familiarizados; não é a palavra certa. A coisa real é espiritual, verdadeiramente, além da compreensão de muitos, mas gloriosa além de tudo que as palavras podem dizer. Alcancemos, se pudermos, a consciência búdica; tentemos tocá-la mesmo que por um momento; teremos que experimentá-la quando chegarmos ao período da Iniciação. Feliz para nós se pudermos alcançá-lo antes, e assim poupar nessa poderosa ocasião alguns problemas para aqueles que estão no comando.

Entremos, se pudermos, em algum estágio dessa consciência superior; será uma revelação para nós, algo que nunca poderemos esquecer. O mundo nunca mais será o mesmo para nós quando tivermos visto isso. Tal experiência ainda não é para todos nós, porque significa um esforço estupendo, um esforço para o qual poucos ainda estão preparados. Foi feito por alguns, mas apenas com risco considerável e com considerável tensão. Tenho visto um homem forte desmaiar ao fazer um esforço malsucedido para alcançar essa união; no entanto, há outros para quem ela vem naturalmente e facilmente. Chegará a todos nós em um estágio ou outro, provavelmente primeiro em nossa meditação em algum

momento. Pode ser por um esforço definido, pode ser simplesmente no curso da evolução de nosso poder meditativo que ela virá até nós, mas virá, e então saberemos.

Até então, devemos simplesmente imaginar para nós mesmos esse amor superior; mas vamos chegar o mais perto que pudermos; vamos determinar, pelo menos, que nem mesmo a menor mancha de egoísmo permaneça em nossa emoção, que viveremos apenas para o objeto de nosso amor. Vamos derramar nosso amor sobre nossos Mestres; de fato, não pode haver egoísmo, pois não podemos ficar imaginando o que Eles sentem por nós, ou o que podem fazer por nós; sabemos disso de antemão. Sabemos que quando o discípulo está pronto, o Mestre também está pronto, e que o amor deles é tão grande quanto o mar. As únicas limitações e dificuldades são aquelas que nós mesmos fazemos; não há dificuldade do lado Deles, nenhuma limitação ao Seu poder de afeição.

São Paulo diz: "O amor não é invejoso". É raro encontrar esse tipo de amor, o amor que não inveja, que não se vangloria, que não é orgulhoso; essas estão entre suas definições de quem amamos, sentimos nisso apenas o mais puro prazer, nunca o menor toque de inveja; e se de alguma forma podemos fazer algo que a pessoa amada não pode, não nos vangloriamos disso, não nos envaidecemos por só pensarmos nos sentimentos dele, nunca nos nossos. É tudo tão simples se tivermos sempre em mente a nota-chave do altruísmo, mas, na falta dessa nota-chave, tudo dá errado, isso é inevitável.

"Não é facilmente provocado", diz ele, "e não pensa mal." Há muito nisso. Não é facilmente provocado; sabemos como é difícil viver todas as pequenas tensões da vida comum, e não se aborrecer; é quase impossível para o homem mediano. Mesmo para os mais desenvolvidos, é muito difícil, e isso por muitas razões. Primeiro, como eu disse, temos o hábito da irritabilidade que fomos diligentemente cultivando por muitos milhares de anos; isso tem que ser conquistado. Em segundo lugar, estamos vivendo em uma época de grande tensão nervosa, como o mundo nunca conheceu até agora; consequentemente, nossos nervos estão todos desafinados, principalmente os de nós que temos que viver em grandes cidades, e por isso é extremamente difícil manter um equilíbrio uniforme durante todo o caminho; ainda assim, devemos tentar. É, eu admito, uma coisa quase sobre-humana de se esperar, mas pelo menos devemos tentar; estamos tentando o que ninguém mais tentou; todos os que se esforçaram para viver a vida espiritual, como desejamos, começaram retirando-se do mundo vivendo na selva, tornando-se eremitas, ou vivendo em um mosteiro entre monges, para que possam estar livres de todas as outras vibrações, ou cercados por vibrações que serão inteiramente harmoniosa. Somos, até onde sei, as primeiras pessoas que tentaram levar esta vida superior sem, de modo algum, retirar-se do mundo; vivendo no meio dele no meio do que pode ser chamado de uma forma muito agravada dele.

É verdade que houve grandes cidades em tempos antigos; Roma era grande e gloriosa; Babilônia era uma cidade enorme; a Cidade do Portão Dourado na Atlântida também era enorme, mas pelo menos não havia a pressão

que há agora. Eu olhei para trás, no curso de várias investigações clarividentes de vários tipos, em um grande número de civilizações mais antigas; alguns deles estavam longe de ser bons, alguns deles eram claramente maus, pois havia muita magia desagradável: alguns, por outro lado, eram magníficos e eram nossos iguais em muitos aspectos; mas, de qualquer forma, nunca houve um deles (que eu tenha visto) em que tivéssemos tanta pressa e pressão como temos agora. Tudo vem de nossos novos métodos de comunicação, de nossas ferrovias e nossos vapores, nossos telégrafos elétricos e jornais diários; todas essas coisas tendem à pressa.

Tudo isso tem seu lado bom; está nos ensinando a amontoar em pouco tempo uma vasta quantidade de trabalho concentrado e a administrar muitas coisas diferentes ao mesmo tempo; não é sem seu benefício; mas enquanto isso está destruindo a saúde e a constituição de muitas pessoas; e claramente torna todo o progresso espiritual muito mais difícil. Desenvolve a mentalidade e o poder intelectual, mas torna muito mais difícil qualquer coisa na natureza da meditação ou união com Deus, porque a própria essência dessas coisas é que devemos ficar quietos, que devemos ser capazes de abstrair-nos do mundo e concentrar-se em coisas mais elevadas. A meditação pode ser feita; até certo ponto, muitos estão fazendo isso, embora sem muito sucesso em muitos casos, eu sei. Não devemos nos admirar com nossa falta de sucesso na meditação pelo fato de que outros pensamentos se impõem e que nos parece quase impossível realizar nossa meditação com perfeição. Lembremo-nos de que, se formos bem-sucedidos nessas condições, demos um grande passo, pois estamos à prova da maioria das dificuldades que surgirão em nosso caminho. Um homem que provou ser bem-sucedido na meditação em circunstâncias convenientes, em uma caverna ou em uma selva, poderia muito bem perder o equilíbrio se tivesse que viver em uma grande cidade; então, se pudermos fazer nosso trabalho perfeitamente sob tais condições, teremos assegurado nossa base nesse caminho de contínuo avanço.

O que estamos tentando é uma coisa difícil; mas certamente pode ser feito e, se feito, ganha muito mais para nós do que ganharia seguir o caminho mais fácil. É uma de nossas dificuldades que nossos nervos estejam todos tensos por essa grande correria e atividade ao nosso redor. Alguns de nós podem pensar que eles não participam disso; infelizmente, não podemos deixar de fazê-lo até certo ponto; se estamos vivendo no meio dela, devemos senti-la. As vibrações de um milhão de homens estão ao nosso redor; isso deve ser um fator poderoso, e nós, como indivíduos, nos colocando contra uma corrente como essa, teremos um trabalho pesado para nos mantermos firmes. Pode ser feito, pois foi feito; mas para alcançar esse estado de que o apóstolo fala a condição incapaz de provocação é sempre difícil; e é duplamente, triplamente difícil nestas circunstâncias atuais. No entanto, temos que alcançá-lo. À medida que progredimos no Caminho, temos que ganhar algo muito mais alto do que isso na mesma linha; o último grilhão que o Arhat abandona antes de atingir o grau de Adepto é a possibilidade de ser perturbado por qualquer coisa. Devo dizer que sempre olho para essa condição com uma certa inveja! Mas quando ela é alcançada, há apenas mais um grilhão a ser abandonado, o da ignorância. Estar

perfeitamente livre da irritabilidade nos aproxima do mais alto, e é claro que isso ainda está longe no futuro, mas enquanto isso devemos tentar fazer o que pudermos para seguir o conselho de São Paulo e aspirar ao amor que é, não se irrita facilmente e não pensa mal.

É claro que não pensa mal: como alguém deve pensar mal de um ente querido? "Não se regozija com o mal, mas se regozija com a verdade." Diz-se popularmente que o amor é cego: suponho que exista tal amor; mas sei que há um estágio posterior que é sobrenaturalmente aguçado, que espera muito mais do que o comum em termos de realização e comportamento do objeto de amor, que estabelece um alto padrão apenas por causa do amor que carrega, um amor que é bastante reverso de cego. Talvez esta seja uma reação do outro. O amor perfeito não será nenhum desses; terá passado além de ambos, e julgará tudo tal como é, sem medo e sem favor, sabendo bem que nada do que o amado pudesse fazer mudaria ou alienaria o amor.

Esse sentimento de amor não depende absolutamente do caráter da pessoa amada; se amamos uma pessoa, nós a amamos, e o que quer que ela faça não afetará nosso amor. Pode nos causar dor se ele fizer o mal, porque o amamos; pode nos causar tristeza e sofrimento; mas não pode afetar nosso amor. Isso novamente é uma coisa que as pessoas parecem não entender. "Como posso amar uma pessoa que me tratou de tal e tal maneira?" Eles dizem. Você não vê que o tratamento dele não tem nada a ver com isso? O verdadeiro amor não é entre personalidade e personalidade; é entre Ego e Ego talvez entre Mônada e Mônada: como sabemos? Ainda sabemos tão pouco dessas alturas estupendas; mas pelo menos vemos que é absolutamente independente do que é feito pela pessoa amada.

Tal amor pode ser sentido pelo homem; Eu mesmo sei disso, porque já o vi; porque vemos isso nos Grandes e vemos isso em Seus discípulos. Uma coisa linda e maravilhosa é ver. Esse tipo de amor, diz-se, "nunca falha". Esta é a caracterização final de São Paulo; nunca falha, aconteça o que acontecer; o que quer que seja feito, ainda é o mesmo, a única coisa imutável neste mundo mutável. Imutável, porque o amor é Deus. "Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor." É por este fato, diz um apóstolo novamente, que "sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos". Não é apenas um fator mais importante na vida, é a própria vida. É a vida de Deus no homem, pois Deus é amor.

Talvez não pensemos em tudo o que isso significa; se amamos, Deus habita em nós e Seu amor é aperfeiçoado em nós. Essa é uma ideia que eu gostaria de estar sempre conosco, e nunca esquecer que, se somos felizes o suficiente para sentir o amor verdadeiro e glorioso, não somos nós que amamos, mas Deus quem ama em nós. É a vida do próprio Logos; e na proporção em que essa vida pulsa através de nós, nessa proporção podemos derramá-la como amor a nossos semelhantes. Novamente, é dito nas escrituras: "Aquele que não ama a seu irmão a quem é visto, como pode amar a Deus a quem não é visto?" Se desejamos mostrar o poder de Deus, só podemos fazê-lo absorvendo em nós

mesmos o amor de Deus e derramando-o novamente sobre todos esses outros. Devemos ser Seus esmoleiros nesta maior de todas as caridades, o derramamento de Seu amor; perceber isso, e fazê-lo, é o nascimento do Cristo dentro de nós; não podemos fazer melhor do que levar esse pensamento conosco aonde quer que formos, e mostrar que porque amamos a Deus e porque somos gratos a Ele, derramamos em nossas vidas diárias aquele amor por nossos irmãos que é a marca da nossa unidade com Ele.

CAPÍTULO XXII

DISCERNIMENTO

O discernimento sempre foi reconhecido em todas as religiões como uma questão de grande importância para quem deseja progredir no caminho para Deus. Nas grandes religiões indianas isso é chamado de discriminação, e também é colocado como o primeiro dos requisitos, porque a menos que um homem possua uma certa quantidade de discriminação para começar, ele não saberá o que deve fazer, não conhecerá a vida que deve viver. É essa faculdade de discriminação que nos leva a adotar o que podemos chamar, talvez, de atitude religiosa. Não quero dizer com isso que pessoas que escolhem essa linha necessariamente virão à igreja; trata-se, em grande parte, da sua formação e das suas necessidades. Aqueles que podem ser chamados de religiosos do mundo são, eu acho, aqueles que reconhecem que Deus tem um plano para o homem, e que esse plano é a evolução. Aqueles que percebem isso, aqueles que sabem disso, se esforçam para viver de acordo com esse plano. Eles estão definitivamente do lado de Deus, por assim dizer. Existem, na realidade, do ponto de vista superior, apenas dois tipos de pessoas no mundo, as pessoas que sabem e as pessoas que não sabem; aqueles que sabem que existe um plano, e aqueles que ainda não percebem esse fato. Não importa nem um pouco qual das muitas religiões do mundo essas pessoas professam. Aqueles de nós que estão tentando entender a verdade das coisas devem perceber que a forma de religião que um homem por acaso professa é uma questão do país e do ambiente em que ele nasceu, e nada mais do que isso. Você é cristão porque nasceu no que é chamado de país cristão. Se você tivesse nascido na Índia, com o mesmo entusiasmo e devoção teria sido hindu. Se você tivesse nascido em um país budista, você teria sido seguidor do Senhor Buda com a mesma devoção e a mesma bondade de coração em todos os sentidos.

Possuir uma faculdade religiosa, uma mentalidade religiosa que conduz a pessoa nessa direção, significa simplesmente ser uma pessoa que deseja seguir o certo. Qual é para cada um de nós a forma que ele deve seguir depende, como eu disse, de onde ele nasceu; e isso não é um acidente, mas uma questão do que chamamos de karma. Ou seja, depende de seu ermo em vidas anteriores e do que é melhor para seu progresso no momento. A maioria das pessoas acha difícil conceber-se como tendo nascido em qualquer outra religião, ou em qualquer outra raça. Parece estranho e incrível para eles que possam ter nascido em uma das raças de pele escura do mundo, por exemplo, e ainda assim todos certamente já nasceram em algum momento no passado, e não é de modo algum improvável que eles possam nascer assim no futuro.

As condições em que um homem merece nascer incluem, entre outras coisas, não apenas a raça, mas a religião que surgirá em seu caminho; e realmente não importa qual deles seja, desde que ele tenha o sentimento, o conhecimento, que lhe permita pensar, falar, agir pelo direito. Há muitas pessoas verdadeiramente religiosas que não seguem nenhuma dessas crenças que mencionamos. Muitos homens que são livres-pensadores, incrédulos, são tão

verdadeiros seguidores de Deus quanto qualquer um de nós poderia ser, embora O sigam em uma linha diferente. Ele está desenvolvendo no momento uma parte diferente de sua natureza; mas todos aqueles que entendem que existe um Deus, que existe o certo e o errado, todos esses estão no caminho certo, e o nome pelo qual eles chamam seu Deus não importa nem um pouco. Pensamos em Deus como Pai, Filho e Espírito Santo, e falamos de Deus Filho como o Cristo. Se vivêssemos na Índia, ouviríamos a mesma ideia de uma Trindade, mas a Segunda Pessoa seria chamada de Vishnu, ou às vezes Krishna ou Rama em Suas várias Manifestações. Mas não faz a menor diferença. "Toda adoração verdadeira vem a Mim por qualquer canal que possa ser derramada." E se você é um muçulmano e chama Deus pelo nome de Alá, como eu observei antes, isso não é mais do que se, sendo um francês, você O chama de *Le Ion Dieu*, o bom Deus. Alá é a palavra muçulmana para Deus, e o fato de que em um caso indica uma diferença de idioma e em outro uma diferença de religião não tem nada a ver com o caso. Toda adoração verdadeira, toda devoção real, todo sentimento bom é recebido pelo único grande Deus, que é igualmente o Pai de todos nós. Essa é uma das coisas em que devemos aprender a discriminar. Posso enfatizar novamente que não devemos cair na velha ilusão, na qual infelizmente tantos de nós fomos criados desde a infância, de que o nosso é o único caminho que leva a Deus, e que todos os outros estão seguindo o erro, estão seguindo ideias errôneas, e vai levar ninguém sabe para onde. Tudo isso é bobagem; há muitos caminhos para Deus. Você nasceu aqui, então este é um caminho para você; mas um homem nascido em outro lugar terá seu próprio caminho que é igualmente bom.

A questão toda é que devemos saber o suficiente para ficar do lado de Deus. Muitas pessoas que estão ao Seu lado não querem vir à igreja. Eles não se sentem impressionados dessa maneira. Desde que sigam a Deus, não é necessário que sigam nosso caminho. Muitos em outros ramos da Igreja Cristã lhe diriam que ir à igreja é necessário para a salvação; que receber certos sacramentos é uma necessidade absoluta. Nós não pensamos assim. Todas essas coisas nos são dadas como auxílio, e como elas são colocadas diante de nós pelo próprio Cristo, parece sábio tirar vantagem delas. Isso é verdade, mas dizer que um homem seria expulso, que estaria perdido porque não os usou, seria uma blasfêmia contra o santo Pai de todos nós. Ninguém jamais será expulso por Ele, faça o que fizer ou por mais que se desvie. Eles não podem se perder finalmente, mas é verdade que podem tornar seu caminho até Ele mais lento, mais longo, mais tedioso, mais difícil do que o necessário; é isso que as pessoas comumente chamadas de ímpios estão fazendo, mas isso é tudo o que podem fazer. Eles não podem se expulsar, porque a vontade de Deus, como dissemos, é a evolução; mas eles ainda não desenvolveram discernimento suficiente para mostrar-lhes quais coisas valem a pena seguir e quais não valem a pena seguir. Um grande número de pessoas, pessoas muito boas à sua maneira, ainda não viram isso e, portanto, ainda estão correndo atrás de dinheiro, riqueza, vantagens de poder apenas para si mesmas; porque ainda não viram que toda a humanidade na realidade é uma, e, portanto, nada que um

homem ganha para si mesmo à custa de outros pode ser realmente para o bem dele, porque não é para o bem de todos.

A discriminação é necessária, para que possamos ver o que devemos seguir. Como diriam na Índia, aprendemos a seguir o real e não o irreal. O comentário mais bonito que já vi sobre essa questão da discriminação está contido em um livro chamado ‘Aos Pés do Mestre’, escrito por um menino indiano de cerca de treze anos de idade. Não vi nenhuma apresentação tão clara, tão bela como naquele livrinho. Vale bem a pena o seu estudo completo, posso assegurar-lhe. Esse livro nos diz que a discriminação deve ser mostrada de todas as maneiras, não apenas na escolha do caminho que devemos seguir, mas enquanto estamos nesse caminho, todos os dias até o fim temos que usar nosso discernimento julgar entre o certo e o errado, ver o que é importante e o que não é importante, o que é útil e o que é inútil, o que é verdadeiro e o que é falso. Acima de tudo, talvez, o que é egoísta e o que é altruísta.

Falamos muito sobre certo e errado, e acho que essas grandes palavras são muitas vezes mal utilizadas. Poucas coisas podem ser ditas definitivamente como erradas ou certas. A grande maioria das coisas que nos chegam são convenientes ou inconvenientes, desejáveis ou indesejáveis. Certo e errado são palavras muito fortes, na verdade palavras que devemos usar apenas quando estamos absolutamente certos do que estamos fazendo. Tantas pessoas nos dirão que isso ou aquilo está errado, quando tudo o que querem dizer é que é contrário às suas ideias e convenções. Existem milhares de pessoas que lhe diriam que é errado dar um passeio ou ler qualquer livro, exceto os mais sérios, no domingo. Esse é o tipo de coisa onde as palavras como certo e errado não devem ser aplicadas. É contrário às ideias de alguns pequenos setores do povo que isso seja feito, e assim para essas pessoas é melhor não fazê-lo, mas não há razão para que eles limitem o resto de nós por essa ideia. Podemos tomar como uma definição, eu acho, de certo e errado, o que é certo, o que auxilia o plano de evolução de Deus, e o que é definitivamente errado, o que interfere com esse plano de alguma forma. Qualquer coisa que prejudique um próximo ou o atrapalhe em seu caminho, essa coisa está definitivamente errada; mas fora isso, é uma palavra que devo usar com grande circunspecção.

Certamente posso lhe contar muitas coisas que considero as mais indesejáveis. Tomemos a grande questão do consumo de álcool. Dizer que isso é errado me parece pressupor muito mais do que temos o direito de supor; Devo dizer enfaticamente que é uma coisa muito indesejável; é uma coisa que eu mesmo não faria, porque considero sua influência má; mas não cabe a mim estabelecer isso como a lei de Deus. Digo que seus efeitos são indesejáveis, portanto, para mim seria errado. Mesmo essa é uma palavra forte; para mim é simplesmente uma coisa que eu não faria; mas dizer que é errado significa seguramente que é errado para todos. No dizer, como em muitas outras coisas, devemos aprender a discernir; devemos ter cuidado ao usar palavras tão fortes como certo e errado.

Acho que o principal que nos leva a ações indesejáveis é o fato de ainda não termos o controle adequado de nossos corpos, de nossos veículos. Temos este corpo físico, temos um corpo emocional ou astral, temos também um corpo mental; todas essas coisas são nossos veículos, e devemos usá-las para nossos próprios propósitos para ajudar a alma, a quem todas elas pertencem. Devemos usá-los para promover nosso progresso e servir aos outros; mas metade do tempo as pessoas não fazem isso; confundem-se com seus corpos, e deixam que esses corpos os gerenciem, que é exatamente a mesma coisa que seria se alguém estivesse montando um cavalo e devesse deixá-lo ir para onde ele o deixasse fugir e levar seu cavaleiro para onde ele não pretendia ir. Nessas circunstâncias, o cavalo seria de pouca utilidade para o homem. Se os homens acreditassem nisso, o corpo físico é apenas um animal. Não é o homem; é apenas um animal que lhe pertence, e ele deve tratá-lo da mesma maneira que trataria um animal que o está servindo. Ele deve cuidar dele, ele deve alimentá-lo com a comida adequada; ele deve ter o cuidado de mantê-lo perfeitamente limpo e de boa saúde; mas a própria razão de sua associação com aquele animal (assim como no caso do cavalo) que por meio dele ele pode ser capaz de fazer coisas que não poderia fazer sem ele.

Por meio do cavalo ele pode ir rapidamente de um lugar para outro; tirará seus bens para ele; ele o ajudará de várias maneiras, e é por isso que ele o guarda. Mas se o cavalo se recusa absolutamente a fazer o que quer e insiste em ter seu próprio caminho o tempo todo, ele logo dirá: "Por que eu deveria me dar ao trabalho de manter essa criatura que é inútil para mim?" A mesma coisa acontece com o corpo físico.

O homem é uma alma, e mantém este corpo porque lhe é útil em sua evolução; e esse é o único uso que é para ele. Se não estiver fazendo nenhum bem para ele dessa maneira, ele estaria melhor sem ele, pois quase todos os problemas chegam a ele através do corpo, e sem ele, como alma, estaria livre de tudo isso.

Temos que aprender a controlar nossos corpos. O corpo físico é muitas vezes preguiçoso; quer fazer isso e aquilo por conta própria; tem todos os tipos de desejos indesejáveis. Cada vez que tal desejo surgir, pense: "Sou eu que quero isso? Não, não sou eu; é meu corpo que o quer. É bom que eu lhe dê isso?" Talvez em alguns casos seja, mas em muitos casos não é. Portanto, também nisso devemos usar a discriminação.

O corpo emocional tem todos os tipos de desejos próprios. Ele quer excitação; ela quer uma grande excitação e agitação, e não se importa de que tipo seja, porque a excitação produzida pela raiva intensa é tão boa para ela quanto o sentimento produzido pela intensa afeição ou devoção. Para o corpo astral é o mesmo que a excitação enquanto houver vibrações violentas; mas não é a mesma coisa para o homem real, a alma. Portanto, devemos usar nossa discriminação aqui também; deixe que o corpo astral tenha a excitação da afeição, da devoção, do esforço sincero para fazer o melhor que pudermos (embora isso talvez seja mais mental). Deixe-o ter todas essas vibrações, mas

não deixe que ele tenha aquelas da excitação que vem da raiva, ódio e ciúme; estas últimas vibrações não lhe são mais úteis do que as boas emoções, e são muito más para a alma. Portanto, devemos controlar esse corpo; devemos ter alguma discriminação.

É o mesmo com a mente. Ele tem seus próprios pequenos desejos além dos nossos. Se nos propusemos a pensar em algum problema difícil, todos os tipos de pensamentos errantes vêm à nossa mente. A mente fica feliz por ter essa distração; gosta da mudança constante. Nós não queremos isso, então puxamos nossas mentes de volta. Lá, novamente, devemos usar nossa discriminação. Devemos tomar cuidado com que tipo de pensamentos deixamos a mente pensar. Contanto que ele produza vibração deles, é a mesma coisa para a mente se são pensamentos horríveis ou pensamentos bons, mas não é o mesmo para nós. Portanto, não devemos deixar que nossa mente nos controle; não devemos deixar nosso cavalo fugir conosco; devemos mostrar mais uma vez nossa discriminação.

O corpo mental gosta principalmente do orgulho. Quer incitar-nos a pensar que somos melhores que os outros, e mesmo quando nos desenvolvemos espiritualmente, tentará fazer-nos pensar que assim somos melhores que os outros, que somos mais nobres, mais religiosos. Outra oportunidade, obviamente, para o uso da discriminação.

Depois, há a questão da importância relativa e sem importância. Percebemos que a maioria dos problemas e dificuldades do mundo, a maioria das brigas e a maioria dos ódios são provocados por coisas que não importam nem um pouco, coisas que são absolutamente sem importância? O que alguém disse sobre nós, ou o que imaginamos que alguém está pensando sobre nós. Nunca é importante o que alguém pensa ou diz. Vivemos de acordo com nossa própria consciência diante de Deus; não importa nada para nós o que alguém diz sobre nós. Esses pensamentos sem importância, por serem indevidamente ampliados, podem nos causar um grande dano. Novamente a discriminação é necessária. Usemos a razão e o bom senso para perceber quais coisas são importantes e quais não são importantes. Constantemente as pessoas se ofendem com algo feito ou dito, e assim surge uma grande quantidade de problemas desnecessários. Não faça barulho por coisas pequenas; pense primeiro se vale a pena criar problemas sobre o assunto. Lembre-se de que paz e tranquilidade, e um sentimento amigável e gentil entre as pessoas, são dez vezes mais importantes do que a observância de certas pequenas regras externas. Em nove de cada dez casos em que surgem problemas, a manutenção da paz é muito mais importante do que o assunto sobre o qual surge uma dificuldade. Lembremo-nos disso, e tome cuidado para que pelo menos não sejamos pessoas para confundir aquilo que é sem importância com o importante.

Lembre-se também da discriminação entre o verdadeiro e o falso. Cuidemos para que pensemos e falemos verdadeiramente de nossos semelhantes, e para que possamos fazer isso, nunca imputemos motivos. Não conhecemos a razão de um homem fazer isto ou aquilo. Nove em cada dez

vezes é algo em que nunca deveríamos ter pensado, mas as pessoas alegremente imputam motivos aos outros, nunca percebendo que estão espalhando falsidade diligentemente ao seu redor. Nunca fale a menos que você saiba, e mesmo assim geralmente é melhor ficar quieto. Portanto, cuidemos para que nossa discriminação nos mantenha no caminho do meio e nos mostre que não devemos falar, nem pensar, falsamente ou apressadamente de ninguém.

Então, novamente, discrimine entre o egoísmo e o altruísmo. O egoísmo é uma coisa sutil e insidiosa. Ele surge novamente na vida quando pensamos que o descartamos. O poder do discernimento é muito necessário. Lembre-se da observação atribuída a Cristo no evangelho: "Vós podeis discernir a face do céu e da terra; mas como é que não discernis este tempo?" O que significava dizer: "Aqui eu, o grande Instrutor do Mundo, desci entre vós, e ainda assim vós não o vês; a questão se vai chover ou não você pode julgar; por que você não pode perceber uma coisa muito mais importante?" Esse mesmo Instrutor do Mundo está vindo novamente para nós. Cuidem para que vejamos os sinais dos tempos, e não nos deixem ser pegos desprevenidos.

O tempo me falta para dizer de quantas maneiras essa discriminação pode ser usada; o tempo todo devemos tentar descobrir o bem em tudo e em todos. Não há nada que não seja Deus, e Sua luz está brilhando através de todos os nossos semelhantes, embora em alguns casos a faísca se apague e seja enterrada quase fora de vista. Deus está presente em cada um, e toda a beleza em todo o mundo é a beleza divina. Aprendamos essas coisas e, porque contemplamos Deus em tudo, seremos capazes de ajudar todos a se aproximarem de Deus e percebê-Lo melhor.

CAPÍTULO XXIII

SABEDORIA

A sabedoria é de grande importância para a Igreja. Em tempos passados, houve muita oposição entre a Igreja Cristã e a ciência moderna. Por toda a Idade Média, encontramos a Igreja se opondo a qualquer coisa na natureza de uma nova descoberta, e mesmo no século passado houve a mais amarga hostilidade por parte das Igrejas de Roma e da Inglaterra à doutrina da evolução para Darwin sobre as novas teorias e descobertas. Todos nos lembramos do caso histórico de Galileu, que foi forçado pela Igreja a retratar sua grande descoberta do movimento da Terra. Sabemos como, para salvar sua vida, ele foi obrigado a proclamar publicamente que a terra não se movia, embora mesmo assim ele murmurasse baixinho *E pur se muove*: "Mas, no entanto, ela se move".

Tal estado de coisas era uma vergonha e uma desgraça; uma Igreja que adotou uma política tão obscurantista como essa, que se opôs à verdade, seja ela qual for, certamente não estava cumprindo suas funções como deveria. É difícil para nós agora entender como a Igreja poderia ter tomado essa atitude. Talvez tenha havido duas razões para isso. Receio que devamos admitir que uma delas era que a Igreja era o grande corpo docente da época e que ela tinha inveja de qualquer tipo de interferência nessa posição. Talvez seja difícil para nós agora perceber como as coisas devem ter parecido para o homem da igreja medieval, bem como para as pessoas comuns da época. Todo o conhecimento estava na posse dos monges. Eles foram por muito tempo na história europeia as únicas pessoas que sabiam ler e escrever. Os grandes cavaleiros e nobres eram muitas vezes homens bastante analfabetos, a julgar pelos nossos padrões de hoje (assim como os grandes chefes zulus são analfabetos), embora líderes valentes e pessoas extremamente boas à sua maneira e ao longo de sua própria linha. Mesmo os próprios Reis assinaram seus nomes com grande dificuldade e considerável ilegibilidade, como podemos ver examinando documentos antigos como a nossa própria Magna Carta. Muitos desses papéis trazem assinaturas das quais o estudante comum se envergonharia.

Estando todo o conhecimento nas mãos da Igreja, ela era muito intolerante com qualquer outra pessoa que apresentasse quaisquer pretensões nesse sentido. Ela adotou praticamente a mesma atitude de alguns cientistas dos dias atuais: "O que eu não sei, não vale a pena saber". As considerações políticas também tiveram influência, pois, infelizmente, já naquela época a grande Igreja Romana estava começando a se interessar pela política. Que ela tenha feito isso desde então tem sido sua maldição e sua condenação. Sem dúvida, qualquer Igreja que interfira em assuntos desse tipo está abandonando sua herança espiritual e esquecendo o trabalho que seu Senhor lhe deu para fazer, que não está relacionado com a política, mas com o auxílio do mundo.

Outra razão que pode ter levado a essa curiosa posição foi que os clérigos pegaram dois ou três textos e os distorceram para significar uma contradição do espírito geral até mesmo da Bíblia. Na Igreja Católica Liberal não atribuímos tanta importância ao veredicto da Bíblia sobre qualquer ponto como o fazem

alguns outros corpos religiosos, porque reconhecemos que é apenas um dos muitos volumes do conhecimento sagrado, como uma das muitas escrituras; e que todos eles igualmente, embora contenham muito de nobre, verdadeiro e belo, também contêm muitas declarações que refletem o conhecimento mediano do período em que foram escritos e, consequentemente, de modo algum declarando os fatos absolutos sobre tudo. Como Bret Harte coloca: "Eles não sabiam tudo na Judéia". Eles certamente não tinham um décimo das informações que temos hoje sobre certos pontos; sabemos mais do que eles, e seria de fato uma vergonha para nós se não soubéssemos. Esses livros foram escritos há dois mil anos, e o mundo não parou durante esse período. Eu sei que há uma afirmação de que a sabedoria deste mundo é loucura para Deus, e posso ver o que isso significa que a atitude deste mundo em relação a todas as questões como ganhar dinheiro e prosperidade mundana é muitas vezes loucura diante de Deus, mas a maioria enfaticamente, isso não significa que não seja uma coisa boa ter sabedoria. O Cristo é acusado de ter dito que Deus escondeu certas coisas secretas dos sábios e prudentes, e as revelou as criancinhas. Isso não é uma depreciação da sabedoria, mas das pessoas que desviaram a sabedoria que possuíam na direção errada e a usaram de forma egoísta em vez de altruísta.

Mas se houver um texto ou dois que possam ser distorcidos para contrariar a posse de conhecimento e sabedoria, posso citar uma centena do mesmo livro exaltando-o. Lembre-se de como nos é dado em um caso como um bom conselho para um jovem: " Dá-me entendimento e guardarei a Tua lei." E Salomão, dito ter sido o homem mais sábio entre os judeus, enfaticamente observou que aqueles que desprezam a sabedoria e a instrução são tolos. "Feliz é o homem que entende." E em outro lugar: "Adquira sabedoria, obtenha entendimento e não se esqueça disso". "Sabedoria é a coisa principal, portanto, obtenha sabedoria, e com todas as suas conquistas, obtenha entendimento." "O conhecimento do sagrado é o entendimento, a excelência do conhecimento é que a sabedoria dá vida àqueles que a possuem." Esses são apenas alguns textos tirados ao acaso; outros serão encontrados no Salmo da Sabedoria na p. 271 em nossa Liturgia; mas mesmo estes são suficientes para mostrar que a Bíblia não pode ser citada a favor da ignorância. São Pedro disse ao seu povo: "Adicione à sua fé a virtude e ao conhecimento da virtude" uma qualificação muito necessária; e São Paulo escreveu: "Nós ensinamos sabedoria aos que são perfeitos" um termo técnico dos Mistérios.

Lemos no evangelho que o próprio Jesus era cheio de sabedoria, e que Ele crescia em estatura e sabedoria. O mundo está evoluindo lentamente, muito lentamente, admito, mas ainda está evoluindo; e muitas coisas que eram secretas quando essas escrituras foram escritas são conhecidas mais plenamente agora. Poucas pessoas sabiam alguma coisa na época; o resto apenas acreditou. Existem apenas alguns agora sabem plenamente, mas ainda assim o nível geral de conhecimento é muito mais alto agora do que era então e, portanto, mais pessoas estão agora prontas para saber. Há um certo perigo em colocar os frutos da sabedoria avançada diante de pessoas que são totalmente inadequadas para eles. Recentemente, tivemos um exemplo notável

disso. Existem todos os tipos de segredos maravilhosos na natureza, segredos da química, segredos da eletricidade, segredos de todos os tipos que são atualmente desconhecidos para nós, mas que sem dúvida serão descobertos pelo homem. Isso significa praticamente que o homem tem permissão para descobri-los, que eles são confiados a ele com o passar do tempo; mas sua recepção até agora não tem sido animadora. O maior uso que foi feito do novo conhecimento na ciência e na química foi através da tentativa de destruir uns aos outros com mais eficiência e com maior horror. A ciência foi arrastada para o vórtice da grande guerra. Resta saber, agora que acabou, se a ciência também será usada para fins de paz. Certamente pode ser; e espero que sim.

Os seres humanos ainda não estão prontos para ter poder ilimitado em suas mãos, porque a grande maioria dos homens ainda não é altruísta; eles ainda não têm sabedoria suficiente para serem confiados com o conhecimento inferior. Mas pelo menos mais pessoas estão prontas para saber, para entender, agora do que nunca.

Essa é uma das razões da nossa existência como Igreja. Nós, a Igreja Católica Liberal, existimos para explicar àqueles que estão dispostos a aceitá-la um pouco mais do que foi explicado até agora dos grandes fatos que fundamentam a natureza. Um pouco mais podemos saber agora sobre Deus e o homem e sobre o relacionamento entre eles, e não há razão alguma para qualquer um de nós temer o conhecimento. Não há dúvida de que a Igreja medieval temia o conhecimento; temia aquelas descobertas que derrubariam sua autoridade, derrubariam a fé cega que as pessoas depositavam nele. Mas nesta Igreja não temos medo de nenhum conhecimento ou descoberta. Ao contrário, nós o acolhemos, pois quanto mais pudermos conhecer as maravilhosas obras de Deus, maior será nosso amor e nossa reverência para com Ele. Não o conhecimento, mas a ignorância é a coisa a ser temida. A ignorância é algo do qual precisamos ser salvos.

Qual é essa sabedoria que devemos adquirir? Há um ditado na Bíblia (traduzido erroneamente como de costume) que já citei: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria". Não me lembro no momento da palavra hebraica que aqui é traduzida como temor do Senhor, mas o equivalente grego é *theoseleia*. Poderíamos torcer para significar medo, mas pretende significar profunda reverência, pois a palavra *sebomai* é simplesmente "eu adoro". A profunda reverência a Deus é o princípio da sabedoria. Essa afirmação é perfeitamente verdadeira. O homem que é irreverente e desdenhoso, e não reconhece nada maior ou mais sábio do que ele mesmo, embarcou em um curso de erros que só leva à confusão; pois "reverência por aquilo que é digno de reverência" pode muito bem ser chamado de princípio da sabedoria. Pois a sabedoria é conhecer a Deus, tanto quanto o mero mortal pode conhecê-lo; saber que Ele é Amor e Luz, saber que Nele não há treva nenhuma, que nunca precisamos invocá-Lo para ter misericórdia de nós, pressupondo assim que, se não Lhe pedíssemos, Ele faria algo muito ao contrário, o que equivale a creditar a Ele nossas próprias paixões e imperfeições uma coisa que não temos o direito de fazer. É sabedoria saber algo, tanto quanto pudermos, de Seu plano, adaptar-nos a ele tanto quanto

pudermos, aproveitar o que Ele nos oferece do auxílio e bênçãos de todos os tipos que Ele oferece ao homem, se o homem aceitar. Os próprios sacramentos que administramos, o que são eles senão ofertas de Deus, oportunidades que Ele nos dá para progredirmos mais rapidamente, para nos aproximarmos Dele?

Se pudermos entender algo de Seu plano e tentar nos adaptar a ele, estaremos crescendo em direção àquela sabedoria perfeita que é Ele mesmo. Devemos aprender que há muitos caminhos para Ele, e muitos modos de olhar para Ele, e que todos eles têm em si algum aspecto da verdade, exceto aqueles que atribuem a Ele erros e faltas humanas ciúme, raiva, vingança e ódio. Nós sabemos que são qualidades vergonhosas, mesmo em nós mesmos. Como então ousamos atribuir tais sentimentos, tais pensamentos a Deus? É sabedoria para tentarmos entender, reconhecer que nós mesmos estamos apenas no começo de tudo isso, e que não podemos esperar saber tudo, mas que certos princípios amplos sejam estabelecidos. Podemos nos apegar a eles e podemos, sem medo, raciocinarmos. A sabedoria eliminará totalmente a estreiteza e a exclusividade; essa é uma das maneiras mais importantes em que nos ajudará em nosso caminho, pois Ele mesmo disse: "Se você conhece a verdade, a verdade o libertará". Qualquer Igreja digna desse nome deve ser uma verdadeira Sophia, uma Igreja da sabedoria celestial, para que através dela os homens se aproximem cada vez mais da compreensão d'Aquele que é Ele mesmo Sabedoria, Força e Beleza, Verdade e Amor.

CAPÍTULO XXIV

AUTO-DEDICAÇÃO

Uma das intenções colocadas diante de nós em nossa liturgia é a auto-dedicação, a ideia de que podemos dedicar e devotar nossas vidas ao serviço de Deus para que possamos ser membros verdadeiros e fiéis de Sua santa Igreja, e possamos viver como Ele deseja que nós vivemos. Como devemos começar a trabalhar para fazer isso? Pois as condições da civilização agora são muito diferentes daquelas quando o comando foi dado. Lembre-se de como o Cristo respondeu a um jovem que veio a Ele e perguntou: "O que devo fazer para herdar a vida eterna?" Primeiro o Cristo lhe disse para começar guardando os mandamentos, guardando todas as regras que foram dadas para uma vida santa. E o jovem respondeu que os guardava desde a juventude, ou pelo menos tentava mantê-los; e perguntou o que mais poderia fazer. Então Cristo disse com efeito: "Se você quer subir a algo mais alto do que isso, se você quer ir ainda mais longe, então vá e venda tudo o que você tem, dê o dinheiro aos pobres, venha e siga-me". E nos é dito que o jovem foi embora triste, porque tinha grandes posses. Acho que ao longo da história da Igreja esse jovem foi tratado de forma muito injusta, porque a tendência usual é supor que ele não abriria mão de sua riqueza por causa de Cristo. Não temos o direito de presumir isso; um homem rico tem muitos deveres assim como sua riqueza. Não é apenas uma questão de prazer; ele pode muito bem estar tão situado que não poderia desistir de tudo e se tornar um pregador errante, um seguidor de Cristo. Não é possível para todos nós fazermos isso. Há aqueles de nós que são capazes de deixar de lado toda esperança de progresso mundano porque não temos ninguém dependendo de nós, e podemos nos dedicar totalmente à vida religiosa de uma forma ou de outra. Mas a grande maioria de nós tem nosso sustento para ganhar, e por mais dispostos, sinceros e ansiosos que possamos ser, não podemos dedicar todo o nosso tempo ao trabalho religioso no sentido comum da palavra.

O que então devemos fazer e como devemos aceitar esta ideia de auto-dedicação? Para ele; se fizermos tudo em Seu nome da melhor maneira possível, estaremos servindo a Ele tão realmente, embora não tão agradavelmente para nós mesmos, como se pudéssemos desistir de tudo para o que é comumente chamado de vida de boas obras. Lembre-se do que George Herbert disse trezentos anos atrás:

Quem varre um quarto quanto às Suas leis,

Faz disso uma boa ação.

Se cumprirmos todos os nossos deveres em Seu Nome, e fizermos uma oferta a Ele para que os façamos tão bem e tão perfeitamente quanto pudermos, estamos fazendo o melhor que podemos para nos dedicar a Ele. Não é apenas uma questão de trabalho a ser feito; é uma questão da atitude que mantemos, dos sentimentos e dos pensamentos que permitimos em nós mesmos. Se quisermos viver para Cristo, devemos viver como Cristo tanto quanto pudermos;

e se não podemos, como Ele fez, dedicar todo o nosso tempo ao trabalho altruísta, pelo menos podemos fazer o bem, e foi isso que foi dito sobre Ele.

Onde quer que estejamos, e com quem entramos em contato, podemos fazer de nossas atividades ver que nossa influência será uma boa influência e nunca uma má; fazer isso é dedicar nossas vidas a Cristo.

Certamente devemos guardar os mandamentos, mas isso não se refere necessariamente aos dez mandamentos de Moisés, que são um código de moralidade muito imperfeito de muitas formas. Muito mais nobre é o que nosso Mestre, o próprio Cristo, nos deu quando disse: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças. Este é o primeiro e grande mandamento, e o segundo é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Essa é uma declaração muito maior do que aquela feita por meio de Moisés milhares de anos antes, quando uma divindade distintamente tribal, uma entre outras, é feita para representar a si mesma como ciumenta para que a adoração não seja desviada dele e dada a esses outros uma concepção sem dúvida adequada para as tribos judaicas naquele estágio inicial de sua história, mas certamente não a melhor ideia de Deus que pode ser colocada diante de nós.

O mundo está evoluindo, porque é a vontade de Deus que ele evolua, e nós sabemos mais sobre muitas coisas do que os judeus de três ou quatro mil anos atrás sabiam; então é certo e apropriado que os mandamentos de Deus sejam colocados diante de nós de outra forma. Mais e mais de Sua gloriosa verdade está sendo revelada a nós; em todos os outros ramos da vida, exceto na religião, devemos admitir imediatamente que sabemos muito mais do que aquelas pessoas há milhares de anos. E na religião também devemos ser capazes de entender mais do que eles, e certamente entendemos o significado espiritual de muitas coisas que naqueles primeiros dias eram tomadas como instruções meramente materiais e mecânicas. O mundo está avançando, mas lentamente, caso contrário não precisaríamos dessa guerra terrível; mas mesmo isso, por mais terrível que tenha sido, por mais terríveis que tenham sido suas consequências, é um passo à frente, pois mais bem do que mal virá de tudo isso no final. Podemos ter certeza disso, se reconhecermos que Deus governa o mundo e que tudo está caminhando para uma grande consumação no futuro. Há muitas evidências desse fato de outras maneiras; assim, mesmo que encontremos um caso particular no qual ainda não possamos vê-lo, seria tolice supor que todas as outras indicações estão, portanto, erradas. Vamos entender tudo isso um dia.

Como então podemos aqui e agora dedicar nossas vidas a Cristo? Não devemos pensar no Cristo apenas como personagem histórico, de um Cristo que viveu e morreu há dois mil anos; devemos lembrar que há um Cristo vivo que pode e irá nos inspirar agora, que está por trás de Sua Igreja, e por trás de todo o mundo também, pois todo o mundo é apenas uma extensão de Sua Igreja, embora possa não conhecê-la ainda. E Ele está sempre pronto para auxiliar, inspirar e fortalecer qualquer pessoa que esteja aberta a esse auxílio. O Cristo

vivo é nosso amigo mais próximo, porque Ele pode chegar muito mais perto de nós do que qualquer outra pessoa; Ele pode ser muito mais para nós do que qualquer outra pessoa pode ser. Nunca nos esqueçamos do Cristo vivo, que nos inspira ao longo da vida.

Como podemos nos aproximar Dele? Como podemos nos aproximar Dele? Tornando-nos mais semelhantes a Ele; vivendo, tanto quanto podemos, como Ele viveu; adotando Sua atitude para com os outros. O como foi isso? Lemos em uma epístola: "Nem mesmo Cristo agradou a si mesmo." Que cada um de nós, então, esqueça-se de si mesmo e trabalhe para tentar ser útil por amor de Cristo aos outros. Ao fazê-lo, estamos nos colocando em uma atitude cristã; isso é o que Cristo fez; Ele não viveu para Si mesmo, nem para Sua própria honra, glória e fama, mas absolutamente para os outros. Ele desceu, Ele limitou Sua glória, Ele se sacrificou totalmente pelos outros. É isso que nós também devemos tentar fazer; e não entendamos mal essa palavra sacrifício. Muitos pensam que sacrificar significa sempre desistir; eles estão esquecendo o significado da palavra. *Sacer* em latim significa santo, e *facere* é fazer. Sacrificar qualquer coisa é santificá-la ao Senhor. Podemos sacrificar nossas vidas a Ele sem sofrer a morte de um mártir; se santificarmos nossa vida ao Senhor, estaremos sacrificando-a no melhor e mais verdadeiro sentido.

Talvez também envolva um pouco do outro tipo de sacrifício. Podemos achar que é necessário desistir de alguns de nossos desejos inferiores, algumas das coisas que não nós, mas nossa natureza inferior, gostaríamos. Vale a pena, pois somos almas; na verdade, somos ainda mais do que isso, pois a própria alma é apenas uma manifestação parcial do espírito. Somos centelhas da vida divina; em cada um de nós está o Cristo que é a nossa esperança de glória, e, portanto, desistir de qualquer coisa vista seria prejudicial para si como um espírito, dificilmente vale a pena chamar de sacrifício, mesmo que seja algo que é caro ao eu inferior.

Isso pode parecer impraticável para alguns, porque eles permitiram que sua religião se tornasse uma religião meramente histórica. É considerado por muitas pessoas que o que salva um homem é sua crença de que Cristo viveu e morreu na Judéia alguns milhares de anos atrás. Eles aceitam isso da mesma forma que aceitam o outro fato de que Júlio César desembarcou na Grã-Bretanha em 55 a.C., e eu realmente acredito que um fato lhes faz tanto bem quanto o outro, se eles não fizerem disso um fator prático em suas vidas, e não percebem que o Cristo que tomou um corpo há dois mil anos é um poder vivo e poderoso por trás de Sua Igreja hoje.

Alguém que viaja e vive em países orientais, como eu fiz, tem alimento para pensamentos bastante desagradáveis, às vezes, quando ele olha ao seu redor para as pessoas que ele pode em sua infância ter sido ensinado a chamar de pagãos, porque ele não pode deixar de ver (eu estou pensando principalmente no momento da Índia) onde as pessoas ao seu redor são pessoas intensamente religiosas e, além disso, que sua ideia de religião não é exatamente aquela em que ele próprio foi criado. Não estou me detendo no

momento, no fato de que é uma religião diferente; isso me parece de pouca importância; o que quero dizer é que para eles a religião é uma coisa viva e real que permeia suas vidas diariamente. Se pudermos nos tornar íntimos o suficiente de um brâmane para realmente ver sua vida diária, descobriremos que não há uma única ação que ele faça, desde o momento em que se levanta de manhã até a hora em que vai dormir, que não seja uma ação religiosa, que não está estampada com sua religião. “Quando ele se levanta da cama, um pensamento religioso é colocado em sua mente; quando ele se banha, há um pensamento de natureza semelhante em relação a isso; quer ele coma ou beba, ou faça o que quer que seja, cada uma de suas ações é acompanhado de um pensamento religioso. Admito-vos que às vezes tudo isso se torna meramente formal, porque há muita natureza humana na Índia, assim como em outros lugares. Há certamente o perigo da formalidade; mas destaca-se o fato proeminente de que essas pessoas são religiosas não uma vez por semana no domingo, mas durante todo o ano, todos os dias e todos os minutos do dia. Isso nos parece estranho, porque não estamos acostumados a isso. Há muitos de nós, espero e acredito, que manter o pensamento religioso sempre no fundo de suas mentes, mas eles são uma pequena minoria. Receio que a grande maioria de nosso povo não mantenha sua religião sempre no fundo de suas mentes, mas a relegue a tempos e dias declarados, mesmo embora possa até certo ponto influenciar as suas vidas.

Por isso, parece para muitos ocidentais um tanto impróprio, até mesmo indecente, que o oriental sempre apresente a religião, como ele faz; parece torná-lo muito comum, e o europeu tende a pensar que deve ser hipócrita. No entanto, isso é precisamente o que foi planejado para todos nós; se examinarmos os fundamentos de nossa própria religião, descobriremos que ela foi destinada a nós no cristianismo, tanto quanto ao Brahman no hinduísmo. Todos os pequenos detalhes exteriores aos quais ele deve atender a cada momento não são estabelecidos para nós, porque esta é uma religião posterior e seu grande Fundador esperava que fosse suficiente dizer aos seus seguidores cristãos: "Guardai sempre as grandes verdades em sua mente; nunca se esqueça de seu Pai que está nos céus.” Temo que muitas vezes O desapontamos; Receio que tendemos a esquecer as poderosas verdades que estão por detrás com demasiada frequência; e assim uma religião oriental muitas vezes nos surpreende por causa de sua intensa vitalidade.

Diante disso, parece-me uma presunção surpreendente de nossa parte enviar missionários para tentar converter essas pessoas. Sinto que devemos primeiro tentar harmonizar totalmente nossa vida com os ensinamentos do Cristo; pois a estranha ideia de que somente através de um Nome e ao longo de uma linha Deus pode ser abordado é peculiar a nós. Tive um choque desagradável uma ou duas vezes dessa maneira quando viajei no Oriente. Digo, talvez, a algum missionário cristão sincero: "Quão boas são todas essas pessoas ao nosso redor, quão caridosas, quão gentis; que vidas esplêndidas elas estão vivendo; elas não podem ser salvas?" A resposta depende do missionário. Recebi de um prelado da Igreja Romana a declaração enfática de que ele achava que eles tinham uma chance tão boa de salvação quanto ele. Mas há muito

poucos que diriam isso, e muitas vezes o missionário respondeu: "Devemos confiar nas misericórdias não pactuadas de Deus para eles, mas temo que suas chances sejam muito baixas". Então me virei para os chamados pagãos e disse: "Olhe para esses cristãos; eles estão vivendo uma vida boa; você não acha que eles também alcançarão o Nirvana?" (Essa é a frase usada entre os budistas para a consumação final, equivalente à "ir para o céu" dos mais ignorantes entre os cristãos.) A resposta foi dada com o maior espanto: "Atingir o Nirvana! Claro que eles vão! Por que não deveriam?" "Mas", eu disse, "eles não acreditam como você." O monge budista respondeu: "O que isso importa? Eles estão se esforçando ao máximo para cumprir os ensinamentos do Senhor Buda, embora nunca tenham ouvido falar Dele; e certamente isso é tão bom quanto."

Vemos imediatamente a diferença na atitude, e certamente os pagãos mostraram maior vantagem do que o cristão; mas somente porque o cristão entendeu mal, porque não percebeu o valor e a glória do ensinamento do Mestre, que disse: "Tenho outras ovelhas, que não são deste aprisco"[45]; Quando Ele falou sobre o que é chamado o dia do julgamento, e disse a Seus discípulos que perguntas serão feitas àqueles que vierem diante dele, para decidir se devem ir para a direita ou para a esquerda, inexplicavelmente se esqueceu de perguntar se eles acreditavam nele, ou até mesmo já tinham ouvido falar dele, mas perguntaram em vez disso: "Você alimentou os famintos, você vestiu os nus, você visitou os doentes e os presos?" E se a resposta for "Sim", então vem a decisão rápida: "Vá para a minha mão direita, bem-amado de meu Pai". O que o homem acreditou não é a questão; isso não parece importar; o resultado depende inteiramente do que ele fez.

Isso nos dá alguma indicação da maneira pela qual podemos nos dedicar a Cristo. Tentemos viver ao ar livre, à gloriosa luz do sol de Deus. Procuremos compreender o ensinamento do Cristo e viver como Ele viveu, na caridade com todos. Não vamos parar para pensar em nós mesmos. Não temos tempo para sentimentos feridos; não temos tempo para odiar nosso irmão por algo que ele supostamente disse ou fez. Nossa única atividade é estar tão ocupado em tentar fazer o bem a ele que não temos tempo para pensar no que ele pode ter pensado ou dito sobre nós. Talvez ele possa ter dito algo que não deveria; suponha que ele fez; afinal, se pensarmos nisso, isso não nos prejudica em nada. Um homem verbaliza; O que é isso? Uma vibração do ar, um som. Se nunca tivéssemos ouvido falar disso, não nos teria incomodado; mas porque ouvimos falar disso, nos agitamos e ficamos aborrecidos e zangados. Isso é culpa do outro homem? O que ele fez não nos prejudicaria em nada, a menos que tivéssemos conhecimento disso, e porque sabemos disso, criamos problemas para nós mesmos. Isso não é senso comum, e não é o ensino do Cristo. Vivamos com Ele e para Ele, e assim nos dediquemos a Ele; por amor a Ele ajudemos estes nossos irmãos, porque também eles são Seus filhos; e se eles não sabem disso, se estão se afastando Dele, tanto mais precisam da ajuda que Ele pode lhes dar por meio de nós, se não temos tempo para sentimentos pessoais mesquinhos.

[45] João 10:16

Lemos em uma epístola que devemos ter a mesma mentalidade uns para com os outros. Devemos manter o mesmo teor de nosso pensamento, e devemos sentir em relação às pessoas e tratá-las como gostaríamos que elas sentissem por nós e nos tratassem. Muitas vezes somos justos com uma pessoa porque gostamos dela, e injustos com outra porque acontece que não gostamos dela; nossos irmãos são todos iguais, pois Deus é o Pai de todos; essa é a lição que Cristo tenta incutir em nós repetidamente. Portanto, não façamos nada que não possamos oferecer a Ele como sacrifício, nada que não possamos santificar, nada que não possamos fazer em Seu Nome. Viver assim é dedicar-se ao serviço do Cristo; e isso todos podemos fazer, por mais ocupados que estejamos, por mais perturbados que estejamos; podemos tentar adotar a atitude cristã em relação a todos os que nos rodeiam, para que o mundo seja melhor e mais feliz naquele cantinho onde moramos, porque nele vivemos como seguidores do Cristo, por amor a Ele e em Seu Nome.

CAPÍTULO XXV

PERSEVERANÇA

A perseverança é uma das qualidades mais necessárias que temos de desenvolver, e é preciso admitir que é também uma das mais difíceis. "Todos nós ouvimos ou lemos sobre os grandes mártires, e todos os honramos pelas maravilhosas vitórias que obtiveram pela fé; e talvez às vezes tenhamos nos perguntado se poderíamos ter feito e sofrido o que eles fizeram, se poderíamos ter enfrentado morte tão destemida pelo Santíssimo Nome de Cristo. Espero que possamos, acredito que podemos. Somos pessoas bastante comuns, a maioria de nós; de modo algum, grandes santos ainda, embora esperemos ser um dia. No entanto, pessoas bastante comuns às vezes respondem magnificamente à extraordinária demanda de alguma emergência repentina. Tivemos exemplos abundantes disso na guerra recente; repetidas vezes, homens que na vida cotidiana não eram de forma alguma distinguíveis de seus companheiros floresceram em esplêndido heroísmo quando a oportunidade que eles fizeram pelo rei e pelo país, espero que estejamos dispostos a fazer por causa de Cristo se surgisse a necessidade; seríamos varridos por uma enxurrada de entusiasmo que nos tornaria, por enquanto, descuidados do sofrimento e do perigo; deveríamos ser encorajados pela consciência de que estávamos desempenhando o papel principal em um grande drama e testemunhando nossa fé diante de uma vasta multidão. Morrer por Ele, dar a vida, parece a maior de todas; e o mártir era muitas vezes levado por uma espécie de êxtase.

Santo Agostinho observou certa vez: "Muitos serão os que morrerão por Cristo, mas poucos serão os que viverão por Ele." A razão óbvia é que esta última é a tarefa muito mais difícil, pois exige essa virtude da perseverança que estamos considerando. O martírio é um esforço tremendo, mas o trabalho constante continua por muitos anos. Não somos chamados, a maioria de nós, a sacrificar nossas vidas por Ele, mas a dedicar nossas vidas a Ele, dia a dia nos tornando gradualmente mais semelhantes a Ele, fazendo o que Ele nos disse; e isso é uma coisa difícil de fazer. A cada semana que vamos à nossa igreja, participamos de nosso culto, sentimos o esplendor, a beleza, a glória de tudo isso e a proximidade de Cristo em Seu Sacramento, e sem dúvida pelo tempo sentimos que por amor a Ele e em Seu Nome faríamos qualquer coisa. Mas então voltamos à vida cotidiana e, gradualmente, o auge e o calor de nosso entusiasmo diminuem um pouco; vivemos os detalhes sórdidos da vida cotidiana e os achamos monótonos e irritantes. As pessoas também são irritantes, às vezes, e as circunstâncias são desgastantes; a vida diária é tão cansativa; ainda assim, o dever é assim. Lembrar durante todo o tempo, o tempo todo, que devemos viver para Ele não é tarefa fácil; fazer isso por toda a vida é um feito maior do que jogar uma vida fora em um momento para Ele. E, no entanto, é precisamente isso que somos enviados aqui para fazer.

Isso que chamamos de vida é apenas um dia em nossa vida real; temos muitas dessas vidas, e cada uma delas é como uma etapa de uma longa jornada. Temos que gastá-la em aprender certas lições. É-nos dito: "Sede perfeitos como

vosso Pai que está nos céus é perfeito" um empreendimento sem esperança se estivéssemos confinados a setenta anos de vida; e, além disso, ninguém tem nem mesmo setenta anos de vida para fazê-lo; pois durante todo o início de nossa vida estamos aprendendo a lidar com as coisas no plano físico, enquanto no final de nossa vida o corpo não é tão forte. Na verdade, temos apenas alguns anos de cada encarnação para um verdadeiro trabalho e aprendizado. Todos somos bem-intencionados, mas provavelmente muitas vezes fomos descuidados e ineficientes, e não mantivemos o nível que sabemos em nossos corações estar ao nosso alcance. Como devemos atingir a perfeição? A ideia seria ridícula se não houvesse outra vida além desta; mas se pudermos ter tanto tempo quanto precisarmos, se pudermos continuar com o trabalho vida após vida, não é mais ridículo dizer que finalmente atingiremos a perfeição.

Portanto, temos que fazer exatamente isso que dissemos ser tão difícil de fazer. Esse é o nosso dever; estamos aqui para cooperar no grande plano de Deus, e o primeiro passo para isso é nos tornarmos aptos a ajudá-lo, porque se quisermos ser cooperadores de Deus, devemos ter dentro de nós algo do poder, amor e simpatia de Deus. Portanto, temos que nos desenvolver, e temos que fazer a coisa certa como a vemos, dia após dia, hora após hora, ano após ano, por mais lento e monótono que possa parecer; e é por isso que a perseverança é tão importante para nós.

É bastante fácil quando as coisas estão indo bem e sem problemas; mas dificilmente há um dia em que não aconteça algo que nos aborreça ou nos iincomode. Se passarmos um dia sem dificuldades, podemos nos considerar afortunados. Não devemos deixar que essas coisas nos preocupem; nós sabemos isso; mas, na verdade, muitas vezes o fazem, e é nosso trabalho encarar os fatos. Devemos nos colocar em tal condição que resistamos automaticamente a esse impulso de nos sentirmos aborrecidos, por mais natural que pareça, por maior que seja a provocação.

Pense mais uma vez naqueles que foram para a guerra por nós; pense nas condições terríveis e perfeitamente aterradoras pelas quais esses homens passaram, e ainda assim mantiveram sua estabilidade. Como foi feito? Primeiro, pela preparação e treino incessantes. Suponho que seja praticamente impossível que um homem nessas condições terríveis não sinta medo algum. Ele dificilmente seria humano se não o fizesse; mas a glória disso é que, sentindo o medo, esses homens ainda se comportaram como se não o sentissem. Como foi isso? A coisa toda tinha se tornado uma questão de rotina. O soldado é treinado repetidas vezes até que, quando ouve uma determinada palavra de comando, obedece sem pensar. Todo o objetivo desse exercício incessante do soldado é que, quando ele estiver em condições anormais, quando estiver por dentro totalmente aterrorizado, ele ainda obedecerá a essas ordens, porque está acostumado a obedecer; ele fará isso automaticamente.

Da mesma forma, temos que chegar a um estágio em que o esforço altruísta seja automático. No início, a autopreservação deve naturalmente ser a primeira ideia a surgir na mente de um soldado, assim como em qualquer um de

nós; mas o soldado aprendeu a conquistar isso, porque sabe que está ali por outro propósito altruísta. Ele pode ser pego de surpresa, pode não ter tempo para pensar; mas ele foi treinado até que seus movimentos fossem automáticos; ele faz a coisa certa automaticamente, e logo ele recupera sua compreensão das coisas, e então vem uma espécie de segundo fôlego, trazendo o pensamento mais elevado: “Não importa o perigo para mim; eu tenho uma certa coisa a fazer. devo ocupar este lugar, devo cumprir esta ordem, seja ela qual for."

É isso que temos que fazer; temos que praticar o altruísmo, de pensar primeiro nas outras pessoas e trabalhar para elas, até que seja automático conosco. Quando chegarmos a esse ponto, descobriremos que muitas coisas que até agora nos incomodavam e perturbavam, agora não nos incomodam mais. Devemos agir como um médico. Um médico encara com toda a frieza os perigos mais terríveis: perigo de infecção, de envenenamento do sangue, perigo de todos os tipos do qual um homem poderia muito bem recuar de horror; no entanto, tão arraigado no médico está a ideia de salvar a vida, a ideia de que todo sofrimento que vem diante dele, por mais repugnante, por mais perigoso que seja, ainda é um caso com o qual ele tem que lidar, um caso que é seu trabalho salvar, que ele nunca pensa em hesitar.

Cada pessoa que encontramos é uma oportunidade, uma oportunidade para vermos se podemos ajudá-la de uma forma ou de outra. Podemos imaginar quão pouco um médico se importa com o que um paciente lhe diz em seu delírio; o homem pode ser um insulto, pode ser imundo, pode ser tudo o que é desagradável; mas para o médico ele é apenas um caso que é seu dever ajudar. Essa deve ser a nossa atitude. Não importa que as pessoas a serem ajudadas frequentemente não sejam tudo o que deveriam ser; esse fato não desculpa nosso ser o que não deveríamos ser; não nos desculpa por perder a cabeça e ficar aborrecidos. Prossigamos e façamos nosso trabalho em relação a eles; e nosso trabalho é ser doce, gentil e amável, e observar em todos os lugares uma oportunidade de auxiliar.

Precisamos manter nosso entusiasmo; precisamos restaurar nossa força de sentimento; essa é uma das razões pelas quais vamos à igreja. Esse é o método que o próprio Cristo designou para auxiliar o seu povo. Ele levanta suas emoções; Ele os eleva, Ele lhes dá Seu próprio Ser no Santíssimo Sacramento. Por quê? Verdadeiramente para auxiliá-los em seu caminho na vida, mas muito mais para ajudá-los a auxiliar os outros; para mantê-los no nível em que possam irradiar amor e entusiasmo, e assim serem realmente úteis para os outros. É por isso que não devemos perder os cultos da igreja se pudermos evitar. Bem-aventurados aqueles a quem chega a oportunidade da comunhão diária com seu Senhor; suas vidas devem mostrar o resultado dessa comunhão diária. Eles devem diferir daqueles que não têm tal vantagem. O Cristo é acusado de ter dito: "Tome a sua cruz e siga-me." O que ele quer dizer com isso? "Assuma seu problema, sua dificuldade, seja o que for." Podemos ter a irritabilidade como nossa cruz, podemos ter diversas e várias pequenas dificuldades; não importa, vamos tomá-los e segui-Lo. Não precisamos negar a existência de nossa cruz, ou recusar enfrentá-la; vamos tomá-lo com ousadia e segui-lo. Viva como Ele

viveu, e então, no final, obteremos liberdade e segurança de todos esses problemas; alcançaremos o que almejamos. Ganharemos aquela vida com Ele, que é a verdadeira expressão Dele. Tome sua cruz e siga-O; essa cruz torna-se uma rósea cruz de luz, e logo é encimada pela coroa, a coroa de glória que não se desvanece. Mas para isso precisamos perseverar, e precisamos de força para carregá-la dia após dia, sim, embora seja por uma vida longa, para que nunca nos desviemos de segui-Lo.

CAPÍTULO XXVI

BOM TRABALHO

Tem havido muitos mal-entendidos em várias seções da Igreja Cristã com relação à necessidade de trabalho ativo. Há uma grande parte do cristianismo cujos instrutores nos dizem que temos apenas que crer e seremos salvos, como eles dizem. Geralmente atribuem uma conotação muito infeliz a essa palavra salvo, pois fazem com que signifique salvo de um inferno eterno uma ideia que é uma impossibilidade absoluta e uma blasfêmia contra Deus nosso Pai Amoroso. Nunca há, nunca houve, nunca poderia haver, o menor perigo de qualquer ser humano encontrar um destino tão terrível como esse. É verdade que o sofrimento sempre segue o mal, mas esse sofrimento é sempre educativo e nunca punitivo. Temos que aprender como devemos viver; mas há muitas oportunidades de aprender isso. Houve em todas as religiões e em todas as épocas do mundo Mestres para dizer às pessoas como elas devem viver, mas as almas menos evoluídas são muitas vezes incapazes ou relutantes em adotar esse ensinamento, porque geralmente lhes impõe uma boa dose de autocontrole de suas próprias paixões e sentimentos inferiores, dos quais eles não gostam. Eles não têm certeza, no fundo de si mesmos, de que o ensinamento é verdadeiro; consequentemente cometem erros, cometem o que se chama pecado, fazem coisas que não deveriam ser feitas, e sob a lei inevitável de causa e efeito o mal lhes traz sofrimento mais cedo ou mais tarde. Esse sofrimento às vezes pode ser terrível. Eterno é claro que nunca poderia ser, porque a ação de nenhum homem é eterna, e um resultado infinito não pode fluir de uma causa finita; mas é verdade que um homem pode se salvar de muitos problemas e tristezas se estiver disposto a usar seu bom senso e viver de acordo com o grande esquema que Deus estabeleceu para nós.

Ser salvo significa realmente estar do lado certo quando uma certa divisão da raça humana ocorrer no futuro, uma divisão sobre a qual houve o mais espantoso mal-entendido; tem sido descrito como a separação entre as ovelhas e os bodes, os salvos e os perdidos. Não pode haver nenhuma ideia como "os perdidos" em todo o mundo de Deus, porque Deus pretende que todos nós evoluamos; e evoluir certamente iremos. Não há dúvida sobre isso; a questão é se escolheremos seguir tranquila e voluntariamente o caminho da evolução, ou se daremos a nós mesmos e a outras pessoas muitos problemas movendo-nos inquietos e resistindo à orientação divina.

Esse é o único significado da salvação que um homem está certo de sair do lado certo nesse julgamento ou decisão futura, um julgamento que não é de forma alguma uma condenação dele, mas simplesmente uma decisão sobre se ele está ou não pronto para prosseguir no mundo superior e mais evoluído. Se não for, ele desiste e segue com a próxima onda de evolução. Não há questão de perda eterna; é como o caso de uma criança na escola que não está à altura de seu padrão e, portanto, não pode ir para uma classe superior com seus colegas, mas tem que esperar e fazer o mesmo ano de trabalho novamente. Isso é tudo o que significa ser condenado. A melhor tradução seria que uma decisão

é tomada contra o homem uma decisão que ele não é forte o suficiente para continuar.

Está escrito: "Creia e serás salvo". "Concordamos bastante, mas deve ser uma crença eficiente, uma crença que nos leva a algum lugar, que nos faz realizar algo, pois temos a autoridade da Bíblia para a afirmação de que a fé sem obras é morta. Não podemos fingir que um homem realmente acredite em algo se ele age como se essa coisa não fosse assim; nesse caso é claro que ele não acredita plenamente. Quando falamos de crença, não queremos dizer uma vaga suspeita de que uma coisa possa ser assim; queremos dizer uma certeza absoluta, a mesma certeza que temos de que o fogo nos queimará, uma certeza que nos faz ter um cuidado especial para não colocar as mãos no fogo e não pegar algo que está em brasa. Esperamos que Deus nos castigue se o fizermos, mas porque sabemos, como resultado inevitável de Sua lei, que, se pegarmos algo que está muito quente, sofreremos com a transmissão muito rápida de calor desse objeto para nossas mãos. Não é uma questão de punição, é tudo uma questão de bom senso e obediência à lei. Se esse fato puder ser colocado em nossas cabeças, nos pouparemos de muitos problemas.

Se a fé é para nos salvar de consequências desagradáveis, deve ser uma fé que leva à ação. Cristo observou que nem todos que O chamavam de "Senhor" necessariamente atingiriam a meta. "Por que me chamais Senhor, Senhor", Ele pergunta, "e não fazeis o que eu digo?" Ele exige alguma prova de que O reconhecemos como o Senhor, o Mestre. Ele diz: "Faça as coisas que eu lhe digo; é inútil professar uma crença se você não mostrar sua crença em um trabalho definido." O serviço da boca para fora não conta em casos desse tipo. Há muitos exemplos disso. Na Bíblia, o mais impressionante de todos é um que cito muitas vezes antes do relato que o próprio Senhor dá deste chamado dia do julgamento, do dia em que Ele decidirá quem está apto a ir para aquele nível mais alto que Ele descreve como o Reino dos Céus. Não é um lugar no espaço, um lugar onde os homens se sentarão para sempre nas nuvens, carregando harpas e cantando. O céu é um estado de consciência, um estado para o qual só podemos passar quando nos desenvolvemos o suficiente para poder entrar nele e desfrutá-lo.

Assim Ele diz sobre os estados mais elevados que estão diante dos homens: "Vós que sois aptos para eles, vinde; vós que sois suficientemente abençoados por Meu Pai" (que significa aqueles em quem o Terceiro Derramamento é suficientemente desdobrado) "vinde herdar a vida mais plena. O resto de vocês ainda não pode fazer isso, porque vocês não estão aptos para isso. Afasta-te de Mim, porque ainda praticas a iniquidade; venha para o exame novamente quando estiver melhor preparado. “Sentir-se bem não é suficiente. Definitivamente é fazer o bem.

Como podemos definir a prática de boas obras? Pelo menos sempre significa ajudar os outros de alguma forma; não é apenas caridade, não é apenas distribuição de bens aos pobres, por mais grandiosa e nobre que seja. Existem variedades de boas obras que são necessárias ao homem que deseja fazer

progresso real. A boa obra especialmente colocada diante de nós na epístola de São Paulo aos Efésios é que devemos mostrar amor. E há uma coleta que reza: “Para que nós, amando-Vos acima de todas as coisas, sejamos continuamente dedicados a todas as boas obras”. Verdadeiramente devemos sentir amor a Deus, mas nosso amor a Deus deve mostrar-se no amor ao próximo, no amor a Deus no homem, porque Deus, a centelha divina, está em todos, e quando amamos um ser humano, é o Deus nele que amamos. Quando amamos, idealizamos; pensamos na pessoa como muito mais grandiosa em muitos aspectos do que os outros podem vê-la. Mas não o estamos idealizando nem um pouco além de sua potencialidade. É nesse ser humano ser tão bom, tão bom em todos os sentidos quanto pensamos que ele seja. Talvez ainda não haja desenvolvimento suficiente nessa alma para mostrar toda essa possibilidade o tempo todo; mas o poder divino e a bondade divina estão lá, e se idealizamos o homem, estamos simplesmente olhando um pouco adiante para o que ele será, em vez de nos limitarmos ao que ele é no momento.

Portanto, essa é uma boa obra que devemos fazer se quisermos cumprir Sua ordem. Devemos amar a Deus e devemos mostrar nosso amor em ações bondosas para com nossos semelhantes. Além das boas obras externas (às quais comumente se dá o nome de caridade), devemos sempre fazer as boas obras internas que nos foram apresentadas na epístola, que nos diz que devemos andar dignos de nossa vocação. Nós que viemos para a luz temos uma vantagem singular, mas cada uma dessas vantagens nos traz uma responsabilidade maior. Se conhecemos um pouco mais da verdade de Cristo do que os outros sabem, então temos uma responsabilidade maior. A quem muito é dado, dele muito será esperado; então, se sabemos mais, devemos demonstrá-lo vivendo uma vida mais elevada e mais próxima de Cristo do que aquela que é vivida pelo homem que ainda é ignorante. Aprendemos não apenas que podemos saber em abstrato, não apenas que podemos ter em nossas mentes tanto conhecimento; mas para que possamos colocar esse conhecimento em prática, para que possamos viver como Cristo deseja que vivamos.

As palavras dessa epístola são admiráveis; não podemos pensar neles com muita frequência, ou seguir muito de perto sua direção, de modo que devemos mostrar nosso amor suportando uns aos outros em amor e mantendo a unidade de espírito no vínculo da paz. Por que é que a unidade é tão enfaticamente elogiada? Porque essa é a parte específica do progresso que nos é apresentada; esse é o grande passo que todos devemos tentar dar. Nós saímos de Deus, e Deus é um; o Uno se tornou muitos; houve uma grande divergência, para que aqueles que representam o Uno, esse Poderoso, possam trazer de volta a Ele o fruto de muitas experiências diferentes, para que haja uma maior plenitude, um fruto mais perfeito da evolução. Mas tendo nos tornado muitos para que possamos nos desenvolver em centros fortes e poderosos, temos agora que aprender a nos tornar um novamente, porque Aquele de quem viemos e para quem devemos retornar é um Deus em três pessoas, verdadeiramente e manifestando através de muitos Espíritos gloriosos, através de todos os tipos de formas diferentes, a forma humana entre outras, mas ainda

fundamentalmente Um; assim, para percebê-Lo e ganhar força e poder Dele, devemos nos aproximar cada vez mais da unidade.

Então, somos instruídos a lutar por essa unidade. É a coisa mais importante que nos é apresentada e, no entanto, uma das mais difíceis. Constantemente estamos brigando e lutando entre nós porque somos diferentes; e quão pequenas são as coisas sobre as quais discutimos, quão sem importância quando pensamos nisso. As pessoas farão muito barulho e muita dificuldade para conseguir exatamente o que querem em alguma questão bem pequena, embora não importe nem um pouco se elas são bem-sucedidas ou não. O que importa mil vezes mais é manter a unidade, o sentimento de amor e harmonia; e não quebrar esse sentido por causa de alguma coisa pequena que não tem importância alguma. A vida superior, a vida celestial, a vida do Cristo é sempre uma vida de unidade, e quanto mais nos aproximamos de uma unidade definida entre nós mesmos, mais nos aproximaremos Dele, que orou a Seu Pai para que todos nós pudéssemos ser um Nele, assim como Ele é um com o Pai.

Acrescentemos então à boa obra externa no mundo (que tenho certeza que todos estão fazendo ou tentando fazer o melhor que podem) aquela boa obra interna de ganhar e manter a unidade com nossos irmãos. O Cristianismo deve ser um vínculo real. Nossa mão dada a um companheiro cristão deve ser uma garantia segura de fraternidade real para ele. Devemos estar sempre prontos para ajudá-lo em sua necessidade e, com certeza, devemos defender seu bom nome em sua ausência, assim como faríamos em sua presença. Todas essas coisas devemos fazer se nossa fraternidade for verdadeira, para que os homens possam dizer de nós, como costumavam dizer nos tempos da Igreja primitiva: "Veja como esses cristãos se amam". Cristãos naqueles primeiros dias, quando eles eram poucos. Oxalá fosse igualmente a marca do cristão nestes dias, quando eles são comparativamente muitos. "Senhores, vós sois irmãos; então deixe o amor fraterno continuar."

CAPÍTULO XXVII

DEUS COMO LUZ

O sol foi tomado ao longo dos tempos como o símbolo da Divindade. Muitas pessoas falaram muitas bobagens sobre os adoradores do sol, e falaram deles como idólatras. Toda a ideia do que queremos dizer com idolatria é inteiramente estranha a qualquer uma dessas religiões orientais. Duvido muito se alguma vez existiu algo como um idólatra neste mundo. Muitos dos protestantes mais extremistas entre os cristãos acusam seus irmãos de idolatria porque usam o crucifixo, porque têm imagens de Nossa Senhora e de vários santos, mas acho que nem o mais ignorante dos camponeses entre os católicos jamais supôs que aqueles pedaços de madeira e pedra para serem os santos. Eles os entenderam como símbolos deles, representações deles para nos mostrar, na medida do possível, que tipo de pessoas esses grandes eram, e para despertar interesse e reverência por eles. Ninguém jamais adorou qualquer imagem; sempre tomaram imagens como símbolos daquilo que está por trás.

Então, certamente, com o sol. Os Parses, os Zoroastrianos, foram chamados de adoradores do sol, mas se perguntarmos a um Zoroastrista, ele nos diz imediatamente: "É claro que não é o sol que adoramos; essa é a representação física de um poderoso Espírito, um poder divino por trás; é isso e somente isso que adoramos."

O sol é um símbolo muito adequado e belo da Divindade. Pense como ele derrama luz para sempre; como o sol está sempre brilhando. É dito em nossas escrituras que Deus faz Seu sol nascer sobre maus e bons, e manda Sua chuva sobre justos e injustos; Ele derrama Seu sol sobre todos sem qualquer diferença ou força, e aquela Sua grande luz está sempre brilhando. Encontramos metade do nosso dia, metade das nossas vinte e quatro horas escurecidas; mas isso é porque estamos em nossa própria sombra, não porque o sol não está brilhando. Às vezes há nuvens e tempestades, mas, como eu disse antes, elas também são nascidas na terra, e o sol brilha para sempre. Temos apenas que nos elevar acima das nuvens terrenas, ou sair da sombra da terra, e encontraremos nosso sol eterno. Portanto, é um belo símbolo do poder divino, e é bem verdade que Nele não há escuridão alguma.

A luz permanece sempre pura. O homem não pode sujar ou influenciar essa luz. Se um derramamento de água passar por um cano sujo, torna-se água suja. Se o sol brilha através de uma vidraça suja, a luz não é ruim; continua a mesma luz, e mesmo que usemos vidro colorido não mudamos a luz; significa apenas que esse tipo de vidro deixará passar apenas uma parte e não o todo. Mesmo assim, pense como isso é adorável; podemos distinguir melhor a beleza especial dessa parte porque, por enquanto, as outras partes são mantidas de lado, longe de nossa visão. Devemos às vezes ver menos do que o todo, para que possamos saber que esplendor, que beleza está incluída nesse todo.

Por mais maravilhosa que seja essa luz, nós, pobres seres humanos, podemos realmente ajudá-la, por assim dizer, em seu trabalho. Podemos refletir

essa gloriosa luz do sol em cantos escuros que, de outra forma, ela não poderia penetrar; pois a luz se move apenas em linhas retas, de modo que, por meio de brinquedos puramente humanos, por espelhos e refletores, podemos enviar luz para aqueles de quem de outra forma ela estaria oculta. Os homens se escondem em cavernas, abrigos e porões nos quais a própria luz do sol divino não pode penetrar; mas podemos refleti-lo nesses lugares e, assim, pobres e pequenos como somos e comparativamente sem importância, ainda podemos ajudar esse poderoso poder divino a se manifestar a homens que de outra forma não o veriam, a quem sua terrível pureza não faria nenhum apelo. Ao refleti-lo, ao dar talvez apenas parte dele, e ao refletir apenas uma cor dele, podemos torná-lo visível para aqueles que de outra forma não veriam.

Há outra coisa também que devemos lembrar. Passamos grande parte de nossas vidas no que é chamado de luz artificial, mas aqueles que sabem alguma coisa de ciência estão cientes de que na realidade não existe luz artificial, pois toda luz é apenas luz solar transmutada. Nós queimamos nosso carvão, fazemos nosso poder; o que é o carvão senão as plantas de outrora que armazenaram luz na forma de energia que atraíram milhões de anos atrás, e agora emitem novamente? Toda luz é apenas uma forma de energia, e toda energia neste sistema vem do sol, assim como toda vida vem daquele que está por trás do sol, o Logos Solar ou Deidade.

Vemos de quantas maneiras este símbolo de Deus como Luz é realmente belo, realmente algo que merece uma cuidadosa consideração. Nós, portanto, se quisermos ser cooperadores de Deus, que é certamente a maior honra e a maior bênção que pode vir ao homem mortal, devemos também ser luzes, por mais fraca que seja nossa luz. "Que as luzes inferiores estejam acesas", pois as luzes inferiores têm seu próprio trabalho para realizar um trabalho que as luzes maiores não podem fazer sem alguma mudança completa de sua natureza e poder; então cada um tem seu trabalho a fazer; ele deve ser uma luz. Deus não é apenas a luz externa e a glória do universo; Ele é a luz que habita a luz dentro de nós. Então deixe nossa luz intumescer e crescer até se tornar uma com a Luz infinita.

São João, em sua Primeira Epístola Geral, fala claramente sobre o efeito dessa Luz. “Se dissermos que temos comunhão com Ele, e ainda assim andarmos em trevas, a verdade não está em nós." Podemos dizer por nós mesmos imediatamente se estamos abrindo nossos corações para a Luz divina, porque se for esse o caso, estaremos na luz, como Ele está na luz. Se sofremos de nuvens depressivas, se nossa atitude é pessimista, se nos sentimos oprimidos pelo que nos acontece, então ainda não estamos na gloriosa luz do sol de Sua vida; então devemos sair dessas cavernas de escuridão, desses abrigos feitos pelo homem que nos escondem da gloriosa luz do sol de Deus; saia e ande com Ele na luz. "Estas coisas vos escrevi para que a vossa alegria seja completa." Alegria é o teste da verdadeira crença. É o servo bom e fiel que entra na alegria do seu Senhor; mas lembre-se qual é a alegria do Senhor. Não é um céu vago de festa e de canto; pois o que é que Cristo Nosso Senhor faz? Todo o tempo Ele se derrama em sacrifício por nós; foi para nós homens e para

nossa salvação que Ele desceu à matéria, e nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria. Aqueles que entram no gozo do Senhor devem participar da obra do Senhor, pois é essa obra que é a Sua alegria. Na religião grega, o Logos é simbolizado pelo nome de Baco; o bebê Baco tem Seus brinquedos, e através de Seu jogo os mundos passam a existir. A lista de Seus brinquedos é de extremo interesse, pois O encontramos usando dados que são os cinco sólidos platônicos, um pião que é o átomo giratório, uma bola que representa a terra e um espelho que é o símbolo da luz astral. É com eles que Ele joga, onde Ele desce, e a alegria do Senhor é a alegria do sacrifício. Portanto, é nessa alegria do sacrifício que todos nós devemos tentar entrar; mas enquanto pensamos nesse sacrifício como sofrimento, não entramos na verdadeira alegria do Senhor. Quando o sacrifício é a única maneira de viver que é possível para nós, quando essa é nossa mais verdadeira e nossa maior alegria, então, de fato, somos um com Ele; então andamos na luz, como Ele está na luz.

A epístola de São João, na qual se encontra a passagem sobre a qual venho comentando, tem uma característica especial que merece nossa cuidadosa atenção porque apresenta uma estreita analogia com nossa própria posição nos dias atuais e mostra que o testemunho da Igreja vem através das eras, e que nós lhes dizemos hoje exatamente o que o apóstolo disse ao seu povo há dois mil anos. Observe a posição decidida que São João toma. Ele diz muito claramente: "Você deve entender que estou falando sobre o que eu mesmo vi e sei. Eu falo para você das coisas que meus olhos viram e minhas mãos tocaram, da palavra da vida. Não estou dizendo a você algo que é uma mera questão de boato; eu vi isso e eu sei disso." Isso é exatamente o que lhes dizemos nesta Igreja hoje: Não estamos falando meramente com base na autoridade de qualquer escritura sagrada, embora frequentemente citemos escrituras antigas em apoio ao que dizemos; não dependemos de informações que nos foram transmitidas pela tradição, embora isso muitas vezes confirme nosso ensinamento; estamos falando de coisas com as quais muitos de nós experimentamos, coisas das quais experimentamos repetidas vezes, para que saibamos do que falamos e damos a você um testemunho pessoal direto que é mais do que você obterá da maioria dos instrutores religiosos!

Mas não esperamos, portanto, que alguém aceite tudo o que dizemos sem maiores indagações. Deixamos os homens perfeitamente livres nesta Igreja para acreditar em tudo o que se recomenda à sua própria razão e bom senso; mas o fato de deixá-los perfeitamente livres não significa que não tenhamos conhecimentos e convicções próprias. Pelo contrário, alguns de nós sabem bastante sobre essas coisas; nós a conhecemos como resultado de muitos anos de investigação paciente e cuidadosa, em linhas precisamente semelhantes às que os homens científicos adotam no estudo da química, da astronomia ou qualquer outro assunto.

Por muito tempo parece ter sido pensado que neste nosso mundo havia certos assuntos que deveriam ser deixados para o domínio da religião; que eram puramente questões de fé, que ninguém podia saber nada definitivo sobre eles e que, portanto, algumas pessoas acreditavam em uma coisa e outras em outra.

Isso tem sido uma coisa lamentável para o mundo. Não há razão para que as pessoas não investiguem por si mesmas esses assuntos que se supõe serem apropriados à religião, assim como não há razão para não investigar geologia, química ou qualquer outra ciência. Não é de modo algum mais presunçoso ou irreverente investigar o funcionamento das leis de Deus no plano astral do que no "físico".

Por exemplo, há toda a vasta questão da vida após a morte. É ridículo supor que não podemos obter nenhuma informação sobre isso. Há uma abundância de informações a serem obtidas sobre isso para quem se der ao trabalho de procurá-lo. É claro que existem condições associadas à pesquisa psíquica, exatamente como existem condições associadas ao estudo da eletricidade. Se quisermos experimentar a eletricidade, devemos obter o maquinário que a gerará, devemos ter os fios que a conduzirão e, de várias maneiras, devemos nos fornecer as instalações e os suprimentos necessários. É exatamente o mesmo se quisermos estudar assuntos do mundo superior. Não podemos lidar com eles com a mesma maquinaria que deveríamos aplicar à química ou à geologia; mas isso não significa que eles não possam ser estudados, se nos dermos ao trabalho de aprender e aplicar os métodos apropriados.

Alguns de nós fizeram isso. Eu mesmo passei meio século sobre esses assuntos, experimentando de várias maneiras por mim mesmo e por meio de outros, e coletando grandes quantidades de evidências; e acho que se pode afirmar com justiça que, ao final de um aprendizado tão longo, começa-se a saber algo sobre ele. É bem possível para qualquer homem que tenha tempo, dinheiro e paciência para fazer exatamente o que eu fiz para obter provas e experimentar por si mesmo. Enquanto isso, estamos prontos para apresentar o resultado de nossas inquirições e investigações ao nosso povo.

A mensagem que trazemos é exatamente aquela que São João trouxe. Vimos algo desses esplendores superiores, e sabemos com absoluta certeza que existe um Deus de Luz e Poder, e vemos como Ele opera aqui embaixo através de Seus instrumentos e através da matéria que é uma manifestação Dele. Através de todas as eras tem havido contínuo testemunho. Sempre houve quem soubesse, e sempre haverá. Nem todos nós podemos dizer "eu sei", embora haja muito mais pessoas que possam dizê-lo do que geralmente se supõe, pois, muitos homens tiveram suas próprias experiências, algumas de um tipo, outras de outra, de modo que são bastante correto interiormente. Mas aqueles que se dão ao trabalho de treinar suas faculdades superiores sabem agora, assim como outros sabiam há milhares de anos. O testemunho da grande Igreja Católica é consistente e contínuo.

Os cristãos reconhecem São João como um dos maiores de seus apóstolos, mas é curioso que, apesar disso, ninguém parece realmente acreditar nele, ou seja, se formos pela atitude geral do cristão nos dias atuais, o tom geral de seu livro de orações e seus escritos religiosos como um todo. Um grande fato emerge da investigação de São João sobre esses assuntos. Ele afirma saber em

primeira mão, e declara que Deus é Luz, e que Nele não há treva nenhuma. Se apenas os cristãos tivessem acreditado nele, aceitado sua declaração com seus inevitáveis corolários, teríamos evitado uma grande quantidade de problemas e tristezas totalmente desnecessárias. Aparentemente os cristãos não podem acreditar nele; eles não podem acreditar nas afirmações do próprio Cristo; eles devem voltar ao antigo terrorismo da religião dos primeiros judeus, que adoravam uma divindade tribal própria, a quem consideravam excessivamente cruel, vingativa, ciumenta e de várias maneiras muito diferente do Pai amoroso que Cristo consistentemente colocou diante do Seu povo. Se apenas aqueles que se chamam cristãos seguissem a Cristo e Seus apóstolos, e deixassem a religião judaica em paz, nós nos daríamos muito melhor.

Qualquer um que possa aceitar a declaração clara de São João de que Deus é luz e nele não há treva nenhuma, descobrirá que isso muda tudo, que é da mais suprema importância, que é o fato delirante que torna todas as coisas claras para nós, assim que o compreendemos. Alguns podem dizer: “Quando olhamos ao nosso redor no mundo, não vemos evidência suficiente de que Deus é um Pai Amoroso, que Ele é Luz, e Nele não há trevas. Pense na terrível miséria que significou para milhões de pessoas; como pode ser isso se não houver escuridão?"

É claro que a evidência não pode ser vista, desde que estejamos olhando apenas para uma pequena parte da coisa. Imagine um número de formigas rastejando pelo lado errado de uma magnífica peça de tapeçaria, examinando as extremidades que pendem na parte de trás e discutindo entre si se poderia haver algum desenho nela. "Algumas cores aqui e outras ali", eles poderiam dizer, "e nenhum sentido ou razão aparente em tudo isso." Estamos quase na mesma posição para julgar o que realmente está sendo feito, assim como aquelas formigas estariam para julgar o desenho daquela tapeçaria. Alguma formiga inteligente por acaso ou por desenvolvimento extra pode aprender a escalar para o outro lado. Então ele voltava e relatava aos outros: "Há um padrão real para tudo isso; há alguma razão nisso, mas você pode ver apenas um lado, e esse o lado de baixo. Toda a parte importante você não vê de forma alguma." Essa é exatamente a posição em que estão os homens que discutem sobre o poder e o amor de Deus quando veem apenas esse lado do plano físico das coisas. Eles veem apenas o que acontece com os corpos dos homens, a parte mais inferior deles. Se eles pudessem subir para o outro lado da tapeçaria e ver o padrão, se pudessem elevar sua consciência ao nível mais alto e ver o que está acontecendo com as almas dos homens como consequência de tudo isso, eles compreenderiam o plano real e esquema de toda a atividade, e então entenderiam que verdadeiramente Deus é Luz e Nele não há escuridão alguma. Se nem sempre podemos ver evidências disso aqui embaixo, é porque não estamos vendo nem a metade, nem um décimo do funcionamento da máquina; não temos nenhuma compreensão do mundo como um todo enquanto o examinamos apenas deste lado inferior. Devemos ficar acima dele e olhar para baixo e vê-lo completamente.

Faça uma analogia com a grande guerra. Podemos imaginar quão pouco do que estava sendo feito em uma dessas batalhas um único soldado particular saberia enquanto lutava em um canto do campo de batalha. Ele tinha suas ordens e as executou com nobreza, mas sabia pouco do plano do general que tinha todo o caso em mente. Pode haver sofrimento terrível, pode até haver uma derrota parcial e retirada em uma parte do campo, para que se ganhe tempo para obter uma vitória real em algum outro ponto da mesma grande batalha. Não podemos dizer vendo uma pequena parte; mas se nos levantarmos e olharmos para baixo, não podemos ver de fato o todo, mas o suficiente para nos certificarmos de que existe um plano, que o plano é nobre e verdadeiro, e que está dando certo e não falhando.

Essa é a mensagem daqueles que são capazes, depois de longa prática e trabalho, de elevar sua consciência para que possam olhar tudo de cima e ter uma visão mais ampla do que pode ter aqui embaixo. Mais uma vez, estamos repetindo a declaração de São João, e estamos repetindo-a com o mesmo fundamento de que nós mesmos vimos o funcionamento do esquema o suficiente para poder afirmar exatamente o que São João afirmou há dois mil anos, que Deus é Luz, O Ato de Fé no Ofício de Prima, que já citei, transmite a ideia:

“Cremos que Deus é amor, poder, verdade e luz, que uma justiça perfeita regula o mundo, que todos os seus filhos um dia chegarão aos Seus pés, por muito que se tenham transviado. Sustentamos a Paternidade de Deus e a fraternidade humana. Sabemos que tanto melhor serviremos a Deus quanto melhor serviremos ao homem nosso irmão. Por isso, a sua benção repousa sobre nós, bem como a sua paz, para sempre”.

Não dizemos aos homens, como fazem algumas outras denominações cristãs, que eles terão um futuro desagradável e sulfuroso se não acreditarem no que dizemos; cabe a eles apreender nossa evidência ou deixá-la; mas afirmamos que é uma evidência e que todo homem sensato deve levar isso em consideração. Todos os que afirmam ter penetrado em níveis mais elevados e aprendido a ver por si mesmos concordam em nos dizer que existe um esquema ordenado, que está se movendo para uma consumação do bem final para todos.

Desse conhecimento decorrem muitas coisas. Sendo assim, o melhor de tudo, e o melhor em tudo, é o mais próximo da verdade Nele; então, quando acontece alguma coisa que nos pareça causar tristeza e mal, devemos olhar e ver se não há um lado bom nisso. Procure sempre o melhor; pois sempre descobriremos que em algum lugar há o melhor. Procure os pontos positivos, não só em tudo, mas em todos; 'porque procurando o bem nos aproximamos da realidade. Vamos contar nossas bênçãos em vez de ficar resmungando e olhando em volta procurando algo em que possamos encontrar falhas. Se procurarmos o bem, ficaremos surpresos ao ver quanto há dele. Se aceitarmos a ideia de que Deus é luz, e confiarmos Nele, segui-Lo, obedecer-Lhe, logo encontraremos evidências acumuladas para mostrar que estamos no caminho certo. Os homens encontram o que querem encontrar. Se um homem tenta

encontrar uma queixa, pode facilmente fabricar uma; se ele sair por aí procurando assuntos que estão dando errado e não sendo bem administrados, é claro que ele encontrará alguns; mas se, por outro lado, ele tentar seguir a linha mais alta e procurar o melhor, logo verá que a evidência desse lado supera totalmente a do outro.

Parece-me mais importante que adotemos uma atitude adequada de total confiança em Deus, a atitude de confiança fundada na razão e não na fé do Vento. Devemos eliminar todas as lamúrias e todas as orações por misericórdia. Até que examinemos o assunto, mal percebemos como todas as velhas orações e hinos que nossos antepassados usaram durante tantos séculos estão impregnados com essas ideias de medo, aversão e horror. As pessoas dizem as palavras e nunca pensam nas terríveis implicações que se seguem delas. Quando eles dizem: "Senhor, tem misericórdia de nós", o que eles querem dizer? Eles devem querer dizer, de qualquer forma, que se eles não pedissem a Ele para agir com misericórdia, bondade, justiça, Ele não o faria. Que direito eles têm de pensar uma coisa tão perversa sobre nosso Amoroso Pai? Pedem a Ele que perdoe os pecados significando, suponho, se as palavras significam alguma coisa, que se Ele não fosse solicitado a perdoá-los, Ele guardaria rancor contra eles. Que direito eles têm de acusar o Pai da Luz de guardar rancor contra qualquer homem?

A palavra grega é suscetível de uma interpretação muito melhor; em vez de remissão, podemos traduzi-la por demissão como o abandono dos pecados. A palavra pode ser usada para implicar remissão, se importarmos a ideia de que outra pessoa é obrigada a guardá-los; mas seu significado simples é o descarte de *siris*. Está perfeitamente aberto para nós lermos esse artigo no Credo no sentido de que acreditamos na necessidade de nos livrarmos de nossos pecados antes que possamos fazer qualquer progresso. Ela suportará tão prontamente essa interpretação quanto a ideia de remissão; e quando chegamos a ver os fatos sobre a absolvição, observamos que não é da natureza do perdão por alguém que é afrontado por um mal feito a Ele, mas simplesmente o real endireitamento mecânico das coisas que ficaram tortas. O perdão dos pecados é simplesmente o destorcer da distorção que causamos na matéria superior de nossos corpos mais sutis, colocando-nos no momento contra a grande corrente da evolução e fazendo algo que interfira nessa corrente. A absolvição não remove em nenhum grau qualquer culpa; tudo o que ela faz é retificar algumas das consequências subjetivas da culpa, quando o novo fator de um desejo sincero de melhoria é introduzido.

Deus não se deixa escarnecer; não precisamos nos enganar; tudo o que o homem semear, isso também ceifará; mas se formos corajosos e honestos, não desejamos nada além disso. Se cometemos um erro, estamos prontos para assumir as consequências. Não queremos jogá-los em outra pessoa; não queremos que mais ninguém sofra pelo erro que cometemos. Isso certamente é justo e razoável; isso é apenas honra e decência comuns. Temos que perceber que os assuntos relacionados à religião não são nebulosos, distantes e incertos, mas funcionam exatamente sob as mesmas leis que tudo na natureza. Uma

causa produz seu efeito em assuntos físicos; assim também em questões morais, se cometermos um erro, colocamos uma causa em movimento e produzimos um efeito que reage sobre nós. Se fizermos uma boa ação, também colocaremos uma causa em movimento, e esse efeito também reage sobre nós. O ângulo de incidência é sempre igual ao ângulo de reflexão; estas são questões não de fé, mas de bom senso.

Outro ponto que nos mostra o fato de que Deus é luz é que Sua atitude em relação a nós não é a de um tirano que há muito estabeleceu um código de regras e espera que as sigamos; Ele é um Amigo vivo, perto de nós o tempo todo e pronto para nos ajudar o tempo todo se tirarmos proveito de Sua ajuda. Cristo é verdadeiramente um Governante e Rei; contudo, para cada homem entre nós, Cristo é também o melhor amigo; não um mero personagem histórico de dois mil anos atrás, mas um verdadeiro Amigo vivendo aqui e agora, um poderoso Poder em cada vida humana se o homem apenas permitir que Ele seja assim. Mas temos que aprender isso; e muitos não vão aprender. Os homens dão as costas ao sol e gritam que está escuro. Parece fácil corrigir isso; temos apenas que nos virar e veremos que o sol está brilhando.

Qualquer que seja a escuridão que exista, nós a criamos para nós mesmos, seja no passado ou agora. Lembre-se do que um grande Mestre que viveu seiscentos anos antes do nascimento de Cristo disse: "Não reclame, nem chore e ore, mas abra os olhos e veja, porque a verdade, a luz, está ao seu redor o tempo todo, e é tão maravilhoso, tão bonito, tão além do que qualquer homem já sonhou ou orou; é para toda a eternidade."

Essa é a verdade eterna. É tão verdadeiro para nós que somos cristãos agora como foi para aqueles que ouviram há dois mil e quinhentos anos dos lábios do Senhor Buda, distante na Índia, a mesma verdade eterna de que Deus é Luz, e Nele não há escuridão em tudo.

CAPÍTULO XXVIII

PREMEDITAÇÃO

Muitas pessoas, bons e sinceros cristãos, duvidaram um pouco das palavras do Sermão da Montanha; porque é óbvio que não pensar no amanhã é claramente ser imprevidente, e que o homem que não pensa em fornecer comida e roupas para si mesmo está simplesmente jogando o ônus desse dever para outra pessoa.

As pessoas aceitam esta declaração como representando o ensinamento do Cristo; no entanto, eles sentem (e com razão) que tal instrução não se encaixa em nossa vida moderna. A maneira usual de não superar a dificuldade, mas sim, penso eu, evitá-la, é dizer que uma condição de atividades que permitia tal conduta pode ter existido no tempo de Cristo; ou que é assim que devemos viver, mas não o fazemos.

Aqueles que fizeram algum estudo da alta crítica estão cientes de que seria injusto atribuir a Cristo todas as palavras que lhe são creditadas nos evangelhos, porque sabemos que esses evangelhos são principalmente significados expressos como símbolos ou parábolas e não como história; mas também é verdade que os primeiros cristãos escreveram e preservaram muitos dos ditos do Cristo, e não há razão para duvidar que eles tenham representado alguns desses ditos com razoável precisão. Certamente há alguns deles (como a maldição da figueira estéril) que são tão obviamente indignos Dele que somos justificados em rejeitá-los instantaneamente; 'mas a observação em consideração não pertence necessariamente a essa classe, embora para compreendê-la e apreciá-la, é necessário que façamos uma distinção clara entre as instruções dadas aos Seus discípulos imediatos e os preceitos destinados ao mundo em geral.

As pessoas muitas vezes esquecem que o Cristianismo é uma religião oriental e que o Cristo era judeu. Parece que ainda há muitos cristãos bons e sinceros que pensam que Ele se dirigiu a Seu público em inglês idiomático; de que outra forma podemos explicar sua crença cega na inspiração verbal da versão inglesa? Ele falava no *Koiné* ou forma helenística popular do grego; muitos documentos em linguagem exatamente semelhante foram descobertos recentemente, mostrando que essa língua era das pessoas ao redor do extremo Leste do Mediterrâneo naquela época. Os estudantes devem lembrar que qualquer religião que vem do Oriente, e foi originalmente falada para as raças orientais, é escrita e pregada do ponto de vista oriental. Uma das características fortes de todos os sistemas orientais é a ideia de que todo instrutor religioso deve ser um homem especialmente dedicado à vida santa; deve ser o que na Índia deveríamos chamar de iogue, um homem como os monges budistas, um homem não muito diferente dos frades ou monges da Idade Média na Europa, devotado à pobreza, castidade e abstinência; um homem que, pelos próprios termos de sua existência como instrutor, não pode possuir nada neste mundo. É assim nos dias atuais na Índia e nos países budistas; um instrutor religioso pode

teoricamente não ter nada próprio; mesmo as vestes que ele usa devem ser sem valor.

Essa é uma das razões pelas quais os missionários cristãos fizeram tão pouco progresso com essas raças orientais. Há missionários cristãos na Índia há algumas centenas de anos, e o número de convertidos é muito pequeno, e nenhum deles é do que deveríamos chamar de classes respeitáveis. Eles veem os bispos e clérigos da Igreja da Inglaterra vivendo exatamente como outros brancos, com uma comitiva de servos e um ótimo salário. O oriental ri deles. O primeiro sinal pelo qual ele conhece um mestre religioso é que ele não possui quaisquer posses. Esse é o ponto de vista dele, embora, é claro, haja muito a ser dito de ambos os lados. Os professores religiosos dificilmente poderiam viver assim na Europa ou na Austrália; mas como essa é a arraigada ideia oriental, a única maneira de abordar a raça oriental com uma nova religião seria enviar homens preparados para viver assim. Os únicos cristãos que se aproximaram dos orientais, pelo menos na Índia, de maneira razoável são os dois polos opostos da crença cristã, os padres católicos romanos e o Exército da Salvação. Eles vão e vivem no meio do povo, e como o povo vive; consequentemente, eles são pelo menos honrados e respeitados como instrutores religiosos pelos hindus, ainda que estes possam dizer que a religião que esses missionários lhes apresentam não os atrai como sua própria fé hindu.

Da mesma maneira verdadeiramente oriental o Cristo escolheu seus discípulos; Ele os chamou imediatamente de seus modos comuns de ganhar a vida, e com verdadeiro fatalismo oriental eles O seguiram sem hesitação. A maioria deles eram pescadores, de acordo com a história; um deles era um taberneiro (o que não significa que mantinha uma taberna, mas um homem que cobrava impostos). Diz-se que São Paulo era um fabricante de tendas. O Cristo os chamou de seu trabalho, dizendo-lhes que entregassem suas vidas à religião e O seguissem. Tinham sido, à sua maneira, comerciantes ou homens de negócios, ou operários, e talvez tivessem alguns escrúpulos em desistir de sua vida; não seria antinatural, então o Cristo os exorta constantemente: "Vocês são meus discípulos; devem ensinar as pessoas e dar-lhes um exemplo; portanto, não precisam se preocupar com dinheiro, roupas ou coisas semelhantes. Faça seu trabalho, e estas coisas virão a você."

Nossas ideias são tão absolutamente diferentes do Oriente que seria muito provável que nos ocorresse que esses mestres religiosos do Oriente têm uma vida muito fácil. Tudo o que eles precisam é fornecido, realmente não em uma escala magnífica; toda comida e roupas são sempre certas. Certa vez, ouvi um índio tentando explicar esses assuntos a um americano. O hindu perguntou: "Vocês não têm pessoas que vagam pelo país assim, sem dinheiro, indo de um lugar para outro?" "Ah, sim", respondeu o americano, "nós temos muitos na América, mas nós os chamamos de vagabundos!" É assim que atinge o homem desta civilização bem diferente. O hindu diria: "Não pense que essas pessoas são preguiçosas: pelo contrário, estão vivendo uma vida espiritual e se dedicando totalmente a isso, derramando uma influência espiritual e derramando sobre nós a luz da vida espiritual; portanto, eles estão fazendo para nós um

trabalho que nós mesmos não temos tempo de fazer e, consequentemente, estamos muito felizes em fornecer-lhes em troca o pouco alimento e roupas de que precisam". Na verdade, é pouco, no que diz respeito a isso; mas vemos quão totalmente diferente é o ponto de vista deles.

Se olharmos para o início do relato deste Sermão da Montanha, veremos que Cristo chamou Seus discípulos ao Seu redor e falou com eles; de modo que, obviamente, Ele está dizendo a eles como devem viver. Ele não dá de forma alguma esse mesmo tipo de vida para todas as pessoas com quem Ele fala em outras ocasiões. Devemos ter uma compreensão racional do que se quis dizer antes de procedermos a condenar o ensino como irracional. A maioria dos cristãos não condena isso como irracional, embora vivam como se pensassem assim; mas acho que essa suposição tácita fez muito mal. Aqui estão comandos bem definidos que tomam como dados a eles, mas eles não os obedecem; eles não começam a pensar em obedecê-los. Nenhum cristão comum consentiria por um momento em não pensar no amanhã, ou em viver como vivem as flores do campo. Mas porque aqueles que pensam que são obrigados a fazer isso não o fazem, e considerariam fútil, censurável, não viril fazê-lo, uma certa irrealidade ofusca sua religião. Aqui estão o que eles consideram como comandos simples, mas nunca pensam em obedecê-los; por que, portanto, eles deveriam obedecer a qualquer um dos outros mandamentos dados a eles sob o pretexto religioso?

Não deve haver nenhuma pretensão sobre assuntos religiosos de forma alguma. Se isso realmente é um comando definido dado pelo Cristo a todos nós; deveríamos estar tentando obedecê-la. Mas não é uma ordem dada a todos nós; foi dado especialmente a esse grupo de discípulos peripatéticos. Ele fala de maneira bem diferente quando se dirige ao público em geral. No entanto, há lições úteis que todos podemos aprender com essas palavras, embora reconheçamos que não foram dirigidas especificamente a nós. Cristo diz que não podemos servir a Deus e a Mamom; e isso é eternamente verdade. Se algum homem está dedicando toda a sua vida apenas a ganhar dinheiro e pensando sempre nisso, é pouco provável que ele esteja fazendo muito para ajudar na evolução. Certamente não há nada de errado em ser rico. Essa é outra ideia pitoresca que surgiu da distorção dessa mesma doutrina, a teoria de que é uma coisa perversa ser rico. Relata-se que Cristo disse: "Quão dificilmente entrará o rico no reino dos céus!" E os invejosos e ignorantes entendem que isso significa que um homem rico não pode escapar do inferno, o que não é minimamente o que o Cristo pretendia. O Reino dos Céus significa a Comunhão dos Santos, a Grande Fraternidade Branca, o corpo dos Iniciados; e é verdade que um homem muito rico acharia difícil levar uma vida como um Iniciado. Ele está, e deve estar, muito ocupado em assuntos mundanos para se dedicar inteiramente a uma vida espiritual. Mas devemos lembrar que é seu dever estar ocupado na vida física, por causa da riqueza que lhe foi confiada. Assim, a observação de Cristo é uma declaração de um fato óbvio, não uma condenação ridícula de um homem ao inferno porque ele é rico! Isso seria totalmente injusto. Mas é verdade que todo homem, rico ou pobre, que deseja agradar a Deus e progredir, deve, sem dúvida, buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça; ele deve sempre manter diante de si a ideia de que está servindo a Deus, e não vivendo apenas para a riqueza.

Isso, no entanto, é uma coisa totalmente diferente e uma afirmação bastante razoável. Aquele que se dedica ao serviço de Deus pode fazê-lo melhor, como o próprio Cristo nos diz, vivendo para servir seus semelhantes. Ele diz: "Você me alimentou quando eu estava com fome, você me deu de beber quando eu estava com sede, você me visitou quando eu estava doente e na prisão..., vós o fizestes a Mim."

Sua instrução para nós é que mostremos nosso amor a Deus na forma de serviço ao próximo. Isso significa que devemos estar sempre do lado de Deus. Pode-se pensar que uma sugestão supérflua, porque é claro que todos estariam sempre do lado de Deus. Sim; se alguma grande escolha fosse colocada diante de nós para escolher entre o bem e o mal, entre o altruísta e o egoísta, acredito que todas as pessoas decentes se declarariam imediatamente do lado de Deus e seguiriam a linha altruísta. Mas as pessoas, tanto os cristãos como os outros, muitas vezes esquecem que tal decisão vem a cada um deles muitas vezes todos os dias nas pequenas coisas da vida. Já citei a observação aguda de Santo Agostinho: "Muitos serão os que morrerão por Cristo, mas poucos serão os que viverão por Ele". Com todo o respeito aos grandes mártires, não é tão difícil ser mártir em alguma tremenda ocasião histórica, mas nos pequenos problemas e provações de todos os dias muitas vezes não percebemos que existe algum tipo de teste, e assim acontece muitas vezes que inadvertidamente falhamos, apenas por falta de pensamento. Temos que viver para Cristo dia a dia, e devemos estar do lado de Deus nas pequenas coisas, bem como nas grandes emergências. Estes últimos ocorrem, mas raramente, mas as pequenas coisas estão sempre conosco.

O mundo, como bem disse um grande Mestre, está dividido em duas classes: as pessoas que sabem qual é o plano de Deus e, portanto, estão sempre trabalhando ao Seu lado, e as que não sabem e, portanto, estão atualmente seguindo ideias egoístas. Você deve estar entre os poucos que estão levantando o pesado *karma* do mundo, ou então entre a enorme maioria que está sendo levantada. Essa é a verdade.

Tomemos a decisão de que, tanto nas pequenas como nas grandes, estaremos entre os levantadores, e não fazer parte do fardo que eles têm de levantar. Cuidemos para que nosso serviço ao nosso Deus seja prestado durante todo o dia, e que nossas vidas sejam em todos os aspectos vidas dedicadas a Ele, porque são dedicadas à utilidade aos nossos semelhantes.

PARTE III

APONTAMENTOS DURANTE A GUERRA

CAPÍTULO XXIX:

A VERDADE SOBRE A GUERRA

A grande guerra é o único tópico do dia, a única coisa sobre a qual todos falam da única coisa, também, sobre a qual todos pensam; e, no entanto, um grande número de pessoas não está pensando corretamente sobre isso. Há muitos que não sabem o que pensar. Eles estão divididos por várias ideias diferentes e acham difícil ter uma visão equilibrada. Por um lado, muitas vezes há uma onda de ódio provocada por terríveis barbaridades, por crueldades sem precedentes; por outro lado, há um forte sentimento, um sentimento bem fundamentado de que a guerra é uma coisa perversa e insana, que nunca resolve nenhum ponto adequadamente, porque o lado que vence em uma guerra não precisa necessariamente ser sempre o lado certo. A providência, dizem eles, está do lado das maiores armas; e a velha ideia medieval de que a guerra sempre foi decidida por algum poder superior não encontra aceitação invariável nos dias atuais. As pessoas dizem: "Sabemos que a guerra é uma coisa má e perversa; sabemos que a paz é certa e bela; então, como podemos lutar com qualquer coração?" No entanto, por outro lado, quando coisas tão terríveis estão acontecendo, não é dever de todo homem fazer o que puder para impedir o mal? Portanto, há uma incerteza geral de sentimento, e muitas pessoas mal sabem que linha devem seguir.

Talvez uma exposição dos fatos a respeito da guerra a partir de dentro possa nos ajudar quanto à atitude que devemos adotar. Em minha mente, a posição é absolutamente clara e definida, porque tenho a vantagem de algum conhecimento do lado interno das coisas. Eu sinto que a atitude que os homens tomam em relação a esta guerra é uma questão de grande importância. É bem verdade que a única coisa a se pensar agora é vencer. Mas muitos de nós não somos capazes de lutarmos, e a atitude que tomamos em relação à guerra pode tornar o acordo final uma coisa relativamente fácil ou quase impossível; portanto, não é sem importância que tenhamos as ideias certas claramente em nossas mentes.

Para termos ideias claras sobre qualquer assunto, devemos antes de tudo ter os fatos à nossa disposição. Há sempre um lado oculto em tudo, um lado que não é visto pelo homem comum, não contemplado pelo pensador comum; no entanto, esse lado invisível é quase sempre muito mais importante e muito mais informativo do que o lado que é visto.

Vou tentar explicar algo do lado oculto dessa grande luta, porque isso pode nos ajudar a tomar uma atitude, a formar uma opinião, que será útil e não prejudicial quando chegarmos ao assentamento mais tarde.

Na superfície, esta guerra parece bastante simples, embora incrível. Todos os que conhecem alguma coisa da verdadeira história dos acontecimentos, quero dizer, do ponto de vista externo, sabem que a Alemanha se preparou por muitos e muitos anos, com uma meticulosidade cuidadosa e calculada que talvez nunca tenha sido igualada no mundo, para fazer uma

primavera na garganta da Europa; exatamente isso para fazer uma tremenda aposta pela dominação mundial. Eu sei que mesmo isso geralmente não é acreditado na Alemanha. Lá eles tentam se convencer de que foram forçados a fazer esse ataque; mas todos nós que lemos as provas, os Livros Azuis e as várias mensagens trocadas entre os países envolvidos, sabemos que o ataque foi absolutamente não provocado, e que um lado preparou para ele de uma maneira perfeitamente maravilhosa, de uma maneira que é um exemplo de rigor para o resto do mundo, mas infelizmente também um exemplo de traição e desonra sem paralelo. Os Aliados estavam, infelizmente, despreparados em uma terrível extensão que custou uma grande quantidade de vidas e sofrimento.

É óbvio que tudo está na superfície. Calculado, detalhado e maravilhosamente inescrupuloso como foi a preparação, foi totalmente igualado pela execução, que foi realizada com uma brutalidade deliberada, com uma crueldade acabada e diabólica nunca antes abordada. Eu sei que isso é uma coisa forte de se dizer, mas você só precisa ler evidências irrepreensíveis para ver que é verdade. Infelizmente, eu sei que é verdadeiro. Tive no decorrer do trabalho em outros planos oportunidades de observação para eu mesmo. Eu sei que as histórias mais terríveis que ouvimos são absolutamente baseadas em fatos. Sinto muito, mas é assim. Temos que encarar as coisas como elas são, de modo que realmente chegamos a ver que Kipling estava certo em sua memorável frase: "Teremos agora que revisar nosso vocabulário: agora teremos que dividir os habitantes da terra em seres humanos e alemães." Sinto muito, mas estou dando os fatos do caso.

Se pensarmos nisso, isso é uma coisa assombrosa; e lembre-se que, até onde nos foi permitido ouvir, não houve protesto. Apenas pense: eu não quero atiçar as paixões de nenhum homem, é a última coisa que eu deveria desejar fazer; mas apenas pense nas coisas que aconteceram. Lembre-se da Lusitânia; lembre-se da Pérsia e do árabe. Pense em quantos casos houve de ataques a cidades desprotegidas, o assassinato deliberado (um veredicto de assassinato intencional foi apresentado por um tribunal repetidamente) de não-combatentes. Pense nisso por um momento e depois diga: como podemos explicar tal coisa?

Provavelmente todos nós conhecemos pessoas pertencentes a esta raça. Eu, pelo menos, conheci muitos alemães. Eu pertenço à Sociedade Teosófica, uma sociedade que tem filiais em todos os países do mundo. Conheci homens dessa raça. Eu os conheço bem; eles têm sido amigos meus.

É verdade que naquela Sociedade Teosófica tivemos um antegozo desse esforço para dominar o mundo, pois a seção alemã da Sociedade Teosófica se levantou contra o resto e tentou obter o poder supremo na Sociedade alguns anos atrás, antes desta guerra estava à vista. Eles empregaram exatamente as mesmas armas que agora estão sendo empregadas pelos agentes políticos da imprensa alemã: as mesmas mentiras sem escrúpulos, a mesma descoberta de espiões em todos os lugares inesperados. Nós, na Sociedade Teosófica, passamos no papel, é claro, principalmente uma pequena edição dessa tentativa de capturar toda a organização. Nós não entendemos então; a total falta de

escrúpulos de tudo isso nos surpreendeu. Agora vemos que era apenas parte de todo o esquema alemão uma tentativa de se apossar de uma Sociedade mundial, através da qual algo poderia ter sido feito para ajudar o plano alemão de dominação mundial. Felizmente, o esquema foi derrotado, com toda a calúnia e traição que o acompanhavam.

Todos nós conhecemos homens de raça alemã: eles eram, em geral, o tipo de pessoa que se comportaria dessa maneira? Eles não eram. Essa mudança terrível requer algum previdente; ela precisa de algo absolutamente incomum, algo inteiramente novo em termos de explicação. Vou tentar mostrar exatamente como aconteceu e como está acontecendo.

Aqui está outro ponto. Todos nós sentimos, penso eu, que estamos mais ou menos envolvidos numa guerra de princípios, que há grandes princípios em jogo, que lutamos pela liberdade, pelo que se chama democracia. Pessoalmente, não tenho, de forma alguma, uma pura admiração pelos métodos democráticos; mas a democracia significa pelo menos um esforço para a liberdade do povo, embora eu ache que há muita coisa crua, inacabada e não científica nela.

Estamos lutando pela democracia e pela liberdade de um lado e contra a terrível tirania e escravidão do outro. Não é apenas o direito de existência das nações menores. A imprensa alemã afirmou abertamente que o dia das nações pequenas acabou, que a Alemanha não quer nações pequenas, que elas não têm o direito de existir. Mas não é só isso que está em jogo; mais próximo do que isso é a honra e a manutenção de uma promessa. Sabemos bem como o próximo homem abaixo do imperador descreveu um tratado solene com "apenas um pedaço de papel", e não conseguimos entender como poderíamos querer ir à guerra apenas por esse pedaço de papel. É contra esse tipo de coisa que estamos lutando. Afinal, o fato de nossos inimigos terem calculado mal não melhora a situação; eles nos julgaram cinicamente por eles mesmos, eles supunham que a Irlanda certamente se rebelaria (porque parecia à beira de uma guerra civil) se a Inglaterra fosse atacada; eles acreditavam que os homens na Austrália, com nossos concidadãos do Império no Canadá e no Cabo da Boa Esperança, todos aproveitariam a oportunidade para romper. Isso é o que eles esperavam; eles calcularam em tudo isso. Eles calcularam mal, mas isso não torna o caso deles melhor.

Então, claramente, estamos defendendo princípios; mais verdadeiramente do que a maioria dos homens sabe, e em maior escala do que eles sabem, isso é uma questão de princípio.

Sabemos que existem forças que trabalham contra a evolução, bem como aquelas que trabalham a favor dela. Sabemos que frequentemente há uma pequena luta, até mesmo pessoal, ocorrendo entre essas forças por indivíduos e, às vezes, por coisas que nos parecem muito pequenas. Mas sabemos também que de vez em quando surgem grandes crises mundiais, onde o bem e o mal se colocam um contra o outro em ordem cerrada, e a humanidade é influenciada por esses poderes e levada a participar de um lado ou de outro. A última ocasião em que tão grande luta mundial ocorreu foi na Atlântida, cerca de doze ou treze

mil anos atrás. Houve então uma grande luta entre os que estavam do lado do bem e os que estavam do lado do egoísmo.

Podemos ler algo da ação dos Senhores da Face Negra na Atlântida em A Doutrina Secreta. Madame Blavatsky dedica muito tempo e energia para expor sua linha de trabalho. Devemos tentar entender que pode haver pessoas que estão fazendo o que para nós parece absolutamente mal, e ainda assim eles podem se achar justificados em suas ações. Eles podem pensar que a linha que estão tomando não é má, mas a longo prazo boa. É verdade que quando eles dizem: "a longo prazo é bom", eu acho que geralmente querem dizer bom para si mesmos; mas esses Senhores da Face Sombria tinham sua própria visão da evolução, e para si mesmos a justificavam, muito na linha em que algumas pessoas hoje em dia tentam justificar a ação de Judas Iscariotes com base em que ele estava mais ansioso do que os outros para que a glória do Mestre fosse mostrada ao mundo, e assim ele colocou seu Mestre em uma posição em que pensou que deveria mostrar Sua glória. Por mais incrível que possa parecer, essa visão é gravemente apresentada por alguns escritores.

Os Senhores da Face Negra na Atlântida estavam se intensificando como seres separados contra a corrente da evolução. "Sustentamos que a tendência da evolução é para a unidade que este vasto universo múltiplo que vemos ao nosso redor é toda a expressão do Único Poderoso Poder, e que a partir Dele todos nós saímos, então a Ele um dia todos retornaremos não perdendo nosso senso de individualidade, não perdendo a memória e o benefício de toda nossa experiência, mas certamente elevando cada vez mais alto na perfeita realização de nossa unidade com Ele. Portanto, sabemos que é agradável a Ele que devemos trabalhar sempre para aquela unidade.

Mas aqueles que defendem a opinião oposta pensam que a Divindade estabelece essa corrente que chamamos de evolução para que possamos nos fortalecer lutando contra ela; e embora não acreditemos nisso, podemos ver que é uma visão possível, e é claro que os homens que a defendem não viverão como nós. Achamos que essas pessoas estão fundamentalmente erradas, que estão se deixando obscurecer pelo eu inferior; ainda podemos ver que eles tentam justificar sua posição por uma certa linha de argumentação.

Não é necessário supor que aqueles Senhores da Face Negra estivessem fazendo o mal pelo mal; mas eles mantinham o que consideramos uma visão errada e egoísta quanto à intenção da Deidade. Eu mesmo ouvi alguns de seus sucessores dos dias atuais dizerem: 'Vocês pensam que sabem o que Deus quer dizer; seus Mestres têm esses pontos de vista e, é claro, você os segue. Mas temos uma visão diferente; estamos seguindo as tradições de uma escola muito antiga e conseguimos nos manter razoavelmente bem.'

Na Atlântida, essa atitude levou, entre os seguidores comuns e vulgares, ao extremo egoísmo e sensualidade, à falta de escrúpulos e à irresponsabilidade geral. Isso levou a uma condição extraordinária em que cada homem criou uma imagem de si mesmo e adorou isso como um deus, uma perversão da ideia perfeitamente verdadeira de que Deus está dentro de cada um de nós, e que se

você não pode encontrá-lo dentro de si mesmo, é inútil que procure por Ele em outro lugar. Assim aconteceu que houve uma grande revolução contra o Governante do Portão Dourado, e praticamente as forças do bem e do mal que estão sempre procurando influenciar o mundo encontraram expressão física naquela grande série de batalhas na Atlântida. Nesse caso, a maioria da população estava claramente do lado do mal, e o mal venceu. Porque o mal venceu, foi necessário, mais de mil anos depois, dominar aquela grande ilha de Poseidonis sob as águas do Atlântico; e sessenta e cinco milhões de pessoas morreram em vinte e quatro horas naquele grande cataclismo.

Desta vez, mais uma vez as forças do bem e do mal se materializaram aqui no plano físico, e a poderosa disputa desceu novamente a este nível. Lembre-se, somos as mesmas pessoas que estavam na Atlântida, e é provável que tenhamos participado da luta com a minoria, esperemos ainda que alguns de nós com a maioria; foi há muito tempo, e não podemos ter certeza.

Lembro-me de ter lido uma história terrível (apenas ficção, espero, pois dificilmente poderia ter sido um fato real) da memória recuperada de uma encarnação passada. Era uma vez um homem, um cristão fervoroso e devoto, que através do acidente de se submeter a um tratamento mesmérico, descobriu que em estado de transe ele era capaz de obter vislumbres do que ele sentia serem suas próprias vidas passadas. A princípio incrédulo, a força e a vivacidade de suas experiências logo o forçaram a admitir que deviam ser reminiscências reais; e desta forma ele adquiriu muitas informações interessantes sobre os períodos medievais. Então surgiu em sua mente uma esperança selvagem, mas fervorosa, de que, se pudesse pressionar ainda mais a memória, descobriria que estivera na terra durante a vida de Jesus; ele ansiava inexprimivelmente por um vislumbre daquela Presença Divina; imaginava-se seguindo e adorando em êxtase o Senhor a quem tanto amava; ele até ousou esperar que talvez pudesse ter a suprema honra do martírio por sua fé. Mais e mais em transes sucessivos ele afastou sua lembrança, até que finalmente com inexprimível gratidão e admiração ele percebeu que havia pisado o solo sagrado da Palestina ao mesmo tempo que aquela majestosa Figura. E então, com um choque tão terrível que o deixou um homem moribundo, ele conheceu a terrível verdade de que naquela vida de muito tempo atrás ele tinha sido uma unidade raivosa em uma multidão furiosa gritando descontroladamente: "Crucifique-o! Crucifique-o!"

Confio devotamente que estávamos todos do lado certo naquela luta estupenda na Atlântida; mas, seja como for, pelo menos as mesmas pessoas estão tendo sua chance novamente agora; mas desta vez a maioria, graças aos céus, está do lado dos bons, e os bons vencerão. Este mesmo fato, que muitos que estavam do lado errado então, estão do lado certo agora, está cheio de esperança e ânimo para nós, pois mostra que, apesar de todas as aparências em contrário, o mundo está evoluindo; e, por mais desanimadores que sejam nossos fracassos, somos, em geral, melhores homens do que éramos há doze mil anos.

Portanto, podemos esperar evitar por alguns milhares de anos um cataclismo na escala tremenda que afundou Poseidonis. Mas, se o mal vencesse, o cataclismo se seguiria; deve seguir, pois a Deidade pretende que a humanidade evolua, e se parte da humanidade deliberadamente se lançar fora da linha de evolução, esse conjunto particular de corpos e mentes deve ser eliminado e deve começar de novo sob outras condições. Essas almas alemãs voltarão a nascer em breve, espalhadas por todo o mundo em vários países, de modo que não pode mais haver a mesma força terrível de unida inescrupulosidade que tornou essa nação um perigo para o mundo.

Não devemos pensar, se pudermos evitar (sei como é difícil evitar) que as pessoas que lutam do lado do mal, são necessariamente todas más. Inquestionavelmente, muitos deles são terrivelmente perversos; mas igualmente e inquestionavelmente muitos deles não são assim por natureza; eles são vítimas de uma poderosa obsessão - uma obsessão tão tremenda em seu poder que, se você e eu tivéssemos sido submetidos a ela, também poderíamos não ter visto nosso caminho através dela e sair dela imaculados; quem pode dizer? Milhares e milhares de pessoas, tão boas quanto nós, não passaram por isso satisfatoriamente.

O poder por trás do qual é contrário à evolução pode e de fato se apodera de uma nação inteira, obcecando-a e influenciando-a. É verdade que não pode fazê-lo (como é o caso da obsessão individual), a menos que haja no obsedado alguma coisa ou outra que responda. Mas se houver em qualquer nação uma maioria, ou mesmo uma minoria poderosa, que talvez por orgulho, talvez por grosseria, por não ter aberto suficientemente o lado amoroso da natureza, por ter se dado muito inteiramente, muito inescrupulosamente o intelecto em desenvolvimento já está nessa condição de pronta resposta ao mal, então o resto da nação, as pessoas mais fracas, são simplesmente arrastadas com eles, e eles não podem ver direito no momento. Devemos tentar perceber isso.

O que, então, havia na Alemanha que tornou possível essa terrível obsessão? Encontro parte da resposta a essa pergunta em um notável conjunto de estatísticas que encontrei recentemente na *Pearson's Magazine*, em um artigo do Sr. F. W. Wile, correspondente residente em Berlim de vários jornais conhecidos. Eles são tirados de um livro chamado *The Soid of Germany*, escrito por um professor da Universidade de Erlangen, na Baviera. Ele faz uma comparação entre a quantidade de certos tipos de crime que chegaram aos tribunais na Inglaterra e na Alemanha em um período de dez anos. Deve-se lembrar, ao fazer tal comparação, que a população da Grã-Bretanha é de cerca de quarenta milhões, enquanto a da Alemanha é de setenta milhões; de modo que devemos adicionar 75% aos números ingleses para ver o que, se os dois países estivessem em um nível igual de desenvolvimento moral, poderíamos esperar encontrar na Alemanha; mas mesmo depois de fazer essa concessão, veremos uma desproporção verdadeiramente espantosa. Perdoe-me se as estatísticas são desagradáveis, mas queremos entender como surgiu essa terrível condição de coisas.

O professor leva em primeiro lugar o crime de "ferir maliciosamente ou dolosamente". Destes, ocorreram na Inglaterra 1.262 casos, de modo que poderíamos esperar na Alemanha cerca de 2.200; o número real é 172.153.

Durante o mesmo período houve na Inglaterra 97 assassinatos, o que nos levaria a estimar os da Alemanha em 170; o número dado é 350 quase exatamente o dobro do que se poderia esperar; e há uma complicação adicional devido ao fato de que (lemos) existem centenas e centenas de assassinatos patrióticos que a lei alemã não chama tecnicamente de assassinatos que, portanto, não aparecem nas estatísticas de assassinatos.

De estupros houve na Grã-Bretanha 216, o que deve dar 380 na Alemanha; na verdade eram 9.381. Casos de incesto estiveram conosco 56; podemos, portanto, procurar cerca de 100 na Alemanha, mas encontramos 573.

O número de filhos ilegítimos estava conosco 37.041 um total bastante vergonhoso, o que deve nos levar a procurar talvez 65.000 no país maior; em vez disso, há 178.115.

De danos maliciosos à propriedade um crime peculiarmente mesquinho e a sangue frio, lamento dizer que tivemos na Inglaterra 358, então na mesma escala poderia ter havido 627 na Pátria; mas realmente não havia menos de 25.759.

Quando citei essas estatísticas pela primeira vez, elas foram questionadas; mas encontro-os confirmados no livro do Sr. de Halsalle, *Degenerate Germany*, onde se afirma que os números ingleses são extraídos de publicações do Ministério do Interior, e os números alemães das Estatísticas Imperiais de 1908 (op.cit. p. 180). Qualquer um que procure e leia o livro que acabei de mencionar encontrará nele evidências abundantes de uma acusação ainda pior e mais abrangente do que essa. Para citar outra fonte bastante distinta, em um folheto publicado nos Estados Unidos, o Sr. George L. Fox, diretor da University School, Newhaven, Connecticut, faz a seguinte comparação do crime nos dois países:

"A população da Alemanha é de 5 para 3 para a da Inglaterra. Quanto ao crime, a proporção no incesto é de cerca de 13 para 1; na obtenção é de 264 para 1; na obtenção de abortos é de 29 para 1; em crimes não naturais é de 7 para 1; em estupro e outros crimes sexuais é de cerca de 9 para 1; em assassinato, homicídio culposo e outros crimes que causam morte é de 5 para 1; em incêndio criminoso é de cerca de 4 para 1. Em relação aos divórcios é de 22 para 1; quanto aos nascimentos ilegítimos, é de 5 para 1; enquanto o número de suicídios é quatro vezes maior do que na Inglaterra."

Em alguns casos, os números apresentados nesta última comparação são piores que os da primeira, enquanto em outros são melhores; provavelmente o Sr. Fox trabalhou com dados cobrindo um tempo muito menor do que o professor Erlangen. Mas em ambos os casos os resultados são surpreendentes e terríveis.

Deus nos impediu de nos estabelecermos para sermos justos a nós mesmos; nós, ingleses, temos nossas falhas, e falhas graves; mas quando examinamos essas estatísticas, não podemos deixar de perceber que houve uma diferença no nível médio de moralidade; começamos a ver como essa incrível e terrível obsessão aconteceu, e por que o plano originalmente feito pelos Grandes para esse pedacinho específico da evolução humana não pôde ser executado.

Esperava-se que a Quinta Sub-Raça permanecesse como um todo, ou, pelo menos, que a Quinta Sub-Raça permanecesse como um todo. E a esperança quase se concretizou. Os Poderes que estão por trás da evolução humana trabalharam por muito tempo através de Seus pupilos para evitar essa catástrofe. Se aqueles Poderes sabiam o tempo todo que Seu trabalho não alcançaria seu fim, não posso dizer. Às vezes pensamos Neles como sabendo de antemão tudo o que vai acontecer; se eles fazem ou não, eu não sei, mas pelo menos é certo que em muitos casos Eles trabalham com mais seriedade para produzir certos resultados e dar aos homens certas oportunidades. Pelo fracasso da humanidade em aproveitar as oportunidades oferecidas, os resultados podem não ser alcançados, mas muitas vezes são adiados pelo que para nós parece um tempo enorme. A Grande Deidade do sistema solar sabe perfeitamente tudo o que vai acontecer, e sabe quem se arriscará e quem não. Que devemos acreditar; se todos os que trabalham sob Ele também sabem disso, não podemos dizer. Certamente sei que um grande conflito entre as forças do bem e do mal há muito se aproxima de nós. Sei também que não precisava ter tomado exatamente a forma que assumiu, se apenas alguns daqueles a quem foram oferecidas grandes oportunidades tivessem subido ao nível dessas oportunidades e as tivessem aproveitado.

Alguns os levaram. Este poderoso Império Britânico foi formado e unido por laços de afeto de uma maneira que nenhum Império jamais foi unido antes. Havia um enorme Império Romano; mas foi o interesse próprio, a paz romana e o poder de Roma que mantiveram tudo isso unido. Não era o amor por Roma dessas raças sujeitas. Houve outros vastos impérios no passado, mas eles foram mantidos juntos pela força, não pelo amor. Mas o que mais além do amor mantém esse Império unido? A Inglaterra, o pequeno Estado-Mãe, não deseja coagi-la. Certa vez, sob a direção totalmente equivocada de um rei obstinado e de um ministro tolo, tentou coagir as colônias americanas. O único resultado disso foi que quase metade do que deveria ter sido o Império não faz parte dele agora, embora esteja intimamente ligado a ele por outros laços. Deveria ter sido tudo dentro deste grande Império; esse era o plano, mas a estupidez do homem derrubou essa parte. A Inglaterra não fez nenhum esforço posterior para coagir os domínios muito mais poderosos ligados a ela. Ela os deixou perfeitamente livres; no entanto, eles estão mais ligados a ela agora do que nunca.

Esperava-se que as outras nações que pertencem à nossa sub-raça se unissem em uma grande confederação. A América e a Inglaterra foram aproximadas, de modo que a guerra entre eles agora é quase inconcebível; e a esperança era que a Escandinávia e a Alemanha tivessem uma amizade

semelhante; mas a Alemanha não entraria. Houve por muitos anos uma forma curiosa e indesejável de espírito nacional surgindo naquele país. Há muitas evidências quanto a isso. Se lermos a literatura alemã, veremos facilmente a direção em que por quarenta anos ou mais seu povo está indo. Por causa de seu intenso orgulho, por causa do ensino da brutalidade e da força, do sangue e do ferro em vez da lei do amor, e por causa do baixo nível de moralidade geral que é a consequência direta de tal ensino, eles se abriram a essa terrível obsessão, e alguns dos grandes Senhores da Face Negra tomaram novamente seu lugar entre eles.

O príncipe Bismarck era um desses, como Madame Blavatsky nos disse há muito tempo. Enquanto ele ainda estava vivo, ele fez de seus planos para subjugar a Europa. Podemos ser gratos por ele não ter sobrevivido até o presente, pois seus planos eram muito mais sábios do que os dos homens que o seguiram. Há muito tempo, Madame Blavatsky nos explicou que ele tinha um conhecimento oculto considerável, e que antes da guerra com a França em 1870 ele havia viajado fisicamente para certos pontos ao Norte, Sul, Leste e Oeste da França, e lá havia lançado feitiços de algum tipo, ou realizados centros magnéticos, com o objetivo de impedir uma resistência efetiva aos exércitos alemães. Certamente o colapso francês na época foi tão completo e inesperado que parecia precisar de alguma explicação incomum.

No decorrer do trabalho dos auxiliares invisíveis no campo de batalha, encontrei e falei várias vezes com o príncipe, que naturalmente observa com o maior interesse tudo o que acontece; e alguns meses atrás tive uma conversa interessante com ele. Falando da guerra, ele disse que se fôssemos servos da Hierarquia e estudantes de Ocultismo devemos saber que a Alemanha estava certa. Um de nosso grupo, ficando um pouco indignado, respondeu que todo o resto do mundo estava disposto a ficar em paz, que a Alemanha havia feito um ataque não provocado e causado toda essa carnificina terrível e, portanto, estava totalmente errada. Mas o príncipe disse:

"Não, não, você não entende. Esta é uma luta que teve que vir uma luta entre as forças da lei e da ordem, da ciência e da cultura de um lado, e do outro da desordem e da licenciosidade, e as tendências degradantes da democracia. Não importa como começou. Se, como você diz, a Alemanha começou por um ato de agressão sem precedentes, e daí? Este caminho nos ofereceu a melhor chance de sucesso; embora, de minha parte, eu deveria ter colocado todas essas nações primeiramente para lutar umas contra as outras, e eu deveria ter intervindo quando todas elas estivessem exaustas".

Sustentamos que também amávamos a lei e a ordem, a ciência e a cultura, mas desejávamos com eles a liberdade e o progresso. O príncipe não teria nenhuma dessas ideias; ele declarou que a democracia não se importava com a cultura, mas desejava arrastar todos para um nível comum, para o mais baixo; que desejava que a lei roubasse e restringisse os ricos, mas ela mesma não obedeceria a nenhuma lei; que não tinha concepção de liberdade sob a lei (que é a única liberdade verdadeira), mas desejava um triunfo de total

ilegalidade, em que o poder egoísta deveria governar, e somente aqueles que desejassem viver e trabalhar como homens livres deveriam ser restringidos. Além disso, ele disse que, se nós mesmos servimos ao verdadeiro governo interno do mundo, devemos saber que é o oposto de todas as teorias democráticas e que, portanto, é a Alemanha, e não a Inglaterra, que está lutando pelos ideais do Governo hierárquico.

O que, "ele perguntou", está mais próximo do verdadeiro ideal de um Rei nosso Kaiser, que detém seu poder somente de Deus, ou seu Rei George, que não pode traçar nenhuma linha própria, cuja ação é limitada por seus ministros e seu parlamento, para que ele não possa fazer nada de bom? E o presidente francês, o que é ele senão a escória momentaneamente jogada no topo de uma massa fervente de corrupção?

Ficamos muito indignados com tal insulto aos nossos bravos aliados; mas não podíamos deixar de admitir que havia um mínimo de verdade em algumas de suas observações anteriores. Tentamos dizer-lhe que, embora partilhássemos de sua total descrença nos métodos democráticos, pensávamos ser um estágio intermediário necessário pelo qual o mundo deveria passar a caminho de uma liberdade mais nobre, porque um esquema (por melhor que fosse) que fosse imposta a um povo nunca poderia levar à sua evolução final; mas que os homens devem aprender a escolher o bem para si mesmos com os olhos abertos, a renunciar ao seu egoísmo brutal, não porque foram levados a fazê-lo na ponta da espada, mas porque eles mesmos aprenderam a ver o caminho mais elevado e a necessidade que cada um se controle para o bem de todos.

O príncipe não estava absolutamente convencido; ele disse que nosso plano era utópico, e que nós nunca poderíamos levar os canalhas a entender tais considerações que a única maneira de lidar com eles era o método de sangue e ferro, forçando-os para seu próprio bem final (e, entretanto, para nossa conveniência) na vida que nós, que éramos mais sábios, vimos ser a melhor para eles.

Quando algo disso foi mais tarde relatado ao Rei da Inglaterra, ele sorriu e disse baixinho:

“Acredito que Deus me chamou para a posição que ocupo, tanto quanto chamou meu primo imperial de Kaiser; eu governo não pela força, mas porque meu povo me ama, e não quero título maior do que isso”.

Temo que devamos admitir a afirmação do príncipe de que o homem como um todo ainda não está apto para a liberdade; mas ele nunca pode ficar em forma a menos que tenha permissão para tentar o experimento. É claro que no início ele errará com a mesma frequência com que acertará. Teremos um período intermediário em que as coisas não são como deveriam ser, quando não são de forma alguma tão bem administradas como seriam sob um despotismo benevolente. No entanto, nunca conseguiremos que os homens avancem a menos que lhes deixemos uma certa quantidade de liberdade. Devemos passar

por esta fase desagradável de má gestão democrática, a fim de chegar a um momento em que o governo do povo será o governo dos melhores. No momento, francamente, não é isso. Aristocracia significa governo pelos melhores; democracia significa governo do povo. Esperamos por um tempo em que democracia e aristocracia sejam uma coisa só. Esperamos alcançar isso pelo nosso sistema; nunca devemos chegar lá na linha do despotismo militar. Esse é o verdadeiro ponto fundamental em questão; então vemos que esta guerra é essencialmente uma guerra de princípios.

Se alguém estiver inclinado a duvidar de que uma nação inteira possa estar tão obcecada por trás de uma nação que tem muitas coisas belas em sua história passada, que produziu algumas pessoas realmente boas, que ele tome as declarações oficiais alemãs e leia as proclamações de Sua Majestade Imperial o Kaiser; as proclamações em que ele fala de si mesmo (e provavelmente acredita nisso) como comissionado por Deus para governar o mundo; no qual ele diz: "Sobre mim o espírito de Deus desceu. Eu considero toda a minha tarefa como designada pelo céu. Quem se opuser a mim, esmagarei em pedaços. Nada deve ser resolvido neste mundo sem a intervenção do imperador alemão". Veja o orgulho insano disso, e perceba que toda a nação, até onde sabemos, aplaude e aprova. Leia a "incorporação ou declaração composta do Prussianismo" do Sr. Owen Wister, compilada frase por frase das declarações dos prussianos, o Kaiser e seus generais, professores, editores e Nietzsche; parte dela foi dita a sangue frio, anos antes desta guerra, e toda ela uma declaração de fé agora sendo ratificada por ação." Leia a calma declaração: "Nações fracas não têm o mesmo direito de viver como nações poderosas. O mundo não precisa mais de pequenas nacionalidades." "Os belgas não deveriam ser mortos a tiros; eles devem ser deixados de modo a tornar impossível toda esperança de recuperação. As tropas devem tratar a população civil belga com implacável severidade e pavor". Pense na maldade calculada dessa instrução; já houve rufiões tão desumanos, tão indescritíveis desde que o mundo começou? Lembre-se de todos os horrores do naufrágio do Lusitânia, e lembre-se de como aquela grande nação alemã enlouqueceu de alegria com o massacre dos não-combatentes, de mulheres e crianças indefesas. Exceto por essa teoria da obsessão, como podemos explicar isso? Claro que não eram, não mais do que você ou eu. Inquestionavelmente, é verdade que os poderes de trás estão trabalhando através dessas pessoas agora.

Esta é a verdadeira explicação de tudo o que parece tão incompreensível; essas pessoas que lutam contra nós não estão lutando apenas por si mesmas. Eles são dirigidos por uma força de vontade muito mais forte que a deles, e são levados a fazer coisas terríveis. Eles estão dispostos o suficiente para serem conduzidos, pois isso faz parte da obsessão. Os homens que os dirigem são totalmente inescrupulosos e usarão qualquer meio para alcançar seu objetivo, pois não sabem nada do que queremos dizer com certo ou errado. Eles consideram um dever viril matar toda emoção ou simpatia, porque consideram tais sentimentos uma fraqueza. Eles são impiedosos, exatamente como um tubarão. A matança ou tortura de milhares ou milhões não é nada para eles, desde que alcancem seu fim.

Se isso não tivesse acontecido; se a Quinta Sub-Raça tivesse se combinado para apresentar uma frente perfeita, ainda teríamos um conflito, mas teria sido com uma tremenda revolta das raças muito menos desenvolvidas, talvez outra tentativa, como Átila, de invadir a Europa. O mal teria se expressado, mas teria sido entre as nações atrasadas. É uma grande vitória para os poderes que defendem a escuridão, pois eles podem tomar uma nação que deveria estar na vanguarda da civilização e distorcer isso para seus fins.

Não devemos pensar que todos os membros dessa nação são pessoas más. Não devemos deixar-nos rebaixar ao seu nível. Eles se vangloriaram especialmente de criar uma corrente de ódio contra nós, compor hinos de ódio e ensiná-los aos inocentes alunos. Não devemos ser levados a tal tolice por causa disso. Não devemos ter um único pensamento de ódio. Ouviremos falar das coisas mais terríveis que estão sendo feitas, da incrível brutalidade e horror da parte deles; mas se quisermos adotar o ponto de vista oculto, não devemos ter nenhuma sombra de ódio em nossos corações por tudo isso, mas apenas piedade.

A tragédia da Bélgica horrorizou o mundo. Foi uma das coisas mais terríveis que o mundo já conheceu; mas a tragédia da queda moral da Alemanha é ainda maior do que aquela que uma nação tão grande, com tantas possibilidades, deve afundar nisso. Isso é, na verdade, uma coisa mais terrível de se ver do que toda a dor e miséria de incontáveis lares em ruínas. Que uma raça que produziu Goethe e Schiller caia a ponto de se tornar um provérbio entre as nações, de modo que nos próximos séculos todos os homens decentes se envergonhem de qualquer ligação com ela, e ninguém pronuncie seu nome sem um estremecimento de horror e aversão absoluta certamente é uma tragédia sem igual desde que o mundo começou.

Portanto, não o ódio, mas a piedade deve encher nossas mentes. Mas de maneira alguma e sob nenhuma circunstância nossa piedade deve degenerar em fraqueza ou interferir em nossa firmeza absoluta. Defendemos a liberdade, o direito, a honra e o cumprimento da palavra prometida da nação, e esse trabalho que chegou às nossas mãos deve ser realizado completamente. Mas devemos fazê-lo porque estamos do lado da Divindade, porque na verdade somos a Espada do Senhor, porque esta é, de fato, uma guerra santa, em um sentido muito mais profundo e real do que foram as velhas Cruzadas.

Cuidemos para não estragar nosso trabalho e nossa atitude por uma paixão tão indigna como o ódio. Não odiamos a fera que ataca nossos filhos, mas a reprimimos. Nós não odiamos um cachorro louco, mas pelo bem da humanidade nós atiramos nele. Não odiamos o escorpião que pisamos, mas o pisamos com eficácia. Não odiamos um lunático; sentimos muito por ele; mas defendemos nossos entes queridos contra seu ataque com determinação inabalável, e não hesitamos em tomar as medidas necessárias para privá-lo do poder de causar mais danos.

Não deve haver pensamento de ódio, mas não deve haver fraqueza. Não deve haver sentimentalismo doentio ou hesitação. Há quem clame que o

cachorro louco é nosso irmão, e que não é fraterno matá-lo. Esquecem-se de que os homens que sua mordida condenaria a uma morte terrível também são nossos irmãos e que têm o primeiro direito a nossa consideração. A Alemanha é o cachorro louco da Europa e deve ser reprimida completamente e a todo custo. "Portanto, lute, Arjuna." Lembre-se, estamos lutando pela liberdade do mundo; A própria Alemanha faz parte desse mundo e estamos lutando para libertar a Alemanha de sua obsessão. Esses soldados alemães sob sua obsessão atual não são homens, mas demônios; nenhum demônio do poço mais baixo dos infernos medievais imaginários pode se regozijar com a crueldade bestial mais do que eles. A coisa mais gentil que podemos fazer por eles é destruir seus corpos físicos, para que possam ser salvos de mais crimes ainda mais terríveis, para que os egos dominados pelo diabo possam ser libertados após seu terrível fracasso (livres para recomeçar a escalar a escada da evolução das profundezas da selvageria em que eles permitiram que seus veículos inferiores fossem lançados.

Tenhamos isso bem em mente e começaremos a ver qual é a atitude que devemos tomar em relação a esta terrível guerra; e se cumprirmos nosso dever com firmeza em manter essa atitude, tornaremos o acordo final infinitamente mais fácil. Quando isso terminar, como terminará agora, quando a luta for do passado, ainda restarão as consequências. Aqueles entre os Aliados que odiaram encontrarão seu ódio se transformando em alegria diabólica em sua vitória; mas, tendo-se deixado desviar da verdadeira visão da luta, essas pessoas não estarão em condições de compreender com calma e racionalidade o que deve ser feito. Somente aqueles que mantiveram suas cabeças, que se mostraram filósofos, mas, no entanto, soldados poderosos para se levantar e atacar pelo direito, somente eles poderão julgar o que pode ser feito e o que é melhor para o mundo.

Portanto, nós, que conhecemos os fatos internos, devemos manter uma atitude firme e estável, e não nos deixarmos enganar. O caminho da sabedoria é, como sempre, um fio de navalha. Não devemos cair de um lado ou de outro, embora tenhamos que enfrentar a maldade, a perversidade, o horror como o mundo nunca conheceu até agora; não devemos ter fraqueza nem vingança, mas uma compreensão das verdadeiras razões de tudo isso, e do que está realmente acontecendo.

Os egos que foram arrastados para este vórtice de ódio do lado errado da luta voltarão novamente; eles vão se recuperar. É realmente uma coisa terrível abrir-se a tal obsessão. Eles terão um longo caminho a subir, assim como aqueles que erraram na Atlântida; (mas as areias daqueles que estavam do lado errado na Atlântida agora estão do lado certo, e isso é um presságio de grande esperança para nós. O mundo avançou, senão o mal venceria novamente; e desta vez não vencerá.

Portanto, nossa atitude deve ser de altruísmo e de firme atenção ao dever. Mas devemos cumprir nosso dever porque é nosso dever, e não por qualquer sentimento pessoal de ódio, ou mesmo de horror. Não podemos deixar de sentir

aversão total pelas coisas horríveis que foram feitas, pela maneira deliberada como foram justificadas, pelas coisas terríveis que foram ditas. Não podemos deixar de sentir horror, mas, no entanto, devemos tentar nos manter firmes, com determinação férrea sobre o que deve ser feito, mas com prontidão, quando tudo isso acabar, para retomar o ponto de vista filosófico.

O Senhor que há de vir, embora quando Ele veio da última vez Ele disse ao Seu povo: "Eu não venho trazer a paz, mas a espada", é, no entanto, o Príncipe da Paz, o Senhor do Amor e o Senhor da Vida; e quando o amor, a vida e a paz puderem ser para essas pessoas, Ele as conduzirá ao amor, à vida e à paz. Mas quando as pessoas tornarem isso impossível para si para esta encarnação, quando essas coisas não puderem ser para elas, então o outro lado da profecia se cumprirá, para aqueles que desembainharem a espada perecerão pela espada.

Em meio ao furioso egoísmo, tentemos viver em total altruísmo; sejamos cheios de confiança, porque sabemos que por mais obscuras e difíceis que as coisas possam ser, nos apegamos à certeza de que a evolução está funcionando. Caímos naquele grande conflito na Atlântida e, no entanto, nunca perdemos nossa fé no triunfo final do bem. Desta vez o bem triunfará mesmo no mundo exterior; mas lembre-se, a vitória só será alcançada pelo maior esforço, pela mais absoluta determinação, e pela mais completa associação e confiança entre as pessoas que são escolhidas para governar o mundo e fazer o trabalho. Para a Alemanha também foi oferecida uma grande oportunidade. Aos egos aí encarnados é oferecida ainda agora uma oportunidade de protesto e de martírio. Eles não o levaram tão longe, mas ainda pode haver aqueles entre eles que o levarão. Eu confio e espero que assim seja; que haverá aqueles que se livrarão do pesadelo da obsessão, que dirão: "Mate-nos se quiser, mas não compartilharemos desses horrores; vamos denunciá-los". Essas pessoas terão um destino melhor do que seus compatriotas.

Consideremos tudo isso como parte do desenvolvimento do grande mundo. Que a guerra é uma coisa terrível, errada e perversa em si, ninguém pode duvidar; também que é uma maneira totalmente irracional de decidir um ponto controverso. O *karma* do homem que provoca uma guerra é mais terrível do que a mente humana pode conceber. Mas para aqueles a quem é imposto, como neste caso nos foi imposto, é claramente o menor de dois males. Como tinha que ser, aqueles que estão por trás e dirigem a evolução do mundo estão inquestionavelmente utilizando-o para grandes e elevados propósitos, e assim arrancando o bem do coração do mal. Horrível como é, ele ainda levantou milhares e milhares de pessoas para fora de si mesmas, de seu mesquinho paroquialismo para a simpatia mundial, do egoísmo para o altruísmo mais elevado, elevou-as à região do ideal. Ele os ressuscitou de uma só vez mais do que muitas vidas em condições normais levantariam um homem.

Sabemos quão nobremente as pessoas têm jogado fora suas vidas nem mesmo por seu país no sentido comum da palavra. Lembre-se de que não estávamos em perigo imediato, embora isso inevitavelmente viesse mais tarde.

Não foi legítima defesa; foi a honra da bandeira; era o nome da Inglaterra; a sacralidade de uma promessa; o dever de apoiar os fracos e defendê-los contra a brutalidade. Foi por um ideal no sentido mais verdadeiro e nobre da palavra que nossos compatriotas derramaram seu sangue, e só porque eles deram ao máximo o que tinham para dar, eles por esse mesmo ato se elevaram grandemente na escala da humanidade. O homem comum geralmente não tem oportunidade para um esplêndido esforço como este. É verdade que o maravilhoso e belo auto-sacrifício é frequentemente demonstrado por indivíduos na vida comum: um homem desistirá de todas as suas esperanças e ambições para ministrar a algum parente que seja fraco e enfermo; mas ainda assim essas chances vêm apenas aqui e ali. Suponho que nada mais do que uma guerra colossal poderia ter oferecido uma oportunidade para uma explosão tão esplêndida de tantos simultaneamente.

Lembre-se que egos altruístas e despertos são necessários neste exato momento para a Sexta Sub-Raça, que está começando mais proeminentemente na América e na Austrália. Talvez não houvesse outra maneira de obtê-los em número suficiente e em tempo suficientemente curto, exceto por meio de algum grande conflito mundial. Seja grato que nós, pelo menos, estamos do lado certo nisso. Seja grato, você que envia para esta grande guerra aqueles a quem você ama, que a oportunidade chegou a eles para avançar em uma encarnação mais do que de outra forma eles poderiam ter feito em muitas vidas. Você tem tristeza, sofrimento e dor como sua parte; mas você está oferecendo esse sofrimento pela liberdade do mundo; você, que envia o soldado, também está participando da luta, e a própria tristeza e dor pela qual você passa está elevando você, assim como sua devoção ao dever o levantou. Muitas daquelas que morrem serão dignas de nascer na nova Sub-Raça, mas também o serão muitas das mulheres que corajosamente enviaram seus mais próximos e queridos para responder ao chamado de seu país. Eles deram marido, filho ou irmão. Eles ganham a vantagem por esse nobre sacrifício tanto quanto os homens que vão e ficam na linha de fogo.

Há muitos que não podem, por uma razão ou outra, ir e lutar, embora eu defenda fortemente que todos que puderem devem fazê-lo. Mas todos nós podemos fazer algo para ajudar. Alguns de nós são velhos demais para lutar contra nós mesmos ou assim pensa o governo: mas pelo menos podemos assumir o trabalho de algum homem mais jovem e libertá-lo para ir. Que eu mesmo fiz. Assim, todos podem ter sua parte nisso. Todos podem ajudar e, além disso, todos devem ajudar; certamente todos deveriam estar do lado da direita em um assunto como este, e todos deveriam fazer o que puderem para ajudar em qualquer uma das muitas maneiras indiretas possíveis.

Estamos todos tentando, na medida do possível, preparar-nos para a vinda do Grande Instrutor. Perceba que esta grande guerra faz parte da preparação do mundo, e que, por mais terrível que seja, ainda existe do outro lado o enorme bem que está sendo feito aos indivíduos. Talvez no futuro distante, quando olharmos para trás com maior conhecimento e com maior alcance, veremos que o bem superou todo o terrível mal e que, embora a velha

ordem mude, dando lugar à nova, é somente que Deus pode cumprir a Si mesmo de muitas maneiras.

CAPÍTULO XXX:

NO ANIVERSÁRIO DA ECLOSÃO DA GUERRA

Um dia foi designado para o que é chamado de intercessão em conexão com a grande guerra mundial. Nós, que pertencemos à Igreja Católica Liberal, certamente desejamos tomar parte em todas as atividades leais, mas neste caso teremos que fazê-lo de alguma forma um pouco diferente dos outros ramos da Igreja, porque não rezamos naquele sentido em tudo. Não nos julgamos competentes para dizer a Deus o que Ele deve fazer; não pensamos que seja necessário estarmos constantemente pedindo a Ele que faça alguma coisa ou outra em relação a nós. Devemos considerar tal atitude como mostrando uma grande falta de fé e conhecimento. É certamente óbvio que pedir a Deus para fazer isso ou aquilo implica uma de duas coisas ou que temos que persuadi-lo a fazer algo que de outra forma ele não faria, ou então que temos que lembrá-lo de algo que ele esqueceria de outra forma. . Não lançamos tais calúnias sobre nosso Pai celestial. Estou ciente, e sou grato por isso, que muitas pessoas quando falam sobre oração realmente querem dizer algo como a meditação superior. Eles querem dizer que desejam se elevar em comunhão com Deus para que o Deus interior se levante para realizar e se tornar um com o Deus exterior. Nada pode ser mais estimável do que isso, nada pode ser melhor para eles; mas pedir a Ele que faça isso ou aquilo implica que sabemos melhor do que Ele o que é melhor para nós ou para o mundo. Sabemos que Deus já está fazendo tudo o que pode ser feito de todas as formas para toda a raça humana. Por mais pouco que possamos ver e compreender em nosso nível inferior, esteja certo de que isso é verdadeiro mesmo nesta terrível guerra. Eu não estou minimizando seus horrores no mínimo. Talvez eu saiba mais sobre eles do que muitos, porque é meu dever visitar astralmente esses campos de batalha e tentar ajudar. Eu sei que tudo o que ouvimos (e isso já foi terrível o suficiente) não é metade do crime que esses demônios cometeram; que as atrocidades que lemos nos jornais não são nada para as atrocidades que realmente foram perpetradas; e, no entanto, sabendo de tudo isso, ainda digo que Deus sabe muito bem o que está fazendo e que está treinando tanto a nós quanto a nossos inimigos; pois afinal esses criminosos incrivelmente diabólicos usam a forma humana, mesmo que a desonrem, mesmo que estejam no estágio mais baixo e selvagem da evolução.

Estou afirmando fatos com base no conhecimento e não em suposições quando digo que é realmente uma gentileza para esses rufiões matar seus corpos, pois assim salvamos suas almas dessa loucura; na verdade ajudamos a realizar o treinamento que lhes mostrará que não devem mais se deixar enganar e hipnotizar como foram desta vez. Devemos encarar o fato de que a atual geração de nossos inimigos não é composta pelo mesmo tipo de egos que habitavam aquela nação. Eles são simplesmente animais selvagens perigosos que devem ser enviados de volta para as tribos selvagens a que pertencem. Isso pode soar duro para alguns que não entendem o significado interno do que está acontecendo; mas é verdade. Eles são obcecados e, portanto, nem sempre são totalmente responsáveis no plano físico; mas são responsáveis por serem

passíveis de obsessão; eles devem aprender a lição. Em seu orgulho, eles não aprenderão pela razão e, portanto, estão sendo ensinados pela terrível calamidade nacional que já os paira.

Não oramos a respeito deste assunto; no entanto, podemos nos unir de coração a esta celebração, pois como súditos de nosso Rei-Imperador, como cidadãos deste grande Império Britânico, temos neste aniversário motivo de grande gratidão. Neste dia, quatro anos atrás, nosso país da Inglaterra entrou nesta guerra. Temos motivos para agradecer que, apesar dos fanáticos bem-intencionados, mas ignorantes, que falavam de paz a qualquer preço, apesar do espírito comercial, e apesar do recuo natural do sofrimento e do horror, a Inglaterra foi sábia o suficiente para escolher seu lado nesta grande guerra mundial, sábia o suficiente para cumprir seu dever e ousada o suficiente para cumpri-la; assim ela deve perseverar até o fim, pois temos a mais alta autoridade para dizer que aquele que perseverar até o fim, esse será salvo.

Há um aspecto desta terrível guerra que talvez seja novo para nós. Pensamos em seu horror; pensamos em sua perda; que foi trazido para casa de perto e terrivelmente para muitos de nós. Nós temos a ideia, a maioria de nós. Que é uma luta entre o certo e o errado; mas podemos não ter pensado nisso como uma oportunidade sem paralelo. Primeiro, certamente, para os soldados, para aqueles que podem ir e lutar. Eles arriscam suas vidas por seu país, mas como o homem pode morrer mais nobre do que isso? Morrer assim é ganhar, pois por aquele ato supremo de auto-sacrifício eles fazem progressos que de outra forma poderiam tirar-lhes vinte vidas. Os soldados diferem muito; alguns deles são homens instruídos de altos ideais, e outros talvez sejam muito menos desenvolvidos; mas todos têm uma qualidade magnífica de devoção a um ideal. Eles morrem por causa do que é, afinal, uma abstração para eles, seu país, o direito, a causa da justiça; mas essa única qualidade (e o fato de terem provado que sua crença é real pelo maior sacrifício que qualquer homem no plano físico pode fazer) os levará longe e os preparará para a instrução que agora lhes está sendo dada no mundo astral. Isso os trará de volta à vida em um nível muito mais alto do que aquele em que a deixaram.

Certamente todos que podem devem lutar; não deve haver uma única pessoa elegível que não esteja tomando sua cruz e seguindo seu Mestre. Mas há alguns que são fisicamente incapazes de ir; mas para eles também a guerra é uma oportunidade. Todos podem fazer alguma coisa, e é dever de cada homem, mulher e criança encontrar uma maneira de fazer alguma coisa; algum trabalho direto, se possível. Há as mulheres que tricotam meias; há aqueles que poupam para poder ajudar com dinheiro, que se negam de várias maneiras para isso; há quem faça o trabalho da Cruz Vermelha. Tudo o que é bom e como deve ser. Certamente nestas circunstâncias, e nesta emergência, qualquer pessoa que gaste dinheiro em esportes e roupas finas, em bebidas ou corridas de cavalos, qualquer homem que faça greve e se recuse a fazer seu trabalho por mesquinhas razões pessoais para trabalhar algumas horas a menos ou receber salários mais altos, tal homem é um traidor de Deus e de seu país, e sua ação é um escândalo e uma vergonha. Mostra uma total falta de apreço; mostra uma

irresponsabilidade de intelecto e de coração. Devemos admitir com pesar que muitas pessoas ainda são tão pouco desenvolvidas quanto isso. Não podemos evitar; temos que enfrentar esse fato desagradável. É uma prova de seu egoísmo brutal e de sua cegueira para o significado dos acontecimentos. O carma dessa brutalidade será pesado; mas o que mais se sente é a pena de tudo isso que eles não veem, que eles não sabem. Cristo disse sobre Jerusalém há muito tempo: "Se tu soubesses, pelo menos neste teu dia, as coisas que pertencem à tua paz, mas agora estão escondidas de teus olhos."

Este é um dos exames periódicos de Deus ao Seu povo, para ver como está o mundo. Ele lhes dá esta oportunidade maravilhosa; quem vai subir para isso? Quem vai levar? Quem se elevará acima do óbvio 'apelo do corpo por facilidade e conforto, o apelo da mente inferior para esquecer tudo sobre esses horrores? Algumas pessoas aqui do outro lado do mundo ainda vivem em todo tipo de tolice, esporte e autogratificação. Nós nesta Igreja temos o privilégio de um conhecimento mais profundo do que muitos; falharemos então com Aquele que nos deu esse conhecimento? Devemos nos posicionar corajosamente contra a insidiosa perfídia e traição que se vela sob nomes justos, e tenta nos fazer aplicar a esse tempo extraordinário de julgamento, apófemas que seriam corretos e razoáveis em tempos comuns. Dizem que devemos ser tolerantes em vez de lutar, que devemos desistir de coisas em vez de entrar em uma disputa. Normalmente, temos o direito de desistir por causa da paz daquilo que nos diz respeito apenas, mas quando o certo e o errado se encontram em conflito aberto, não temos o direito de ficar de lado e dizer que isso não nos diz respeito. Agora é a hora de nos deixarmos como homens e lutar, como nos diz o apóstolo; se não de um jeito, então de outro. Se não podemos sair e pegar em armas, podemos dar dinheiro, alguns de nós, e outros podem dar tempo e trabalho. Se não podemos lutar com nossas mãos, podemos lutar com nossas vozes e nossas canetas, ensinando os ignorantes e despertando os egoístas; mas pelo menos cada um pode fazer alguma coisa; e aquele que negligencia a oportunidade de fazer algo se arrependerá de não ver a luz em muitas vidas por vir.

É muito raramente na história do mundo que Deus faz uma questão clara como esta: entre o bem e o mal. Em quase todas as guerras há algo a ser dito de ambos os lados; há um mal-entendido que pode ser removido. Aqui não há mal-entendido; aqui está a questão clara de liberdade, direito de desenvolver como Deus quer que desenvolvamos por um lado, e por outro uma tirania sem alma que busca apenas esmagar toda individualidade. O desenvolvimento do indivíduo é o plano de Deus para os homens. Portanto, estamos lutando ao Seu lado; portanto, cada um de nós deve ter alguma participação nesse trabalho. Felizes de fato são aqueles que podem dar suas vidas; mas se não podemos todos fazer isso, então, pelo menos, façamos o que pudermos. Apenas tenhamos certeza de uma coisa, que estamos do lado de Deus; que nós permanecemos por Ele. Não nos deixe ficar de lado e dizer que não faz nenhuma diferença para nós, pessoalmente, quem ganha. Isso é egoísmo crasso e cegueira. Pode não afetar imediatamente seu dinheiro diário, ou a quantidade de comida ou roupa que você obtém, embora certamente afetaria isso

presentemente se o mal triunfasse. Não triunfará; nós sabemos isso; mas há algo que não sabemos que ajudará no triunfo que está chegando, e que ficará de lado e não tomará parte, dizendo que não quer se dar ao trabalho. É difícil acreditar, mas pode haver alguns tão perdidos em decência e virilidade que digam até isso. No futuro, sob a infalível justiça divina, cada homem receberá a recompensa que mereceu; nós que sabemos um pouco mais do que muitos, através do nosso estudo do lado interior da vida, temos uma responsabilidade ligada a esse conhecimento. Conhecemos a verdade; a verdade nos tornará livres de preconceitos, livres de egoísmo, capazes de ver e capazes de tomar nossa parte do lado do próprio Deus.

CAPÍTULO XXXI:

DO LADO DE DEUS

Em todos os momentos, desde que somos humanos, está acontecendo ao nosso redor uma luta entre o bem e o mal. Existem aqueles homens e outras entidades às quais muitas vezes damos o nome vago de "forças" que lutam pela evolução; e há também aqueles que, cegamente e na ignorância, mas não menos realmente, estão lutando contra isso. Assim, descobrimos que há uma luta constante acontecendo dentro de nós e ao nosso redor.

Na vida comum, essa luta está diante de nós, penso eu, de duas maneiras diferentes. Primeiro, pessoalmente e em relação a nós mesmos. Descobrimos que temos que manter uma luta constante contra o que chamamos de nossa natureza inferior. Na realidade, não somos nós mesmos; é apenas a consciência elementar instintiva em um de nossos veículos inferiores; mas ainda há uma disputa perpétua acontecendo, de modo que, se desejamos desenvolver o bem dentro de nós mesmos e reprimir o mal dentro e ao redor de nós, devemos manter um esforço constante para fazê-lo.

Em segundo lugar, lutamos constantemente contra os males públicos. Tentamos combater a embriaguez e as enfermidades; tentamos conter o egoísmo de nossos semelhantes, que está constantemente interferindo no bem-estar da comunidade. Essas são maneiras pelas quais, em tempos comuns, podemos tomar parte na disputa entre o bem e o mal. Colocamo-nos definitivamente do lado de Deus; reconhecemos que a evolução é Sua vontade e que também somos parte Dele. Quanto mais pudermos perceber o fato de que somos divinos em essência, mais verdadeiramente seremos capazes de tomar nossa parte nesta luta.

Nesse esforço diário da vida comum, temos em grande parte que criar oportunidades para nós mesmos; temos que olhar cuidadosamente em volta e ver o que podemos fazer; mas sempre devemos trabalhar do lado de Deus de uma forma ou de outra. Às vezes, na história do mundo, mas só raramente, grandes crises ocorrem quando as forças do mal vêm à tona e tentam vencer, subjugar o mundo; quando eles tentam persuadir um grupo inteiro de homens a abraçar sua causa, e dizer francamente a si mesmos: "Mal, sê o meu bem." Agora, quando isso acontece, aqueles que estão na terra no momento têm uma oportunidade inigualável de magnífica devoção; alguns deles podem até ter a oportunidade do sacrifício extremo, de oferecer a própria vida.

Uma crise como essa veio ao mundo agora depois de muitos séculos, pois cerca de doze mil anos se passaram desde que houve uma ocasião semelhante; devemos tentar entender exatamente o que está acontecendo. A oportunidade que tem sido oferecida algumas vezes a mártires individuais, de dar a vida por causa da verdade ao invés de se curvar diante do mal ou do errado, é exatamente aquela que vem agora para milhares e milhares de homens e mulheres uma chance de defender o direito e tomar posição ao lado de Deus, até o extremo, ou seja, o sacrifício da própria vida.

Quando, nesses raros intervalos, esse grande chamado chega, seria indescritivelmente tolo não tirar vantagem disso, perder a imensa quantidade de bom karma que pode ser obtido comparativamente rápido, mantendo-se a todo custo pelo direito. Mais do que isso, quem deixa de aproveitar essa oportunidade torna-se repulsivo e covarde diante do Deus que o criou. Felizes, de fato, são aqueles que têm tal idade, saúde e posição que podem se alistar, sair e participar diretamente da luta. Vergonhoso além de todas as palavras é sua ação se, sendo tão capazes, dão as costas a Deus e são covardes diante de Sua face; pois isso é o que é tal ação, e é inútil tentar encobri-la com falsidades capciosas. As mulheres também têm seu papel. Do jeito que as coisas estão agora, eles não podem sair e pegar em armas nas mãos, embora, no último recurso, eles tenham mesmo que fazer isso algumas vezes; mas eles podem voluntariamente, mesmo com alegria, enviar ao forte aqueles que amam ao fazer esse sacrifício estupendo; e certifique-se de que aqueles que fazem isso estão ganhando sua parte do bom karma, estão lutando do lado de Deus tanto quanto os homens que eles enviam. Se fosse possível conceber que haveria uma mulher tão afundada a ponto de querer impedir seu homem de uma oportunidade tão gloriosa, ela cairia sob a condenação do homem que teme ir. Tal não haverá entre nós, espero e acredito. Se para nossa vergonha duradoura como nação deve haver covardes entre nós, deve ser porque tais homens e tais mulheres ainda estão em um estágio muito baixo de evolução são incapazes de entender que esta é uma grande e maravilhosa oportunidade, e que o risco de mero sofrimento pessoal não pode pesar nem por um momento contra a necessidade de Deus para Seu povo nesta luta.

Eu sei que horrível sofrimento aguarda muitos daqueles que saem para lutar. Sei também como sofrem aqueles que esperam em casa, ansiando por notícias e ainda temendo quando vierem. Se esta vida fosse tudo, se não houvesse nada além disso, acho que quase poderíamos entender que pode haver aqueles que temem fazer o sacrifício. Mas todos nós sabemos de alguma forma cega e instintivamente, acho que quase todos sabem que esta vida não é tudo que existe, há um futuro maior e mais glorioso, e aqueles que cumprirem seu dever agora até o máximo verão o resultado de seu trabalho e estar satisfeito naquela vida superior que está diante de nós. Em outras vidas, voltaremos a um mundo que ajudamos a purificar e a melhorar, e porque a evolução é a vontade de Deus, também é Sua vontade em Sua bondade dar uma oportunidade àqueles que lutaram por Ele agora para ajudar proeminente e maravilhosamente nesse trabalho futuro. Todos nós podemos ajudar todos os dias e durante todo o dia de pequenas maneiras, mas aqueles a quem surge uma oportunidade como esta podem progredir ainda mais por aquele ato supremo de tomá-la do que teriam feito em muitas vidas de trabalho mais comum.

Terrível, medonha além das palavras, horrível, cruel, perversa como é uma guerra como esta, mas há algo de compensação. Ao passar por essa fornalha de aflição, o mundo evoluirá mais rapidamente do que poderia ter feito de outra forma, e aqueles que tomarem parte nessa guerra agora serão os líderes nesse trabalho no futuro. Eles não apenas ganham um rápido renascimento naquela nova Sub-raça que agora está começando a aparecer

aqui entre nós, mas também eles próprios são muito elevados pelo tremendo esforço que fizeram. Muitos pequenos esforços ao longo de muitas vidas talvez o igualassem, mas aqui está a oportunidade de fazer de uma só vez o que de outra forma ocuparia muito tempo.

Não podemos ir todos lutar, mas todos podemos ajudar de alguma forma, em dinheiro ou em serviço, a tornar as coisas mais fáceis para aqueles que podem fazer o que nós não podemos. Não importa que seja pouco o que podemos fazer, desde que seja tudo o que podemos dar. Tenha muita certeza de que nenhum esforço é perdido. Aqueles que morreram são tão verdadeiros mártires na causa de Deus como sempre foram quaisquer dos grandes santos cujos dias são guardados pela Igreja, e sua recompensa é um grande e imediato progresso. A mesma recompensa vem para aqueles que voluntariamente os enviaram e os abençoaram em seu caminho.

Temos uma grande dívida para com aqueles que se foram: e estejam eles vivos ou mortos, podemos ajudá-los com nosso amor e nosso pensamento. Não estamos desamparados, não estamos sem recursos. Todos os dias nós os ajudamos enquanto lhes enviamos pensamentos amorosos; nós os fortalecemos e confortamos acima de tudo quando esse pensamento amoroso é oferecido junto com o sacrifício da sagrada Eucaristia, que o próprio Cristo ordenou como o método supremo de auxiliar seu povo.

Vamos todos tomar nosso lugar ao lado de Deus e fazer algo definitivo para auxiliar de alguma forma. Cabe a cada homem e à sua própria consciência dizer o que pode fazer e o quanto pode fazer. Que nenhum homem pode ditar a ele, mas pelo menos ele deve cuidar para que, quando essa luta entre o bem e o mal terminar, não se diga que ele deixou de ajudar a Deus. Espero que haja muito poucos dos quais eventualmente isso será dito; no entanto, não podemos deixar de sentir grande apreensão quando olhamos em volta e vemos quão pouco neste país favorecido as pessoas parecem saber ou entender o que está acontecendo. É vergonhoso, mas acredito que seja mais ignorância do que egoísmo. Pelo menos um se apega a essa esperança; de modo que o que quer que possamos fazer, qualquer um de nós diretamente para ajudar, ou para persuadir outros que deveriam estar ajudando diretamente a dar a si mesmos ou seus bens, ou o que quer que possam dar, acho que devemos fazer em nome de Deus e pelo amor de Cristo.

CAPÍTULO XXXII:

O FUTURO

Um armistício foi assinado; a terrível luta mundial está chegando ao fim; o horror da guerra no seu pior terminou, e a vitória está com o uso do direito. Em quase todas as guerras entre nações que têm qualquer pretensão de civilização, cada lado afirma estar certo; mas aqui, mais claramente do que em qualquer outro caso na história, exceto talvez em invasões como as de Átila, quando hordas asiáticas tentaram varrer a Europa, ou no ataque atroz dos espanhóis às raças pacíficas no México e no Peru, há uma certeza definitiva: há um certo e um errado definitivos sobre os quais nenhuma pessoa sem preconceitos pode ter qualquer dúvida. O próprio método em que a guerra foi travada em cada lado, e os objetivos reconhecidos de cada um dos combatentes, mostram-nos que esta é uma luta claramente marcada entre as forças do bem e as forças do mal.

Nós, que estudamos esses assuntos internos, devemos tentar adotar essa visão mais elevada, devemos perceber que, por mais terrível que tenha sido o sofrimento, ainda há um lado dele que não é de todo ruim. Pois a luta tinha que vir, e a direita venceu; e a oportunidade foi aproveitada para pagar massas de carma que, de outra forma, teriam que se espalhar por muitas vidas. Então, visto do ponto de vista da evolução como um todo, e do mundo como um todo, esse holocausto medonho tem seu propósito, e é bom exatamente da mesma forma que uma operação cirúrgica é boa quando é absolutamente necessária. É uma coisa formidável na melhor das hipóteses, e significa uma grande quantidade de sofrimento e ansiedade, mas muitas vezes é o único caminho; e este é apenas um caso como aquele.

Temos boas razões para celebrar a paz quando se trata de nós, e suponho que não demorará muito. Mas quando tivermos conquistado nossa paz, quando tivermos derrotado os inimigos da evolução, o que faremos então? O mundo terá que continuar; e o trabalho deve ser feito sob sérias dificuldades por muitos anos vindouros. Não se pode matar milhões dos melhores de todas as raças líderes, não se pode destruir grandes quantidades de navios e enormes quantidades de mercadorias e produtos, máquinas e tudo o que precisamos para a vida, sem causar convulsão, sem perturbar a ordem da vida; e não podemos consertar tudo de novo em um dia assinando um documento. Teremos que viver sob a sombra desta grande guerra por algum tempo, e teremos que continuar a evolução a partir deste ponto particular onde a guerra a deixou. As condições são muito diferentes em cada país do que eram antes da guerra. Eles estão menos alterados aqui na Austrália do que na Inglaterra, porque estamos do outro lado do mundo e, portanto, fora do centro da luta; apenas as franjas da grande nuvem de tempestade nos tocaram, mas mesmo aqui há uma tremenda oportunidade se abrindo diante de nós, como está se abrindo diante de todas as nações do mundo; e a questão mais importante agora é se todos nós vamos aceitar.

Como vencemos esta guerra, nós, os Aliados? Nós a vencemos permanecendo juntos; nós a conquistamos subordinando todas as outras

considerações a essa grande questão do certo e do errado; tivemos que deixar tudo de lado para podermos ganhá-lo; e porque no início nem todos nós fizemos isso, chegamos perto de perder no início. A vitória a princípio estava toda com nossos inimigos, pois eles tinham quarenta anos de preparação atrás de si, quarenta anos de rígida organização, quarenta anos da mais surpreendente falsidade, intriga e traição de que já se ouviu falar em intrigas históricas em todos os países do mundo. Toda essa perfídia estava acontecendo, e nós, inocentes e despreparados, sofremos por nossa falta de preparo. E no início, porque éramos muitos países, e cada país trabalhava em sua própria linha, não fomos brilhantemente bem-sucedidos. Bravura gloriosa foi mostrada, mas não muita coordenação. Houve grandes homens que treinaram as nações para a unidade até (mas apenas muito recentemente) todos esses diferentes Aliados estarem trabalhando absolutamente como uma nação sob um Comandante-Chefe. No momento em que isso foi feito, a vitória começou a vir em nosso caminho.

A grande lição desta guerra, quando olhamos para trás, primeiramente devemos estar todos prontos, como os heróis estiveram, cada um a seu modo para sacrificar a nós mesmos e todos os nossos pensamentos, sentimentos e desejos pessoais, para o bem de todos. Não apenas na guerra, mas na paz devemos aprender esse altruísmo, devemos aprender a atingir uma condição na qual pensemos primeiro não em nós mesmos, não em nossa própria família, não em nossa própria classe, como é chamada (por mais odiosa que esta seja a palavra), mas da comunidade como um todo. Uma parte do povo aqui está tentando, observo (e observo com grande pesar), reviver o que em um país como este você deveria ter conquistado absolutamente o sentimento de classe, a ideia de que o capitalista é necessariamente o inimigo do trabalhador e o trabalhador do capitalista. Houve uma grande desculpa para essa atitude nos países mais antigos, quando ouvimos falar do suor, dos maus-tratos, do pagamento insuficiente e do espantoso excesso de trabalho das classes trabalhadoras; mas certamente aqui neste país essa é a única coisa da qual devemos estar livres. "Onde todos são iguais perante o Estado em termos de votos, há uma oportunidade sem paralelo para mostrarmos que as chamadas classes não precisam, como tal, existir. Deve haver aqueles que fornecem os cérebros e aqueles que fornecem o trabalho manual; mas seus interesses em última instância são um e o mesmo; e devemos tentar voltar a esses interesses últimos não para destacar pequenas diferenças mesquinhas, mas para penetrar por trás daquelas considerações maiores que são interesses para todos nós.

Devemos retornar à condição que o Senhor Macaulay descreve como existente na Roma antiga:

Então nenhum era para uma festa;
Então todos eram para o Estado;
Então o rico ajudou o pobre,
E o pobre amava o grande.

Essa é a primeira coisa que devemos aprender sobre a necessidade de cooperação, a necessidade da Fraternidade, a visão ampla que deve abranger

o todo, e não a mera visão pessoal que olha apenas até onde pode alcançar com as mãos. Vai ser muito difícil para as pessoas abandonarem seus antigos símbolos partidários, para desistirem da atitude para o qual o inimigo os persuadiu sedutoramente "porque cada vez mais, à medida que analisamos, fica claro que as dificuldades, problemas e disputas foram promovidos em todos os lugares pelo ouro alemão e pela influência alemã. Ele nos aleijou tristemente; certamente não seremos tão tolos a ponto de deixar um rastro dessa obra maligna.

Certamente agora aprenderemos que devemos estar juntos, primeiro pelo mundo como um todo, e depois dentro dele, pela Austrália como um todo, não por esta ou por aquela classe, não por este ou por aquele Estado, mas para este seu grande continente. Aqui você tem um continente que poderia suportar sem a menor dificuldade cinquenta milhões, talvez cem milhões de pessoas, e nele você tem uns mendigos dentre os cinco milhões de habitantes, menos que a população de Londres. Esse não é o caminho para a prosperidade e para a vitória final. Lembre-se de que ainda temos que pagar pela guerra, não apenas em dinheiro, mas também de muitas outras maneiras. A vitória militar está praticamente conquistada; somos justificados em cantar que a paz está se aproximando e em agradecer de coração pois foi assim.

Mas ainda temos diante de nós um longo tempo de auto-sacrifício. Por muito tempo nos disseram como a economia era necessária para que a guerra fosse vencida. Claro que era; e a economia pessoal ainda é necessária para que os frutos da guerra sejam colhidos, para que possamos ajudar nesta gloriosa corrente de evolução que está surgindo entre nós na forma da Sexta Sub-raça. Ainda devemos viver não para nós mesmos, mas para todos. Devemos deixar de lado nossas diferenças particulares e trabalhar pelo bem comum. Uma geração inteira desse trabalho é necessária para que os melhores resultados sejam obtidos.

Falamos muito e muitas vezes de fraternidade; aqui está uma oportunidade de vivê-la. Portanto, tomemos para nós mesmos essa lição. Damos graças porque o demônio foi derrotado, agradecemos porque a guerra foi vencida; cuidemos para que o sangue que foi derramado não tenha sido derramado em vão para que ganhemos com nossa vitória tudo o que pode ser ganho; e para que assim seja, que cada homem, mulher e criança tente viver não para si mesmo, mas para o bem de todos. Cada um pode facilmente sentir: "Sou uma pessoa insignificante; o que posso fazer para ajudar a Comunidade?" Cada pequena economia que pode ser feita, cada pequena ajuda que pode ser dada, é algo realizado para a grande causa. Cada centavo que é poupado da extravagância no vestuário e investido em um selo ou título de poupança de guerra é um centavo dado à Causa. Pense na enorme economia que poderia ser feita todos os anos se as pessoas desistissem de indulgências absolutamente desnecessárias e egoístas. Tome três coisas apenas bebida, fumo e corridas de cavalos; todos os três egoístas, todos os três desnecessários, todos os três positivamente prejudiciais; se esses três males fossem exterminados, pense em quanto tempo poderíamos pagar todas as dívidas, e que enorme fortuna poderia

ser dedicada ao desenvolvimento do país. Pense no que poderia ser salvo se as pessoas ignorassem as mudanças caleidoscópicas ditadas pelos caprichos bobos da moda e se vestissem apenas para conforto e beleza! Por que essas reformas não podem ser realizadas? Só porque a grande maioria das pessoas não evoluiu, ainda é brutalmente egoísta. Eles decidiram silenciosamente que terão sua bebida ou seu tabaco, suas corridas ou suas roupas extravagantes, não importa o que aconteça com seus irmãos ou com seu país.

Pelo menos não precisamos seguir o rebanho; aprendemos um pouco mais do que eles; coloquemos em prática o conhecimento que nos foi dado. Cada um de nós pode fazer alguma coisinha. Lembre-se da história no evangelho da migalha da viúva. Pouco ela poderia dar em comparação com os fariseus ricos, e ainda assim o Cristo disse que ela havia dado em maior proporção do que todos eles, porque ela havia feito tudo o que podia. Que isso seja dito de cada um de nós; que cada um de nós está fazendo o que pode pela causa da justiça, para ajudar o grande fluxo da evolução. Assim seremos cooperadores do próprio Deus: assim, agradecendo-Lhe, devemos mostrar-Lhe que aquilo pelo que Lhe agradecemos não foi desperdiçado em nós.

A. M. D. G.

TRADUÇÃO: REV.PE.HEITOR COSTA DA CRUZ, 2023